
UM
ROMANCE
DE OUTRO
MUNDO
VIDA NICHOLS

PERIGOSAS NACIONAIS

Um Romance de Outro Mundo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um Romance de Outro Mundo

Vida Nichols

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Um Romance de Outro Mundo © Copyright 2018 – Vida Nichols

Título original: *A Fiance From Outer Space*
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem a prévia autorização do autor.
Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, locais ou fatos, terá sido mera coincidência.
Lançamento: Dezembro/2018.
Revisão: Vânia Nunes
Imagem capa: Depositphotos
Capa: LA Design

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Índice

Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Epílogo
Nota da Autora
Conheça também da autora
Biografia

PERIGOSAS ACHERON

Prólogo

San Francisco Sun – Há muito tempo o mundo das Artes não se deparava com um artista desse quilate, que consegue se expressar de maneira tão integral entre os pincéis e a massa. Desde os mestres como Michelangelo, Da Vinci e Degas, o mundo das artes carecia de um nome que surpreendesse os observadores e que tocasse tão fundo a alma, entre o abstrato, o sentimento e o oculto. E é com grande satisfação que a cidade de San

Francisco torna-se o palco do nascimento de uma nova diva. CeeCee Armentrout faz o seu debut em grande estilo, com sua exposição 'O Cosmos: O Encontro das Almas', em que retrata a explosão cósmica da criação e seu desenvolvimento ao mundo mais misterioso e ansiado por todos, o do amor. A exposição que começa hoje, contará com a presença das principais personalidades da cidade, e estará aberta para público a partir de amanhã, às...

Depois de cinco anos de absoluta dedicação à sua paixão, finalmente CeeCee havia alcançado o sucesso. Talvez ainda não fosse o topo

da cadeia da fama entre os artistas plásticos, mas, com certeza, ela havia alcançado um patamar que sequer havia imaginado há quase dez anos quando escolheu estudar Belas Artes.

Enquanto seguia no carro guiado por outro motorista – exigência de Adam Kallil, seu mentor e empresário, e se dependesse dele eles seriam algo mais – ela pensava com tristeza na falta que sua melhor amiga, Daphne, faria nessa exposição.

CeeCee e Daphne Price eram amigas desde que ela podia se lembrar, no colegial e Ensino Médio, e mesmo quando escolheram profissões tão diferentes uma da outra – Daphne havia preferido estudar Geografia, mas o seu *hobby* por fotografia ganhou seu coração e a fez enveredar por esse caminho – a amizade continuou, e as duas conseguiram alugar uma casa em Alamo Square, famoso bairro em San Francisco por suas ruas com casas vitorianas e eduardianas, por um preço muito

abaixo do mercado, e era onde moravam até hoje.

Entretanto, com tantas viagens que Daphne fazia a trabalho, CeeCee passava muito mais tempo sozinha.

E agora, quando CeeCee teria a sua noite de glória, a amiga não estaria presente. Um terremoto no Japão, local onde sua amiga viajou há quinze dias, fez com que todos os voos fossem cancelados e, infelizmente, o regresso da amiga se daria na noite anterior.

CeeCee ficara apreensiva ao saber da tragédia, mas horas depois, Daphne havia conseguido telefonar para acalmá-la, mas o voo em si estava perdido.

Na companhia da amiga, aquela noite – a sua noite – seria muito mais divertida. Daphne sempre teve um jeito mais expansivo de ser e conseguia desatar os nós de nervosismo de CeeCee nas várias ocasiões.

Como filha única, CeeCee recebeu todo o carinho e amor dos pais, mas não tinha tantos amigos da mesma idade. Quando alcançou a idade escolar, o sonho de remediar essa situação não foi tão otimista assim. Por ser tímida demais, as outras crianças achavam-na esquisita, e talvez ela fosse mesmo. Por alguma razão, CeeCee sempre teve uma sensibilidade maior quando estava num ambiente com muitas pessoas. Era como se ela pudesse sentir boa parte das emoções que emanavam das pessoas, e, na grande maioria, as ações das pessoas não coincidiam com o que sentiam. Até que conseguisse bloquear esse tipo de sensação, levou um bom tempo.

Apenas anos depois, na adolescência, CeeCee conheceu Daphne e a ligação das duas logo se estreitou. Eram tão diferentes e essa diferença foi o fator determinante.

A sensibilidade dela também fez com que

direcionasse sua vida para uma profissão talvez não tão prática – as artes plásticas – mas era como ela conseguia expressar boa parte de seus devaneios e tormentos.

Por não ter amigos, CeeCee passava muito tempo rascunhando o que via ou o que sentia e, com o tempo, seus desenhos atraíram a atenção dos adultos. Com isso, nada mais justo do que escolher um curso que lhe proporcionasse em profissionalizar o que amava fazer.

Seus pais não ficaram tão eufóricos assim, preferindo que ela tivesse escolhido algo de mais valor, como ser advogada ou médica, mas não interferiram em sua escolha. Assim, quando as duas amigas chegaram à época de ir à universidade, optaram por instituições na própria cidade em que moravam, San Francisco, alugaram uma casa e partiram para a pseudoindependência.

Enquanto o carro se aproximava da

Galeria de Arte, CeeCee segurou o camafeu que carregava no cordão, com a foto dos pais. O mesmo camafeu que sua mãe usara por tantos anos com a foto de CeeCee enquanto bebê. Seus pais haviam morrido há dois anos num acidente de carro. Desde então, CeeCee achava impossível dirigir. Ainda que o soubesse fazer bem desde os dezesseis anos, até mesmo participando de uma viagem de quase dez horas com Daphne, quando foram numa convenção de uma certa série de TV, em Las Vegas, nos últimos anos ela preferia a praticidade dos transportes públicos. E como tudo o que precisava fazer sempre ficava ou perto de casa ou no centro da cidade, para ela não era nenhum esforço não ter o próprio veículo.

O carro parou em seu destino e o motorista abriu a porta para ela que, agradecida, seguiu para a grande porta de vidro da galeria.

Estava ansiosa, e apesar da felicidade por

ver o seu trabalho reconhecido, ser o centro das atenções não era o seu esporte preferido.

Antes de seguir adiante, fez uma prece silenciosa pedindo que tudo desse certo, olhou-se dos pés à cabeça para conferir se não havia problema com a roupa escolhida – como estavam na primavera, às vezes caía a temperatura à noite, por isso, ela escolheu um macacão de veludo vinho, sem mangas; sandálias altas pretas e uma carteira combinando. Os cabelos castanhos estavam presos num coque frouxo. Não adepta a joias, usava um discreto relógio de pulso e o cordão com o camafeu. Era a forma encontrada para ter os pais junto de si.

Segura de que havia feito o melhor que pôde – mais uma vez lamentou a ausência da amiga, que saberia lhe dar as melhores dicas de moda – CeeCee encaminhou-se à porta, que foi imediatamente aberta pelo porteiro.

Agradecida, ela entrou no enorme salão onde suas obras, pinturas e esculturas, estavam sendo exibidas.

O ambiente que tinha a iluminação adequada para que cada obra fosse o centro das atenções, era um festivo-contido. Notadamente se via quem estava ali para conhecer o seu trabalho e quem estava ali apenas para ser visto. Garçons cruzavam o ambiente oferecendo champagne e outras bebidas aos presentes.

No mesmo instante em que ela encontrou visualmente o seu empresário, ele a avistou e foi até ela, todo sorridente.

— Aí está minha artista preferida. — ele beijou o rosto dela, acariciando-lhe os braços. — Está linda.

— Estou muito atrasada? — ela perguntou preocupada — Pensei ter ouvido você dizer que eu devia chegar a essa hora para fazer um certo

mistério — falou baixo, em tom conspiratório.

— Chegou na hora certa — ele levou o braço dela até o seu próprio e juntos passaram a andar devagar pelo salão — A exposição está sendo um sucesso. Já vendemos várias obras, inclusive a mais cara delas.

Sem saber a qual obra ele se referia, CeeCee sorriu feliz com a notícia, até que ele a levou à enorme obra, uma pintura de óleo sobre tela em destaque no salão. No canto da obra uma plaquinha anunciava "vendido". Ela parou e olhou para ele espantada.

— O *Oásis dos Amantes*?

— Eu disse que essa obra era boa demais para não ser posta à venda — ele respondeu orgulhosamente por saber ter vencido um antigo argumento.

— Mas eu não queria vendê-la não por achar que não seria vendida, mas porque tem um

significado especial para mim.

— O que até hoje você não me explicou como uma paisagem intergaláctica pode ter um significado especial para você. Que eu saiba, você nunca viajou como uma astronauta e aquela tela mostra, notadamente, um cenário fora da Via Láctea.

CeeCee abaixou o olhar envergonhada.

— Eu não sei como surgiu, apenas... eu a vejo em meus sonhos.

Adam suspendeu a mão dela que ele já segurava e lhe deu um beijo.

— É claro, querida. Como todo artista, você tem suas inspirações, é isso que a faz o novo Michelangelo.

CeeCee revirou os olhos. Ela podia até admitir ter muito talento, afinal, ela vivia com lápis e folha nas mãos desde que podia se lembrar, mas nunca se comparou a um Michelangelo ou Da

Vinci.

— E quem foi o comprador da obra?

— Foi anônimo.

— E por quanto vendemos a obra?

Adam esboçou o seu melhor sorriso orgulhoso.

— Foi vendida por apenas dez milhões.

— O quê? — ela falou um pouco alto demais, chamando a atenção de alguns dos convidados.

Imediatamente Adam a levou para um canto mais reservado.

— Você nunca me disse que qualquer uma de minhas obras iria alcançar tantos dígitos — ela tentava falar baixo com ele, mas sentia que seu coração ia sair pela boca. Dez milhões? Ela sabia que era boa, mas conseguir chegar a esse preço numa estreia? E isso apenas com uma obra.

— Quando as obras estavam sendo

organizadas, pedi a opinião de um outro amigo *marchand*, o Harold, e ele simplesmente enlouqueceu com suas obras. No mesmo instante, ele entrou em contato com alguns colecionadores da cartela de clientes dele e, na minha frente, negociou com pelo menos três deles. Isso quer dizer que antes mesmo da galeria abrir, quatro de suas obras já estavam vendidas.

— Quatro?

— Sim, o próprio Harold ficou com uma delas para ele. E quando ele viu a *Oásis*, logo sugeriu esse preço — CeeCee já ia abrir a boca para argumentar, mas ele a interrompeu levantando a palma da mão e silenciando-a — Eu sei, você disse para não vendê-la, mas decidi experimentar e ver no que ia dar. E acontece que mal abrimos a galeria, e um secretário de algum figurão veio e nem pestanejou quando dei a ele o preço da obra.

— Ele veio *especificamente* por aquela

obra? — ela perguntou meio sem acreditar.

Adam assentiu.

— Mas como ele a conhecia? Ela nunca foi exibida. Veio direto do meu estúdio para cá ontem.

— Também não sei explicar. Só sei que ele parecia muito feliz em ter conseguido a obra para o patrão dele...

— Que não deu o nome?

— Que não deu o nome — ele repetiu confirmando.

— E onde está esse secretário maravilhoso?

Por sobre a cabeça dela, Adam olhou em volta procurando pelo homem, e fez com que CeeCee também se virasse para olhar em volta.

— Ele não está à vista. Pode estar em uma das outras salas onde têm suas outras obras. Não se preocupe. Tão logo eu o aviste, apresento vocês

dois. É claro que quero que conheça nosso maior comprador da noite. Mas, enquanto isso, quero que conheça os outros. Você, minha linda, é um verdadeiro sucesso. — ele segurou o rosto dela com as duas mãos e deu-lhe um leve beijo nos lábios, fazendo-a rir.

Sim, senhor, a sensação de conseguir alcançar um sonho era definitivamente boa demais.

Algumas horas depois, CeeCee havia conversado com uma centena de clientes e admiradores, ou, pelo menos, era essa a sensação que ela tinha. No entanto, dentre todas as pessoas com quem falou, nenhuma delas era o secretário do misterioso comprador.

Depois de tantas fotos e entrevistas, respostas a clientes conhecedores e outros nem tanto, pedidos de obras personalizadas – o que ela declinou o mais educadamente possível. Suas obras

eram todas inspiradas; ela não sabia se conseguiria fazer algo com um pedido específico – CeeCee não via a hora de poder ir para casa, tirar aqueles saltos e deitar na cama, relaxando ao olhar para o teto de seu quarto, pintado por ela com tinta fluorescente, o que a permitia ver as estrelas mesmo com a luz apagada.

Ao se afastar de uma cliente particularmente insistente em ter o seu retrato pintado, CeeCee decidiu dar a noite por encerrada.

— E, então, a Sra. Goodwin conseguiu convencê-la a pintar-lhe um retrato? — Adam escondeu um sorriso.

— Por favor, a próxima vez que me vir conversando com aquela mulher, vá me resgatar. Estou exausta. Ela parece ter sugado toda a minha alma. Céus, estou morrendo de sede. Onde posso conseguir água aqui?

— Não seja exagerada — ele a abraçou de

lado, enquanto andavam devagar se encaminhando ao salão principal.

— Falo sério. Sinto que corri uma maratona. Nem quando passo o dia pintando e esqueço de comer me sinto tão cansada assim. É por isso que deixo esse lado do trabalho em suas mãos eficientes. — ela parou de frente a ele, perto da porta principal.

Neste mesmo momento, um garçom passava por ali e parou perto dela, segurando uma bandeja com várias taças. Adam e CeeCee pararam de falar e olharam para ele de forma interrogativa. Extremamente sem jeito, o garçom parecia não saber por que havia parado ali.

— Isso é o que eu penso que é? — ela apontou para as taças.

— É água, senhorita. — ele respondeu engolindo seco, olhando para os lados.

— Como sabia que ela... — Adam

começou a falar, mas foi interrompido por ela, toda feliz, pegando uma das taças.

— Que maravilha! Obrigada.

O garçom saiu de perto deles, enquanto Adam franzia a testa tentando entender, e CeeCee bebia a água avidamente.

— Ainda quero entender como essas coisas acontecem contigo... — ele murmurou.

Assim que terminou de beber, mais animada, CeeCee colocou a taça na bandeja vazia de outro garçom que passava.

Deixando esse assunto para outra ocasião, carinhosamente Adam acariciou o rosto dela.

— O que acha de sairmos para comemorar sua grande noite? Poderíamos ir jantar, tomar um vinho para relaxar...

— Obrigada, Adam — ela segurou a mão dele que estava sobre seu rosto —, mas eu prefiro ir para casa, tomar um bom banho e cair na cama.

Daphne ficou de ligar para saber como foi a exposição. Além disso, ao longo da noite tive umas ideias para novas obras e quero fazer uns rascunhos antes que elas desapareçam. — ela sabia que as desculpas que dava eram fracas, mas não tinha coragem de dar um fora em Adam e cortar-lhe toda e qualquer esperança em conquistá-la.

Ela devia muito a ele. Desde que saíra da faculdade e começara a fazer pequenas exposições, sem qualquer expressão, foi através dele que ela entrou no mundo profissional das Artes. Ele era um dos *marchands* mais conceituados do país, com os melhores contatos. Ele e Harold Nook eram amigos e adversários nesse mundo. E ela tinha que reconhecer que ele era um homem muito bonito. Sua altura de 1,82, seus fartos cabelos e olhos cor de mel, além de estar sempre vestido na última moda, faziam dele um ótimo espécime masculino. Toda e qualquer mulher se sentiria envaidecida de

ser cortejada por ele. Mas, por alguma razão que CeeCee não conseguia explicar, ela não conseguia vê-lo além de um grande amigo. Daphne já havia lhe chamado de burra inúmeras vezes por não incentivar o interesse dele por ela.

C'est la vie.

Juntos, seguiram até a calçada, onde Adam pediu que chamassem o carro contratado por ele para levá-la àquela noite. Pouco tempo depois, o carro parou à calçada.

— Boa noite, então. Telefono para você amanhã. — Adam deu-lhe um beijo no rosto e abriu a porta de trás para ela.

CeeCee sorriu e se virou para entrar no carro.

Ao olhar para o outro lado da rua, ela viu um homem de terno, parado, olhando para ela. Ele era alto, com o físico bem distribuído, cabelos escuros e ostentava um sorriso sem vergonha no

rosto, como se a conhecesse. Mas ainda que ele lhe parecesse familiar, ela não se lembrava quem era ele.

— Adam, conhece aquele homem? — ela virou o rosto para o amigo.

— Quem?

— Aquele. — ela gesticulou com a cabeça, mas ao voltar seu olhar para o local do desconhecido, viu que ele não estava mais lá.

— Não sei de quem está falando, querida. Não há ninguém do outro lado da rua.

Olhando de um lado para o outro, ela não viu nenhum carro passando ou qualquer transeunte descendo a rua. Sem entender, deu de ombros, e entrou no carro. Deu um último adeus a Adam e recostou a cabeça no encosto do banco, fechando os olhos e deixando um sorriso fluir, desfrutando da paz de uma noite bem-sucedida.

Pouco tempo depois, CeeCee via o carro que a levou em casa descer a rua e partir, até virar a esquina.

Parada em frente ao prédio onde morava, ela olhou para a casa antiga, estilo vitoriano, transformada em vários apartamentos.

O apartamento, cujos cômodos não eram muito grandes, tinha o necessário para ela. Dois quartos, uma sala de visitas com uma cozinha conjugada; um banheiro social – o que às vezes dava problema, com duas mulheres querendo se maquiar ao mesmo tempo. Mas o que CeeCee mais amava era o jardim suspenso cuja saída era por uma escada retrátil, de madeira, ao lado da cozinha. A vista do terraço era belíssima, tinha algumas laterais protegidas por vidros, o que oferecia a CeeCee o ambiente perfeito para fazer suas pinturas. Era lá o seu estúdio. Apenas quando a

obra se mostrava muito grande, ela a transferia para a sala. Por sorte, Daphne passava pouco tempo em casa, então, não tinha como reclamar.

O dono do imóvel que ela e Daphne dividiam o aluguel, havia falecido num acidente de esqui e a mãe deste, não querendo se desfazer do imóvel querido do filho, decidiu alugá-lo por um preço abaixo do mercado. Sorte das meninas que queriam um espaço próprio, longe dos pais, quando estavam prestes a começar a vida acadêmica. E lá se iam quase dez anos. Proprietária e inquilinas satisfeitas com o arranjo.

CeeCee pegou o chaveiro dentro de sua carteira, abrindo a porta do *hall*. Subiu as escadas até o apartamento no segundo piso, cuja porta dava de frente a um outro apartamento. Abriu a porta que dava à sala e acendeu a luz. Jogou-se no sofá, retirando as sandálias torturadoras com a ajuda dos pés, ouvindo o baque de cada uma quando caíram

no chão. Com os braços abertos, inspirou e expirou todo o ar. Enfim, em casa. A dor de cabeça que começara quando conversava com a Sra. Goodwin finalmente estava dissipando. Agora, ela queria relaxar num banho na velha banheira branca e dormir.

Ao fechar os olhos, no sofá, ainda curtindo a quietude, um barulho vindo de outro cômodo a surpreendeu. Abrindo os olhos, ela se sentou rapidamente e apurou os ouvidos. Mais um barulho, e dessa vez, ela tinha certeza, vinha de seu quarto. Ela sabia que havia deixado portas e janelas trancadas antes de sair. E a escada para o jardim não estava abaixada, isso queria dizer que seja lá quem entrou, não o fez por aquela abertura.

Não poderia ser Daphne, ou então, a amiga teria aparecido na exposição. E ninguém, além delas duas, possuía a chave do apartamento.

Bem devagar, CeeCee andou até o canto

da sala onde as amigas mantinham um antigo taco de *baseball* – para situações como essa – escondido. Pé ante pé, ela se encaminhou até o seu quarto, cuja porta estava entreaberta. Com a ponta do taco, ela empurrou a porta lentamente e deu um pulo à entrada do cômodo para surpreender o invasor.

— Seja lá quem for, acho bom se virar devagarzinho. E nada de exibição de macheza, estou armada!

O invasor, com certeza um homem – e muito alto. Mais alto até do que Adam – mostrou as duas mãos, ainda de costas, para provar que não carregava arma. Ele estava parado em frente à estante dela onde continha seus romances preferidos e seus porta-retratos. Lentamente, ele passou a girar em seu próprio eixo para ficar de frente a ela.

Foi quando CeeCee se deparou com o mais

belo espécime masculino que já havia encontrado. Os cabelos louros escuros não eram tão curtos e estavam jogados para o lado num corte repicado; o rosto quadrado e sem barba continha uma boca larga; um nariz afilado; os dentes brancos e sem falhas estavam à mostra num sorriso quase cínico, mas, definitivamente, os olhos do estranho eram o que chamava mais atenção. Eram duas piscinas de prata num tom de cinza que ela só havia visto em sonhos. E para falar a verdade, pela segunda vez naquela noite, ela estava tendo aquela sensação de *deja vu*, e parecia conhecer aquele estranho de algum lugar.

Ele ainda se encontrava com os braços suspensos em sinal de rendição.

— Será que posso abaixar os braços? — e a voz dele? Senhor! Devia ser proibido um homem ter uma voz grossa e *sexy* daquela.

Ela começou a sentir-se derreter por

dentro, mas logo se recompôs.

— Não. E fique onde está. O que faz aqui? E como conseguiu entrar se o apartamento todo está trancado?

Ele abaixou a cabeça, acenando em negação, e sorrindo.

— É sério isso, Cecelia?

Os olhos dela se abriram mais ainda.

— Como sabe o meu nome?!

— Eu sei porque nós já nos conhecemos.

— Não conhecemos, não.

— Conhecemos sim.

— É claro que não! — ela esticou ainda mais os braços, mostrando a ele que ali era ela quem estava em vantagem — Se eu te conhecesse me lembraria de onde. Sou uma artista, não esqueço um rosto quando o vejo.

— A menos que tenha sido obrigada — ele falou quase que para si mesmo.

— O que foi que disse? — ela falou alto, tendo a impressão de ter ouvido-o dizer que ela foi obrigada a esquecê-lo. Mas como?

— Escute — ele abaixou os braços, levando uma mão ao quadril e a outra, ele jogou o cabelo para trás de forma displicente. *Meu Deus! Qualquer gesto desse homem era sexy pra caralho? Como seria ele na cama? Jesus, CeeCee! Foco!* — Eu não quero lhe fazer mal. E posso lhe mostrar que não só já nos conhecemos, como temos um relacionamento.

— O quê?! — a voz dela subiu uma oitava. — Você é um daqueles *stalkers* fãs que cismam ter um relacionamento com alguém famoso?

— Não sou um *stalker*, ainda que possa dizer que sim, sou fã de seu trabalho.

— Eu ficaria muito mais feliz se você fosse um fã à distância.

— Mas eu não. — ele franziu o cenho como se ela tivesse lhe pedido uma coisa descabida.

— Se você sair daqui agora, eu prometo não dar parte à polícia.

— Desculpe, Cecelia, mas eu não posso partir. Não antes que você lembre quem eu sou de verdade.

— Eu não te conheço. — ela continuou negando com a cabeça.

Ele sorriu.

— Conhece sim. Neste exato momento, sua mente está tentando de todas as formas se lembrar onde foi que nos vimos antes, porque você está com aquela impressão de que me conhece.

Ela franziu a testa olhando-o com os olhos semicerrados.

— Quem é você? O *Mandrake*?

O sorriso se alargou.

— Não, Cecelia. Não sou um personagem da ficção... ainda que o seu povo acredite nisso.

Devagar, ele foi se aproximando dela, e conforme ele andava para frente, ela andava de ré, com o taco estendido, indo parar na sala.

O cérebro dela dizia que devia atacá-lo, gritar, pedir por ajuda aos vizinhos. Mas seus lábios não obedeciam ao seu comando e, de alguma maneira, a presença dele transmitia paz a ela, uma paz como há muito tempo ela não sentia. O caminhar continuou lento até que, de repente, ela se viu presa à parede da sala, e o estranho continuava a se aproximar, até não haver mais distância, e também não havia mais taco, porque ele havia pego o objeto da mão dela – que ela precisava segurar com as duas mãos devido ao peso da madeira – com uma única mão, e o abaixado. Logo, ela e o estranho estavam cara a cara, a respiração dele junto à respiração dela; aqueles olhos cinzas – não,

eram prateados mesmo. Seria lente de contato? – estavam olhando profundamente nos seus olhos castanhos tão comuns.

— Você não vai me atacar, Cecelia, porque lá no fundo, você *sabe* que me conhece.

— Quem é você? — ela sussurrou.

O sorriso convencido retornou e antes de ele falar, ela o viu inspirar o perfume dela, e fechar os olhos em deleite. Ao abri-los, pareciam ainda mais brilhantes.

— Eu sou o seu companheiro.

Capítulo 1

— Mas que inferno de companheiro? — ela falou saindo de perto da parede – e dele! Ela não conseguiria raciocionar tendo-o tão perto de si.

Indo para o outro lado da sala, bem longe dele – mesmo tendo a noção de que a sala não era tão grande assim e de que ele poderia alcançá-la com poucas passadas – ela se colocou atrás de um sofá.

Ele abandonou o taco no canto e sentou-se no sofá maior.

— Não me lembro de ter permitido que se sentasse. — ela falou com raiva, cruzando os braços.

— Oh, me perdoe. Eu ofendi sua alteza? — ele respondeu mas continuou sentado.

Ela o fuzilou com o olhar e permaneceu na mesma posição. Distância era mais seguro.

— O que quis dizer com “companheiro”?

— Exatamente isso, temos um acordo.

— Acordo?

Ele assentiu moderadamente com a cabeça, e com aquele simples gesto, ela sentiu mais um pouco a sua calcinha ser arruinada. A cada gesto dele, ela sabia que estava sendo conquistada, o que era ridículo já que o homem poderia ser um ladrão, um estuprador e até um assassino, e ela ali, se sentindo atraída só porque ele era bonitão.

Bonitão? Seja sincera, ele era lindo!

— Sim. Quando nos despedimos, combinamos que eu daria um tempo para que você conseguisse realizar os seus sonhos. Estudar Belas Artes e se tornar uma artista famosa.

— Não sou famosa.

— Não é o que os jornais de hoje falaram.

— ele ironizou.

— Jornais são pagos para dizer o que os outros querem.

— Está admitindo que pagou os jornais para falarem uma mentira a seu respeito? — ele cerrou os olhos fazendo-a se sentir desconfortável com a provável admissão de ter forjado uma mentira. Mas ela não duvidava que todos aqueles elogios publicados tinham um dedo de Adam.

— Claro que não! — ela levou as mãos à cintura.

— Ufa!

— Você está gozando com a minha cara?

— Acredite, querida, a última coisa em que penso é em gozar na sua cara. Há lugares muito melhores para fazer isso. Por outro lado, *você* gozar na minha...

— Pode parar! — ela levantou o dedo em riste — Não pode invadir a minha casa e falar

asneiras eróticas para me deixar excitada...

— Estou te deixando excitada? — ele perguntou em seguida, levantando uma das sobrancelhas de modo confiante.

— Argh! — ela bufou, levando as mãos ao rosto, dando um giro de 180° — Pelamordedeus! Vamos começar do início. Quem é você?

— Já disse, eu sou seu...

— Quero saber seu nome, “companheiro”.

— Vince.

Ela ficou esperando pelo resto. Que não veio.

— Vince de quê?

— É assim que meus amigos me chamam.

— Acontece que não sou sua amiga.

— Não, você é...

— Sua companheira. Já entendi essa parte. Quero saber onde e quando nos conhecemos.

Ele passou os dedos sobre os lábios, como

quem pensava no que iria dizer a ela. Qual seria a melhor forma de dar uma notícia a ela que seria ainda mais chocante do que aparecer em seu apartamento sem ser convidado – e sem precisar arrombar portas e janelas – anunciando um noivado de quase dez anos?

Desde que a conheceu em Las Vegas, Vince não havia deixado de pensar nela um dia sequer. Ele sabia que a recíproca não era verdadeira porque a situação pelo lado dela era bem diferente, mas ainda assim, o desejo dele não havia se dissipado.

Ao ficar sabendo que o empresário dela, Adam *Um-Homem-Morto* Kallil não escondia de ninguém o interesse que tinha por ela – e não era apenas pelo trabalho – Vince sentiu o sangue ferver e decretou que já havia dado tempo mais do que suficiente a ela para ter os seus sonhos realizados.

E de qualquer forma, parte dos

acontecimentos estavam fora do alcance dele, e, segundo a última reunião do Grupo de Revelação, o prazo para se encontrarem com os líderes estava cada vez mais próximo. O planeta já dava os sinais mais do que explícitos de que eles tinham que se revelar, e Vince queria fazer isso ao lado de sua companheira.

— Por que você não se senta? Acho que deveria ficar mais confortável diante do que tenho a lhe dizer.

Um dos cantos dos lábios dela subiu num sorriso.

— Que gentileza sua ser tão bom anfitrião na *minha* casa — ela reclamou, mas acatou o pedido dele, dando a volta e sentando-se no outro sofá em frente a ele. Ainda havia uma mesa de centro vazia entre eles, que servia para ela e Daphne encherem de guloseimas quando decidiam fazer maratona de alguma série na TV.

Mesmo sentada, ela cruzou os braços em desafio.

— Nós nos conhecemos há quase dez anos, em Las Vegas.

— Las Vegas? — ela estancou com essa informação — Eu não vou lá desde que participei daquela convenção maluca que Daph fez parte e me arrastou.

Ele sorriu. — Eu lembro disso. Você não estava exatamente feliz por estar lá.

CeeCee apertou os olhos fazendo um esforço para se lembrar de qualquer momento que o tivesse visto. Foram cinco dias num hotel repleto de pessoas fãs de uma série *cult sci-fi*, com outras tantas vestidas a caráter, *cosplays*, com exposições, vendas de produtos e painéis de conversas com os atores que representavam os papéis. Ela se lembrava das horas que ela e Daph passaram dirigindo – porque Daph havia achado uma ideia

maravilhosa irem de carro ao invés de irem num voo rápido demais. Era a aventura, ela dizia. E de certa forma, foi. Uma aventura que CeeCee jurou que nunca mais repetiria. Mas por que, apesar de lembrar de tantos detalhes perfeitamente, ela não conseguia se lembrar dele?

Ela negou com a cabeça.

— Não, não consigo me lembrar de você. Está mentindo. Esteve no meu quarto e viu minha foto com Daph na convenção, por isso está falando que nos conhecemos lá.

— Escute... — ele se aproximou sentando na ponta do sofá, e isso fez os sentidos dela gritarem em sua cabeça e ela se levantou — Tudo bem — ele levantou as mãos e voltou a se sentar direito no sofá, afastando-se dela. Lentamente, ela voltou a se sentar. — Eu sei que no momento você não consegue se lembrar de mim, de nós, mas estou dizendo a verdade. Você foi com a sua amiga

naquela convenção e eu estava lá com meu... irmão, quando me senti completamente atraído por você. — Por alguma razão, ouvi-lo dizer aquilo aqueceu o coração dela — Eu me aproximei, ficamos amigos e, depois de alguns dias, voltamos a nos ver aqui em San Francisco. Foi quando decidimos ficar juntos, mas você só tinha dezoito anos e era cheia de planos e sonhos; não seria justo de minha parte tirá-los de você. Além disso, você tinha os seus pais... Não queria se separar deles.

Ela abaixou o olhar às mãos. Lembrar que os pais não estavam mais ali com ela ainda doía.

— O que sabe dos meus pais? — ela perguntou num tom baixo.

— Eu sinto muito por sua perda, Cecelia. — ela acenou com a cabeça em agradecimento — Você teria seu tempo para viver seus sonhos, com a condição de que, quando chegasse a hora certa, eu viria buscá-la e ficaríamos juntos... para sempre.

Ela levou as pontas dos dedos às têmporas, esfregando-as, tentando evitar que a dor de cabeça voltasse.

Era isso. Ela estava cansada pelo dia. Suas emoções experenciaram um carrossel diante da ansiedade por aquela noite; o cansaço em ter de ser agradável com tantas pessoas desconhecidas – ela não havia brincado ao dizer que preferia deixar essa parte do trabalho para Adam. Ela não tinha a menor paciência em bajular clientes e jornalistas –, e ao chegar em casa, ter de lidar com um invasor – lindo, ok, mas ainda um invasor – com uma história da carochinha sobre serem "companheiros".

— Desculpe... — ela estalou os dedos várias vezes tentando se lembrar do nome dele.

— Vince.

— Vince. — ela se levantou do sofá — Eu realmente não lembro de você naquela convenção, apesar de lembrar de tantas coisas, como, por

exemplo, ter segurado o cabelo de Daph enquanto ela colocava os bofes para fora depois de uma noite particularmente de farra com um outro cara. Não quero ofendê-lo, você até que é bonitão — esse comentário dela o fez rir —, por isso acho tão difícil eu não me lembrar de você. Eu estou cansada, preciso dormir. Pode aparecer aqui numa outra hora, mais conveniente, aí, a gente volta à sua história absurda?

CeeCee se encaminhou até a porta do apartamento e a abriu, convidando-o a se retirar.

Negando com a cabeça em derrota, Vince se levantou do sofá e se dirigiu a ela. CeeCee continuava segurando a maçaneta, tentando mostrar uma coragem que estava longe de sentir. Por outro lado, toda a sua vida ela sempre confiou em seus instintos, e estes não estavam sinalizando qualquer perigo ao lado dele. Pelo contrário. Havia um pressentimento, ainda que raso, de segurança,

carinho, pertencimento, mas ela só podia estar se enganando por causa da beleza dele.

Um homem daquele porte, daquela beleza, dificilmente daria uma segunda olhada para uma mulher como ela.

Ela não era feia, mas não era nenhuma sumidade que fazia os homens virarem a cabeça para olhá-la, ela sabia disso. E já tinha tido seu quinhão de experiência com rapazes que só se aproximavam dela quando queriam usá-la como escada para chegarem junto de Daphne. Esta sim, era muito bonita e tinha uma autoconfiança que só fazia atrair os homens ainda mais. Mas CeeCee? Não, nunca. Os cabelos castanhos comuns, os olhos da mesma cor mais comuns ainda, o corpo de um bom manequim, mas que não tinha uma bunda de encher os olhos – e as mãos – masculinos. Os seios até que eram uma parte que ela se orgulhava, mas de que adiantava ter um bom par de seios, se a

timidez impedia que usasse-os como arma para atrair o sexo oposto? E atrair homens que só estariam interessados nos peitos dela como se ela fosse uma vaca leiteira? Não, obrigada.

Ela era a boa amiga, mas aquela a quem, pelas costas, chamavam de esquisita por estar sempre de pé atrás com as pessoas. Mas que culpa ela tinha se conseguia “ler” as intenções das pessoas com facilidade e isso a alertava para se afastar delas?

Ao se aproximar, Vince parou defronte a ela.

A altura dele deveria ser algo que a intimidaria, mas, por algum motivo, dava vontade de se aconchegar em seu peito e ficar ali por horas. Com certeza era mais alto do que Adam, Vince deveria ter pelo menos 1,90, ou mais. E ela não se considerava baixinha com seu 1,70.

Ao olhar para cima e encará-lo, mais uma

vez ela percebeu que ele tentava disfarçar o fato de estar absorvendo o cheiro dela – o que esperava que ainda estivesse bom, levando em consideração que ela não era adepta a usar perfume, a não ser alguns cremes hidratantes e o sabonete no banho.

— Antes que eu me vá, deixa eu te perguntar uma coisa — ela o encarou e se afogou naquele mar prateado, e piscou forte para tentar não se deixar hipnotizar por ele — Já teve a sensação de que ao estar perto de alguém, a pessoa sulgava-lhe as energias e lhe deixava exausta, com vontade de deitar e dormir por horas? — ela ajeitou a postura em que se encontrava, firmando os dois pés no chão. Foi exatamente assim que se sentiu depois de apenas alguns minutos conversando com a Sra. Goodwin — Por outro lado, já ficou perto de pessoas com as quais se sentia flutuar numa nuvem de paz? — *Sim, sim! Foi exatamente assim que se sentiu quando conheceu Daphne, naquele mar de*

pessoas com uma energia tão pesada... — Além dessas — ele se aproximou mais dela, quase encostando o rosto no ouvido dela, e CeeCee conseguia sentir a energia dele, enquanto a sua voz abaixava de tom —, já esteve perto de alguém que apesar de ser um completo estranho, ter fez sentir... em casa?

CeeCee fechou os olhos não querendo admitir que se sentia exatamente assim agora com ele.

— CeeCee... — ele murmurou.

E, nesse instante, ela abriu os olhos num repente. A forma como ele a chamou pelo seu apelido, pela primeira vez naquela noite, fez com que uma pontada forte de dor lhe acometesse nas têmporas. Havia algo ali...

— Eu sinto muito por isso. — ele falou e, rapidamente, a mão direita dele se aproximou da têmpora dela. Ele parecia ter algo na mão, um

pequeno aparelho brilhante, e um barulho agudo baixo apitou em seu ouvido e a dor que segundos antes a invadiu, ampliou.

Uma sucessão de imagens apareceram em sua mente como se jorrassem de algum lugar, como se saíssem de alguma espécie de fichário, jogadas, tentando se pôr em ordem.

Ela fechou os olhos apertadamente e sentiu as mãos dele escorá-la, impedindo que caísse ao chão. Este não estava mais ali, ela não o sentia mais, mas se sentia flutuar. Na verdade, ela estava sendo carregada por Vince e ele a colocou sentada no sofá maior, sentando-se ao lado dela, esperando.

Aos poucos, a mente começou a clarear, e a dor, a dissipar. Os olhos ainda estavam fechados, absorvendo a informação. E foi quando ela literalmente despertou.

Abrindo os olhos e encontrando-o ali ao seu alcance, CeeCee viu nele uma mistura de

remorso por tê-la feito sofrer mesmo que por poucos minutos; alívio e alegria. E havia algo mais ali, no fundo do mar prateado. Um sentimento que ela não ousaria nomear, mas que sabia existir fundo, porque eles refletiam o mesmo que ela.

Ela levou as mãos até o rosto dele e o segurou sentindo-o perto, querendo se certificar de que era ele mesmo ali. O polegar circulou os lábios dele, que estavam abertos num sorriso. Sentindo os olhos encherem-se de lágrimas, ela retribuiu o sorriso.

— Você voltou... — ela murmurou.

— Bem-vinda de volta, Cecelia.

Capítulo 2

Nove anos atrás.
Las Vegas, Nevada.

Daphne estacionou o carro em frente ao hotel cassino, e depois de ela e CeeCee tirarem suas bolsas de viagem do bagageiro, entregou a chave ao manobrista.

— Nem acredito que finalmente chegamos. Meus ombros estão me matando de tanto dirigir. — Daphne reclamou fazendo um giro com o pescoço e ouvindo estalos musculares.

— Eu disse que deveríamos ter parado num local para descansar e comer direito, mas você quis vir praticamente sem parar. E nem me deixou ajudá-la a dirigir por mais horas...

— E perder um dia da Convenção? Nem pensar! Eu estava “seca” querendo que essa semana chegasse logo. Mal posso esperar para ver meus personagens preferidos...

CeeCee riu com o entusiasmo da amiga, enquando entravam no *lobby* do hotel e se dirigiam à recepção.

— Você sabe que são só atores, certo? Aquele cara não vai fazer ninguém desmaiar por apertar o ombro da vítima — ela falou rindo. Adorava implicar com a amiga por sua obsessão com a série e os personagens.

— Psiu! Não quebre o encanto. Respire fundo — Daphne parou no meio do caminho e fez CeeCee repetir o gesto dela em respirar fundo. CeeCee o fez e começou a tossir.

— Nossa! Alguém com o perfume forte demais.

— Você é uma herege. Nem sei por que

me dei ao trabalho de te trazer nessa convenção. Ah, é, é seu aniversário de dezoito anos e decidimos comemorar em grande estilo. — Daph a abraçou pelo pescoço e retomaram o caminho à recepção.

— Eu devo estar louca mesmo em concordar vir nessa loucura com você.

— Você curte a série.

— Sim, mas não confundo personagens com atores. Não preciso conhecê-los pessoalmente para gostar dos filmes.

Daph fez um sinal com a mão de que não se importava. — Mero detalhe. Você vai gostar, grave as minhas palavras.

Depois de fazerem o *check-in* e pegarem o cartão-chave para a suíte que haviam reservado, tomaram um banho rápido e desceram para confirmar a presença na convenção, antes de saírem para comer algo.

No fundo, CeeCee estava achando tudo um barato. Qualquer evento com Daphne acabava se transformando num grande acontecimento porque ela transformava tudo numa festa. Com a amiga, ela conseguia se sentir um pouco mais livre, e não tinha medo de ser ela mesma e poder se fechar de vez em quando nos momentos que precisava se isolar buscando uma certa paz. Daphne sabia a hora de se afastar e dar esse espaço a CeeCee.

Passar o seu aniversário num local como aquele, com pessoas fantasiadas de extraterrestres, ou até mesmo na Cidade do Pecado, Vegas, não era o sonho de CeeCee, mas ela gostava da companhia de Daphne e a amiga vinha há meses sonhando na participação desse evento. Como não haveria exatamente uma festa para ela, ela topou ir junto, com a promessa expressa aos pais de que não iria se envolver em confusão, ou com drogas, ou com bebida – ainda que legalmente ela não tivesse idade

para beber álcool. Mas isso nunca impediu um menor de idade de beber.

Devidamente cadastradas, com seus crachás pendurados no pescoço e segurando uma *ecobag* com alguns itens-brindes, as duas se aventuraram no pavilhão do evento.

Daphne estava extasiada, consumindo produtos como uma ensandecida e dando gritinhos comemorativos a cada vez que encontrava um *cosplay* absolutamente perfeito e querendo tirar fotos com todos, o que acabou sendo a tarefa de CeeCee.

Por volta das sete da noite, a primeira mesa de entrevistas aconteceria e Daphne estava eufórica como uma criança esperando pela bicicleta no natal.

CeeCee já se sentia cansada com toda aquela adrenalina, e quando se encaminhavam para o anfiteatro em que aconteceria o bate-papo,

CeeCee preferiu não participar.

— Tem certeza? Vai ser tão legallllllllll... — falou Daph, dando ênfase no fim da palavra.

CeeCee riu. — Tenho. Vou voltar para o quarto e descansar.

Daphne fez uma cara amuada. — Você tira toda a graça do negócio... Mas tudo bem. Vá descansar. Assim que acabar aqui, eu subo e a gente pede algo para comer no quarto.

— Vá lá se divertir.

— Aimeudeus... Vou ver aquele homem lindo... — Daphne saiu dando pulinhos de alegria e entrando no anfiteatro.

Ainda rindo, CeeCee tomou o caminho contrário, mas a poucos metros adiante, ela parou para observar um enorme painel com um trecho do espaço.

A foto era enorme, pegando uma parede inteira. Havia estrelas e uma base estelar em

tamanho gigante, e tudo aquilo quase a fazia sentir como fazendo parte da paisagem, como se ela mesma estivesse se aproximando da base numa nave.

— Linda foto, não? — alguém perguntou se aproximando dela, mas CeeCee continuou a olhar a foto, extasiada.

— Muito.

— Dá vontade de estar lá pessoalmente.

— É exatamente o que eu estava pensando. — ela sorria enquanto virava o rosto e se deparava com um homem lindo.

Olhando de um lado ao outro, CeeCee esperou o momento em que alguma fã desavisada se daria conta do tremendo pedaço de mau caminho que estava parado ali, falando com ela. Na certa ele devia ser algum ator participante de uma das franquias da série. Um homem daquele não poderia andar por aí impunemente.

— Perdeu alguma coisa?

— Não, é que... — ela não encontrava palavras para exprimir seu pensamento. Que ótimo! Logo ela começaria a babar e o cara ia pensar que ela era louca — Você deve estar procurando a entrada para o anfiteatro. É por ali. — ela apontou à porta.

— E por que eu precisaria ir ao anfiteatro?

— Você não trabalha na série? — ele negou com a cabeça rindo — Então, trabalha na convenção? — mais uma vez ele negou — Tá fazendo o que aqui?

— Estou hospedado no hotel com meu... irmão, e vim ver essa comoção toda. Isso tudo é por causa de uma série sobre não-humanos?

— Não-humanos? Ah, você quer dizer ETs? Sim e não. Não vai me dizer que nunca ouviu falar nessa série?

Ele sorriu e deu de ombros.

— Muito trabalho.

— Bom, a série começou dado ênfase aos humanos que viajavam pela galáxia conhecendo outras civilizações não-humanas. Mas com o passar do tempo, a quantidade de ETs ficou tão grande quanto dos humanos, e muitas vezes eles são mais legais também.

— Jura? — ele ria abertamente para ela, e o sorriso dele era lindo. Será que os dentes dele eram encapados? Eram tão brancos e certinhos.

— Muita coisa.

Ele colocou as mãos nos quadris e virou-se para olhar para um painel adiante, com a foto de vários atores caracterizados da série. Depois, ele olhou para ela e para a enorme foto que ela admirava antes de ele se aproximar.

— Por que você não está lá dentro com os outros?

Foi a vez dela dar de ombro. — Gosto da

série na TV. Não preciso conhecê-los pessoalmente. Vim acompanhando uma amiga que é muito fã. Mas estou cansada pela viagem, já vou me recolher. Foi um prazer conhecê-lo...

— Vince. — ele falou de uma maneira que CeeCee se sentiu abraçada por ele, e se pegou rindo como uma retardada, e alcançou a mão que ele mantinha estendida.

Ao tocá-lo, CeeCee teve a sensação de um raio parti-la em duas. O primeiro impulso seria o de puxar a mão de volta, mas uma força contrária a fazia manter-se ali. As mãos, dele e dela, eram como os dois pólos de um ímã que se encontraram e se grudaram.

— E você é?

— CeeCee. — ela murmurou, o que o fez pender a cabeça para o lado em questionamento.

— CeeCee?

— De Cecelia, mas ninguém me chama

assim.

— Eu gosto. Cecelia.

Ela quase se jogou aos pés dele e disse *pode me chamar como quiser, desde que me chame!*, mas conteve-se.

— Bom... a gente se vê — ela retirou a mão do contato dele e foi como se metade de sua alma tivesse ficado ali.

— Até mais. — Vince a cumprimentou sorrindo, e a viu se afastar indo para a área do hotel.

Pouco tempo depois, ele sentiu a presença de seu companheiro de viagem, Vern.

— Esse povo é tão louco... e primitivo. Precisa ver as bugigangas que vendem dizendo ter poder de limpar a aura e essas coisas, e como o povo acredita. — ele se divertia vendo tudo à sua volta, enquanto Vince continuava com o olhar na direção em que CeeCee foi. — Ei, V'Kian

chamando Vince. Tudo bem?

Vince voltou seu olhar para o amigo, o sorriso idiota ainda nos lábios.

— Essa viagem será mais interessante do que o previsto.

Desconfiado, Vern franziu o cenho estranhando o comportamento de Vince. Entre os dois, Vince sempre foi o mais certinho, aquele que sempre agia dentro das regras, enquanto Vern era o que vivia sendo chamado atenção. Mas apesar de serem tão diferentes, trabalhavam às mil maravilhas juntos já por mais tempo do que ele podia contar.

— Quem é você? E o que fez com meu amigo Vince?

Sorrindo ainda mais, Vince deu um tapa amigável no ombro de Vern.

— Ele finalmente entendeu o que quer dizer a expressão “acabei de encontrar um anjo”.

— Algum ser alado passou por aqui? —

Vern falou olhando para os lados.

— Sim, e acabou de me acertar com uma flecha. Nunca ouviu falar na fábula do cupido?

Capítulo 3

Na manhã seguinte, Daphne e CeeCee foram tomar café no restaurante.

— Não acredito que você dormiu feito os mortos — Daph reclamava enquanto se sentavam à mesa já com alguns pratos com pães, queijos e ovos mexidos, além da xícara com café — Cheguei no quarto, fiz barulho para me trocar para dormir e você nem piscou.

— Eu estava mais cansada do que pensei. Perdi alguma coisa? — CeeCee perguntou tomando seu café. Abençoado líquido negro para ajudá-la a aguentar mais um dia de maratona de Daphne.

— Além de todo bate-papo com o ator lindo?

CeeCee levantou as sobrancelhas,

franzindo o cenho, rindo de todo o drama que a amiga fazia.

— Bom, teve o Marley...

— Opa! Quem é Marley?

— Um carinha que veio de Nova Iorque. — Daphne deu de ombros falhando miseravelmente em não mostrar importância.

— Bonito? — CeeCee se animou com a conversa. Ela já sabia que em todo lugar que ia com Daph, pelo menos um cara se interessava por ela. Qual seria a sensação de ser alguém bonito e notado em todo lugar que fosse?

— Interessante — ela respondeu, mas logo caiu na gargalhada.

— Conhecendo você, eu diria que ele é mais do que interessante.

— O fato de ele gostar da mesma série que eu já é meio caminho andado, mas ainda estamos nos conhecendo.

— Vai precisar de mais do que cinco dias para conhecê-lo, e Nova Iorque é do outro lado do país, caso tenha se esquecido.

— Nada como chamada em video, telefonemas, emails... Mas não vamos colocar o carro na frente dos bois.

Por alguns minutos, as duas mantiveram-se quietas, dando atenção ao lauto café da manhã.

Alguns minutos depois, já satisfeita com o seu café, Daphne reparou que alguém não tirava os olhos da mesa delas.

— Estranho...

— O quê? — CeeCee falou com a boca cheia de pão.

— Não olhe agora, mas tem um carinha que não tira os olhos da gente. E ele sabe que eu vi que ele tá olhando.

— Na certa um de seus fãs de ontem — CeeCee não deu importância, acostumada a esse

tipo de acontecimento.

— Ele está rindo para mim — ela falava devagar analisando tudo — mas não parece ser para *mim*. Acho que é para você.

— O quê? — CeeCee levantou a cabeça da atenção que dava ao prato e olhou em volta, e deu de cara com o olhar de Vince, sentado sozinho a algumas mesas de distância. Rapidamente, ela voltou sua atenção para frente, ficando de costas para ele, e totalmente estática.

— Aimeudeus...

— Quem é ele?

— Ninguém — ela respondeu rápido demais, e voltou a pegar a xícara de café, mas agora suas mãos tremiam.

Daphne deu uma risadinha debochada. — Se não é ninguém, por que você está nervosa?

— Não estou.

— Que bom então, porque ele está vindo

para cá.

— Ai! — CeeCee quase pulou da cadeira, fazendo Daph dar uma gargalhada alta.

— Ele não está vindo, sua boba, mas por sua reação, isso poderia ter acontecido. Vamos, desembucha, quem é o carinha?

Bebendo todo o líquido da xícara, CeeCee tentava acalmar-se.

— Nos esbarramos na porta do anfiteatro ontem.

— Ele está na convenção?! — Daph perguntou mais animada.

— Não, apenas estava curioso sobre toda a movimentação. Pelo que pude notar, ele nem conhece a série.

Daphne fez cara de nojo. — Nossa! De que planeta ele veio? Todo mundo já ouviu falar dessa série.

CeeCee deu de ombro. — Não

conversamos muito. Como você pôde constatar, eu estava exausta e fui logo para o quarto e capotei na cama.

— É uma pena que ele seja ignorante sobre a série, mas pelo menos de longe, ele é lindo.

— De perto também — CeeCee murmurou, fazendo Daph dar mais um risinho.

— Até que enfim alguém fez seu sangue ferver.

— O que quer dizer com isso? — ela perguntou sentindo-se ofendida pelo que a amiga implicava.

— Fala sério, CeeCee. Você quase não tem vida social; na escola, acho que só teve um namorado...

— Dois, e foram dois idiotas.

— Nisso eu concordo, mas todos são no Ensino Médio. Só que depois deles, você não vê nada além de seus desenhos e pinturas. Isso não é

saudável.

— Não é verdade. Sou voluntária nas campanhas de inverno para os sem teto e de brinquedos para as crianças no natal; e uma vez por mês, faço leitura voluntária na biblioteca pública.

— Eu sei, querida — Daph segurou a mão dela por sobre a mesa — É exatamente isso que estou falando. As coisas que você faz socialmente sempre são de cunho assistencialista. Quando foi a última vez que saiu de casa só para se divertir? Quando foi a última vez que deu um beijo na boca sem compromisso?

CeeCee revirou os olhos. — Não tenho tempo para isso. Eu mal fiz dezoito anos...

— Tá vendo? É isso que falo. Tenho a mesma idade que você e já namorei vários. E se eu fosse você, aproveitava que o senhor não-tiro-os-olhos-de-você parece estar disponível e "brincava" um pouquinho nesses próximos dias. Depois que

voltarmos para casa, vamos começar na faculdade, e como eu já te conheço, sei que aí mesmo que nenhum rapaz vai conseguir entrar nessa calcinha.

— Daph! — CeeCee bateu na mão da amiga, fazendo-a rir.

— Aproveita o gostosão e vê se perde essa virgindade — Daph deu uma piscadinha enquanto se levantava — Vou aproveitar que ele está vindo para cá e sair de fininho. Me conta tudo depois, hein. — jogou um beijo no ar, saindo.

— Ah ah. Até parece que vou cair nessa.

— Bom dia. Posso te fazer companhia?

CeeCee sentiu sua alma desencarnando quando ouviu a voz grave e *sexy* de Vince ao lado dela.

Vince estava há horas naquele restaurante. Havia se certificado com um dos atendentes do

salão se o quarto delas, o 412, já havia descido para o café da manhã, e depois de ter dado uma gorda gorjeta, recebeu a resposta que queria. E ali ele ficou esperando por mais de duas horas. Vern havia tomado o café com ele e caiu na sua pele quando viu que o amigo e companheiro de trabalho ia ficar plantado ali, esperando uma certa garota.

— Você tá falando sério? Vai ficar aqui esperando sabe-se lá até que horas? Esse povo daqui tem uns costumes estranhos. Alguns deles ficam na cama até mais tarde.

— Estou com meu trabalho adiantado e já fiz meu relatório ontem. Posso me dar ao luxo de algumas horas de folga...

— Folga? Cara, você está doente mesmo. Em todos esses anos que trabalhamos juntos você nunca tirou folga.

— Nunca tive um bom motivo. — ele respondeu rindo, e a seguir, ficou pensativo. —

Não sei o que há com ela, Vern. Alguma força me puxa para ficar perto, saber mais dela.

— Como se eu não tivesse reparado. Devíamos ter ficado em outro hotel, muito melhor do que este aqui, até você de repente decidir que era aqui que devíamos ficar. Acho que você precisa se aposentar. — Vern brincou, jogando o guardanapo de pano no rosto do outro.

— E você precisa encontrar uma fêmea para acasalar. Fica resmungão demais quando passa muito tempo sem cruzar.

Vern apontou para ele com uma das mãos. — Totalmente certo. É o que farei logo mais — levantou-se da mesa, e viu que Vince nem se mexeu, mas focou sua atenção na porta de entrada do restaurante — Boa sorte com sua caçada. — Piscou e deixou-o sozinho.

E ele esperou. Já estava desanimando quando finalmente ela entrou no local

acompanhada de sua amiga.

Cecelia.

Até falar o nome dela já lhe dava felicidade, como se lhe causasse cócegas no céu da boca.

Observou quando elas se dirigiram à enorme mesa do *buffet* e se serviram com várias guloseimas nos pratos. Sua garota gostava de comer... *Sua* garota? De onde havia surgido isso? Eles mal tinham trocado meia dúzia de palavras e ele já estava a considerando sua?

Vern estava certo, eles tinham combinado de se hospedar num outro hotel na região muito mais luxuoso. Já que precisavam fazer esse trabalho exploratório e de reconhecimento, por que não aproveitar os luxos do local? Mas quando passavam de carro em frente a esse hotel – carro esse dirigido por Vern. Como engenheiro, ele adorava estar por dentro das tecnologias dos muitos

locais que eram enviados a conhecer, explorar e catalogar –, sentiu como se uma força gravitacional o puxasse para aquele hotel. Vince não era alguém que ignorava a voz interior. Fez com que mudassem o local da hospedagem, sob protestos de Vern, ainda sem entender o porquê. Após deixarem a bagagem no quarto, ele saiu para explorar o lugar e foi quando, mais uma vez, sentiu-se ser puxado para o local daquela convenção.

Pessoas encontrando-se para festejarem um programa de TV sobre algo futurístico. Se eles soubessem que todas aquelas invenções e contato não eram tão futurísticos assim... Mas conforme ele adentrava a área, seus olhos vasculhavam o ambiente; as pessoas fantasiadas; as muitas fotos espalhadas, e foi quando ele se deparou com uma garota – ela não devia ter mais do que vinte anos – parada olhando uma determinada foto do espaço. E ali, ele soube que ele fora chamado àquele lugar

por ela; *ela* havia feito o chamado. Mas por que ele?

Ao se aproximar e puxar assunto sobre a foto, Vince sentiu que os nós em seu peito – nós que ele sequer sabia existirem – foram desfeitos apenas com o som da voz dela, e quando ela virou-se para ele, ele perdeu o ar.

Não, ela não era a mulher mais bonita que ele já havia visto em todas as suas viagens. Provavelmente, mesmo entre os seres da espécie dela, ela seria considerada apenas 'normal', mas para ele, ela era como o paraíso. E mais, ela tinha uma força interior enorme, encapsulada, desconhecida dela própria, e se aquele poder não viesse logo à tona e fosse controlado, ela poderia ter sérios problemas num futuro próximo.

Elas se sentaram para comer e em nenhum momento Cecelia olhou ao redor. Ela concentrou-se na comida, a não ser quando levantava os olhos

para manter contato visual com a amiga. Até que essa mesma amiga reparou que Vince não tirava os olhos da mesa delas. E por que ele iria disfarçar e olhar para o outro lado? Estava ali há horas esperando por ela, ansiando que ela aparecesse para que pudesse ouvir o som de sua voz, sentir o seu perfume, tão natural, e não aquela coisa sintética que as outras mulheres pareciam tomar banho.

Vince conseguia ler os lábios da amiga, que estava sentada de frente para ele, mas não conseguia saber as respostas de Cecelia, que se mantinha rígida como uma tábua tão logo viu que ele estava ali.

A amiga falava algo sobre a necessidade de Cecelia sair e se divertir mais, e quando ela citou sobre Cecelia aproveitar para perder a virgindade, Vince sentiu imediatamente o pau dele latejar. *Ela era virgem?*

Antes mesmo de raciocinar, sentiu seu

corpo se levantando da cadeira e se encaminhando à mesa delas. A amiga aproveitou para sair, e ele, para se aproximar.

— Bom dia. Posso te fazer companhia?

Capítulo 4

Todos os sentidos de CeeCee foram acionados. Ela sentiu sua pele arrepiar dos pés à cabeça e a temperatura de seu rosto esquentar. Ao levantar a cabeça e dar de cara com aquele homem todo perfeito à sua frente, ela não sabia se levantava e cantava em agradecimento aos deuses por ter lhe enviado um cara assim, ou se se encolhia e fugia porque sabia que ele era bom demais para ser real.

— Bom dia, Vince. Fique à vontade.

Ele abriu o maior dos sorrisos e ocupou a cadeira que Daphne abandonou.

— Aquela era a tal amiga com quem você veio?

— Sim, a Daphne. Ela já devia estar

atrasada para algum acontecimento importante na convenção.

— Não vai participar com ela?

CeeCee franziu o nariz pensativa, gesto que deixou Vince ainda mais intrigado e encantado.

— Posso encontrá-la mais tarde. Acho que hoje é mais painel com os fã-clubes, não terá ninguém famoso...

— Que você já disse não fazer questão de conhecer. — ele completou sorrindo. Era como se essa informação fizesse toda a diferença para ele.

— Você prestou atenção ontem — ela sorriu.

Você não faz ideia o quanto, ele pensou.

Sem saber o que dizer a ele, ela mordeu o lábio inferior e olhou ao redor, sem se dar conta que esse simples gesto quase o fez borrar as calças. Vince tinha a sensação de que suas bolas estavam maiores e sufocantes.

— Pensei em tomar mais um pouco de café. Me acompanha? — ele falou num intuito de se distrair, ou acabaria fazendo uma cena na frente dela.

Ela assentiu animada e juntos foram até o *buffet*. Enquanto ela mais uma vez encheu o prato com ovos, torradas, patês, ele pegou apenas um copo de suco. Apesar de se sentir sem graça diante da diferença da quantidade da refeição, em pouco tempo ambos estavam relaxados, conversando sobre amenidades. Ficaram tanto tempo à mesa, que o horário do café terminou, mas não queriam sair dali.

— Você não parece ter sido uma criança comportada — ela brincou com ele, totalmente focada na conversa, com o cotovelo sobre a mesa, tendo a mão escorando o queixo.

— Não fui mesmo. Sempre gostei de bancar o explorador. Sumia por horas nos arredores

de casa querendo conhecer os animais e plantas da região, mas acabei mais fascinado pelas pessoas. As histórias que elas contavam, como tudo havia começado. Seguir o caminho da antropologia e sociologia foi o natural.

— E foi isso que o trouxe aqui em Vegas? Ou está em férias?

— Estou a trabalho.

— Para qual empresa? — ela percebeu que ele se calou diante da pergunta dela, abaixando o olhar — Oh, desculpe. Não tem problema se não puder dizer.

— É que, na verdade, é uma pesquisa secreta.

Ela o olhou surpresa. — Mesmo? Uau! Me senti agora participando de um filme de ficção científica. — ele lhe deu um sorriso.

— E você? O que faz da vida?

— Bem... nada tão cheio de aventura

quanto você... Vou começar a faculdade de Belas Artes daqui um mês.

Ele franziu a testa. — Quantos anos tem?

— Fiz dezoito na semana passada — ela respondeu, e imediatamente se arrependeu. Será que ele a acharia nova demais e daria o fora dali com a rapidez de um foguete?

Mas, para sua surpresa, ele manteve o sorriso.

— Eu imaginei que você fosse nova, mas achei que tivesse perto dos vinte anos.

— Às vezes me sinto com cem, na verdade. Se não fosse por Daph, acho que estaria como a velha senhora dos gatos, dentro de casa, falando sozinha e desenhando tudo que visse pela frente.

— Eu gostaria de ver um de seus desenhos.

— Talvez eu deixe que você veja — ela

respondeu e logo se sentiu estranha. De onde estava vindo todo aquele flerte? Aquilo não se parecia nada com ela.

O celular dele começou a tocar baixinho.

— Só um momento, é meu irmão — ela acenou confirmando, vendo-o abrir o aparelho como um daqueles modelos pequenos, *startacs* — Fala, Vern. Claro que sei onde fica — ele olhou para o relógio no pulso que, diferente do modelo de seu celular, era multifuncional e parecia ser muito caro — Posso te encontrar lá daqui quinze minutos. Ok.

Parecia que o tempo deles naquela tarde havia chegado ao fim. Ele fechou o aparelho e colocou de volta no bolso da calça.

— Surgiu um probleminha na ‘pesquisa’ e terei de encontrar meu irmão.

— Sem problema — ela falou enquanto ambos se levantavam da mesa, e se encaminhavam

à saída.

— Eu adorei esse tempo que passamos juntos.

— Eu também.

— Será que seria muita ousadia minha se te convidasse para jantar? Se você não tiver algum compromisso com sua amiga, claro. Acho que te monopolizei bastante hoje...

— Eu adoraria.

— Que tal se explorássemos um pouco outras culturas e aproveitássemos para conhecer da culinária brasileira? Tem um restaurante com essa culinária do outro lado do cassino. — ele percebeu o entusiamo dela conforme ele falava — Às sete?

— Estarei lá. — ele pegou a mão dela, a eletricidade perpassou entre os dois, e levou aos lábios, como um perfeito cavalheiro; deu-lhe uma piscada e se dirigiu à saída do hotel, deixando-a ali, completamente nas nuvens.

***

Sentada na tampa da privada, CeeCee deixava que Daphne a maquiasse para o seu "encontro" com Vince. O problema era que ela não era muito fã de maquiagem e a cada tentativa que Daph fazia de passar o *kajal* nos olhos dela, parecia que ela ia ficar cega.

— Ai, Daph! — CeeCee fechou o olho se esquivando das mãos da amiga.

— Fique quieta, Cee. Só vai levar mais um pouquinho.

— Você disse isso há duas horas!

— Para você ver o tempo que estou levando... Se você colaborasse....

— Aff... Isso é inútil! — falou levantando-se e indo até o enorme espelho sobre a bancada da pia — Não sei por que estou fazendo isso. Ele nem vai se importar mesmo...

— Como não, sua louca? Não foi ele que te convidou? Ou você me contou a história errada?

— Claro que foi ele. Você acha que eu teria coragem de convidá-lo para sair?

— Senta aqui e me deixa terminar — Daph deu um puxão no braço de CeeCee colocando-a sentada de volta no vaso. — Só falta um detalhezinho — ela passava o lápis nos olhos dela — Pronto. Agora é só aplicar a máscara de cilíos, e.... *voilá!*

CeeCee levantou-se mais uma vez e se olhou no espelho. Não podia negar que seu rosto parecia naturalmente maquiado; sem muito peso, mas dando um brilho e destaque no que ela tinha forte no rosto: os olhos com grandes cílios – ainda que a cor não fosse tão chamativa – e os lábios.

— Colocou perfume?

— Você sabe que não gosto disso.

— Ah! Só um pouquinho. — Daph pegou

o frasco do próprio perfume e já ia borrifar sobre ela, mas CeeCee se esquivou e saiu do banheiro.

— Sai para lá com isso! E acho que ele prefere o cheiro que carrego. Por duas vezes tive a impressão de que ele me fungou.

Daphne parou o que estava fazendo, com o frasco de perfume na mão, e caiu na gargalhada.

— Como é? Ele te *fungou*?

— Foi o que achei. — ela deu de ombros. Olhou-se de cima a baixo no espelho de corpo inteiro na porta do guarda-roupa. Podia não ser tão bonita quanto Daphne, mas estava bem arrumada – levando em consideração que nunca, nem em sonhos, ela imaginou que teria um encontro naquele fim de semana maluco planejado pela amiga. Por isso, CeeCee acabou pegando emprestada uma blusa de paetês azul-marinho de Daph, e combinou com uma calça jeans não desbotada. Nos pés, teria que usar uma sapatilha

mesmo. Se soubesse da possibilidade de um encontro teria colocado sua única sandália de salto, pretinha básica, na mala. — Que tal estou?

Daphne sorriu orgulhosa.

— Ele teria de ser cego, surdo e burro para deixar uma garota como você passar — As duas se abraçaram — E quanto a senhorita, não se faça de difícil e dá logo para esse cara! — e gargalhou.

— Daph! Não seja vulgar.

— Deus, salve-me das virgens românticas! — Daph juntou as mãos em sinal de oração dramática — Hoje em dia não tem mais disso, minha amiga. Se a mulher quer, ela vai à caça.

— O cara deve ter o quê? Trinta, trinta e dois anos? Óbvio que é muito mais experiente do que eu. Não quero que ele fique comigo como um trofeu, por conseguir traçar uma virgem — CeeCee fez um muxoxo com os lábios.

Daphne segurou o rosto dela com as duas

mãos. — Como eu disse, ele terá de ser muito idiota para não querer ficar com você, e mais, mantê-la. Você é maravilhosa, Cee, só você não vê isso.

Sorrindo sem jeito, CeeCee pegou sua bolsinha com documentos, celular e a chave do quarto.

— Estou pronta.

— Vamos lá. Vou descer com você. Hoje à noite terá uma sessão especial de cinema, com direito a muita pipoca e bagunça.

As duas desceram pelo elevador, e ao chegarem no térreo, despediram-se, cada uma indo para um lado.

Ansiedade definia o interior de CeeCee. Eles não tinham marcado um lugar certo para o encontro, então, ela concluiu que seria dentro do restaurante.

Ao chegar no restaurante brasileiro, dentro

do próprio hotel, cuja decoração colorida, com muita flora nativa e um som ambiente que, apesar de ela não entender o idioma, reconheceu o ritmo como Bossa Nova, CeeCee imediatamente sentiu-se bem-vinda.

O *maitre* a levou até uma mesa. Infelizmente Vince ainda não havia chegado. Ela ia começar a se sentir mal, mas dissipou qualquer dúvida, lembrando que não havia nada de errado em uma mulher chegar primeiro no encontro. *Tempos modernos, CeeCee*.

Ela foi acomodada numa ótima mesa; dali, ela tinha boa visibilidade da porta de entrada. Um dos garçons logo lhe trouxe uma bebida típica, chamada de “batida”. O teor de álcool era alto mas o gosto de maracujá dava um toque todo especial. Ela decidiu ir devagar com a bebida. No nervosismo do encontro, ela não teve fome ao longo do dia, mas agora, descobriu-se faminta.

O cardápio foi trazido, e apesar de ela dar uma olhada na variedade oferecida, queria esperar para escolher junto com ele. Como foi ele quem sugeriu que jantassem ali, talvez já conhecesse do que a comida brasileira era capaz.

Discretamente, ela observou alguns dos pratos servidos aos hóspedes das mesas ao redor. Era um mais apetitoso do que o outro, e o aroma estava fazendo seu estômago dar cambalhotas.

Olhou para o relógio e viu que ele estava quinze minutos atrasado.

Calma, CeeCee. Ele está aqui a trabalho. Pode ter havido alguma emergência. E ela amaldiçoou o fato de terem esquecido de trocar os números de celular. Se fosse o caso, agora ele poderia entrar em contato com ela e avisar o quanto mais se atrasaria.

A primeira “batida” virou duas. E agora, o atraso dele já era de quarenta e cinco minutos. A

sensação que ela tinha era de que todos no restaurante sabiam que ela havia “levado um bolo” e cochichavam sobre isso. Sem mais desculpas, ela devia pagar pelo que havia consumido e ir embora, mas o orgulho falou mais alto. Chamou o garçom e fez um pedido simples, com medo de pedir algo que não caísse bem em seu estômago. Agora, as borboletas haviam se tornado numa nuvem de gafanhotos, mas já que estava ali iria aproveitar.

Minutos depois, seu jantar foi servido. Um peixe assado, com farofa e abacaxi e arroz branco. Ela fez um enorme esforço em comer tudo, apesar de reconhecer que o tempero estava excelente. No final, sem pedir sobremesa, ela assinou a nota, colocando a conta no quarto, para ser paga na saída do hotel, agradeceu pelo serviço – foi impressão dela ou o *maitre* a olhou com piedade? – e seguiu para o quarto.

Ao pegar o elevador, manteve a cabeça

orgulhosamente levantada.

Ela queria se sentir uma mulher moderna; daquelas que eram donas do próprio destino e não viam nada de mais em saírem para desfrutar de uma boa comida sozinhas. Sim, foi essa imagem que ela passou, mas no fundo, ela se sentia como uma criança rejeitada. Mais uma vez. Toda a tristeza que sentiu na vida, nas muitas vezes que foi alvo de chacota dos colegas na escola por ser esquisita; ou quando um garoto se aproximava apenas para mais tarde ela descobrir que ele queria que ela desse uma de pombo correio e repassasse um recado para Daphne; ou ainda, quando finalmente deu o seu primeiro beijo, no oitavo ano, para saber que aquilo era uma aposta entre os garotos de quem seria capaz de beijá-la.

Ela sobreviveu a todos aqueles garotos no colegial e no Ensino Médio. Ela era forte o suficiente para sobreviver a um “bolo” dado pelo

PERIGOSAS NACIONAIS

cara mais lindo da galáxia.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 5

CeeCee sentiu alguém bater de leve em seu rosto. Devagar, abriu os olhos. Será que ela aparentava estar horrível da mesma forma que se sentia? Jogou a coberta sobre a cabeça para voltar a dormir.

— Me deixa dormir, Daph!

— Não, senhora. Quero saber o que aquele idiota fez com você.

— Não sei do que você está falando — ela respondeu debaixo da coberta, não querendo encarar a amiga.

— *"Querida Cecelia. Por favor, me perdoe. Um imprevisto me impossibilitou de comparecer. Pode me dar uma segunda chance? Assinado, Vince"*. Posso matá-lo agora? CeeCee,

você “tomou um bolo” e não me disse nada ontem à noite?

Ela tirou a coberta sobre a cabeça, mas continuou deitada, apesar de estar morrendo de vontade de tirar o cartão da mão de Daphne. Sobre a outra cama, havia um enorme buquê de flores variadas, dando destaque a uma flor diferente, de cor roxa. O perfume era profundo, chegando até ela de onde estava.

— Quanto tempo você ficou lá esperando?

Ela sentou na cama e tirou o cabelo do rosto. — Quando me dei conta de que ele não apareceria, já estava lá há uns quarenta e cinco minutos...

— Filho da puta!

— Mas eu não me importei! — ela sobrepôs a voz para fazer valer de sua coragem — Jantei sozinha e adorei. Me senti tão adulta.

Daphne sentou na beira da cama de

CeeCee e suspirou fundo.

— Ele não ligou avisando do atraso?

CeeCee abaixou o olhar envergonhada, e negou com a cabeça.

— Ficamos horas conversando mais cedo e acabamos esquecendo de trocar os números. Eu não sei sequer qual é o quarto dele ou teria interfonado do restaurante. — deu de ombros num gesto de derrota — Fiquei triste, é claro. Mas não me deixei abater e jantei sozinha.

Daphne lhe deu um sorriso entristecido e olhou para as flores na cama dela.

— O que quer que eu faça com esse buquê? Se quiser jogá-lo fora, eu ajudo.

Ela mordeu o lábio inferior sem saber o que de fato queria fazer.

— As flores são tão bonitas, e não têm culpa pelo o que ele fez. O que elas significam?

— Vamos ver... — Daphne pegou o

celular na mesa de cabeceira e começou a pesquisar

— Essas cor-de-rosa são camélias, significam ‘admiração’; as margaridas são ‘afeto’; e essas roxas são jacintos, querem dizer ‘perdão’.

CeeCee tinha os olhos marejados e aquilo cortou o coração de Daph, que pulou de volta na cama da amiga e a abraçou.

— Eu juro que vou capar aquele cara. Que se dane por ele ser lindo!

CeeCee se afastou e secou as lágrimas derramadas com as costas da mão.

— Não, eu prefiro ignorá-lo. Não vou responder ao bilhete. O hotel é grande. Tenho certeza que posso evitá-lo até o final da convenção. Na verdade, como ele não está participando dela, nem sei até quando ele ficará hospedado.

— Hoje começam os principais painéis com a participação dos atores da série original. Quer ir comigo? Você pode participar de tudo que

eu vou, fiz nossas inscrições para tudo.

— Obrigada, mas não. Acho que vou aproveitar o verão e a piscina maravilhosa do hotel. Pode pedir o serviço de quarto? Não estou com muita vontade de descer para o café. — ela se levantou e foi para o banheiro.

— Claro. Vamos fazer nossa festinha particular aqui. É melhor mesmo... — Daphne ia dizendo num tom mais alto no quarto, enquanto CeeCee se olhava no espelho e via a criatura patética, com os olhos vermelhos de tanto chorar à noite – e agora de manhã – a cara amassada de uma noite mal-dormida e a autopiedade em grau máximo.

— E você esperava alguma coisa diferente, CeeCee? — ela falava baixo para si mesma, encarando sua imagem refletida — Você não é Daph; os caras não caem a seus pés. Na melhor das hipóteses, a única coisa que você sabe fazer

realmente bem é desenhar. Bem-vinda ao mundo real.

***

Vince sentia-se com vontade de sair da própria pele. Há horas ele havia pedido ao mensageiro do hotel que enviasse o buquê com o pedido de desculpas para o quarto de Cecelia e até agora não havia nenhuma resposta. Elas não haviam descido para tomar o café da manhã. Depois de morrer em mais uma gorjeta boa – aquele atendente iria ficar milionário com todas as gorjetas que Vince vinha dando a ele para que lhe repassasse informações –, ele soube que elas pediram serviço de quarto naquela manhã. Na certa, Cecelia não queria olhar para a cara dele, e como ele poderia condená-la?

Ele ficou tão embasbacado ao passar horas na companhia dela, desde o café da manhã, que

quando Vern telefonou pedindo que ele fosse ao seu encontro, o seu lado profissional foi acionado e ele sabia que precisava estar lá o mais rápido possível. Ele realmente havia adiantado o seu trabalho e feito o relatório aos líderes no dia anterior, mas o objetivo deles ali era sério e inadiável. Encontrar Cecelia era um luxo do qual ele não tinha direito. Mas ele não queria ter de abrir mão dela, por isso a ideia de jantarem juntos. Como ele poderia prever que o assunto tomaria mais tempo do que o normal e ele teria de fazer um relatório extra àquela noite?

Quando ele chegou no hotel, por volta das dez horas da noite, foi direto ao restaurante e procurou saber se ela tinha estado lá, e Vince sentiu-se como uma criança recebendo uma reprimenda quando viu a cara nada agradável do *maitre* lhe dizendo que ela tinha estado sim, e jantado sozinha. Vince pediu que a conta do jantar

dela fosse incluída em sua diária, o que o *maitre* prontamente aceitou.

Envergonhado, ele chegou a ir até a porta do quarto delas, mas quando ia bater, ouviu um soluço e soube que havia arruinado sua chance com ela.

Ao longo da conversa naquela tarde, ele tinha percebido que Cecelia tinha um problema de autoestima. Algumas histórias – engraçadas – que ela havia contado da época do colégio, quando tornou-se amiga de Daphne, mostraram claramente que ela não via a si própria como alguém belo e com valor. O único momento em que ele viu um brilho nos olhos dela foi quando ela falou de seu dom de desenhar e pintar. E mesmo sabendo disso, o idiota deu um jeito de ferrar com tudo.

— Droga! — ele praguejou andando de um lado ao outro dentro do quarto.

Mas ele não iria desistir sem lutar. Iria

procurar no hotel, nem que fosse preciso ele se meter no meio daquela convenção maluca, ele iria dar um jeito de encontrá-la e se desculpar pessoalmente.

Saiu do quarto como um homem com uma missão, e cumprir missão era o que ele fazia há mais tempo do que Cecelia tinha de vida.

Foi até a área do evento e passou a olhar de um lado ao outro. Era sexta-feira e a impressão que tinha era de que o número de participantes havia aumentado. No fim de semana aquilo estaria intransitável. Ele precisava encontrá-la ainda hoje, nem que tivesse de acampar à porta dela.

Depois de vários minutos em procura, ele achou não quem ele queria, mas já era um começo, e pelo modo com que Daphne vinha na direção dele, a conversa não seria agradável. Ela mais parecia um touro indo em direção ao pano vermelho.

— Você! — ela falou apontando o indicador no peito dele — Como pôde fazer aquilo com ela?

— Eu... — ele tentou começar a se explicar, mas a moça muito mais baixa do que ele e muitos quilos mais leve não iria deixar barato.

— Você a deixou plantada num restaurante sozinha; sequer teve a decência de ligar para o restaurante avisando do atraso. Sabe a luta que foi para que ela acreditasse em si mesma e fosse naquele encontro? E você, seu idiota de merda, fez com que ela se sentisse um lixo!

As pessoas em volta olhavam para o espetáculo que Daphne estava dando, mas ela não parecia se importar. Defender a amiga era muito mais importante do que passar pelo ridículo.

— Você está certa, eu errei, sinto muito. Quero me desculpar com ela...

— E acha que meia dúzia de jacintos vão

limpar a sua barra? Ah! Se eu fosse ela, teria jogado aquela porcaria fora, mas coração mole do jeito que ela é, ficou com pena de jogar flores tão lindas no lixo. Escute aqui, fique-longe-da-minha-amiga — ela pontuou cada palavra com um cutucão no peito dele, e saiu bufando, deixando-o parado em meio àquela aglomeração, com as mãos nos quadris, e sem descobrir onde Cecelia estava.

Droga!

Ele foi na direção de onde Daphne tinha ido e a encontrou ao longe conversando com um homem. Nenhum sinal de Cecelia. Provavelmente ela desistiu de participar da convenção naquele dia por culpa dele.

Ele até queria que ela não participasse, mas porque iria passar o dia com ele! Voltou para a área do hotel e decidiu andar a esmo.

O dia estava bonito, ensolarado, e a área externa da piscina parecia animada. Ao sair pelas

portas automáticas, de vidro, uma trilha sonora de alguma banda do momento tocava ao fundo, enquanto várias pessoas passeavam pela área da piscina; outras tantas nadavam ou davam mergulho. Ele parou no bar externo e pediu um suco de fruta. Algumas mulheres com roupas de banho bem ousadas passavam por ele e lhe davam olhadas que em outra ocasião, ele entenderia como um claro convite para se aproximar, mas ele não estava interessado nelas. Foi quando ele viu do outro lado da piscina, Cecelia sentada em uma espreguiçadeira. Nas mãos, um bloco e um lápis, que se movimentava com agilidade sobre a folha. Na certa, ela estava desenhando algo, e ele estava morrendo de curiosidade para saber o que era.

Seu suco foi entregue pelo *barman*, Vince agradeceu e ao se virar novamente para admirá-la de longe, ele viu um cara se aproximando dela. Ele não podia ouvir o que eles falavam, mas pela

linguagem corporal Vince bem podia adivinhar.

O cara pediu para sentar na espreguiçadeira ao lado, o que ela não se importou dando com um dos ombros e oferecendo-lhe um sorriso hesitante. Ele odiava saber que aquele sorriso também era culpa dele. Os dois começaram a entabular uma conversa e logo o desenho foi deixado de lado, sobre a mesa, e ela deu atenção ao desconhecido.

O que era aquela queimação que Vince estava sentindo no peito? Não poderia ser ciúme, ou poderia? Eles mal se conheciam; haviam conversado por duas vezes, uma delas rápido demais, ele não poderia se sentir como se tivesse direitos sobre ela. Ele era um ser muito mais velho e experiente do que ela; já havia se deitado com todo tipo de fêmea; por que logo com essa menina, uma criatura frágil em todos os padrões conhecidos por ele, tinha que entrar sob sua pele e fazê-lo se

sentir como um neófito?

De forma mais discreta possível, ele deu a volta na piscina, indo pelo lado contrário do qual ela estava virada, dando atenção àquele cara. Aproximou-se por trás, tentando ver o que havia naquele bloco que ela desenhara, e, para sua surpresa, ele viu um rosto. Um rosto que ele estava habituado a ver por muito tempo: o seu próprio. Cecelia havia desenhado a ele, de memória. E o desenho era perfeito. O talento dela era inegável. E ela ia mais além; não só o desenhou, mas fez com que sua expressão transmitisse uma virilidade aliada a uma vulnerabilidade que ele não sabia que demonstrava ao estar perto dela. Era isso, ela conseguia mexer totalmente com ele. A habilidade dela em se conectar com as emoções das pessoas à sua volta faziam-na uma das *empatas* mais poderosas que ele já havia encontrado. Ela só precisava estar ciente disso e aprender a trabalhar

esse dom.

— ...eu sempre quis conhecer San Francisco — agora Vince conseguia ouvir a conversa deles — , agora, tenho um ótimo motivo para ir lá.

— A cidade é maravilhosa para turismo. Você vai se encantar. — ela respondeu ao desconhecido.

— Se você for meu guia, tenho certeza que vou gostar.

Não, não, não! Aquilo estava indo para uma direção totalmente desfavorável para Vince. Ele precisava se livrar daquele adversário, mas como? Afastando-se devagar para não ser notado, ele voltou para a área do bar e olhou em volta. Quando uma jovem de mais ou menos a mesma idade de Cecelia passou por ele comendo-lhe com os olhos, uma ideia surgiu.

— Olá — ele deu o seu melhor sorriso

para atraí-la, e deu resultado.

— Oi — ela veio toda eufórica.

— Posso te pedir um favor?

— Claro, bonitão. — ela enrolou uma mecha do cabelo no indicador, e "quebrou" o quadril numa pose que achava *sexy*.

Previsível, pensou Vince. — Eu e uns amigos — ele apontou para um grupo de rapazes que estava ali perto, um implicando com o outro — fizemos uma aposta de que iríamos dar um trote num amigo, mas precisamos de uma moça bonita como você para ajudar. Será que você aceita?

— E o que eu ganho? — ela se aproximou mais dele, fazendo questão de esfregar os seios, mal escondidos num biquini, no peito dele.

— Que tal mil pratas? — ele falou alcançando a carteira no bolso traseiro.

Ela torceu os lábios numa demonstração clara de que esperava receber outro tipo de prêmio,

mas não seria louca de recusar mil dólares fáceis.
— Ok, o que tenho de fazer?

Depois de explicar a ela quem era o alvo e como deveria se comportar, Vince afastou-se ainda mais do campo de visão de Cecelia e esperou a cena acontecer.

Como previsto, ela saiu de perto do cara com uma expressão de poucos amigos, pegando sua canga e seu bloco sobre a mesa, e saiu pisando firme. Ela se dirigiu à saída que levava ao hotel. À saída onde ele a esperava.

Aff! Por que ela sempre tinha que se sentir atraída pelos caras sem vergonhas?

Não que ela achasse que poderia acontecer alguma coisa com Zion, se é que esse era o nome real dele... Mas, pelo menos, o papo estava fluindo bem. Ele veio com aquela conversa de que iria

visitá-la em San Francisco, e apesar de achar que não era verdade, não estava lhe fazendo mal ser o alvo de apreciação de um rapaz bonito. Até que a namorada do cara resolveu aparecer e se jogar em cima dele exigindo sua atenção. O desgraçado tinha uma namorada a poucos metros e a estava cantando? Será que naquele inferno de hotel não existia um homem digno?

Ela pegou os seus pertences e saiu dali o mais rápido que pôde, indo em direção à porta de vidro que a levaria de volta ao interior do hotel, que a levaria ao seu quarto e era onde ela pretendia passar o resto do dia, quiçá, o resto desse fim de semana fracassado!

Assim que pisou no carpete do corredor, foi de encontro a um peito musculoso e braços fortes que a sustentaram para não cair.

— Desculpe, eu... — ela começou a dizer até perceber de quem se tratava. Sem dizer mais

nada, ela se desviou dele e seguiu seu caminho em direção aos elevadores.

— Cecelia, espere, por favor. Preciso me desculpar por ontem...

— Você não me deve nada, Vince. Suas desculpas em forma de flores chegaram pela manhã.

— Eu sei que falhei contigo ontem, mas surgiu algo em meu trabalho e eu não tinha como me comunicar com você.

— Aham — ela mal respondeu, apertando o botão de chamada do elevador várias vezes, como se isso o fizesse chegar mais rápido.

— Eu me sinto mal pelo que fiz...

— E eu deveria me importar? — ela balbuciou para si mesma, mas ele a escutou.

A porta do elevador se abriu e ela entrou, sendo seguida por ele quando a porta já se fechava, fazendo com que os dois ficassem sozinhos naquele

ambiente apertado. Ela apertou o botão do quarto andar e se manteve olhando para a frente, mas era impossível não vê-lo por causa do reflexo do espelho na porta.

— Ontem, quando passamos a manhã juntos, fiquei tão encantado por você que acabei esquecendo de pedir seu número. Eu não esperava ser chamado por conta de uma emergência. Eu não queria deixá-la naquele momento. Tinha planos de passar o dia todo ao seu lado.

Aquela confissão fez com que as paredes erguidas em torno do coração começassem a ruir. Mas, seria verdade? Ela nada disse, e o elevador parou no andar dela. Ela seguiu pelo corredor em direção ao quarto, com Vince em seu encalço.

— Eu tinha planejado a noite perfeita. Uma refeição diferente, um pouco de música, ter você em meus braços na hora da dança... Não imaginei que fosse demorar tanto... Por favor, me

dê outra chance.

Ela parou defronte à porta, retirou o cartão-chave e abriu a fechadura com um clique, mas manteve-se parada.

— Cecelia — ele pediu mais uma vez.

Ela fechou os olhos tentando imaginar qual seria a resposta correta a dar numa situação dessa. Ela não era a bela do baile. Na verdade, nunca foi, e quando foi a ocasião de participar do baile de formatura do Ensino Médio, nenhum dos rapazes a convidou. Para não deixar a amiga ir sozinha, Daphne recusou todos os convites que recebeu e foi como par de CeeCee; as duas comemoraram chegando numa limusine alugada e festejando. Foi uma das noites mais divertidas para ela, mas também, uma das mais doídas; confirmar, de novo e de novo, que não era material interessante aos olhos do sexo masculino. Com dois namoradinhos fracassados no período escolar e

mais esse “certificado” de *você não é nada especial* por parte dos rapazes, ela já havia decidido se dedicar de corpo e alma ao seu curso superior e à sua carreira. Ela não precisava ser famosa, bastava saber que suas obras eram admiradas e, quem sabe, disputadas por aí.

E, então, nesse final de semana das garotas, onde elas deveriam se divertir sem compromisso, surgiu esse homem mais velho, lindo, bom de papo, dando-lhe uma atenção da qual ela não estava acostumada, mas qual garota resistiria? E já no primeiro encontro, a realidade voltou para assombrá-la: *você não é boa o suficiente*.

— Eu... — ela começou a dizer mas sentiu a voz falhar. Limpou a garganta e continuou, ainda sem encará-lo — eu realmente agradeço pelas flores. Você está perdoado pelo... não comparecimento. Acabei experimentando a comida

brasileira e gostei bastante, obrigada pela dica. Você não me deve nada, Vince. — ela entrou no quarto e fechou a porta devagar.

Encostou-se na porta, colocando a palma da mão na madeira, como se pudesse sentir a presença dele do outro lado.

— Eu sinto muito, Cecelia. Mandei que colocassem o seu jantar na minha conta... era o mínimo que eu podia fazer... — lágrimas escorriam pelo rosto dela — Ainda quero estar com você. Estou na suíte 3510 — claro, na cobertura —, se você puder me perdoar, por favor, mande me chamar.

Ela o ouviu se afastar e o barulho da chegada do elevador, com a porta se fechando a seguir.

Capítulo 6

O terceiro dia em Las Vegas não tinha sido lá tão divertido.

CeeCee havia decidido não sair do quarto o resto do dia, pedindo serviço de quarto para fazer as refeições.

Daphne passou rapidamente para se trocar para o evento da tarde, e ficou chateada ao ver a amiga sentada na cama com um livro na mão.

— Como pode ficar aqui dentro quando tem um lindo dia lá fora? Se não quer participar da convenção, tudo bem, mas poderia, pelo menos, aproveitar o que o hotel tem a oferecer. Tem a piscina, massagens, academia, o cassino...

— Fui à piscina depois do café. — ela respondeu numa voz chorosa.

Daphne logo entendeu.

— Oh, querida, você o encontrou lá? Ele estava com alguma outra garota? — ela se aproximou, sentando na ponta da própria cama.

CeeCee negou, e falou com uma voz de quem segurava o choro. — Não. Ele pediu que eu o perdoasse e lhe desse uma nova chance. Foi realmente um imprevisto de trabalho; ele não tinha meu telefone e não teve ideia de ligar para o hotel...

— CeeCee, se ele pediu uma nova chance, já parou para pensar que ele pode estar sendo sincero?

Ela fechou os olhos vivenciando a dor sofrida com a espera.

— É que doeu tanto... Ficar naquele restaurante sob os olhares piedosos dos outros, principalmente da equipe do hotel, me fez recordar de todas as vezes que fui deixada de lado.

Daphne mudou-se de cama, sentando ao

lado da amiga.

— Garotos da época escolar são idiotas. Todos eles. Vince não é um garoto.

— Mas você disse...

— E desde quando você me dá ouvidos? Eu fiquei com raiva dele sim, e quando nos encontramos hoje cedo, falei para ele se manter longe de você. Mas percebi que ele estava desesperado querendo encontrá-la, e pelo que você está me dizendo, ele conseguiu encontrá-la depois de me ver, e ainda assim, pediu por mais uma chance. Por que não acredita que, assim como eu, ele viu a garota maravilhosa que você é, cheia de talento, e está se apaixonando?

CeeCee revirou os olhos.

— Agora eu sei que só está dizendo isso por ser minha amiga. Ele, apaixonado por mim?

— Bom, talvez ainda não, mas qual a impossibilidade disso? Queria que você se visse

como eu a vejo.

— Eu consigo me ver como os *outros* me veem.

Daphne tirou uma mecha de cabelo que caía na testa de CeeCee.

— Lembra-se da sensação que sentiu enquanto estava naquele restaurante sozinha, jantando como uma mulher empoderada? Se eu fosse você, buscava essa mesma mulher aí dentro e ia atrás dele. Se ele pediu uma chance, deixe que ele prove que é digno. Se ele não valer a pena, dê-lhe um chute na bunda e volte para San Francisco sabendo que foi *você* quem decidiu ficar ou não com ele, e não o contrário.

— Você faz parecer tão fácil...

— E você faz parecer impossível. Qual das duas tem mais chance de ser feliz?

Depois de soltar essa bomba em cima de CeeCee, Daphne terminou de se arrumar e desceu

para encontrar com Marley e, juntos, irem à convenção.

Sozinha no quarto, as palavras de Daphne martelavam na cabeça de CeeCee: *qual das duas tem mais chance de ser feliz?*

Será que ela poderia se blindar numa mulher moderna, sem medo, vergonha ou timidez, e ir atrás de um cara que só havia trocado conversa uma única vez? O que Vince teria de tão especial que a fazia querer tê-lo por perto por mais tempo? Ela sabia que esse encontro não daria em nada para o futuro; era uma questão de aproveitar o aqui e agora. Deveria ela deixar que acontecimentos passados direcionassem suas futuras atitudes? Decidida a pagar para ver, CeeCee foi até o espelho e viu algo que poderia até não ser a melhor escolha, mas também, não era decepcionante.

O cabelo estava solto e brilhante; o vestido

de fundo branco com pequenas flores combinava com a estação e o clima e as sapatilhas estavam à mão para serem calçadas. Ela pegou sua chave-cartão e se direcionou ao elevador. Apertou o botão para o 35° andar e fez uma prece para não estar se equivocando.

Quando o elevador abriu sua porta, o corredor era uma pouco menor do que nos outros andares, havendo apenas duas suítes na cobertura. Indo até o número 3510, ela parou de frente à porta, respirou fundo e levantou a mão para apertar a campainha, mas a porta foi aberta antes que tivesse chance.

Quem atendeu não era quem ela queria ver.

— Olá. O Vince está? — *Boa. Pelo menos falei sem gaguegar.*

Um cara tão alto quanto Vince, mas com os cabelos mais escuros e os olhos também cinzas

mas de uma tonalidade não tão marcante quanto os de Vince, deu-lhe um sorriso.

— Você é a moça que tem feito meu irmão agir como um colegial no cio?

Ela sentiu suas bochechas esquentarem, mas não desviou o olhar.

— Não sei nada sobre ele estar agindo assim, mas sou a garota que gostaria de conversar com ele.

Com uma mão no batente da porta e a outra, na própria porta, o estranho não permitia que ela entrasse, mas o sorriso dele se alargou ainda mais, o que levou CeeCee a imaginar como deveriam ser as reuniões em família, se aqueles dois fossem a amostra de como os homens da família eram.

Ele estendeu a mão para cumprimentá-la.

— Olá, eu sou Vern.

— Eu sou... — ela começou a falar,

apertando-lhe a mão.

— Cecelia, eu sei. Pode entrar. Siga por aquela escada ali. Vai dar no terraço da cobertura. É onde ele gosta de estar quando precisa pensar. Fiquem à vontade, eu já estava de saída.

Ele piscou para ela e saiu da suíte, fechando a porta atrás de si, deixando-a ali sozinha.

Antes que perdesse a coragem, ela caminhou calmamente pelo caminho indicado e subiu os degraus que levavam aos terraço. Ao fechar a porta que dava para a área externa, ela andou alguns passos tentando encontrá-lo, e foi quando ela o viu, parado perto da grade de contenção, com as duas mãos ali, olhando para cima. Ele não olhava para as luzes da cidade ou para o que se passava lá embaixo. Ele olhava para o firmamento.

Seus ombros pareciam mais largos naquela posição, seus cabelos claros balançavam ao vento, e

ele estava descalço, vestindo uma calça de malha que se moldava à perfeição ao traseiro e a blusa social de mangas curtas balançava parecendo estar aberta.

Ela se aproximou mais alguns passos, ainda longe o suficiente, e fez um barulho limpando a garganta.

— Vern, eu já disse que não estou interessado em sair para caçar fêmeas. Vá e me deixe sozinho aqui.

— Não sei se fico feliz por você não querer "caçar fêmeas" ou triste por deixá-lo a sós.

Vince virou-se ao som da voz dela e um sorriso incrédulo iluminou a sua face.

Nenhum dos dois se mexeu. Ficaram ali, parados, se olhando, analisando qual seria o próximo passo, e quem o daria.

CeeCee apertava uma mão na outra e, ao mesmo tempo, dava graças por ter ido, se aquele

sorriso indicava a real felicidade dele em vê-la.

— Você veio. — ele murmurou.

— Seu irmão me deixou entrar. Espero que não se incomode. Eu... estava sozinha... em meu quarto... — ela começou a se aproximar dele e, ao mesmo tempo, ele também deu alguns passos à frente, mas eles pareciam estar andando em círculos, se aproximando um do outro aos poucos — e vi essa noite tão linda e pensei: *por que não observar o céu de um ponto mais privilegiado?*

— Então, você só me procurou por causa de meu terraço? — ele perguntou, entrando no pretexto dela, e se aproximando.

Ela deu de ombros.

— Que mal pode haver? — mais um passo — O terraço existe e seria muito egoísmo seu querer esse céu só para você.

— Muito egoísmo, de fato — ele sorriu — E enquanto eu estava aqui, observando esse céu tão

estrelado, pensava que nenhuma delas se compara ao que vejo agora na minha frente.

CeeCee parou de andar e respirou fundo, seu peito subindo e descendo audivelmente, sem saber se havia ouvido certo. Ele a tinha elogiado como mais bonita que as estrelas?

— Seria blasfêmia me comparar a um céu como esse.

— Blasfêmia? Você quer saber o que é blasfêmia? É uma mulher como você achar que não merece ser cortejada, levada para jantar e paparicada — ele deu um passo em direção a ela — Blasfêmia é você se sentir sozinha numa noite como esta quando todos à sua volta deveriam implorar por sua companhia — mais um passo — Blasfêmia — ele chegou perto dela e segurou seu rosto com as duas mãos — é você estar tão perto e eu não aproveitar o momento para provar-lhe os lábios.

— Está esperando o quê? Se esperava o cavalo passar galopando, saiba que ele... — e suas palavras foram silenciadas pela força dos lábios dele sobre os dela.

Um beijo abrasador, vindo de um homem confiante em saber como fazer. Mas com uma doçura que mostrava a ela o valor que ele lhe dava. Ele tomava, mas dava em troca; ele a consumia, mas ofertava ele próprio inexoravelmente.

Após saborear os lábios dela, Vince deu-lhe uma leve mordida no lábio inferior, aquele lábio que ele sonhava em morder desde a primeira vez que a viu, o que a fez abri-los para ele e passar a saborear a sua língua. Numa dança sensual, seus sabores se conectaram, e se completaram, e se reconheceram. Ali, naquele momento, Vince tinha certeza de que aquela mulher humana era a sua metade, sua companheira, e ele moveria céus e terras para tê-la com ele para sempre.

CeeCee foi a primeira a se afastar, para tomar ar. Enquanto ela parecia afogueada e sem fôlego, ele mostrava que iria para mais uma rodada de beijos sem parar. Ele ainda segurava o rosto dela com as duas mãos, não deixando que ela se afastasse muito. Aproximou a testa de ambos, fechando os olhos e sentindo o momento.

— Que bom que você veio. Eu já estava enlouquecendo, me perguntando como poderia convencê-la a me ver amanhã.

— Já tinha algum plano? — ela perguntou brincando.

— Acampar à sua porta e pedir perdão até que você tivesse pena de mim.

Ela gargalhou. — Daphne iria tripudiar de você até não acabar mais.

— Daphne, não você. Consegue ver o quanto é maravilhosa? Você jamais brincaria com os sentimentos de outra pessoa, mesmo que fosse

para tirar vantagem.

— Oh, não se engane — ela levou os braços ao redor do pescoço dele — Eu pretendo tirar *toda* vantagem de você.

Ele abriu os braços. — Estou à sua disposição. — o que a levou a sorrir.

— Que tal cumprir a promessa de ontem, e me oferecer um jantar romântico, uma música, uma paparicação?

Ele segurou uma das mãos dela e começou a direcioná-la à porta de saída.

— O que você quiser. Onde deseja ir? Podemos ir a qualquer restaurante do hotel, ou de outro? Gostaria de jantar no *Bellagio*? Ver a fonte musical...

— Hoje não — ela falou fazendo-o parar, e se aproximando dele, levando a mão livre ao peito, através da camisa que de fato estava aberta — Hoje eu quero estar aqui — ela o abraçou,

encostando o rosto em seu peito sem pelos — Só aqui.

Ele a abraçou de volta e se sentiu, como há muito tempo não se sentia, invencível.

Capítulo 7

Deitado na espreguiçadeira acolchoada, Vince tinha CeeCee acomodada de costas sobre ele, entre suas pernas, onde ambos olhavam para o céu estrelado, enquanto um aparelho de som fazia a trilha musical.

Ter os braços em volta dela, enquanto ela acariciava-o, poder sentir o cheiro dela tão próximo, parecia um sonho. Em tantos anos de sua existência, em tantas viagens exploratórias já feitas, era a primeira vez que ele se sentia num lugar mágico, porque ele sabia que não era o local, mas um estado de espírito.

A conversa era mais uma vez sobre amenidades, mas falar com ela sobre qualquer assunto era tão estimulante quanto suas conversas

acadêmico-científicas com os mestres de onde ele vinha.

— Um céu tão bonito, mas nenhuma estrela cadente — ela suspirou, com um sorriso nos lábios. O sorriso que ela ostentava ao longo daquelas horas que estavam ali juntos, sem pressa de se despedirem.

— E para que precisa de uma?

— Para fazer um pedido, é claro.

— É mesmo? — ele riu diante do absurdo — E o que pediria a ela?

— O pedido tem de ser silencioso, senão não se realiza, você sabe disso. Mas hipoteticamente falando...

— Hipoteticamente, é claro — ele debochou.

—... acho que pediria para fazer uma viagem intergaláctica.

Ele se surpreendeu, e era bom ela estar de

costas para ele e não poder ver a surpresa estampada em seu rosto. Seria possível isso? Estaria ela dando-lhe a possibilidade de revelar o que ele temia? Haveria uma possibilidade de futuro para eles?

— O quê? Nada de pedir a cura para o câncer ou a paz mundial?

— Soei como uma egoísta, né? — ela suspirou, dessa vez com vergonha — Mas é que tenho algumas ideias sobre isso, mas não gosto de declará-las em voz alta. Sei que vai soar patético e criar uma discussão desnecessária.

— O que quer dizer? Diga-me suas opiniões.

Ela se ajeitou no colo dele, ficando de lado para poder encará-lo.

— Promete que não vai rir?

Ele segurou um riso. — Não posso prometer nada, mas posso tentar.

Ela mordeu o lábio, pensativa, e decidiu arriscar.

— No fundo, eu acho que já existe a cura do câncer, mas a doença é muito mais lucrativa do que curar as pessoas. A paz mundial é algo que seria maravilhoso, mas não acho o ser humano preparado para isso. As pessoas *gostam* de duelar, seja lá por qual assunto for. Há uma predisposição em ser do contra, em torcer pelo mal para que possa dizer ao outro “eu te disse”. Por isso, desperdiçar meu pedido com esses assuntos seria bobagem.

— E por que pedir a viagem intergaláctica? Por que não alguma outra coisa?

Ela voltou a se aconchegar nele, deitando em seu peito, olhando para o céu.

— Você às vezes não sente que não estamos sós no universo? Seria um pena, o universo do tamanho que é, pelo menos do tamanho que eu acho que seja, e só existir a Terra habitada. Imagine

quantas vidas inteligentes devem existir; vidas com formas diferentes, corpos diferentes. A possibilidade de viajar no tempo e no espaço; o conhecimento científico e médico.

— E por que acha que os seres de outros planetas são mais avançados? Eles podem estar no mesmo patamar tecnológico que os humanos e, por isso, ainda não conseguiram ir muito longe. O ser humano ainda não conseguiu passar da lua em viagem tripulada. — ele questionou e beijou o alto da cabeça dela.

— E nem esta ele conhece toda, não é? Tem o famoso “lado negro”. — mais um suspiro pensativo — Pode soar loucura, mas acho que já houve contato.

— O quê? Está dizendo que acredita nessas histórias de humanos que viram não-humanos por aqui? — ele tentou fazer graça, mas o seu coração parecia querer saltar de seu peito. A

cada nova informação que ela dava, mais ele se alegrava diante da possibilidade.

— Você quer dizer aliens? Humm... Tem muita coisa inventada, na certa, mas nem todas.

— E eles teriam formas diferentes?

— Aham. É muita presunção nossa achar que todos os aliens se parecem conosco, como se fôssemos o padrão de beleza do universo.

— Então — ele a fez se virar para ele novamente, e sorriu —, você daria atenção a um não-humano com duas cabeças, mas não para um cara como eu?

Isso a fez gargalhar.

— Se os "não-humanos" fossem como você, eu seria a primeira a me voluntariar para explorar novos mundos — e o beijou de leve. Mas Vince aproveitou a chance para voltar a beijá-la mais fundo, suas mãos acariciando o corpo dela tão macio sobre ele. A cada beijo ela estava mais solta,

mais confiante.

O sangue dele estava para lá de fervendo. Seu desejo era rasgar-lhe as roupas e possuí-la ali mesmo, a céu aberto, com a bênção do universo, mas ele sabia que ela era virgem, inexperiente, e merecia que sua primeira vez fosse num ambiente propício para que ela se sentisse confortável e desejada, e não tomada em qualquer lugar como uma fêmea não apreciada.

CeeCee sentiu-se derreter. Era isso possível? Estavam há horas nos braços um do outro e a vontade era de nunca sair dali.

Vince era carinhoso, atencioso. Durante o jantar que pediram no quarto e comeram na mesa arrumada no terraço, a conexão deles era de um casal junto há tanto tempo, mas que não havia perdido a magia.

Era isso. Tudo era mágico ali. A começar

pelo interesse dele nela. Ela queria se beliscar para ter certeza de que não estava sonhando. Beijá-lo era surreal, era melhor do que em sua imaginação, mas, além disso, a atenção que ele lhe dava, mesmo nos assuntos mais triviais, roubava-lhe o fôlego.

Ao irem à espreguiçadeira olhar as estrelas de forma mais confortável, os momentos de silêncio não eram estranhos, mas bem-vindos. Mesmo na ausência de som, eles se comunicavam. Seria isso o que os esotéricos chamavam de alma gêmea?

Ela não se enganava sobre a vasta experiência dele. Ainda não havia lhe perguntado a idade, mas sabia que ele deveria ter mais de trinta anos, o que lhe dava uma vantagem nos caminhos de um relacionamento. Entretanto, de todos os assuntos que já haviam conversado, nenhum deles mencionou qualquer coisa sobre ter alguém na vida. Bem, ela já havia dado uma ou outra dica, ao

contar as histórias patéticas da época de colégio, mas ele... Nada.

Não havia aliança – o que era uma bobagem, pois, muitos homens casados tiravam a aliança quando queriam sair para a farra e...

Para, CeeCee, só para. Ele não é casado, é só um homem mais velho, lindo, que finalmente se interessou por você. Viva o momento, pelamordedeus!

Ele afastou o rosto do dela e a olhou bem nos olhos.

— O que essa cabecinha está maquinando agora?

Minha nossa, será que ela conseguia ser mais transparente?

Ela negou com a cabeça, quando uma música que ela adorava começou a tocar no aparelho. Imediatamente ela se levantou e começou a puxá-lo pelas mãos.

— Você me deu o jantar e a paparicação, faltou a dança. Espero que se mostre competente nisso também, senhor.

Ele sorriu, deixando-se levantar por ela e a segurando, um braço em volta de sua cintura, permitindo que seus corpos se tocassem da maneira *quase* perfeita – quase porque ele a queria nua sob ou sobre ele – e a outra mão na mão dela. Devagar, ao som da canção, olhando-se nos olhos felizes, eles assumiam a maravilha que era estar com o outro *do jeito que estavam aquela noite.*

CeeCee sempre amou aquela canção, da década de 1936, e agora, sua letra ganharia um novo significado, nos braços dele. Quando o cantor mencionou sobre as bochechas da parceira, Vince encostou seu rosto no dela alisando-o, e com os lábios próximos a orelha, cantarolou o trecho, fazendo-a abrir mais o sorriso, e lágrimas inundar seus olhos.

O momento. Ela viveria esse momento e deixaria para pensar no futuro sem ele mais adiante. Ela ainda tinha dois dias com ele, até chegar o dia em que voltaria a San Francisco, e ele iria seja lá de onde tivesse vindo.

Ela levou os dois braços em torno dele, e encostou o rosto em seu peito. Ali era o melhor lugar do mundo.

Dançaram outras músicas suaves até que CeeCee sentiu-se flutuar.

Vince percebeu o momento em que ela relaxou a mais e ao olhar para o rosto dela, ainda que mostrasse um leve sorriso nos lábios, havia dormido nos braços dele enquanto dançava. Lentamente, ele a ergueu em seus braços; imediatamente, de forma automática, ela ajeitou a cabeça no ombro dele. Sem deixar de ostentar um

sorriso possessivo, Vince a carregou para baixo. O certo seria levá-la para o próprio apartamento, mas ir até lá acabaria por despertá-la com o barulho do elevador, e ele não conseguiria carregá-la e abrir a porta do quarto. E, no fundo, ele gostava da ideia de tê-la dormindo em sua cama, de acordar e ser a primeira visão dela no dia. Definitivamente nutrir sentimentos por essa humana estava mudando todo o jeito de ele pensar.

Antes, quando ficava sabendo que um conhecido havia firmado compromisso com uma fêmea, a ideia de estar preso a uma única fêmea para o resto da vida não lhe caía bem. Ele poderia não ser tão paquerador quanto Vern, mas Vince teve sua parcela de fêmeas na cama, ou em qualquer local aprazível. Mas com Cecelia, o pensamento era mais profundo. Era uma necessidade visceral estar perto dela e saber que ele era a razão de ela sorrir.

Vince não era desconhecido a casais que se amavam. Seus próprios pais nutriam sentimentos verdadeiros um pelo outro, mas a forma que demonstravam, que racionalizavam sobre isso, não chegava aos pés de como Vince se sentia. Racionalizar? Esse sentimento não era nem perto para se racionalizar. Era algo cru, quente, forte e, com sorte, recíproco.

Com jeito, ele a levou para sua suíte e a colocou sobre a cama *king size*, tirando-lhe as sapatilhas e ajeitando a coberta sobre ela. Sua vontade era de se deitar ao lado, tomá-la nos braços e assim ficar, velando o seu sono, mas ele sabia que não conseguiria se aguentar por muito tempo diante da tentação de reivindicá-la como sua para todo o sempre. Ela só tinha dezoito anos. Há muitas eras ele havia passado dessa fase; ele poderia esperar por mais um pouco.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 8

Vince acordou com a claridade batendo em seu rosto e ao abrir os olhos, deitado no sofá grande e confortável – mas nem perto de ser tão confortável quanto se estivesse agarrado a Cecelia em sua cama – se deparou com Vern, vestido apenas de short, com as mãos nos quadris – no pulso, o mesmo relógio que Vince carregava – e um sorriso sacana no rosto.

— É sério isso?

Vince jogou as pernas para baixo e se sentou, esfregando as duas mãos no rosto.

— Bom dia para você também. — resmungou.

— Não está parecendo tão bom assim para você... Por que não está lá dentro com aquela

belezinha?

— O que você acha? Me conhece há bastante tempo para saber que eu jamais desperdiçaria a oportunidade de estar entre as pernas de uma fêmea.

— Então?

— Ela só tem dezoito anos, Vern. Até para os padrões deles, ela é nova demais.

— Não acredito que estou ouvindo isso de um dos maiores antropólogos da galáxia! Você sabe muito bem que garotas mais novas do que ela já fazem sexo e são mães, por que todo esse cuidado?

— Porque ela... é especial. — Vince abriu os braços como se o gesto por si só explicasse tudo.

Vern cruzou os braços e ficou sério.

— Até para os padrões deles?

Vince assentiu.

— Lembra que você estranhou o fato de eu

insistir que ficássemos neste hotel? — o outro confirmou com a cabeça — Era ela. Mas ela não sabe do dom que tem.

— Como assim não sabe?

— Dá para perceber pelo papo. Nem todos eles mantêm-se conectados com esse lado, acham que é misticismo. Ela não faz ideia de que é uma *empata*, e das fortes. Precisa de treinamento. Do jeito que está, ela absorve o que está à sua volta e logo se sente cansada. Por não saber usar, desde pequena fechou-se para o mundo.

— E por que ela o atraiu?

Vince se levantou do sofá e espreguiçou-se, alongando os músculos depois de uma noite mal-dormida, com as "bolas azuis".

— Não posso precisar o motivo. Provavelmente estava pensando em algo com muito afinco e como nós passávamos pelo local, acabei captando a sua necessidade. Ontem tivemos uma

conversa interessante. Tudo leva a crer que ela acredita em não-humanos.

Vern abriu os olhos entre espantado e animado pelo amigo.

— Isso é ótimo, quando pretende contar a ela?

— Ainda não. Preciso ter mais informações. Não posso chegar para ela e despejar essa verdade. Além do mais, temos ordens de não revelar nada antes do prazo estipulado.

— Essa regra não se aplica a companheiros.

— Mas ela não é oficialmente minha companheira, é? — ele respondeu um pouco irritado.

Vern levantou as mãos em rendição.

— Ok, não está mais aqui quem falou. Só acho bom que você resolva logo a sua vida sexual antes que esse mau humor faça-o arrancar a cabeça

de alguém, e eu não gostaria que fosse uma das minhas.

A campanhia tocou, os dois olharam para a porta.

— Deve ser o serviço de quarto. Pedi o café da manhã para vocês. Como não sabia do que ela gosta, pedi um pouco de tudo — Vern se encaminhava à porta enquanto falava.

Vince riu se lembrando de vê-la comer bastante no outro dia no restaurante.

— Não se preocupe, ela come quase tudo que oferecem.

O garçom deixou o carrinho com um café da manhã completo no meio da sala. Vern agradeceu, ofereceu a gorjeta e fechou a porta. Vince empurrou o carrinho em direção à suíte dele.

— Obrigado. Ah! — ele parou, olhando de cima a baixo para o amigo que se encaminhava para o próprio quarto. — Pode me fazer um favor

de não andar por aí exibindo seu físico?

Vern gargalhou jogando a cabeça para trás.

— Ciúmes já, meu amigo? Acha que ela poderia cair em si e notar que escolheu o V'Kos errado? — ele zombou de Vince, passando a mão pelo peitoral.

— Nahhh. Só não quero assustá-la já de manhã — respondeu entrando na brincadeira.

Abriu a porta silenciosamente e entrou, levando o carrinho para perto da cama.

CeeCee ainda dormia profundamente, deitada de lado, com o rosto quase todo enfiado no travesseiro. Sorrindo, Vince colocou na xícara o café preto com açúcar, do jeito que ele a viu preparar, e levou a louça até perto do nariz dela.

— Acorde, Bela Adormecida. Tem um café especial te esperando — ele sussurrou.

CeeCee mudou de posição resmungando algo, deitou de costas, respirando fundo e

levantando os braços para trás para se espreguiçar. Abriu os olhos e se viu cara a cara com Vince.

Deu um grito e se escondeu debaixo da coberta. Só ouviu-o colocando a xícara sobre um aparador, rindo, tentando puxar a coberta dela.

— Qual é o problema, linda?

— Linda? Você precisa de óculos? É isso, você usa lentes de contato, por isso tem esses olhos tão prateados.

— Você gosta dos meus olhos? — a voz dele expressava mais satisfação ainda pelo elogio inesperado.

— Você sabe que sim! E diferente de você que levantou há horas e parece pronto para ser a capa do *GQ Magazine*, eu estou medonha.

— Cecelia — ele falou numa voz baixa e grave, o que fez os ovários dela quererem explodir — Você não está medonha. Me deixe ver esse rosto que eu adoro.

Devagar, ela deixou que ele baixasse a coberta do rosto dela, e se viu bem perto do rosto dele.

— Olá — ele disse sorrindo.

— Olá.

— Que tal um beijo de bom dia?

— Que tal você me deixar tomar um gole de café para tirar o bafo do sono?

— Prefiro o seu sabor ao do café.

— É algum fetiche?

Ele gargalhou.

— Não, linda, é felicidade por vê-la em minha cama.

Ela torceu a boca de um lado ao outro, pensando. Então, chamou-o para se aproximar, com o indicador. Prontamente, ele se abaixou um pouco mais e deu um selinho nela. Sorrindo animada, ela se sentou, ajeitando-se nos travesseiros e ele passou para ela a xícara.

Ela tomou o primeiro gole e fez um som de contentamento, o que para ele foi um novo pesadelo. O som teve caminho certeiro às bolas.

— Fiz direito? — sorriu satisfeito.

— Perfeito. O que temos aí para comer? — levou a atenção ao carrinho ao lado.

Vince se levantou e começou a levantar as tampas das baixelas.

— Acho que temos de tudo. Ovos mexidos, panquecas com três tipos de xarope, frutas e pães.

— Você pediu outro carrinho para você? — ela perguntou fazendo uma cara séria; ele a olhou e caíram na risada juntos.

— Venha, moça. Vamos comer à mesa. — ele a puxou pela mão que não segurava a xícara e deu-lhe um tapinha na bunda, levando-a até uma mesa, com duas cadeiras.

***

O mais silenciosamente possível, CeeCee abriu e fechou a porta do quarto que dividia com Daphne. A amiga ainda dormia. Pegou a bolsa de viagem, planejando levá-la para o banheiro, onde escolheria a roupa, tomaria um banho e iria se encontrar com Vince para fazerem turismo pela cidade.

— CeeCee? — a voz grogue de Daphne a alcançou quando chegava à porta do banheiro.

— Oi. Bom dia. Te acordei? — ela deixou a bolsa no chão, se encaminhou até a cama e sentou.

— Não... Já está mesmo na hora de eu levantar. — ela sentou-se, bocejando e olhou para a amiga, que parecia radiante. — Como foi o encontro com o Sr. Perfeição?

— Oh, Daph — ela não conseguia disfarçar o sorriso —, ele é mesmo perfeito. A noite

foi um encanto. Jantamos no terraço da cobertura... Sabia que eles têm um terraço particular? Depois, ficamos deitados na espreguiçadeira conversando sobre tudo e nada ao mesmo tempo. E dançamos! Aaahhhhh... Ele cantou no meu ouvido... Ele é um sonho... — ela falou atropelada com animação contagiante, levando Daphne a rir ao vê-la com aqueles olhos sonhadores.

— Ele é bom de cama?

CeeCee sentou melhor na cama, notadamente sem jeito.

— Como vou saber?

— Eu sei que você não tem parâmetros para comparar, mas uma mulher sabe se o cara entende do babado ou não.

CeeCee a olhou com os olhos arregalados.

— Não vai me dizer que... CeeCee! Você continua virgem?

Ela levou as mãos à cintura. — E qual o

problema disso? — levantou-se pretendendo ir para o banheiro, mas Daphne a segurou pelo braço e a puxou de volta à cama. — Ele foi um perfeito cavalheiro.

— Ou ele pode ser impotente.

— Não seja ridícula! Foi a segunda vez que nos encontramos, não precisávamos transar já.

— Ok — ela jogou o cabelo para trás — Vamos trabalhar em cima da hipótese de que ele seja um cavalheiro...

— Não é hipótese! — falou na defensiva.

— Ele agiu de alguma maneira que mostrou que estaria aberto a esse tipo de coisa?

CeeCee fechou os olhos lembrando-se de quando estavam sentados na espreguiçadeira, ela de encontro ao peito dele, e teve certeza de sentir certa parte da anatomia dele um pouco “animada” demais.

— Pela sua cara já sei que sim... Vamos,

desembucha.

— Você é exasperante.

— Também te amo, não mude de assunto.

— Numa hora lá em que estávamos sentados juntos, eu o senti... excitado.

— Hummm... Isso é bom, isso é muito bom. Mas ele fez algo a mais, tipo, direcionar sua mão ao pau dele ou descer o beijo para alcançar seus seios...?

CeeCee ficou vermelha e escondeu o rosto com as mãos.

— Meu Deus! Nem tudo é sexo, sabia?

— Se você diz... — Daph deu de ombro.

CeeCee se levantou e andou até a porta do banheiro, mas lembrando-se de algo, voltou.

— Para sua informação, a noite foi perfeita. Ele me respeitou, me fez sentir querida. Ele até me elogiou de manhã apesar de eu estar com a cara amassada, sabe o que é isso? Não, não

sabe, porque você acorda linda mesmo quando tem uma espinha estourada na cara. Eu não me importo se demorarmos para transar; é até bom porque ele não vai se desapontar e me dar o fora mais rápido. — Depois do rompante, foi para o banheiro e bateu a porta.

Chateada por ter acionado algum gatilho das inseguranças de CeeCee, Daphne foi ao banheiro e entrou sem bater na porta. CeeCee estava parada em frente ao espelho, com as mãos escoradas na bancada da pia.

— Desculpe, Cee, não quis te chatear.

— Não chateou... — respondeu num sussurro.

— Chateei sim. Não estou forçando a barra para você deixar de ser virgem. Eu só quero que você seja feliz.

— Eu *estou* feliz. Daph, eu sei que isso não vai dar em nada; é só um romance de verão;

três meses vividos em cinco dias, mas eu gosto dele, gosto de estar com ele, e enquanto eu puder fazer isso durar, está ótimo.

— E depois?

— Depois é vida que segue; cada um para o seu lado e terei boas recordações para os momentos de solidão.

— Isso não é justo — Daphne balbuciou sentindo as lágrimas surgirem.

CeeCee deu um sorriso sem alegria, também com lágrimas escorrendo. — E quem disse que a vida é justa?

— Vem cá e me dá um abraço, sua chata.

Rindo e chorando, as duas se abraçaram. Ao se separarem, riram mais alto vendo seus rostos manchados.

— Onde está aquela caixa de lenços de papel quando precisamos dela? — CeeCee falou rindo, secando as lágrimas com as costas da mão.

Ouviram o barulho de algo caindo no chão no quarto. As duas saíram do banheiro, olhando em volta, e Daphne encontrou a caixa falada, caída.

— Que estranho. Eu jurava que essa caixa não estava aqui...

— Eu vou tomar um banho rápido. — CeeCee voltou ao banheiro e começou a se despir — Vamos passear pela cidade e, mais tarde, vamos fazer o que todos fazem em Vegas.

Daphne arregalou os olhos e entrou no banheiro vendo a amiga ligar o chuveiro.

— Vocês vão se casar?!

— Ahn? O quê? Não! Vamos num cassino, sua louca. Quem vem a Vegas e não aposta pelo menos uma vez?

Daphne levou a mão que segurava a caixa ao peito. — Não me mate de susto. Ainda sou muito nova.

CeeCee entrou de cabeça sob a água. O dia

PERIGOSAS NACIONAIS

prometia.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 9

Algum tempo depois, CeeCee e Vince encontraram-se no *lobby* do hotel.

Ao sair do elevador e encontrá-lo parado, mexendo em alguma coisa em seu relógio de pulso, o coração dela retumbou no peito como uma banda em desfile, e foi nesse instante que ele levantou a cabeça e sorriu ao vê-la, o que pareceu uma ideia meio maluca, ele saber exatamente quando ela se aproximava, quase como uma simbiose.

Ele estava de calça jeans, uma camisa de manga curta verde e tênis, e não se dava conta do qual ridiculamente lindo era e chamava a atenção das mulheres que passavam.

CeeCee se aproximou dele, vestida numa calça cargo marrom clara, tênis de cano alto e uma

camisa de manga japonesa curta. Os cabelos foram presos num rabo de cavalo. Ela estava se sentindo num estilo *Lara Croft*. Ao aproximar-se, ele a beijou.

— Preparada para um pouco de aventura?

— O que vamos fazer?

— Como não temos muito tempo, pensei em aproveitarmos algumas atrações da cidade. Poderíamos alugar um carro, mas acho que indo a pé podemos decidir o que fazer à medida que a atração for surgindo à nossa frente, tudo bem?

— Vesti-me à caráter — ela sorriu confiante, e sentiu-se esquentar quando o viu olhando-a de cima a baixo, e logo abraçou-a pela cintura, puxando-a para sair.

— Vamos antes que eu decida mudar de ideia, jogá-la em meu ombro e levá-la de volta ao quarto.

Nas horas seguintes, o não planejamento

tornou-se o maior aliado deles.

Divertiram-se com as atrações diurnas oferecidas pelos vários hoteis-cassinos das principais ruas da cidade. Passearam de gôndola veneziana; foram na montanha-russa nova-iorquina e sentiram-se em Paris aos pés da *Torre Eiffel*. Quando a fome bateu, saborearam uma deliciosa refeição num *food truck*. Como o calor naquela época do ano era inclemente, e com o grande número de visitantes por ser mês de férias e fim de semana, optaram por algumas atrações *indoor*, como os museus de *Madame Tussauds* e do Crime Organizado. Mais tarde, Vince levou-a de volta ao hotel para que se trocassem e uma limusine levou-os até um outro hotel para assistirem o show do *Cirque Du Soleil*, o que a deixou completamente encantada... enquanto ele se encantava em vê-la brilhar de tanta felicidade.

Não fugiu a atenção de Vince que ao sentir-se mais relaxada – e feliz –, Cecelia conseguia lidar melhor com seu dom. Ao estarem tão próximos de um número maior de pessoas, ela conseguia fazer comentários pertinentes sobre uma ou outra pessoa, mostrando um alto grau de percepção de como aquele desconhecido se sentia, sem deixar-se afetar pela grande carga emocional. Vince não era *expert* nesse dom, nem se sentia capacitado a ajudá-la, mas ele conhecia quem o poderia fazer... tão logo ele tivesse acesso de dizer a ela quem ele realmente era, o que fazia ali e como ela poderia ser ajudada.

Após o show, eles foram jantar no alto da torre parisiense, onde não só degustaram de uma autêntica comida francesa, como tiveram a belíssima vista das fontes dançantes do *Bellagio*.

— Delicioso! — ela se sentiu satisfeita ao

largar a colher de sobremesa sobre o prato e se sentar recostada na cadeira.

Vince sorriu com a cena.

— Ainda estou tentando entender como uma mulher tão pequena consegue comer tanto. Para onde vai toda essa comida?

— Ei! Não sou tão pequena assim.

— Perto de mim, você é.

— Qualquer um perto de você é pequeno. Qual a sua altura? Dois metros?

— Algo assim. — ele sorriu.

— Seu irmão também é bem alto.

— Da mesma altura.

— É um lance de família? Todos são altos assim?

— Mais ou menos... Nunca prestei muita atenção nisso. — ele desviou o olhar, tomando um pouco da água na taça. Uma coisa que CeeCee reparou: ele não tomava álcool e não comia carne.

— Você não é de falar de casa, da família ou amigos. Só sei que veio para cá a trabalho, com seu irmão. De onde você é? Como é a sua família? Deixou alguém para trás?...

Um sinal amarelo acionou dentro de Vince. Ele queria se abrir com ela, contar tudo sobre si; por onde esteve; o seu real trabalho, mas na condição dela, ou melhor, na falta de condição dela em relação a ele, ele estava de pés e mãos atados.

— Sinto que alguém está tentando pescar certas informações — ele desviou o assunto — O que quer realmente saber, Cecelia? Se sou casado? Ou se deixei uma noiva de onde eu vim?

— Deixou? — pela primeira vez ela tomou coragem de perguntar diretamente.

Ele alcançou a mão dela que estava sobre a mesa e acariciou seus dedos.

— Não, nunca houve ninguém sério. Não

vou ofender sua inteligência dizendo que nunca tive ninguém. Houve várias — ela arregalou os olhos —, mas nunca ao mesmo tempo, e nenhuma a sério. Até agora.

Ele sentiu-a soltar o ar aliviada, e retribuir o carinho na mão.

— Não vou negar, é um alívio ouvir isso.

— E por que achou que não seria assim?

— A verdade? — ele assentiu — Caras como você não dão sopa por aí. Geralmente são casados; quando solteiros, não querem compromisso, por que se contentar em ter uma só quando podem ter várias?; ou são gays. Você é bonito, interessante, inteligente, bem-humorado, cavalheiro, tem uma profissão que lhe garante uma boa vida, haja vista a cobertura onde está hospedado e por tudo que fizemos hoje. Isso não é... normal.

— Então, o normal seria eu estar

escondendo o jogo de alguma forma, sendo casado ou gay, e brincando com os seus sentimentos?

— Por aí — ela sorriu diante do absurdo que era a verdade.

— Vocês têm um jeito estranho de viver.

— Vocês? — ela não compreendeu o comentário dele.

— Deixa para lá. — ele balbuciou e mudou de assunto — De nossa lista de tarefas hoje, só faltou um item.

— O cassino — ela disse animada.

— O cassino. Vamos? — ele fez um sinal pedindo a conta ao garçom.

A limusine os levou de volta para o hotel em que estavam hospedados e foram direto para o cassino.

Antes de chegarem à porta, de braços

dados, CeeCee fez Vince parar.

— O que houve? — perguntou sem entender por que ela hesitava.

— Não tenho vinte e um anos — ela sussurrou.

— Mas o cassino permite a entrada de menores de vinte e um acompanhados.

— Sim, mas não para jogar todo tipo de jogos. Há atividades específicas para os de menor idade.

Ele sorriu e piscou para ela.

— Não se preocupe, querida. Você não aparenta ter apenas dezoito com essa roupa, e se alguém se meter com você, deixe comigo — e confiante, ele a levou para dentro do local.

Ao entrarem naquele mundo, num misto de barulho com sofisticação, a ansiedade de CeeCee parecia a de uma criança vendo um desfile de carros alegóricos no natal, o que fez Vince dar

um sorriso. Era um sentimento libertador lidar com ela, por sua simplicidade e alegria, especialmente depois que ela abaixava suas barreiras internas de desconfiança com a pessoa.

— Meus Deus, é tudo tão grande e brilhante e barulhento — ela falou quase que para si mesma, os olhos muito abertos observando tudo.

— Posso ver que é sua primeira vez...

— Aham.

— E onde gostaria de começar?

Ela olhou para ele surpresa.

— Vamos no mais seguro, os caça-níqueis.

— Mais seguros? Sabe que a probabilidade de se ganhar algo neles é bem pequena, não?

— Oh, não digo que são mais seguros para se ganhar; eles são mais seguros para mim que tem pouco dinheiro — ela foi andando em direção à ala dos caça-níqueis, e deixou Vince boquiaberto, indo

atrás dela.

Ela já havia notado, pelo dia que tiveram e os gastos, todos pagos por ele, que ele não era um homem pobre. Na verdade, de onde ele vinha, o dinheiro já não tinha importância há muito tempo, mas ele sabia que ali tudo ainda era regido por uma conta bancária. Ainda assim, ela não queria tirar vantagem dele, como outras já o haviam feito.

Parando em frente a uma das máquinas, ela ficou olhando de um lado ao outro, na longa fileira de tipos diferentes.

— Pronta?

— Qual delas devo escolher?

— Que tal aquela ali? — ele apontou para o modelo *Progressive Jackpot.*

— Ok — ela se encaminhou até a máquina, onde tinha uma cadeira acoplada. Antes que CeeCee pudesse se sentar, Vince teve a ideia de tentar algo e, quem sabe, provar uma teoria que

vinha lhe passando pela cabeça.

Ele segurou-a pelo pulso fazendo-a se virar para ele. Então, tomou o rosto dela com as duas mãos.

— Quero que preste atenção, imagine que você e a máquina são uma só, e que ela fará o que você desejar.

— Está tentando me convencer que posso vencer? — ela sorriu em deboche.

— Mais ou menos isso, mas só se você realmente acreditar.

Ela o olhou bem fundo nos olhos, e apesar de ele estar sorrindo para ela, não parecia estar brincando quanto a capacidade dela de ganhar.

— Ok. O que preciso fazer?

— Feche os olhos e respire fundo — ela fazia exatamente conforme ele falava — Imagine-se sentada nessa cadeira, apertando o botão, e na tela, os desenhos começam a correr livremente.

Você quer que os iguais parem na mesma fileira na horizontal ou vertical. Imagine-se vencendo e comemorando e a alegria que isso vai te trazer — nessa hora, ela deu um sorrisinho — Está pronta?

Ela abriu os olhos surpresa.

— É só isso? Imaginar, desejar e ganhar?

— Basicamente. Você consegue? — ele levantou uma das sobrancelhas, em desafio.

Unindo as mãos e estalando os dedos, pronta para o desafio, CeeCee sentou e colocou a moeda no lugar correspondente, e apertou o botão para começar. Tão logo ela o apertou, ele se abaixou à altura do ouvido dela.

— Lembre-se de se imaginar conseguindo. Veja os números e desenhos à sua frente.

Nos cinco a seis minutos que se seguiram, Vince não conseguia acreditar no que via. CeeCee era muito mais especial do que ele havia previsto.

Numa sucessão de mudanças de números,

símbolos e desenhos, a máquina apitava os ganhos dela. Começando com 200 dólares, foi para 360, e depois, para 1200. A partir daí, a premiação começou a dar saltos maiores, como para 3500, e 15000 e, por fim, 18500. CeeCee pulava o tempo todo não acreditando na sua sorte de principiante, mas Vince sabia que era um pouco mais do que isso.

— Você viu? — ela o abraçou toda feliz, em comemoração — Eu fiz o que você falou e deu certo!

— Eu disse que daria — ele sorriu abertamente — E agora?

Mais uma vez ela deu uma olhada em volta, e um olhar safado perpassou por ela.

— Estou me sentindo ousada... Que tal irmos nos dados?

— Sério? Conhece as regras?

Ela gargalhou.

— Claro... que não, é por isso que vai ser divertido. Prometo não apostar tudo que ganhei. Vamos lá. — ela foi na frente, puxando-o pela mão, toda animada.

Aproximaram-se da mesa de apostas e, confiante, ela olhou para ele, que acenou para ela, e recebeu um aceno de volta. Ela colocou suas fichas na mesa, fechou os olhos rapidamente, respirando fundo e pegou os dados. Nesse momento, e durante as próximas três horas, CeeCee jogou os dados mais de 100 vezes, fazendo com que muitos outros apostadores passassem a observar o seu jogo, torcendo a cada vez que os dados davam o número desejado.

Para qualquer observador, ela jogava os dados de um jeito absolutamente normal e encantador, para uma apostadora iniciante. Ela segurava os dados com as duas mãos, assoprava dentro delas e jogava as peças, que batiam na

parede final da mesa de apostas, mostrando seus números. Mas no fundo, ele sabia que havia algo ali muito maior, e que CeeCee não fazia ideia o quão preciosa ela era.

Depois de horas em pé jogando – ela até recebeu bebidas por conta da casa – e torcer e comemorar vitória, ela deu o jogo por encerrado, e juntos foram se sentar na mesa de um dos restaurantes.

Tão logo a água foi servida, ela bebeu o líquido com avidez.

— Tudo bem?

Ela assentiu ainda com o copo nos lábios, depois, colocou a peça fazendo barulho sobre a mesa, e secou os lábios com as costas da mão.

— Nem percebi o quão sedenta eu estava. Acho que foram aquelas bebidas doces que o bar nos serviu.

Mais uma vez, ele sabia que era mais do

que isso. Esse era um dos efeitos ao se usar o dom.

— Como se sente, vencedora?

— Não foi maluco isso? Num minuto, eu nunca tinha sequer entrado num cassino, no outro, ganhei uma bolada não apenas em um tipo de jogo, mas dois! Se isso não é sorte de principiante, não sei o que é. — A adrenalina ainda falava por ela.

Vince pegou a mão dela sobre a mesa, e com a outra, tirou uma mecha de cabelo que caiu sobre os olhos dela, aproximando o rosto de ambos.

— Sortuda ou não, é a vencedora mais bonita da noite.

— Oh, Vince... O dia hoje foi perfeito e eu só tenho a te agradecer.

— Me agradecer? — perguntou duvidoso do porquê ela falava aquilo — Você estava lá comigo, foi você quem tornou esse dia mágico.

— Aaawww... tá vendo? É isso que quero dizer. Você faz com que eu me sinta especial.

— Você *é* especial, Cecelia — a voz dele, baixa e grave, vinha numa profundidade que levava CeeCee a se arrepiar.

Seus lábios estavam a uma pequena distância.

— Eu não queria que a noite acabasse.

— E quem disse que ela tem de acabar? — ela levantou as sobrancelhas e se sentindo estranhamente ousada, CeeCee tomou a iniciativa do beijo.

Os lábios molhados da bebida, mas sedentos dele, exploraram a maciez do que ele ofertava.

O sétimo céu, o paraíso, o porto seguro. Estaria ela realmente se adiantando muito ao pensar na possibilidade de Vince ser sua alma gêmea? Algo que ela há muito havia parado de pensar existir.

Seu jeito de ser, sua timidez, suas

impressões ao se aproximar de uma nova pessoa, durante toda a sua vida fizeram-na se fechar cada vez mais. Desde criança, as outras crianças já demonstravam um grau de maldade que a espantava. Inocência infantil? Anjinho? Esqueça! Crianças sabiam ser más. Na adolescência, com os hormônios em ebulição, não houve melhora. Houve sim, novos tipos de ataques. Para não sofrer *bullying*, CeeCee se anulou o máximo possível. Até conhecer Daphne e esta se tornar uma espécie de anjo vingador de CeeCee. Mas ainda assim, havia os dilemas internos, e por andar com alguém tão audacioso – e lindo – CeeCee ainda tinha problemas para se relacionar com os rapazes.

Mas lá no fundo, como toda garota, ela guardava o sonho de que havia alguém especial para ela em algum lugar. E quem diria que essa pessoa iria ser encontrada na Cidade do Pecado? E CeeCee estava prestes a dar mais um passo para

cometer o seu, e se entregar de corpo a esse homem, porque de alma, ela tinha a leve impressão de que já havia ocorrido.

Sem se dar conta como havia acontecido, CeeCee se viu sentada de lado no colo dele, suas bocas ainda coladas, explorando o doce sabor daquele encontro mágico.

Ao separarem os rostos, um sorriso vitorioso – e esperançoso – podia ser visto nos dois.

— Prevejo que alguém tem a possibilidade de se dar muito bem esta noite — ela sussurrou com os lábios juntos aos dele.

— Mesmo? Seria muita ansiedade minha se eu a convidasse a ir à minha cobertura?

— Na verdade, acho que demorou demais.

Rindo, ele a fez se levantar e com a mão na dela, os dois caminharam rápido ao elevador. Vince apertou o botão, e beijou o dorso da mão dela.

— Oh meu Deus, as fichas! — ela levou a mão à testa.

— Eu vou trocá-las para você — a porta do elevador se abriu.

— Vou dar uma passada em minha suíte e pegar algo mais confortável. Te encontro em dez minutos.

Ele beijou-a mais uma vez, ela entrou no elevador e a porta se fechou.

Olhando-se no espelho do elevador, CeeCee viu seus lábios inchados dos beijos trocados e soltou uma gargalhada. O elevador parou no quarto andar, ela saiu pegando a chave-cartão de dentro de sua bolsinha.

Ao entrar, viu o quarto às escuras. Imaginou que Daphne estivesse dormindo, e foi quando ouviu um som pela porta entreaberta do banheiro. CeeCee foi até lá e encontrou a amiga sentada ao lado da privada vomitando.

— Daph! Meu Deus! — correu para ajudar a amiga, segurando seu cabelo — O que houve?

Daphne se encostou pesadamente na parede ao lado e passou um papel higiênico sobre a boca.

— Acho que foi algo que comi com Marley. Ai, CeeCee... parece que vou morrer...

— Por que não me ligou? Eu teria vindo logo.

— E estragar seu dia com Sr. Perfeito? Nem pensar. Eu vou melhorar. — levantou trôpega. CeeCee ajudou-a segurando seu braço e se encaminharam de volta ao quarto. — Acho que o pior já passou. Já estou vomitando há quase uma hora, não tenho mais nada no estômago...

— Céus! Precisa beber algo ou vai desidratar. Deixa eu ver o que tem na geladeira.

Ela correu até o frigobar e abriu, vendo o que poderia oferecer à amiga.

— Só tem sucos e alguns refri.

— Tem *ginger ale*?

— Não, mas posso pedir à copa.

Daphne assentiu e levou a mão à boca, saindo correndo para o banheiro, e fazendo mais barulho característico.

CeeCee levou a mão à cabeça e foi ao interfone pedir o refrigerante de gengibre e alguns biscoitos de água e sal. Ela já sabia como eram os ataques de fígado de Daphne, podiam durar a noite toda.

Assim que fez o pedido à copa, respirou fundo e fez a pior ligação de sua vida.

— *Alô*.

— Vince...

— *Já está subindo? Vou pedir champanhe e morangos, gosta de morangos?*

— Adoro, é que... Desculpa — ela terminou a frase praticamente balbuciando —

Encontrei Daph quase desmaiada de tanto vomitar e... não posso deixá-la assim.

Um minuto de silêncio se passou entre eles. Para CeeCee, pareceu uma eternidade, numa oportunidade que nunca mais aconteceria. Daphne diria que seria apenas uma noite para perder o seu cartão-V, mas para CeeCee seria a realização de um sonho, nos braços de um homem que valeria a pena.

— *É claro. Sua amiga precisa de você.*

— Eu... sinto muito mesmo — ela fechou os olhos, sentindo uma pontada no peito.

— *Eu entendo, linda.*

— Podemos nos ver amanhã no café da manhã no restaurante?

— *Estarei lá. Cuide de Daphne. Um beijo.*

Ela ouviu o clique do telefone sendo desligado e, de alguma maneira, teve a impressão de que aquele barulho seria o último que ouviria

vindo dele.

Ouvindo barulhos mais fortes vindos do banheiro, CeeCee respirou fundo e, tirando os sapatos, seguiu para lá.

***

Quarenta minutos. Há exatos quarenta minutos CeeCee esperava por Vince no refeitório.

Já havia tomado café não tão rebuscado como acostumada nesses cinco dias de hotel, mas pelo menos comera uns pãezinhos de leite com geleia e tomou um café preto.

Daphne havia parado de vomitar quando o dia já estava raiando. Com isso, CeeCee cochilou por umas três horas, mas preocupada em perder seu último encontro com Vince, no horário de sempre, ela se levantou, tomou um banho para ajudar a despertar e desceu. Mas ele não havia aparecido. E, para piorar, só agora ela se lembrava que no dia

anterior, ela havia dado seu número para ele, que estranhamente não o salvou diretamente no celular, mas o decorou; só que ele não havia repassado a ela o dele.

Levantando-se da mesa e indo até um balcão do restaurante, ela pegou o telefone interno e discou para a cobertura dele. O aparelho tocou várias vezes e não houve resposta. Nem de Vince nem de, pelo menos, o irmão dele. Devagar, CeeCee colocou o fone no gancho. Era isso. A oportunidade havia passado como um cavalo encilhado, e ela a havia perdido. Ela olhou em volta tendo a impressão de que todos no salão restaurante a olhavam e apontavam. A velha sensação de não ser boa o suficiente havia retornado. Com as mãos nos bolsos traseiros da calça jeans, ela voltou ao quarto para terminar de arrumar a mala.

Uma hora depois, com a conta do hotel paga – e realmente, o valor daquele jantar que ela

fizera sozinha no restaurante brasileiro havia sido retirada de seu total – CeeCee e Daphne pegavam o carro trazido pelo manobrista.

Jogando as bolsas de viagem no bagageiro, CeeCee foi para a porta do motorista. Daphne ainda não se sentia bem para dirigir.

— Cee, se incomoda se eu for deitada no banco de trás? Ainda me sinto tão cansada...

— Tem certeza que o balanço do carro não vai fazê-la enjoar?

— Vou tentar.

Daphne entrou atrás, se ajeitando no banco.

CeeCee deu uma última olhada para a porta da frente do hotel, ainda com esperança de que Vince aparecesse.

— Contenha-se, CeeCee. Acabou. — murmurou para si mesma. Quando ia entrar no carro, seu coração pulou ao ouvir alguém

chamando-a.

— Srtª Armentrout — ela olhou para o gerente que vinha em sua direção segurando uma sacola — Perdoe-me. Quando fechou a conta do hotel, esqueceram de lhe passar isso. O Sr. Vince pediu que entregasse isso à senhorita.

CeeCee pegou a sacola sem saber ao certo do que se tratava, até que a ficha caiu. Era seu dinheiro. Vince havia ficado para trocar suas fichas enquanto ela subia na frente para se trocar e, depois, ela não pôde mais sair.

— Obrigada.

O gerente acenou com um sorriso e voltou para dentro.

Ela jogou a sacola no banco do passageiro e entrou no carro, colocando seus óculos escuros e partiu sem olhar para trás.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10

Dezesseis meses depois
San Francisco, California

A faculdade de Belas Artes, pela *Academy of Art University*, ia de vento em polpa. Como era esperado, CeeCee havia se destacado entre os alunos. Para ela foi como encontrar o seu nicho. Ali, todo mundo respirava e aspirava arte; fizera nova amizades e já não se sentia uma estranha no meio das pessoas.

Havia até mesmo recebido umas "cantadas" de alguns alunos e um em especial, Trevor, mostrava-se bem insistente em querer mais do que amizade com ela. Ele era bonitão, para quem gostava do estilo "gênio trabalhando", com

seu cabelo desgrenhado proposital, suas camisas de algodão brancas e as calças jeans um pouco caídas na cintura. Não era do tipo musculoso, mas também não era um magrelo total. As outras alunas pareciam se encantar por ele imediatamente – ele realmente tinha um certo carisma – mas não fazia o estilo de CeeCee. O estilo dela ainda eram os louros, altos, fortes e com enigmáticos olhos prateados.

Estes, ela não via há mais de um ano, e seu telefone também nunca tocou vindo dele. A cada dia a possibilidade de reencontrá-lo se tornava mais distante.

De vez em quando, ela ainda se pegava olhando para o vazio, e quando calhava de Daphne encontrá-la assim, sabia que viria uma cantilena de desculpas por tê-la atrapalhado àquela noite. CeeCee sorria e dizia que não tinha importância, não era para acontecer.

Sua vida voltou ao eixo no retorno de Vegas. As aulas começaram e logo o natal se aproximou, mantendo-a ocupada e distraída com as campanhas que participava. O curso, os desenhos que a mantinham sã e os retratos... dele.

Não era o objetivo dela torná-lo seu modelo favorito, simplesmente... aconteceu. Quando tinha lápis e papel na mão, e sua mente divagava, ao dar-se conta, tinha desenhado-o mais uma vez. Às vezes era o rosto todo, mas muitas vezes eram partes dele. O sorriso, os olhos, as mãos. Quando começou a se ver num mar de pequenos papéis com imagens dele, ela passou a jogá-los fora. Estava na hora de esquecê-lo. Manter os bons momentos vividos – esses jamais poderiam ser esquecidos, especialmente aquele sábado em Vegas – mas perder o foco de *com quem* aquilo foi vivido.

Já estavam novamente em novembro. O

inverno se aproximava, mas na cidade não era comum nevar, pelo menos CeeCee não se lembrava quando havia sido a última vez que nevara na região. Em compensação, a decoração de natal já estava em todo lugar.

Depois de dedicar sua “hora da leitura” que fazia uma vez por semana – nessa época do ano – para as crianças na Biblioteca Pública, CeeCee despediu-se da equipe que lá trabalhava e saiu do local determinada a ir para casa, desenhar por algumas horas ou, quem sabe, fazer sua lista de natal. Não que esta fosse muito longa, só tinha seus pais e Daphne a quem dar presentes, mas todo ano era um martírio para ela saber o que dar para cada um. Ela adorava dar presentes, mas sofria de total criatividade para dá-los; o que parecia uma discrepância. Sendo uma artista com uma certa sensibilidade, ela deveria estar mais atenta ao que as pessoas ao seu redor desejavam ter. Mas

precisava admitir que se antes, ela já não era muito atenta, depois de Vegas, desandou de vez. Mas ela se prometeu melhorar este ano, por isso, chegaria em casa e iria direto à lista. O desenho poderia esperar. Não havia nenhum trabalho urgente para a faculdade.

Ao sair da biblioteca e se dirigir ao seu carro *Toyota Lexus*, presente de seus pais quando começou nas aulas, CeeCee viu que havia um homem encostado nele, com os braços cruzados. Conforme se aproximava, sentia que seu coração ia explodir. Não, não podia ser verdade. Seus olhos lhe pregavam uma peça. Mas quanto mais se aproximava, mais a visão se tornava maior. Quando faltavam poucos metros do veículo, ela parou. Não de medo, mas de surpresa e por não saber como reagir.

— Olá, Cecelia.

Aquela voz. Ela pensou que nunca mais

ouviria de novo, e com o passar dos dias, parecia que o som ia se tornando cada vez mais longínquo.

Ela ainda não sabia o que dizer. *Oi, você não apareceu em nosso último café da manhã*, ela falaria isso? Ou talvez, *tem ideia de como destroçou meu coração quando não apareceu no domingo naquele restaurante?* Mas não, ela não daria esse gostinho a ele.

Pegando a chave do carro no bolso de sua jaqueta, ela apenas acenou com a cabeça e se dirigiu à porta do motorista. Ela não queria saber como ele a havia encontrado na biblioteca – rogava a Deus que não tivesse sido Daphne a dar a ele seu paradeiro – e muito menos como ele sabia qual era o carro dela. Ela só queria ir embora dali e fingir que ele havia sido uma aparição. Talvez fosse a hora de procurar um psiquiatra se ela estava tendo visões tão reais assim.

Vince segurou o braço dela impedindo-a

de avançar.

— Desculpe.

Ela cerrou os olhos com força.

Oito letras e o mundo parecia ter entrado no eixo, e o ar que ela nem sabia estar segurando, voltou aos seus pulmões.

— Sei que vai parecer uma desculpa esfarrapada, mas fui chamado às pressas para... um novo trabalho. Tivemos que partir naquela mesma noite.

Ainda sem olhar para ele, ela deu uma risadinha sem graça.

— Que bom então que não fui até a sua cobertura.

— Se você estivesse comigo, não haveria nada nem ninguém que me tiraria do seu lado.

Ouvir aquilo lhe aqueceu o coração, mas eram apenas palavras.

— Bom, nunca saberemos se isso é

verdade, não é mesmo? — ela destrancou o carro e jogou sua bolsa no banco traseiro, e, então, o encarou. Doía olhar para o rosto perfeito dele — Foi bom rever você, Vince.

Virou-se para abrir a porta do motorista, mas, de repente, se viu presa entre ele e o carro. Os dois braços dele escorados sobre o teto do carro, em cada lado do corpo dela, impedindo-a de ir a qualquer lugar.

— Cecelia, vamos deixar uma coisa bem clara. Nosso encontro não foi algo inconsequente ou um flerte de verão. Você me chamou naquele hotel...

— O quê? Você enlouq...

— E apesar de não termos ido às vias de fato — ele continuou como se ela não o tivesse interrompido —, estamos destinados a ficar juntos.

Ela o encarou e não fez qualquer esforço em sair da prisão onde ele a colocara. Apenas

cruzou os braços.

— Terminou com seu discursinho patético de “fomos feitos para ficar juntos”?

— Patético? — ele sorriu ante à audácia dela.

— Patético sim. Você e eu não tivemos culpa por Daph estar vomitando a vida naquele banheiro, mas você mal esperou para fugir. Me deixou naquele restaurante, mandou entregar o dinheiro pelo gerente...

— Que bom que lhe entregaram o dinheiro. Seria minha próxima pergunta.

— Que se dane o dinheiro! Por que não me ligou? Você tinha meu número. Poderia ter interfonado para o quarto, pombo correio, sinal de fumaça, qualquer coisa, mas não ter me deixado comendo mosca no café da manhã.

Ele levou uma das mãos ao rosto dela. Ela sabia que devia tê-lo impedido, devia ter segurado-

lhe a mão e mandado-o para o inferno, mas ela não conseguia. Somente fechou os olhos e deixou-se curtir os segundos que aquilo duraria antes de lhe dizer adeus para sempre.

— Eu... Você está certa. — ela sentiu o arrependimento no tom dele — Eu deveria ter feito tudo isso ou até mais. Não sabe o sufoco que é ter um milhão de regras a seguir, querer mandar tudo para o espaço e correr para você. Mais até! Mantê-la ao meu lado e nunca mais deixá-la partir, mas eu... não podia!

— E o que mudou nessa situação? Eu moro aqui em San Francisco e sequer sei onde você mora, o que faz para viver. Você é um homem que não se abre. Pode muito bem ter partido de Vegas e voltado para sua mulher e filhos, e mais de um ano depois, quando sua empresa te mandou para um novo trabalho aqui, você pensou: *ah é, tem aquela idiota que caiu na minha lábia e mora nessa*

cidade. Que tal me divertir um pouco com ela?

Ele riu.

— Você já tem todo um *script* montado na cabeça, não? E o que eu vou fazer a seguir? Seduzi-la e abandoná-la grávida? De uma vez por todas, eu-não-sou-como-os-homens-que-você-conhece! — ele pontuou apontando com o indicador cada palavra na clavícula dela.

— Você perdeu o direito de me tocar! — ela desviou a mão dele sobre ela com o braço e o empurrou com a outra mão. Por causa do tamanho dele em relação ao dela, a distância que os separou com o empurrão não foi tão grande, mas, no mesmo instante, a janela do carro vizinho parado trincou.

Ela e Vince olharam para aquilo, ela mais assustada do que ele.

— O que foi isso?

— Isso só comprova do porquê fomos feitos para ficar juntos. Agora, se você não quer ser

acusada de vandalismo em carro alheio, eu sugiro que saiamos daqui.

Na mesma hora ela se virou, abrindo a porta do próprio carro e Vince deu a volta entrando no banco do carona. Ela saiu com o carro dali sem saber para onde levá-lo.

— Onde devo deixá-lo?

— A cidade é sua, por que não me mostra o que há para se ver por aqui? — ele sorriu, enquanto afivelava o cinto.

Revirando os olhos, ela seguiu para o *Pier 39*.

Ao chegarem no famoso shopping em forma de pier, CeeCee levou-o para o *Biscoff Coffee Corner*. Pediu um café e o famoso biscoito de caramelo, enquanto Vince pediu apenas uma garrafa d'água. Foram sentar-se numa das mesas

externas.

O homem era mesmo irritante, ela pensou. Lembrava-se de que no hotel ele não comia carne mas parecia ser *expert* em todo tipo de legume e verdura e as receitas com eles; não tomava café, apenas suco natural; e não comia acúcar. Totalmente diferente dela. Como que sendo praticamente vegano ele conseguia manter aquele físico ainda era um total mistério para ela.

— Muito bem, estou aqui. — ela falou tentando mostrar má vontade.

Ele olhava a paisagem em volta e parecia feliz por estar ali.

— Você só pegou água... A especialidade deles é o café com biscoito, se quiser ir em outro lugar...

Ele segurou a mão dela sobre a mesa.

— O lugar está ótimo, Cecelia. Qualquer lugar serve desde que eu esteja com você.

Aquelas palavras não deveriam importar para ela, mas, na verdade, importavam.

— Você está mais bonita.

Você também, ela pensou, mas preferiu manter-se calada, retirar a mão da dele e beber seu café. Ele riu.

— Você não vai facilitar para mim, não é mesmo?

Ela deu de ombro.

— Por que eu deveria?

— Eu perdi o seu décimo nono aniversário.

Mais uma vez ela deu de ombro.

— Se continuar assim, vai acabar deslocando o ombro.

Ela ia novamente fazer o gesto, mas decidiu se segurar e beber mais café.

— Ok — ele respirou fundo — Eu começo. Nesses meses em que estivemos

separados, eu pensei muito em você. Não acho que nosso encontro foi obra do acaso. Não saberia nomear o que aconteceu. Destino, fado, sorte...

— Vai citar toda a droga do dicionário?

— O importante é que sei que devemos ficar juntos — ele falou um pouco mais alto para sobrepor a voz dela — Cecelia — ele tomou-lhe a mão mais uma vez —, você é especial. Muito. Há coisas a seu respeito que dariam para encher páginas de livros — ela franziu a testa — e muitas delas creio que posso ajudar a fazer com que desenvolva seu potencial.

— Vince, do que diabos você está falando?

Olhando para a expressão dela, Vince logo percebeu que estava fazendo uma grande confusão e indo pelo caminho errado. Ele não imaginou que seria tão difícil contar a ela toda a verdade.

Depois que os dois haviam se separado

naquela noite, ele ficara muito aborrecido com o fato de Daphne ter passado mal justamente naquela hora. Andou pelo quarto como um animal enjaulado, sentindo seu corpo em chamas querendo tomá-la para si.

Ele sabia que teria de ir devagar, não só por ela ser virgem, mas, principalmente, porque a fisiologia dele era totalmente diferente dos homens que ela conhecia. Em todo o seu tempo de vida adulta, e desde que começou a se relacionar sexualmente com o sexo oposto, ele nunca imaginou que se sentiria atraído por uma fêmea de constituição tão frágil.

No entanto, Cecelia era frágil apenas fisicamente.

A convivência com ela naqueles poucos dias mostrou-lhe o enorme potencial que ela tinha dentro de si, e, para surpresa dele, ela não apenas possuía uma poderosa percepção empática – ainda

não controlada plenamente, mas preparada para ser orientada – como o poder da telequinese.

Em seu campo de ação como antropólogo e sociólogo, ele já havia conhecido/estudado um sem número de raças, e a dela era uma das mais complexas. Eram criaturas cruas, quase selvagens, que se desenvolveram lentamente durante milhares de anos para, de repente, darem um salto que pareciam não estar preparados para lidar. E isso tudo acabou gerando o caos que se via.

Cecelia era um diamante bruto em meio ao caos e, por sorte, fora moldada para ser dele. Mas antes de despejar sobre ela toda a verdade sobre sua vinda, ele precisava prepará-la.

— Você é apaixonante. Linda, sincera, ótima amiga, coloca as necessidades das outras pessoas acima das suas próprias. Fiquei fascinado por você e não consegui esquecê-la. Nesse período, puxei da memória todas as informações que você

me deu sobre si mesma; onde ia estudar, o que fazia nessa época do ano; o bairro que morava. Na primeira oportunidade que pude, vim te procurar.

— Então, não existe uma esposa e filhos? — ela perguntou sem graça. Ele sorriu.

— Não, ainda não. Mas espero que haja num futuro próximo.

Agora, ele já sentia que a mão dela não estava na dele apenas porque ele a segurava; ela retribuía o gesto. Isso fez com que ele se sentisse mais confiante. Ela ainda o queria.

— Quantos dias vai ficar?

— Não muitos, mas quero passar cada um deles com você.

— Onde está hospedado?

— Preferi alugar uma casa de temporada em Alamo Square.

Ela abriu os olhos surpresa.

— É o meu bairro!

— Eu disse que me lembrava de tudo a seu respeito. — ele disse confiante.

Segurando o sorriso, ela torceu os lábios, pensativa.

— Estou em época de aula ainda. Só vamos parar mais próximo do natal. Mas tenho alguns dias de horário vago que posso sair mais cedo.

— Podemos ir onde e quando der para você. E, Cecelia — ele levou a mão ao cabelo dela e segurou sua cabeça, aproximando seus rostos —, dessa vez, nada irá nos atrapalhar de chegar aos finalmentes. — ele percebeu a hesitação no olhar dela — Não estou atrás de uma virgem para uma coleção. Eu quero você.

— Eu não tenho experiência...

— Não quero experiência ou performance, quero o que você sabe dar: você mesma. Serei paciente, será quando e onde você quiser. Só peço

que não seja malvada comigo.

— Não me tente — ela sorriu e o beijou.

Capítulo 11

No dia seguinte, Vince foi até a faculdade para esperá-la e seguirem para o passeio que ela havia programado.

A bem da verdade, Vince pouco se importava com o que ela tivesse planejado, o que ele queria era a oportunidade de estar com ela o maior tempo possível, fazê-la voltar a ficar confortável com ele – e baixar suas defesas – e contar-lhe tudo na primeira chance.

Estava do lado de fora do prédio, mexendo em seu relógio de pulso, quando viu várias pessoas saindo do prédio que ela havia indicado como sendo onde estudava. Pouco tempo depois ele a viu, e imediatamente um sorriso apareceu em seus lábios. Entretanto, esse sorriso logo foi substituído

por uma carranca quando reparou que ela não estava sozinha.

Ao lado dela – próximo demais, na verdade – estava um macho que andava demasiadamente confortável tendo a plena atenção dela no que falava. Eles pararam de andar enquanto ela lhe respondia algo, e o cara aproveitou para brincar com as pontas dos cachos do cabelo dela preso num rabo de cavalo.

Pela primeira vez, Vince entendeu a expressão "ver vermelho". Não deu nem dois minutos ao ver os dois interagindo e já queria arrancar a cabeça do homem. De preferência, as duas, como dizia Vern. Resoluto, marchou até eles.

—... a música deles é muito boa. Será uma *jam session* como você nunca ouviu, o que acha de irmos juntos? — o tal cara folgado a convidava-a, sem tirar a mão dela.

Vince se aproximou e enlaçou a cintura

dela com um braço e devorou-lhe os lábios.

CeeCee foi pega de surpresa e quase deixou cair sua pasta de desenhos. Ao dar-se conta de quem era – seria impossível não deixar de reconhecer o dono daqueles lábios –, ela se entregou ao beijo esquecendo que estava no pátio da faculdade. Mas logo ouviram uns assovios e barulhos de incentivo dos passantes.

— Olá, linda. Senti sua falta — Vince a cumprimentou ignorando de propósito o acompanhante.

Ela segurou o sorriso entendendo a "demarcação de território" dele, e adorando.

— Oi, amor, esperando muito tempo?

— Por você? Minha vida inteira.

Ela sentiu vontade de revirar os olhos e gargalhar.

— Deixa eu te apresentar meu colega de classe. Trevor, este é meu...

— Sou o companheiro dela — Vince deixou bem claro sua posição.

— Namorado. Vince, esse é Trevor, meu colega da maioria das aulas de Artes. Na verdade, Trevor é um dos melhores de nossa turma.

— Com você por perto? Eu duvido.

Trevor sentiu-se totalmente inadequado ali. O namorado dela não só era muito maior do que ele – também para os lados – como se mostrava ser extremamente possessivo com ela.

— Muito prazer. — falou apertando a mão de Vince, e não gostando nem um pouco da força naquele cumprimento — Você não disse ter namorado, CeeCee. Por que não o leva na *jam session* também?

— Ele acabou de chegar de uma longa viagem de trabalho. Obrigada pelo convite, mas vamos deixar para uma próxima vez, está bem?

Trevor aceitou a desculpa e se despediu,

afastando-se a seguir.

CeeCee deixou que o colega partisse e levou a mão livre à cintura, segurando o riso.

— Que demonstração de homem das cavernas foi aquela?

— Não faço ideia do que está falando. — ele se fez de desentendido.

— Beijo cinematográfico no meio do pátio? Ignorou por completo a apresença dele? Dizer que é meu "companheiro"? Não foi um pouco demais, não?

— De onde venho, é assim que nos referimos com quem nos relacionamos.

— E nós temos um relacionamento? — ela perguntou inclinando a cabeça.

Ele levantou o queixo dela com o indicador.

— Querida, você não faz ideia como — e beijou-lhe os lábios rapidamente — E aí? Para onde

vamos hoje?

Ela cerrou os olhos numa expressão de quem ia aprontar.

— Preparado para um pouco de aventura?

Pegando o carro dela, ela o levou para conhecer as famosas curvas sinuosíssimas da *Lombard Street*. Depois de passarem duas vezes pelas ruas – uma, devagar, e a outra, numa velocidade maior – o que fez Vince dar altas gargalhadas – e o estômago de CeeCee se contrair diante daquele som –, eles seguiram até o *Coit Memorial Tower*.

Dentro da torre de 64 metros, havia obras de artes modernas expostas e a vista lá de cima era deslumbrante.

— Se não fosse um local tão visitado, seria um ótimo lugar para refletir — ela falava olhando em volta como se nunca tivesse ido até lá. — A torre foi dedicada aos bombeiros que morreram nos

cinco maiores incêndios da cidade, e por causa disso, há uma lenda de que ela foi projetada para parecer o bocal de uma mangueira de incêndio, mas foi coincidência.

— A altura é boa, mas para pessoas que sofrem de vertigem não seria nada agradável.

— Interessante você mencionar isso, porque este local serviu de locação para um dos maiores sucessos do mestre Hitchcock, *Um Corpo que Cai*. O personagem de James Stewart conseguia ver essa torre da janela do apartamento dele, e ele mesmo esteve aqui atrás da personagem de Kim Novak, por quem ele estava apaixonado. Isso sem contar, que também aparece na série *Charmed*. — ao terminar de falar, ela olhou para ele, mas o pegou olhando-a com cara de quem não entendia o idioma dela. — Você não faz ideia do que eu estou falando, não é?

Ele sorriu.

— Cara, eu queria saber onde você se escondeu esse tempo todo... Precisamos melhorar essa sua cultura cinéfila que é inexistente.

— O que você quiser, querida — falou aproximando-a mais dele.

— Continue falando assim e vou achar difícil ficar longe de você.

— Estou contando com isso — ele falou beijando-lhe o alto da cabeça.

Um pouco mais tarde, ela o levou para um dos muitos restaurantes à beira-mar e apresentou a ele um dos pratos mais famosos da cidade, a *clam chowder*, uma sopa cremosa de mexilhões – e ela não sabia se Vince ia comer isso – com batatas e cenouras – isso sim, ele comeria – servida dentro de um pão em forma de cuia.

Para surpresa dela, ele não só comeu, como pediu uma segunda rodada. *Aleluia!*

Aproveitaram para saborear a famosa bebida *mimosa*, um suco de laranja misturado com um espumante. O paladar natural refinado dele achou a mistura bizarra, mas interessante. Mais um ponto para CeeCee. Depois, foram passear pela areia da praia.

Algumas poucas pessoas aventuravam-se como eles, e volta e meia se ouvia a risada de um criança ou o latido de um cachorro correndo.

Sem pressa, andavam abraçados.

— Pelo pouco que vi da cidade, consigo entender por que você sempre tem um brilho nos olhos ao falar dela. — Vince comentou depois de vários minutos que andaram em silêncio. Esta era uma peculiaridade entre eles que se tornara agradável, não havia necessidade de encher o ambiente com palavras; eles sentiam-se bem apenas por estar na companhia um do outro. Isso também era novo para ele, nunca havia sentido essa paz

perto de outra fêmea. Elas serviam apenas para copular.

Ela sorriu satisfeita.

— Pode não ser a melhor cidade do mundo, mas é a melhor para mim.

— Você não se imagina morando em outro lugar?

— Nunca pensei sobre isso, para ser sincera. A área em que estou me especializando, artes, desenho, pode ser feita em qualquer lugar do mundo, então, basicamente, eu poderia me mudar. Mas nunca tive vontade ou necessidade. A Daph, por exemplo, está com um grupo fotografando o *Grand Canyon* esta semana. Ela sim, gosta de viver como nômade. Está estudando Geografia, mas já disse a ela que deveria mudar para Jornalismo.

Ele parou de andar e a encarou, acariciando o rosto dela.

— Vocês duas são tão diferentes e se dão

tão bem...

— A Daph tornou-se meu anjo da guarda em muitos momentos. Agora, ela está um pouco mais relaxada do cargo.

— A vaga está em aberto?

— Está se candidatando? — ela brincou.

— Estou — ele respondeu sério.

Ela parou de sorrir e o encarou. Os olhos dele, já tão cinzas, pareciam prata derretida.

— Você é forte, Cecelia. Mais forte do que consegue conceber. Só precisa aprender a se entender, se aceitar e se libertar, e tudo dará certo.

— Você gosta de falar em códigos...

Ele fechou os olhos e ela teve a sensação de que ele soltou um suspiro num lamento. Carinhosamente, ela levou suas mãos ao rosto dele como que para acalmá-lo. Isso o fez abrir os olhos e estes estavam famintos.

— Qual é o problema, Vince?

— Não é problema, é solução. Eu desejo você, Cecelia, como nunca desejei nada ou ninguém antes. É tão forte o que sinto que tenho medo de assustá-la ou machucá-la. Há tanto para te falar e, ao mesmo tempo, as palavras se tornam desnecessárias quando estou contigo... Não estou falando coisa com coisa...

— Não. Por alguma razão consigo entender essa sua confusão. Acho que sinto o mesmo desde que te vi pela primeira vez. Toda aquela minha sensação de inadequação pareceu não existir mais, como se todos os caquinhos tivessem se colado de forma perfeita, e isso me assustou.

— Não pense que não me assustou. Somos diferentes, CeeCee, mais diferentes do que pode imaginar, mas essa diferença nos torna mais perfeitos uma para o outro, e é por isso que não posso sequer pensar na possibilidade de vê-la com um outro macho. Você não sabe o que me custou

me segurar e não cortar Trevor em vários pedaços.

Ela sorriu abertamente.

— O que foi?

— Você me chamou de CeeCee.

— Quer dizer que está tudo bem se eu fizer picadinho de Trevor?

Ela se pôs na ponta dos pés, o puxou pelo pescoço e beijaram-se demoradamente.

— Você não pode matar Trevor, e nem precisa se preocupar sobre qualquer coisa que diga respeito dele na minha vida. Esse prazer não será dele, mas só seu.

Ela alcançou o bolso da calça e tirou dali a chave do carro, entregando a ele.

— Você sabe dirigir, Vince? Porque estou dando a você a chave para me levar nessa "primeira viagem".

Entendendo a metáfora dela, Vince pegou o chaveiro.

— Serei o primeiro e o último, *mui liev* — e sorrindo, pegou a mão dela e, juntos, correram pela areia até o carro.

Capítulo 12

Dentro do quarto dela, CeeCee olhava para o belo homem de pé parado à sua frente. Eles estavam assim, se olhando, como se colhessem informações à memória para nunca serem esquecidas. Não havia música; o som externo era ocasional por algum carro que passava pela rua ou uma fala em alguma casa vizinha. Entre eles, o silêncio. No entanto, havia tanta coisa sendo dita com apenas o olhar.

CeeCee sabia que precisava ser ela a tomar a iniciativa. Ele dava a ela essa chance de escolha; tinha certeza de que se mudasse de ideia ainda não se sentindo preparada, ele acataria. Mas, oh, como ela estava preparada. De alguma forma, ela sabia que aquele homem era a pessoa certa para ser o

primeiro em sua vida, e rezava silenciosamente que tivesse conseguido encontrar o que seria o último.

— Quero que seja perfeito para você — ele murmurou.

— Será — ela sorriu, tentando passar segurança aos dois.

— Eu sei que... deveria usar um contraceptivo, mas eu não...

— Shhh — ela levou o dedo aos lábios dele, silenciando-o — Eu tomo anticoncepcional injetável.

— Eu estou limpo, Cecelia, juro que estou.

Lentamente, ela levou as mãos até a barra da camisa que vestia e pôs-se a tirá-la pela cabeça, ficando com o sutiã a mostra. O olhar de Vince tornou-se ainda mais faminto, mas ele não se moveu, somente os olhos devoravam-na, dos rosto à barriga, e de novo para cima. Mais uma vez, com ato lento, ela desabotoou a calça jeans, sem deixar

que o contato visual cessasse. A calça foi abaixada até o meio das coxas, quando caiu ao chão. Com um movimento dos pés, ela tirou a calça, chutando-a para o lado. E ficou assim de frente a ele, com a roupa de baixo e as meias brancas de algodão.

Vince mordeu o lábio inferior. Ela conseguia ver o esforço que ele estava fazendo para não fazer qualquer movimento brusco, pular em cima dela e consumí-la como se fosse a refeição de um faminto. Sobre isso ela teria de elogiá-lo mais tarde.

O olhar dela passeou pelo corpo dele. As mãos, paradas ao lado do corpo, estavam cerradas em punho; as veias, saltadas; os nós dos dedos, esbranquiçados.

— Sua vez — ela falou.

Ele fechou os olhos, respirando fundo e sentindo o aroma dela. Era uma mistura de rosas, pele e ansiedade. CeeCee era pura em mais de um

sentido, enquanto ele era um predador. Sua capa de civilidade por conta de sua área de trabalho não queria dizer nada. Vince sabia do que ele era capaz. Fora treinado para ser um diplomata, mas também um guerreiro. Se fosse com qualquer outra fêmea, ele já estaria fodendo-a naquela cama que se encontrava a poucos centímetros deles, ou pior, nem teria se dado ao trabalho de levá-la a um lugar mais discreto. Foderia-a na praia em que estavam, contra um muro, em qualquer lugar.

Era sabido que os V'Kos deixavam o seu lado selvagem bem escondido sob camadas de verniz de polidez, mas quando se tratava de guerras ou de estar ao lado de um companheiro, a barbaridade falava mais alto. Isso era especialmente notório sobre o macho em relação à sua fêmea. Eles eram territorialistas e possessivos; conseguiam detectar sua presença através do cheiro dela e após o processo – a cerimônia – de acasalamento, a

simbiose entre eles poderia chegar ao grau de até mesmo lerem a mente um do outro.

Ele não sabia como se daria isso com a espécie de Cecelia. Mas ele tinha esperança de que tudo daria certo já que o início de ambos era o mesmo.

Ele abriu os olhos e a encarou.

— Querida, não sei se consigo ser tão delicado e calmo como você foi.

Ela sorriu.

— Quero que seja você mesmo, Vince. Não finja algo que não é; quero te conhecer.

Ele soltou um arquejo.

— Não me peça isso, não nessa primeira vez.

CeeCee percebeu-o tremendo, e calmamente, colocou a mão no braço retesado dele e acariciou para cima e para baixo.

— Me beija, Vince.

E sem esperar por uma segunda ordem, Vince agarrou-a pela cintura e devorou-lhe os lábios. Em pouco tempo era difícil saber onde um começava e o outro terminava. A temperatura ambiente pareceu subir vários graus. Os braços dela rodearam-no e ao ser suspensa por ele, logo colocou as pernas ao redor da cintura dele. Ela estava nas mãos dele, literalmente.

Vince se encaminhou à cama já desfeita por ela e abaixou-a ao colchão, sem que seus lábios se afastassem. Quando ele viu que ela precisava de ar, ele a libertou e muito mais rápido do que ela, passou a tirar a roupa, jogango a calça e a camisa de qualquer jeito pelo chão, assim como as meias.

Ao olhar para a ereção dele, CeeCee abriu os olhos em pratos, assustada e maravilhada com o tamanho de seu membro. Se já era grande assim dentro da cueca, imagine quando o liberasse? Vince notou a surpresa, e antes que se tornasse pânico, ele

pegou a mão dela e a levou até o membro dele.

— Não precisa temer, *mui liev*. Isso é só para provar o quanto te desejo, o quanto você me tem em suas mãos. Aqui, é você quem dá as cartas; não farei nada que te faça sentir com medo ou desconfortável.

Imediatamente, as palavras dele serviram como bálsamo para ela, e seu nervosismo começou a reduzir. Senti-lo cheio em sua mão dava um prazer nunca imaginado. Sem parar para pensar, ela usou as duas mãos para abaixar o elástico da cueca dele, deixando sua virilidade totalmente à vista.

E que belo membro ereto ele tinha.

Era grande e grosso; as veias estavam visíveis e roxeadas e já havia uma gota de pré-sêmen aparecendo. Sua mão pegou o membro rodeando-o, fazendo com que Vince fechasse os olhos e gemesse. Ele parecia murmurar palavras num outro idioma, mas ela não queria parar para

perguntar-lhe o que significavam. Chegando mais perto dele, CeeCee levou a boca até a ponta de seu pau e deixou que a ponta da língua saboreasse o líquido. Seu gosto era salgado e doce ao mesmo tempo, e saber que era ela quem causava nele esse misto de prazer e dor lhe dava um poder que ela gostou de ter.

Mais animada, tomou-lhe o membro na boca o máximo que pôde. Não sabia se estava fazendo certo. Havia assistido vários filmes pornôs para tentar aprender a técnica, e Daphne também, em alguns de seus momentos quando gostava de constrangê-la, fazia demonstração usando o bocal de uma garrafa ou comendo uma banana. Mas se havia um sinalizador demonstrando se seu ato estava dando resultado ou não era a reação de Vince.

Ele continuava a falar aquela língua estranha – seria algum tipo de reza de seu país? – e

uma das mãos dele foi à cabeça dela e, gentilmente, guiava-a no ritmo que devia manter. CeeeCee se entregou ao momento. Um gemido mais forte foi dado por ele.

— Amor, não quero gozar a primeira vez em sua boca. Preciso estar dentro de você.

Com as mãos nos ombros dela, ele a fez deitar-se de costas na cama, retirou a cueca que ainda estava entrelaçada em suas pernas e já ia deitar-se quando viu o aparelho que carregava no pulso.

Por um breve instante, ele ponderou se devia ou não tirar, mas por mais que suas obrigações fossem a tônica de sua viagem, naquele momento não havia nada mais importante do que Cecelia e dar prazer a ela.

Sua companheira.

Sem remorso, ele tirou o relógio e o pôs sobre a mesa de cabeceira. Posicionou-se sobre o

corpo dela, colocando o peso maior nos cotovelos e acariciou o rosto dela com as pontas dos dedos. Desceu seu rosto até que os lábios de ambos estivessem unidos e deu-lhe beijos leves como uma pluma, passou a ponta da língua nos lábios macios fazendo-a abri-los e arquejar.

As mãos dela passeavam pelas costas dele, alisando-o, puxando-o para estar pele com pele.

Vince estava apavorado como nunca antes. Não era só por ter uma virgem nas mãos, mas por ter alguém tão precioso; alguém por quem ele sabia que daria a vida. Só rogava que ela sentisse o mesmo por ele e não fugisse quando a verdade viesse à tona.

Os beijos tornaram-se mais ousados e saíram dos lábios alcançando o pescoço, leves mordidas foram dadas no lóbulo de sua orelha, em seu queixo, e desceram, indo ao colo. E quando atingiram os seios, as costas dela se elevaram em

arco, oferecendo-se a ele como numa bandeja de prata. Vince abaixou a copa do sutiã e levou o bico de um seio à boca e o sugou delicadamente, mas logo seu sabor explodiu dentro dele e ele o abocanhou com vontade. CeeCee segurava a cabeça dele como que para impedi-lo de se afastar, mas ele não seria capaz de abandoná-la nem que a força de cem homens viesse sobre ele. Deu igual atenção ao outro seio, arrancando dela gemidos de prazer que serviam como combustível ao desejo dele.

Descendo mais, explorando o mapa do corpo dela, ele beijou-lhe a barriga, em volta do umbigo até chegar em seu púbis. Ali, ele parou e olhou para cima, esperando pela reação dela, querendo dar-lhe a garantia de que tudo era pelo prazer dela. Sempre.

Como que entendendo a pergunta silenciosa dele, CeeCee assentiu e fechou os olhos. Com uma das mãos, ele puxou a calcinha para

baixo e quando esta chegou mais abaixo, ele tirou-a toda com a ajuda dos próprios pés, e foi quando CeeCee sentiu a língua dele chicotear-lhe o sexo.

As poucas vezes em que ela havia se tocado, nenhuma se comparara ao prazer de tê-lo tão íntimo dela. A língua acariciava e se impunha quase como uma luta de espadas. Ela se abriu mais para ele, convidando-o a, como um pirata, conquistar. Primeiro, ele lambeu e sugou o botão dela; com a ajuda dos dedos, ele abriu-lhe a passagem e CeeCee só sentiu-se dar um pulo na cama quando a língua a invadiu.

Como descrever sublime momento? Como ter palavras para contar a sensação de ser invadida? Vince chupou-lhe fazendo barulhos tão característicos e mostrando o quanto se deliciava com aquele momento. Logo, CeeCee não prestava mais atenção ao que ele fazia, porque o prazer começou a nublar-lhe os sentidos. Num instante,

ela estava ali, como uma observadora altamente ativa, para no minuto seguinte, sua cabeça estar envolta por nuvens de algodão. Seus gestos e atos estavam no piloto automático. Ela arfava, gemia, tremia e se sentia segurando a cabeça dele como se sua vida dependesse daquilo. Quando não havia mais para onde ir, quando ela sentiu-se flutuar em si mesma, um raio lhe atingiu fazendo-a cair de volta ao corpo num rompante, mas os sentidos flutuavam lentamente como uma folha caída da árvore em outono. A respiração demorou a normalizar-se e, aos poucos, os olhos tomaram foco, e ao conseguir enxergar, foi o rosto de Vince, com uma expressão absolutamente orgulhosa, que ela viu.

— Bem-vinda de volta.

Ela sorriu, mas antes que pudesse falar qualquer coisa, sentiu a ponta do pau dele já em sua abertura, e imediatamente se retesou, fechando os

olhos, lembrando-se do tamanho dele.

— CeeCee, olhe para mim — ela o fez —, por mais que você esteja hesitante, é uma mulher esclarecida e sabe que nossos corpos foram feitos para um encaixe perfeito. Você é linda, seu gosto é maravilhoso e quero saboreá-la sem fim. O prazer que você sentiu? O sentirá de novo com muito mais força, deixe apenas tudo fluir...

E aos poucos, ela sentiu-o entrando nela. Centímetro a centímetro, num vai e vem delicado, ele a tomava, mas também a amava e adorava com seu corpo e seu olhar. Ao chegar à barreira de sua virgindade, ao invés da dor esperada, ela sentiu um senso de libertação, pontuado por um gemido vindo dele, não dela. Ali, ele congelou.

A respiração de Vince estava acelerada; ela podia sentir a luta dele para se manter parado e dar tempo a ela de se acostumar ao seu tamanho, sua invasão.

— Vince, está tudo bem. — ela o acalmava com carícias.

Os olhos dele estavam fechados. E, mais uma vez, ela sentiu ser quem comandava o show.

— Vince, só deixa...

Como uma senha acionada, ele passou a movimentar-se ritmicamente, levando seu membro ao limite de quase sair e entrar com cada vez mais força. CeeCee agarrou-se a ele como se tomasse carona numa viagem imperdível. E era. Vê-lo sobre ela totalmente entregue era mais do que ela podia suportar, e mais uma vez, seus sentidos começaram a embotar.

Os corpos de ambos entraram em sintonia na dança. Não havia dois, mas uma união, e depois de mais alguns minutos de um exercício alucinante e sápido, CeeCee sentiu-o liberar dentro dela sua semente quente, e ela não demorou muito para gozar junto com ele.

Onde ela estava mesmo? Ah sim, deitada sob ele na cama, entrelaçados, corpos suados, coração desacelerando.

Com a cabeça aconchegada no ombro dela, a respiração de Vince arquejava tentando se normalizar. Devagar, ele pôs-se a se mover e deitou ao lado dela, ambos olhando para o teto. Silêncio.

Minutos depois, um olhou para o outro. Sorrisos expostos, foi CeeCee quem iniciou uma gargalhada solta, com gosto de liberdade, e Vince a acompanhou e voltou a abraçá-la, e mordeu-lhe o ombro com carinho. Ao levantar a cabeça para olhá-la, ela segurou o rosto dele com ambas as mãos e se olharam.

— Olá. Muito prazer. Eu me chamo Cecelia, mas meus amigos me chamam CeeCee.

— Olá. Me chamo Vince e apesar de ser mais do que seu amigo, você continua sendo Cecelia para mim. *Minha* Cecelia.

— Continue fazendo isso, querido, e pode me chamar do que quiser.

Ele deitou de lado e a aconchegou ao peito dele, em conchinha, colocando o queixo sobre a cabeça dela. Os dois respiraram fundo em sincronia, e ela abraçou os braços dele que a rodeavam.

— Isso foi apenas o começo, linda.

Ela levou a mão dele aos lábios e beijou, aconchegando-se melhor nele, sem deixar espaço, e deu outra respiração funda em contentamento, fechando os olhos já sonolenta.

— Bom saber. Eu te amo, Vince.

Em segundos, ele a sentiu relaxar e dormir, enquanto ele sorria, feliz pelo que acabara de ouvir, e tendo a garantia de que ela o aceitaria.

Era só encontrar o melhor momento para contar-lhe a verdade.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 13

Nos dias que se seguiram, o casal era sempre visto junto.

Vince acompanhou o trabalho dela de leitura infantil na biblioteca na semana seguinte, e se divertiu ao vê-la fazer diferentes vozes para os personagens. Também ajudou-a num trabalho voluntário de recolher brinquedos usados para crianças carentes, indo nas casas das pessoas e enchendo o carro dela com várias doações.

Para Vince era estranho ver como os seres humanos conseguiam ser tão solidários numa época específica do ano, doando dinheiro, material, tempo, quando no resto do ano eram tão egoístas e violentos, muitas vezes sem nenhum motivo válido. Por que não agiam assim durante todo o tempo?

Por que só usavam a compaixão por um breve período de tempo como se fosse uma roupa só tirada do armário num momento para se tirar as traças, vesti-la e, depois, voltá-la para um baú abafado, aguardando outros onze meses?

Por outro lado, se assim o fosse, Vince não teria sido enviado para fazer o trabalho que ele tentava não negligenciar a favor dela, e não a teria conhecido. E como sabia que em breve teria de voltar para terminar o trabalho incumbido, seu tempo para se abrir com Cecelia estava acabando.

Naquele dia, ela havia planejado fazê-lo conhecer parte da cidade através do passeio de bondinho. Fizeram várias paradas até que quase anoitecendo, decidiram comer algo em *Chinatown*.

A comida oriental sempre mostrou-se ser algo desafiador para Vince. Uma mistura de temperos exóticos e picantes, com algas, frutas e vegetais, entre pratos sólidos e sopas, um

verdadeiro banquete do qual ele muito apreciava.

Como sempre, Cecelia tinha um excelente apetite, experimentando de tudo que mostrava a ele, mas ainda comendo os peixes e carne de porco oferecidos nos diferentes pratos, além de tomar o vinho amarelo.

Mesmo depois de terminarem o jantar, continuaram sentados conversando sobre diferentes temas. Estar ao lado dela o fascinava, ainda mais por ela estar tão solta com ele; finalmente ele havia conseguido fazê-la sentir-se à vontade e segura.

Estava tão segura – e saciada de tanto fazerem amor todos os dias – que ela nem se dava conta que a cada dia os seus dons estavam mais fortes e aparentes. Ali mesmo, enquanto jantavam e ela animadamente contava algo que acontecera em seu curso de artes, ela não reparou que sua mão aberta sobre a mesa havia feito o saleiro aproximar-se. Automaticamente ela o pegou e jogou um pouco

de sal na salada, sem notar no que acabara de fazer. Vince se preocupava. Os medos e inseguranças dela diminuíam quando com ele e em breve ela perceberia certos acontecimentos ainda sem entender do que poderia ser capaz com o treinamento certo.

— E você acha que ela se fez de rogada? — ela continuava a história — Claro que não. A modelo saiu tirando a roupa na boa e ficou nua em pelo na frente de todos, mas, na verdade, a aula nem era sobre o corpo humano, era... Oh meu Deus! Não! — ela mudou o tom da conversa de repente, levando a mão ao peito como se tivesse sido atingida por algo.

No mesmo instante, Vince se colocou em alerta e segurou a mão dela.

— O que houve, Cec...

— Isso é um assalto! — gritou um homem desconhecido, vestido com um casacão e

impunhando uma arma de grosso calibre, mais propícia para caçadas. Ele estava visivelmente alterado. — Todos deitados no chão!

Os clientes do restaurante começaram a se jogar no chão, algumas mulheres já chorando, nervosas. CeeCee ainda estava em choque sentada, e Vince mantinha-se na mesma posição ao lado dela, fazendo com que o bandido virasse a arma para a mesa deles.

— Eu disse para se deitarem no chão!

Devagar, ela levantou-se da cadeira preparando-se para obedecer ao bandido, mas a posição de Vince não era a mesma, subserviente. Suas narinas estavam infladas e ele olhava para o bandido com olhar assassino.

— Vince, por favor — ela sussurrou, puxando-o pelo braço para a seguir no movimento, mas ele parecia congelado.

Nervoso, o bandido acionou o gatilho da

arma.

— Eu falei para deitar, é surdo?

Ao apontar a arma para Vince pronto para atirar, CeeCee não pensou. Gritou e apenas fez um gesto com a mão para cima, como se jogasse um objeto para o alto. No mesmo instante, a espingarda do bandido fez um estrondo ao cair longe da mão dele e ele também foi empurrado contra uma parede. Aproveitando a comoção, Vince agiu com uma rapidez não visível aos olhos humanos e em milésimos de segundos estava em cima do bandido, pressionando-lhe o pescoço, fazendo o homem quase sufocar. Um dos garçons aproveitou a cena e levantou-se, indo até o telefone e chamando a polícia.

CeeCee olhou para a cadeira onde Vince estava sentado e não o vendo, ouviu o barulho sufocado do bandido, já ficando roxo por falta de ar. Ela correu até lá.

— Vince, não o mate. Não faça isso, por favor.

As mãos dele estavam em volta do pescoço do homem que já quase desfalecia.

CeeCee colocou a mão no braço do namorado, e foi quando ele desviou o olhar assassino sobre o homem caído no chão para ela. E ela viu.

A cor prateada de seus olhos havia se tornado chumbo, as pupilas tinham se dilatado totalmente, como as de gato. Ali, não era o seu Vince, mas um homem pronto para matar.

Ela apenas pressionou mais a mão sobre o braço dele.

— Vince — falou carinhosamente, quando ao longe já podia se ouvir a sirene da polícia. Os outros clientes haviam se levantado e se juntado no fundo do restaurante, presenciando a cena. — Ele não vale a pena — mas logo ela percebeu qual era o

problema dele. Ela havia estado em perigo; aquilo era por ela. — Eu estou a salvo. Você me salvou.

E como num toque de mágica, ele soltou o pescoço do homem, que arfou buscando por ar, e vomitou no chão ao lado.

A polícia entrou com armas em punho, e quando viram que a situação estava sob controle, algemaram o bandido levando-o para o carro.

CeeCee puxou Vince para perto dela, levantando-o e o abraçou, sentindo o corpo dele relaxar junto ao seu. Acariciou as costas dele enquanto reafirmava estar bem.

— Desculpe, senhores — um dos policiais se aproximou — O garçom informou que foi o senhor que imobilizou o bandido. Precisamos de seu depoimento.

CeeCee viu que Vince ainda não estava pronto para falar nada. Ela mesma ainda tentava entender a cena.

— Na verdade, policial, o bandido estava muito nervoso. Ele tropeçou no próprio pé e caiu para trás, derrubando a arma. Meu namorado só aproveitou e o manteve paralizado enquanto vocês vinham.

O oficial coçou a cabeça, entortando um pouco o seu quepe.

— Isso parece ter mais lógica do que o que o garçom falou, ao dizer que a arma do homem foi arrancada do nada e que seu namorado se movimentou numa velocidade do *Flash*.

— Meu Deus! — ela deu uma risada nervosa — Estamos todos tão abalados, não? Aposto que se o senhor tomar o depoimento de cem pessoas, cada uma lhe dará uma versão diferente.

O policial sorriu cúmplice.

— É bem isso, senhorita. Mas será que seu namorado poderia dar uma palavrinha?

Vince ainda estava agarrado a ela,

inspirando o perfume natural dela, tentando se controlar quando, na verdade, ele queria arrancar a cabeça do bandido num simples torcer de mão. Os homens eram criaturas fracas metidas a invencíveis. Seria tão fácil eliminá-los.

— Ele ainda está um pouco abalado. Ele não é americano e não esperava que sua estadia no país fosse premiada com uma tentativa de assalto.

— Ah, é mesmo? De onde ele é?

Na mesma hora, aproveitando a deixa dela, Vince levantou a cabeça e virou-se para o policial falando uma língua totalmente diferente. CeeCee não era especialista em linguística, mas podia jurar que aquela língua... não existia. Mas manteve o sorriso para o policial que estava de boca aberta diante do homem enorme falando algo que ele não tinha a menor ideia.

— Nossa! Acho que nem teríamos intérprete para isso. Bem, senhorita, vou usar o

depoimento que me deu. O homem será fichado e ficará fora de circulação por um bom tempo.

— Obrigada, policial, pelo excelente trabalho.

Os outros clientes aplaudiram a saída dos policiais e, aos poucos, começaram a voltar às suas mesas. Outros correram para pagar suas contas e saírem logo dali.

CeeCee colocou a mão no rosto de Vince e o acariciou com o polegar.

— Está melhor?

— Sim. Cecelia, eu... sinto muito...

— Pelo quê? Por ter me defendido? Deixa estar. Me senti a própria *Lois Lane*.

— Quem?

Ela revirou os olhos.

— Vamos para casa.

Um tempo depois, seguiram para casa, os dois em silêncio. A cabeça dela começava a doer

muito e sentia-se exausta como quem havia corrido uma maratona.

Ao chegarem em casa, ela foi imediatamente à cozinha e bebeu um copo duplo d'água. Aproveitou e tomou duas aspirinas.

— Está se sentindo mal? — ele a abraçou e beijou-lhe o alto da cabeça.

— Me sentindo tão cansada...

— Que tal se formos direto para a cama?

— Logo logo estarei bem. Você se incomoda se só ficarmos deitados, sem fazer nada? Não sei se seria muito participativa com a dor desse jeito.

— Você costuma ter dessas enxaquecas?

— Na verdade não. Acho que foi o processo traumático, o susto. A adrenalina baixou na viagem de volta para casa. Podemos colocar um filme e ficarmos aqui na sala?

— O que quiser.

Ela escolheu um canal na TV a cabo e deitaram no sofá, abraçados, mas em pouco tempo ele viu que ela já dormia.

***

CeeCee acordou e a sala estava escura, a não ser por um abajur de pé no canto do cômodo. A TV estava desligada e Vince havia colocado uma coberta sobre ela, mas ele não estava ali. Será que teria ido para sua casa alugada? Talvez tivesse deixado um bilhete não querendo incomodá-la.

Aquela dor de cabeça dela era atípica. Ela não era dada a ter dores, a não ser quando passava por algum episódio de muito estresse. Lembrava que na infância e adolescência, quando estava perto de pessoas ainda desconhecidas e sentia uma carga negativa vinda delas, pouco tempo depois sua cabeça doía como o inferno. Mas com o tempo, ela aprendeu a se proteger disso se bloqueando dessas

pessoas. Ainda sentia algo relacionado a sentimentos vindos delas, especialmente os ruins, como raiva, rancor, ciúme, inveja, mas aprendeu que muitos desses sentimentos não eram direcionados a ela, mas eram sentidos por essas pessoas e ela estava ali, recebendo-os como se fosse uma antena parabólica.

Hoje, quando estava no restaurante com Vince, do nada ela sentiu uma carga tão grande vinda daquele homem. Ódio mortal, vingança, medo, muito medo, e como se pudesse ler sua mente, ela sabia exatamente o que ele pretendia fazer antes mesmo que ele desse a voz de assalto no recinto.

O que aquilo significava? Que ela podia ler mentes?

E a questão de ter desarmado o bandido? Havia sido ela a fazer aquilo? Do nada, o homem teve a arma arrancada de sua mão como se uma

mão invisível tivesse puxado-a.

Só de pensar naquilo fazia a dor de cabeça querer voltar.

Levantou-se do sofá e se espreguiçou. Ouviu um barulho vindo do próprio quarto e por baixo da soleira da porta, uma luz. Estaria Vince fazendo alguma coisa, e fechou a porta para não incomodá-la?

Andando sem fazer barulho, por conta das meias que calçava, ela seguiu até o quarto e abriu a porta de uma só vez, e o que ela viu estava além de sua compreensão.

Capítulo 14

Vince estava sentado na beira da cama e de frente a ele havia duas pessoas.

Na verdade, as pessoas não eram pessoas, mas imagens holográficas em tamanho real. Uma delas ela reconheceu como sendo Vern, usando uma espécie de uniforme, todo preto, bem grudado ao corpo, exibindo suas formas musculosas. Por sobre os dois ombros, seguindo até mais ou menos a altura do abdômen, havia uma espécie de arco, também preto, mas que se moldava bem à roupa, não parecendo desconfortável. A outra pessoa presente, CeeCee nunca havia visto antes.

Era um homem não muito velho, mas notadamente mais velho que os dois irmãos. Diferente de Vern, ele vestia uma longa túnica clara

que ia até os pés, mas tinha os mesmos arcos nos ombros, porém, também da cor da roupa.

Quando eles a viram entrando no quarto, o homem de túnica parou de falar, e Vern, que estava sentado confortavelmente, com a perna cruzada, o tornozelo sobre a outra coxa, na cadeira que ela tinha no quarto, levantou-se. Só, então, Vince percebeu a sua chegada e levantou-se da cama, virando-se na direção dela.

CeeCee piscou os olhos várias vezes querendo clarear a imagem que via para ter certeza de que não estava dormindo ainda.

— Irmão, parece que não precisa mais se preocupar quando seria um bom momento para falar com ela — Vern falou com um sorriso debochado.

Após isso, o homem misterioso se virou e se dirigiu à parede, e sua imagem desapareceu. Vern apertou algo no mesmo relógio que Vince

tinha e sua imagem também sumiu, e ficaram os dois sozinhos no quarto. Ele, parado perto da cama, e ela, segurando a maçaneta.

A cabeça de CeeCee tentava trabalhar em cima do que havia acabado de ver.

Imagens holográficas não eram algo que ela desconhecesse, se nunca tivesse visto pessoalmente, já tinha visto nos inúmeros filmes de ficção científica que assistira com Daphne. No entanto – pelo menos nos filmes – sempre era necessária a presença de algum tipo de aparelho, a não ser que o ser em questão fosse um alienígena muito poderoso. E ela não tinha nenhum aparelho no quarto.

Ela deu uma risadinha nervosa. Não, isso não era verdade. Não poderia ser. Ela franziu o cenho lembrando-se do truque que sua mente lhe dera quando estavam no restaurante em *Chinatown*, ela vendo Vince sentado, com um olhar assassino

num momento e, no outro, ele estava a vários metros de distância sobre o bandido, estrangulando-o.

Piscando mais algumas vezes para voltar ao tempo presente, CeeCee limpou a garganta.

— Vince.

— Cecelia — ele falou cauteloso. — Eu posso explicar.

— Claro que pode. Por que não começa explicando como o holograma de dois homens com roupas engraçadas estava no meu quarto?

Vince deu alguns passos para se aproximar dela, mas conforme ele avançou, ela recuou, o que o chateou.

— Cecelia, sou eu, Vince.

— Sim, e eu acabo de descobrir que não sei de verdade quem você é.

Ela dirigiu-se à sala e ele a seguiu. Ela sentou no sofá e ele ia sentar ao lado dela, mas

preferiu sentar na outra ponta.

Vince levou a mão ao cabelo, despenteando-o num gesto nervoso.

— Antes de falar sobre eles, gostaria de explicar algo.

— Ok, comece por onde quiser, desde que me conte a verdade dessa vez.

— Como assim “dessa vez”?

Ela cruzou as pernas sobre o sofá e o encarou. Tentava mostrar-se o mais calma possível. Fosse o que fosse a explicação dele, ela preferia que fosse o real, e não uma desculpa esfarrapada. Ela sabia da intensidade dos sentimentos que tinha por ele, e temia acabar aceitando qualquer invenção dele apenas para não perdê-lo.

— Quero falar sobre o dia em que nos conhecemos. — ela acenou com a cabeça incentivando-o a continuar — Você se lembra no que pensava quando chegou ao hotel-cassino?

— Como é?

— Tente se lembrar, Cecelia. É muito importante.

— Eu... eu não sei. Estávamos indo para uma convenção de filme de ficção. Cinco dias de tietagem, filmes, autógrafos, coisas desse tipo. Como posso me lembrar *exatamente* o que pensei?

Ele suspirou alto.

— Eu e Vern estávamos nos dirigindo ao *Bellagio*, era lá que ficaríamos hospedados. Mas quando nosso carro passou em frente ao seu hotel, eu me senti... arrebatado. Como se um enorme ímã me puxasse para ali. Há muito tempo somos instados a dar atenção ao que vocês chamam de intuição. Na mesma hora, falei para Vern parar o carro e avisei da mudança de planos. Era ali que eu devia me hospedar. Depois de fazermos o *check in*, saí a esmo pelo hotel tentando entender por que aquilo havia acontecido, e foi quando eu cheguei na

área da convenção e a vi parada olhando aquele imenso painel do universo. — ele viu que a atenção dela estava totalmente focada em cada palavra dele. A respiração dela até se alterou um pouco — Eu juro, CeeCee, nunca senti algo tão forte. Você estava de costas para mim, mas eu tinha certeza, era você quem me chamava. Daí, eu me aproximei e...

— Foi mágico — ela balbuciou.

Ele assentiu de leve para ela.

— Depois de ter descoberto *quem* havia me atraído ali, eu precisava saber *como*. E conforme fomos passando tempo juntos, eu compreendi. — ele se ajeitou melhor no sofá, virando-se para ela — Antes de me conhecer, quando você era mais nova, lembra-se das vezes em que se sentia incomodada ao estar perto de certas pessoas? Como uma energia negativa parecia estar ao seu redor, e você se sentia cansada e às vezes até doente? A partir disso, você começou a se

fechar, a ser retraída, tímida, porque as pessoas achavam que você era a esquisita. Lembra de sentir uma compreensão maior de certos animais, como se conseguisse entender o que eles queriam dizer?

Conforme ele falava, CeeCee sentia como se seu coração quisesse pular de seu peito. Como ele poderia saber em tantos detalhes as situações que ela havia vivido ao longo da vida? Ela se lembrava de ter contado a ele como os rapazes só se aproximavam dela para terem uma chance com Daphne, mas ela não havia dito nada do quanto se achava inadequada, estranha e oprimida na presença de certas pessoas.

— Quando estávamos passeando por Vegas, almoçando naquele *food truck*, você mencionou a angústia de uma pessoa que estava presente. Parecia que estava adivinhando a vida da pessoa baseada nos gestos dela, mas não. Você sabia porque sentia o que ela sentia — ela se

remexeu no sofá incomodada — E hoje, no restaurante, segundos antes do ataque, os sentimentos daquele bandido estavam tão “altos”, que você os captou antes mesmo de ele falar.

Ela se levantou do sofá e passou a andar de um lado para o outro. Vince se levantou também mas não saiu do lugar.

— Você tem o que chamamos de percepção empática. E pelo que notei, sua capacidade de captar as emoções das pessoas é altíssima, mas você não aprendeu a controlá-la.

— O que quer dizer com isso, Vince? — ela parou no meio da sala e levou as mãos à cintura — Sou uma espécie de *mutante* e você sabe o endereço da escola do *Professor Xavier*?

— Eu não sei nada sobre esse professor, mas sei quem pode ajudá-la a desenvolver isso. Temos pessoas com a mesma habilidade que a sua com... muito tempo de prática, e que poderia lhe

ensinar não só a bloquear a captação dessas emoções de forma eficiente, como a ampliar seu raio de ação. Unindo à sua telequinese...

— O quê? Para! Isso aí eu sei o que é e eu não tenho esse troço!

Ele deu um passo à frente.

— Cecelia, pense. Alguma vez você encontrou algum objeto num lugar estranho quando estava pensando muito nele ou procurando-o?

CeeCee levou as duas mãos ao tampo da cabeça, e imagens de vezes sem fim de objetos que não estavam ali, mas, de repente, estavam – a própria Daphne vivia levantando essa lebre – vieram à sua cabeça.

— Você passou boa parte de sua vida se mantendo no escuro, se escondendo, com medo do porquê se sentia tão vulnerável perto de pessoas com carga de emoção tão negativa que não deu chance de seu lado de telequinese desenvolver;

você não reparou. Mas hoje, antes do assalto, você estava tão relaxada que não percebeu que o saleiro foi até a sua mão. Sua mão estava parada sobre a mesa enquanto com a outra você gesticulava me contando algo, e sem se dar conta, o saleiro deslizou até sua mão, e você colocou sal na sua salada.

Ela abaixou os braços e viu Vince mais perto dela, mas ele não a tocou.

A expressão dela era de susto, medo, incompreensão.

— O que quero dizer com tudo isso, Cecelia, é que por causa desses seus dons, *você* me atraiu até você, e mesmo isso só foi possível porque...

Ele hesitou.

— Por quê...?

— Porque eu sou um não-humano.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15

— Alien? Você é um alien?

— Preferimos o termo “não-humano”.

— Preferimos? Plural? Você tem falado sempre no plural, quem são vocês exatamente? Lá no quarto, eu vi seu irmão também... Não vai me dizer que ele não é seu irmão? E quem era o outro homem de túnica? Seu pai?

Ele a viu agitada mais uma vez, voltando a andar pela sala. De certa forma isso era bom; era melhor do que ela surtar ou desmaiar. Afastou-se dela voltando ao sofá, querendo que ela o visse relaxado e não como uma ameaça. De fato, ele jamais seria uma ameaça para ela, mas sim, para qualquer pessoa que ousasse querer feri-la.

— Somos do planeta V’Kian. Ele fica a

vários sistemas solares do seu. Na verdade, para chegarmos aqui...

— Numa nave?

— Numa nave, temos que viajar por vários meses.

— Mesmo à velocidade da luz?

— É assim que se viaja.

— Vern e o homem?

— Vern não é meu irmão de fato, mas em nosso planeta, acabamos por considerar todos como irmãos. E como eu e ele trabalhamos há muito tempo juntos, nossa amizade consolidou-se como uma irmandade. Quanto ao outro homem, é Vantuir, um dos antigos de nosso planeta.

— Antigos? Como assim antigos? Ele não parecia ter mais do que quarenta e cinco anos.

— Na verdade, ele tem mais de um milhão de anos.

— O quê?! Quantos anos você tem?

— Quantos você acha que tenho?

— Uns trinta e dois.

— Tenho três mil, setecentos e noventa anos.

— Puta que pariu — ela murmurou se deixando cair no sofá. — Eu transei com um avô.

Lembrando disso, ela deu outro pulo, levantando-se do sofá.

— Aimeudeus... eu-transei-sem-camisinha-com-um-et-e-posso-estar-grávida — falou sem tomar fôlego.

— Calma, Cecelia, não é assim que funciona.

— Como não? No seu planeta ensinam que os bebês vêm do repolho?

Ele tentou não rir, mas não conseguiu se segurar.

— Você está rindo? Esse assunto é muito sério, pelo menos para mim!

— É sério, mas não acredito que nossas espécies sejam compatíveis para que você engravide. E antes que pense na possibilidade sobre doenças, em meu planeta não há qualquer tipo de doença.

— Vocês não morrem?

— Apenas se sofrermos algum tipo de acidente, uma explosão, algo que nos deixe em pedaços. Outros tipos de ferimentos são curados com nossa medicina avançada.

— Medicina avançada? Não me diga que vocês já têm a cura para o câncer?

Ele apenas torceu os lábios, sem falar nada.

— Ok — ela fechou os olhos e tentou reorganizar os pensamentos — Você explicou como eu o atraí naquele hotel, mas não disse o que vocês estão fazendo na Terra. É algum tipo de invasão? Querem nos fazer de escravos? Vai ter

guerra? Por que ainda não entraram em contato conosco, tipo, falar com os líderes mundiais?

— Respondendo suas questões: não é uma invasão. Não queremos escravizá-los, mas ajudá-los a se organizar melhor e viver em paz. Veja bem, Cecelia, o universo todo é um corpo. Tudo está interligado. Quando um planeta fica doente, influencia todos os outros. Quando você adoece, tem uma dor de cabeça, seus outros sentidos também ficam prejudicados. Uma enxaqueca pode ser tão forte que impede você de enxergar, tendo de ficar várias horas no escuro; também lhe tira a fome. Seu corpo todo é um só. Nós somos um. Quando a Terra começou a se desenvolver rapidamente, sua tecnologia e descobertas, muitas foram usadas para o bem, para que vivessem em maior conforto, mas tantas outras foram usadas para o mal. A ganância fez com que pouco se importassem com desmatamento, poluição, retorno

de doenças erradicadas. E ao se autodestruírem, vocês afetam todo o sistema, todo o universo.

— E por que não nos procuraram antes? — ela voltou a se sentar.

Ele sorriu.

— Vocês foram contactados há muitos anos, *mui liev*. Seus governos foram. Mas a explicação deles é que se nós fôssemos revelados naquela época, quando a tecnologia de vocês ainda era tão precária em relação a hoje em dia, haveria uma histeria. Ninguém acreditaria que vínhamos em paz, apenas querendo ajudar. Repassamos algumas informações tecnológicas que poderiam ajudá-los a se desenvolver com a condição de que a usariam para o bem, e nos foi garantido de que vocês mudariam para melhor e não destruiriam o planeta dessa forma.

— Mas...?

— Como pode ver, não cumpriram a parte

no acordo.

— E o que vai acontecer? Vão nos matar?

Ele se aproximou um pouco mais dela no sofá.

— Quando você era criança e sua mãe a levava para tomar vacina, você gostava?

— Claro que não.

— Mas tomou todas as doses necessárias, por quê?

— Para não ter aquelas doenças, algumas delas poderiam me levar à morte.

— Como eu disse, somos todos um. Vocês estão doentes. Precisam ser curados. Uma criança doente nem sempre gosta do tratamento dado, às vezes injeções, às vezes xaropes de gosto amargo, às vezes privação de sair para brincar, mas com o tempo, quando está curada da doença, ela volta a ter sua liberdade e para de tomar o remédio. Não há escravidão, Cecelia, há um cuidado. Se vocês

adoecem e se destroem, nós tambem sofremos.

— Quando você fala “nós” se refere apenas aos V’Kianos... V’Kians... como são chamados quem nasce em V’Kian?

— V’Kos. E não, não são apenas os V’Kos. Há muitos outros planetas habitados juntos nesse resgate.

— E qual o seu trabalho aqui? E o de Vern?

— Vern é engenheiro. Claro que o conhecimento da engenharia de trabalho dele é muito mais avançado que o de vocês, mas ele veio para analisar todos os seus recursos e relatar quais os piores e quais poderiam ser mantidos. No meu caso, eu estudo as civilizações, os povos do planeta, como se comportam, se acasalam, se multiplicam. Há mais na equipe: botânicos, geólogos, nutricionistas...

— Oh meu Deus! É por isso que você não

come carne ou bebe álcool? — ela levou a mão aos lábios.

O sorriso dele foi ainda maior.

— Sim, vocês mesmos têm um ditado que diz “você é o que você come”. Nossa alimentação é rica em nutrientes. Tudo que precisamos pode ser encontrado na natureza sem precisar de carne. Quanto ao álcool, é interessante o estudo sociológico do relacionamento de vocês com a bebida, e pode até ser compreendida, mas, ainda assim, o seu uso não é de valia à mente e ao corpo.

— Se você diz... — ela deu de ombro.

— E quanto aos seus dons, eles serão desenvolvidos de maneira muito mais rápida se você se alimentasse corretamente.

— Epa, parou aí! Não mexe na minha comida! — ela se levantou do sofá, levantando as mãos como um aviso.

Vince deu um tapa nas próprias coxas e se

levantou do sofá, andando até o meio da sala.

— Você recebeu informação suficiente para um único dia. Precisa processar tudo o que eu lhe disse. Outro dia conversaremos mais. — ele se encaminhava até a porta de saída, quando ela falou.

— Quem te garante que eu quero saber mais coisas?

— Você vai querer saber. Veja bem, eu lhe disse quem sou, de onde vim e o que faremos aqui. Mas eu não disse por que, dentre tantas pessoas, está sabendo disso tudo muito antes de todo mundo. — ele deu-lhe uma piscada e partiu.

Ela ficou um minuto em pé, piscando, diante da bomba que ele havia acabado de jogar no seu colo.

Capítulo 16

Sentada em sua carteira habitual na sala de aula, CeeCee olhava para o material em cima da mesa, lápis de variados tamanhos e espessuras, para desenho, e o bloco de papel que permanecia em branco. Normalmente ela não tinha qualquer tipo de problema para desenhar seja lá o que fosse quando o professor dava um horário para desenho livre. Sua cabeça borbulhava de imagens de lugares ou rostos de pessoas. Desenhar era sua vida, sua forma de comunicação durante muito tempo. Mas naquele dia, ela estava completamente oca; nenhuma ideia sequer surgia em sua mente.

A única coisa que ela conseguia pensar era em toda informação que Vince havia lhe passado.

Toda não era bem a verdade. Ele havia

jogado-a num campo minado e ela que se virasse em descobrir os pontos certos para pisar sem ser levada pelos ares.

Claro que sendo ela quem era, a Miss Complicação, o cara com quem ela se envolveu não podia ser alguém simples, descolado. Não!! Tinha que ser um homem lindo, alto, forte, cheio de personalidade, senso de humor e mais velho. Muito mais velho. Milenarmente mais velho! E rico. Pensando bem, como será que funcionava o sistema financeiro do planeta dele? Planeta??? Senhor!!! Deveria ser país, outro país.

E agora, não bastava ela estar em plena aula completamente com bloqueio criativo, ela ainda estava há pelo menos meia hora olhando para um conjunto de lápis sobre a mesa, tentando fazer com que qualquer um deles se movesse. Com a força da mente.

Mas espere, como foi mesmo que Vince

disse que ela havia feito em *Chinatown*? A mão dela fez um sinal e o saleiro escorregou para ela? Ela, então, colocou a mão aberta na direção dos lápis e ficou ali parada, esperando que algo acontecesse. Nada. E se ela balançasse a mão? Mais dois minutos parada. Nada.

Respirando fundo em sinal de derrota, ela fechou os olhos e pôs-se a se lembrar da vez em que foi à casa alugada dele.

Desde que tinham transado a primeira vez, na casa dela, ele tinha ficado muito mais aberto sobre ele. Ele levou-a para conhecer a quitinete que alugara, a poucas quadras de onde ela mesma morava.

Apesar de ele não tomar álcool, levou em consideração o fato de ela gostar de beber e providenciou uma boa garrafa de vinho, o que causou de ela bebê-la sozinha e ficar meio alta. Isso facilitou muito para que ela perdesse a inibição e

logo estivesse se atirando em cima dele.

Naquela noite, ele havia cozinhado para ela, que tinha descoberto mais um talento dele. A comida para lá de saudável mostrou-se deliciosa, e de uma maneira que CeeCee não se sentiu cheia demais ao terminar de comer. Era uma salada tão colorida, e que continha frutas e até flores. Ela nunca imaginou que se poderia comer flor. E de sobremesa, mamão com cassis, doce suficiente para apaziguar o desejo dela por algo açucarado, sem ter, necessariamente, adição de açúcar.

Céus! Durante todo o tempo que ela esteve com ele em Vegas e, agora, aqui, ele deu dicas – discretas como um rinoceronte no meio da sala – de seu modo de vida para lá de saudável. E aquele primeiro papo que tiveram sobre... Como era mesmo o nome? Os não-humanos. Ela disse a ele que acreditava que os humanos não estavam sós no universo. Bem-feito!

Contudo, seus pensamentos iam mesmo na lembrança de como se refestelaram deliciosamente um no outro.

Depois do jantar, Vince lavava a louça e ela estava ao lado, bebendo sua última taça de vinho.

— Sabe, não é justo você não beber comigo com um vinho maravilhoso desse — ela não estava exatamente bêbada, mas se sentia bem mais desinibida.

Ele sorriu, enxaguando o prato e pegando a toalha para secar as mãos.

— Que bom que gostou da safra, não sou entendido em vinho.

— Mesmo? Que bom. Finalmente encontrei alguma coisa na qual você não é bom.

A risada dele saiu mais alta, e depois de pôr a toalha estendida, tirou a taça a mão dela colocando sobre a pia de mármore e a levou para a

sala, empurrando-a carinhosamente pelos ombros, atrás dela, até se sentarem no sofá.

— Sabe por que as bebidas alcoólicas são chamadas de *spirits*? — ela negou com a cabeça — Porque elas podem influenciar as pessoas a fazer coisas que em seu juízo perfeito não teriam coragem. Os espíritos mencionados na Bíblia? Do lado bom e do lado mau? Quanto mais você bebe, mais malvados os espíritos se tornam.

Ela riu alto.

— Está vendo? É isso que quero dizer, você sabe tudo de tudo. É uma maldita enciclopédia.

— Gosto de ler, e no meu trabalho, material de leitura é o que não falta.

Ela ajeitou-se do sofá indo sentar no colo dele, com as pernas separadas em cada lado, e os braços ao redor do pescoço dele.

— Eu não me incomodo que você seja o

senhor sabe tudo. Na verdade, ia adorar se agora mostrasse seus conhecimentos sobre mim.

— Sobre você?

— Sim, especificamente sobre mim. Não quero saber sobre as outras mulheres com que fodeu.

Ele gargalhou.

— Parece que alguém já bebeu demais...

— Na, na, ni, na, não, não mude de assunto. — ela segurou o rosto dele com as duas mãos.

Com as mãos na cintura dela, sentindo o sexo dela na direção exata sobre o membro dele, Vince olhou-a como quem admirava uma obra de arte.

— O que sei sobre Cecelia Armentrout? Ela é linda...

— Não exagere.

— Você quer que eu fale a minha versão

de você ou o que acha que as outras pessoas pensam a seu respeito?

Ela torceu os lábios em pirraça.

— Continue.

— Ela é linda. Tem um sorriso encantador. Um corpo que me faz perder o fôlego, e a pele macia. O seu cheiro... — ele aspira fundo — Rosas. Mas com um ingrediente especial: ela mesma. Cheia de sonhos, de talentos, mas que é capaz de fazer tudo pelas pessoas que são importantes para ela. Não há nada que seja difícil, impossível, quando se trata de ajudar alguém. O coração dela é puro, é grande, é doce. — as mãos dele passeavam pelo corpo dela. A palma da mão foi até o meio do peito dela, ficando sobre o coração — Para ela não há nada pela metade. Ela é capaz de fazer qualquer coisa que queira, só precisa acreditar mais em si mesma. E ainda que isso pudesse ser um defeito — ela franziu a testa —, eu adoro mais que tudo,

porque se ela não consegue ter confiança, eu tenho nela. E mais ainda, tenho muita esperança de que o que temos prossiga por muito, muito tempo... — os lábios dele se aproximaram dos dela, roçaram; a língua deslizou entre os dela, fazendo-a abri-los e recebê-lo de tão bom grado num beijo profundo, mas singelo. Ao terminarem o beijo, ficaram com as testas encostadas uma na outra, de olhos fechados e respiração errádica.

— Eu conheço alguém que vai se dar muito bem hoje — ela murmurou, sorrindo.

— Que sortudo filho da mãe — ele se levantou, com ela no colo, fazendo-a dar um gritinho, e a jogou no ombro, indo em direção ao quarto.

Colocou-a na cama, e de joelhos, ela começou a tirar a camisa dele e abrir o botão da calça jeans. Ele a ajudava a se despir, e quando estava completamente nu, com seu membro já

totalmente exigindo atenção, CeeCee olhou para ele com um sorriso safado.

— Acho que você está vestida demais.

Ficando de pé na cama, ela brincou com a saia do vestido midi, girando-a de um lado ao outro. Vince subiu na cama e a puxou pela cintura rodeando-a com um dos braços, a outra mão foi ao rosto dela, acariciando-o, e a puxou pela nuca para um beijo mais avassalador. CeeCee se pendurou no pescoço dele. As mãos dele desceram pelo corpo dela, indo até a calcinha, que não durou muito, e CeeCee deu um pulo ao sentir a força do material sendo despedaçado.

— Você fez igualzinho os caras daqueles romances que leio — falou com a respiração entrecortada, tomando fôlego pelos beijos.

— E o que mais eles fazem?

Acariciando os cabelos dele, CeeCee olhava para aqueles imensos olhos cor de prata e

sentia-se totalmente preparada – e segura – para pedir qualquer coisa, e sabia que Vince não pensaria menos dela por isso.

— Se você se sentar na cama, eu posso mostrar.

Sorrindo, ele abaixou-se à cama, enconstando-se na cabeceira. Ajeitando a saia do vestido que não foi retirado, ela levou a mão até o membro dele, que estava em posição de sentido, e colocou-o ainda mais ereto. Apoiada pelos joelhos, foi abaixando-se lentamente e empalando o pau dele dentro dela. Abaixou-se pouco a pouco até sentir-se preenchida por ele, e ali ficou parada, acariciando seu cabelo e dando leves beijos em seus lábios.

— Cecelia, você vai me matar — falou com os lábios juntos aos dela, apertando sua cintura com as mãos. Fazia um movimento ascendente com os quadris tentando fazê-la se mover sobre ele, mas

ela continuava parada.

— Que egoísmo seu querer morrer logo agora que comecei a conhecer as maravilhas na cama.

— Ah, querida, acredite, você já é phD em provocação.

— E se eu fizesse isso... — ela levantou os quadris até quase o membro dele sair de dentro dela e sentou baixando com tudo, fazendo-o arfar de desejo e tesão — o quanto você iria aguentar?

— Eu poderia aguentar muito, *mui liev*, a questão é: eu quero?

E antes que ela pudesse responder, ele mudou a posição de ambos, fazendo-a deitar sob ele.

— Ei! Não valia isso!

Ele riu alto e cerrou o olhar.

— Vamos fazer melhor então.

Em outro movimento rápido, ele saiu de

dentro dela, virou-a para ficar de bruço na cama e a penetrou mais uma vez.

— Céus! Como você consegue fazer isso?

Ele abaixou a cabeça até que sua boca estivesse colada ao ouvido dela.

— Tenho o melhor dos incentivos — mordeu-lhe a orelha e pôs-se a arremeter nela, forte, fundo. CeeCee gemia de prazer a cada vez que ele entrava. Os sons da cama rangendo, da estocada que ele dava, da batida da pele dele na dela, tudo era uma trilha sonora erótica para os ouvidos dela.

Segurando na cabeceira da cama, ela acompanhava os movimentos dele, ajudando-o a ir cada vez mais fundo. A sensação não era apenas deliciosa, era de completude. Depois de Vince, nenhum homem pareceria certo para ela; ele a estava estragando para qualquer tentativa de encontrar alguém. Mas ela precisava focar ali, no

aqui, agora. Momentos como estes eram raros, singulares.

A bem da verdade, focar ali também estava difícil. Sua mente já mostrava o familiar sinal de que iria sair de órbita. Nas mãos deste homem, ela iria para qualquer lugar...

— CeeCee.

Ela acordou de suas lembranças, sendo chamada por Trevor, e se viu ainda na sala de aula, quando todos os alunos já haviam partido.

— Desculpe se te assustei, mas você estava com olhar sonhador. A aula já terminou há uns dez minutos.

Ela começou a recolher o material e a colocá-lo na bolsa, e a guardar o bloco e os lápis de desenho nos compartimentos certos de sua pasta.

— Obrigada. Eu... eu dormi pouco noite passada. Acho que meu cérebro está cansado.

— Posso imaginar. É a primeira vez que

não a vejo desenhar no tempo de desenho livre.

Os dois saíram da sala de aula e andaram pelo corredor em direção à saída.

— Mas está tudo bem?

— Claro. Nada que uma noite bem dormida não resolva. — ela procurava a chave do carro dentro da bolsa, para, de repente se lembrar de que a tinha colocado no bolso da calça. — Eu vou para casa tentar dormir mais cedo. Você precisa de carona?

— Não, eu to legal. Tem certeza que você está bem para dirigir? O seu... namorado não vai aparecer por aqui hoje?

— Não, ele... precisou resolver umas coisas. A gente se vê — ela acenou para ele, e correu para o estacionamento.

Chegou em casa pouco tempo depois e

sentiu-se feliz ao constatar que sua amiga havia finalmente voltado de viagem.

— Daph! Que bom que voltou!

Mas a amiga continuou sentada no sofá, olhando a pilha de papéis espalhada sobre a mesa de centro, a mesma que usavam para colocarem o lanche na hora da maratona de filmes. Só então que CeeCee se deu conta de que havia deixado ali vários desenhos que fizera de Vince.

Daphne pegou um dos desenhos, olhando-o com mais afinco.

— Não imaginei que ainda estava aficcionada pelo carinha depois de mais de um ano.

CeeCee se deixou jogar na outra ponta do sofá.

— Não estou aficcionada — disse emburrada.

— Não? E o que significa isso?

— Que ele voltou — ela cruzou os braços

sobre o peito.

— Mesmo? — Daphne arregalou os olhos — Uau! Tá aí uma coisa que me surpreendeu. Desde quando?

— Um pouco depois que você foi para o *Grand Canyon*. Estávamos nos vendo todo dia...

— Estavam? Passado? Ele partiu de novo?

CeeCee negou num movimento.

— Tivemos um... desentendimento.

— Humm... Isso quer dizer que antes se entenderam?

Mais uma vez CeeCee fez um movimento, dessa vez afirmativo.

Daphne jogou o papel de volta à pilha e foi se sentar ao lado da amiga.

— Escuta, Cee, eu evitei dizer na ocasião porque não queria trazer esse assunto à baila... Você foi muito corajosa em enfrentar a partida dele daquele jeito, sem se despedirem. Mas a verdade é

que você está com os quatro pneus arriados pelo cara.

— Aff... — CeeCee escondeu o rosto com as mãos, em derrota.

— E se, de repente, só do cara voltar, você passa o tempo desenhando-o de todos os ângulos, eu diria que vocês precisam *realmente* resolver essa questão.

CeeCee levantou-se sentindo-se oprimida.

— Você não entende, Daph...

— Me explica então.

— Ele mora longe, muito longe.

— E qual o problema disso? É por conta da faculdade? Ele não pode esperar até que você termine? Eu sei que ainda faltam dois anos, mas isso passa logo, e, depois, o seu tipo de trabalho pode ser feito a partir de qualquer lugar...

— Mas...

Daphne segurou-lhe as mãos.

— Cee, pare de criar “e se” para o que possa vir a ser do relacionamento de vocês. A não ser que ele tenha algo que o desabone, como ser um bandido, um terrorista, alguém do mal, se permita viver o momento. Você estava feliz com ele em Vegas e acredito que estava feliz de novo antes de terem mais esse problema, não estou certa?

CeeCee apenas anuiu.

— Então, pare de criar desculpas. Deve haver um meio termo para que vocês fiquem juntos. Encurrale-o na parede e pergunte exatamente tudo que precisa para tirar qualquer dúvida. Se não valer a pena, pelo menos você viveu um romance. Mas, vai que vale?

CeeCee olhou para a amiga, tão bonita e tão decidida...

Havia sim, várias perguntas que ela precisaria fazer antes de dar qualquer resposta a Vince. Ele lhe contou parte da verdade e disse que

a daria uns dia para ruminar em cima de toda aquela informação.

Daphne estava certa. CeeCee precisava descobrir as verdadeiras intenções dos V'Kos na Terra – isso era praticamente um dever cívico – e, a partir daí, ela decidiria qual a decisão a tomar, porque em relação aos seus sentimentos, ela já sabia. Estava irremediavelmente apaixonada por um homem que lhe oferecia um romance de outro mundo.

Capítulo 17

Vince não sabia o que estava sendo pior de encarar: a distância que CeeCee estava impondo a eles, ou as aparições de Vern na casa que ele havia alugado.

Seu trabalho estava sendo postergado, ele sabia, e isso era uma novidade para ele.

Depois de ter passado mais de um ano longe de Cecelia, envolvido em outro projeto, ele conseguiu dar um jeito de voltar a vê-la, indo até San Francisco. Mas ele sabia que o tempo para estar ali estava acabando. Então, ele teria duas opções: convencê-la a ir com ele – o que ele esperava conseguir – ou deixá-la para sempre – e essa opção doía só de pensar.

— Isso é tão divertido de ver — Vern

comentou sentado no sofá, com as pernas sobre a mesa de centro.

Na verdade, Vern não estava ali, mas a milhares de quilômetros de distância dentro de uma nave espacial a caminho de V'Kian. Na mesma espaçonave onde Vince deveria estar, mas conseguiu dar um jeito de só viajar com a próxima equipe de pesquisadores dali a poucos dias.

Exasperado, Vince não sabia se se mantinha sentado conversando, ou andando de um lado ao outro. Vern conseguia tirá-lo do sério.

— Você não tem nada para fazer? — Vince perguntou sem qualquer humor.

— Na realidade, não. Você sabe como essas viagens, que duram meses, me deixam entediado.

— Já deveria estar acostumado pelo tempo que as fazemos. — Vince levantou-se mais uma vez do sofá, indo à cozinha pegar um copo d'água,

mesmo sem sede.

— Sim, mas normalmente você está aqui comigo.

A água foi bebida e o copo colocado com força sobre a pia.

— Por que não vai até ela?

— Já expliquei, ela precisa de tempo para aceitar tudo o que eu disse a ela.

— Mas isso já faz o quê? Três dias? Cara, você está uma pilha de nervos.

— Fala isso porque nunca se apaixonou...

— E dou graças por isso! Se sentir-se apaixonado é ficar assim, prefiro continuar correndo atrás das fêmeas só por diversão. Vamos lá, Vince, você sabe o que é isso. As fêmeas sempre se jogaram no seu colo só por causa desse seu jeitão todo certinho — Vern estufou o peito como que imitando o jeito de Vince andar, o que fez o outro sorrir.

— É diferente...

— Não pode ser tão diferente assim. Veja bem, os humanos são voláteis. Os relacionamentos deles não duram como os nossos. Você e eu temos pais que estão casados há séculos, literalmente, e, ainda assim, você nunca tinha pensado em arrumar uma fêmea em definitivo. Por que logo com alguém de uma raça tão frágil?

Vince fechou os olhos e suspirou alto. Não sabia se era por estar de saco cheio de Vern, ao trazer o mesmo assunto vez após outra, ou porque ele o fazia lembrar-se dela com mais afinco.

Ele não tinha como explicar o que sentia. Logicamente falando, Vern estava mais do que certo. Cecelia era de uma raça frágil, por mais avançados tecnologicamente que eles estivessem, não se comparavam com as outras raças que já andavam entre eles, e eles sequer desconfiavam.

As muitas supostas aparições de

fenômenos extraterrestres que apareciam nos *sites* de videos eram apenas a ponta do *iceberg*.

Não estava nos planos de Vince se envolver com alguém como ela. Ele já vagava pela Terra há tempo suficiente para conhecer as fraquezas e os pontos fortes do povo, e seus relatórios sistemáticos aos antigos mostravam que os humanos tinham um enorme potencial de desenvolvimento, se fossem guiados da forma correta. Quando sem um guia forte e sábio, tendiam a fazer barbáries e se guiar pela vantagem pessoal, o que acabava fazendo com que um pequeno grupo se beneficiasse de tudo: melhores alimentos, moradias, saúde, enquanto a grande maioria vivia em condições precárias. Isso poderia ser facilmente resolvido.

A vida de Vince sempre fora o trabalho; este o mantinha ocupado e satisfeito, e quando sentia alguma necessidade física, ele a aplacava,

fosse sede, comida ou sexo. Até Cecelia.

Vern estava certo, aqueles três dias longe dela pareciam três anos, e isso o estava enlouquecendo.

— Somos física e tecnologicamente mais avançados do que eles, você está certo, Vern, mas talvez, exatamente isso tenha feito com que nos afastássemos de sentimentos mais primitivos. O amor se tornou racional. Sabemos o que sentimos e agimos de acordo. Os humanos mantêm esse lado selvagem.

— Nós também temos um lado selvagem, Vince. Quando encontramos uma companheira tendemos a ser territorialistas.

— Sim, mas quantos casais V'Kos você ficou sabendo que se meteram numa briga por ciúmes?

Vern franziu o cenho tentando se lembrar.

— Está vendo? Somos sim territorialistas,

mas uma vez que todos saibam a quem aquela fêmea pertence, todos em volta se comportam como o esperado, e acabamos por ser mais selvagens apenas na cama. E isso é luxúria, Vern, não necessariamente amor.

— E você gosta desse jeito dos humanos agirem? Por favor, Vince, eles matam por ciúme!

— Não falo do comportamento selvagem quando uma terceira pessoa entra no relacionamento. Isso é errado de todas as formas. Falo no trato entre macho e fêmea. Entre nós, uma vez que a cerimônia do acasalamento ocorre, o casal passa a agir como dois colegas de trabalho.

— Eles não têm que demonstrar publicamente seus sentimentos, Vince.

— E nem precisam agir como duas pedras de gelo.

Vern abaixou as pernas, escorando seus cotovelos sobre as coxas.

— Sabe o que eu acho, Vince? Não sei como, mas você e essa humana devem ser mesmo companheiros. Não consigo entendê-lo, meu irmão. Durante mais de três mil anos você tem convivido com um jeito de agir e achava ser o correto, e agora, com poucos dias de convivência com essa mulher, você começou a ver defeitos em nosso jeito de ser...

— Não disse que são defeitos. Disse que são formas diferentes de ser. Uma não torna a outra melhor ou pior. São só... diferentes.

— E você parece estar se adaptando bem à forma mais rústica.

— Só não consigo imaginar Cecelia vivendo à maneira V'Kos de ser. Ela merece ser amada e cuidada, e seu companheiro não pode ter vergonha em demonstrar isso, não importa em que planeta estejam.

— E você espera ser esse companheiro?

PERIGOSAS NACIONAIS

Vince apertou as mãos em punhos.

— Espero sinceramente não precisar vê-la com outro macho.

— Está esperando o que então para ir atrás dela?

Nesse instante, alguém bateu à porta dele. Os dois olharam na direção dela. Vince, com cara de assustado, e Vern, com um sorriso debochado. Logo, Vern se inclinou para trás no sofá, levando as duas mãos à nuca, com um ar satisfeito.

— Você deveria me contratar como pé de coelho da sorte, irmão. Toda vez que estou na área, ela aparece.

— Se manda daqui, Vern — Vince fez sinal com a mão e se dirigiu à porta.

— Poxa! Assim você magoa meus sentimentos — brincou e apertou um botão em seu relógio, fazendo sua imagem holográfica desaparecer.

PERIGOSAS ACHERON

Respirando fundo, Vince preparou-se e abriu a porta se deparando com Cecelia.

Depois de ter conversado com Daphne, CeeCee ainda ficou mais um tempo pensando na melhor estratégia para se aproximar de Vince. Mas por mais que pensasse, na verdade, ela não sabia como fazê-lo.

Ela sabia que estava apaixonada por ele. Havia se entregado ao homem certo para transar, mas agora, não sabia o que fazer com a informação do que ele era. Ela sequer tivera coragem de contar toda a história para sua melhor amiga, e elas contavam os segredos uma para outra desde... sempre! Porém, como ela poderia contar isso? *Ah, esqueci de mencionar que além de ele ser aquele pedaço de mau caminho, também não é humano. Não, ele não é de Marte, mas de um planeta chamado V'Kian, a meses de viagem em distância*

da Terra. Parece que não estão aqui em guerra, mas também, não necessariamente em paz. Senhor, que confusão!

CeeCee não sabia o que esperar de um relacionamento com um homem... um tipo... um espécime como ele. Será que ela seria considerada traidora por confraternizar com o inimigo?

Sua cabeça dava voltas.

A bem da verdade, estava há três dias sem vê-lo, mas parecia muito mais tempo. Sentia saudade, queria beijá-lo, abraçá-lo e saber mais sobre ele. Queria ter nem que fosse a leve esperança de que eles poderiam dar certo. Provavelmente nunca dariam.

Entretanto, algo a incomodava. Ele havia dito algo sobre quem ele era e por que estava aqui, mas não por que ela sabia disso, enquanto o resto da população não. Essa era a desculpa que ela precisava para ir até ele.

Como a casa onde ele estava morando não ficava muito longe, ela foi até lá a pé. Ao chegar à porta, parou e procurou reunir coragem para bater. Ouviu vozes lá dentro. Talvez ele tivesse cansado de esperar e estava acompanhado de outra mulher. Mas eles só ficaram afastados por três dias! Será que seus sentimentos por ela eram tão superficiais assim? Ela deveria dar meia-volta e ir embora, e foi o que começou a fazer. No entanto, foi ele quem apareceu na vida dela depois de mais de um ano separados, com uma história de não conseguir parar de pensar nela, então, por que ela iria facilitar-lhe a vida e deixá-lo se refestelar com outra mulher?

Nada disso!

Ela voltou à porta e bateu nela com determinação.

A conversa lá dentro parou. Ela ouviu passos e a porta foi aberta por Vince. E ele estava mais lindo do que ela conseguia se lembrar.

— Olá, Cecelia. Não quer entrar? — ele fez um gesto para que ela entrasse, e ela o fez, olhando em volta para ver se encontrava alguma pista de quem estava falando com ele.

— Não quero atrapalhar. Se estiver com visita, posso voltar outra hora.

— Visita? — ele fechou a porta e estranhou a pergunta dela, logo lembrando-se da presença de Vern — Oh, se refere a Vern? Ele estava aqui daquele jeito que você viu em sua casa, mas já partiu.

— Você quer dizer a imagem dele?

Vince assentiu.

— Quer sentar? Posso pegar algo para você beber? Eu tinha esperança de que aparecesse por aqui, por isso, mantive um vinho.

Ela sorriu diante da gentileza dele.

— Obrigada, mas prefiro me manter sóbria já que vamos ter uma conversa um tanto... fora dos padrões.

— Como quiser.

Ele fez um sinal para que ela se sentisse à vontade. Ela sentou no mesmo lugar em que Vern estivera há poucos minutos, enquanto Vince se sentou de frente a ela.

CeeCee estava se sentindo estranha. Não sabia exatamente como abordar aquele assunto. Olhava em volta como se fosse cair em seu colo magicamente a melhor forma de tocar no assunto.

— Andou passeando pela cidade nesse últimos dias? — ela perguntou protelando.

— Na realidade, não.

— Não? — a resposta dele a surpreendeu. — O que fez nesses dias?

— Nada — ele deu de ombros.

— Você não tem trabalho a fazer, seja lá o

que você tem feito nessa sua ‘visita’?

— Meu trabalho já terminou. Eu deveria estar viajando na mesma nave que Vern.

— E por que não está?

Ele levantou uma sobrancelha mostrando que a resposta àquela pergunta era meio óbvia.

— Compreendo — ela balbuciou.

— Compreende mesmo, Cecelia?

Ela olhou para ele, pela forma que ele disse seu nome. Normalmente não gostava quando a chamavam pelo nome, mas, por alguma razão, nele, o som de seu nome parecia encantamento; ela se sentia hipnotizada e sabia que poderia fazer o que ele pedisse. O problema era que ela não sabia o que ele queria dela... além de terem feito sexo várias vezes de forma selvagem e apaixonada. E só de pensar nisso a fazia estremecer.

— Eu tenho perguntas...

— Imaginei que as tivesse.

— E não sei se você poderá respondê-las — ela continuou.

— Por que não as faz e veremos se posso ou não lhe dar as informações?

— Muito bem — ela levantou o queixo num modo desafiador, o que ele achou muito fofo. — Fiquei repassando na minha mente tudo o que você me disse, e outras tantas coisas que já ouvi por aí, ou vi videos na internet...

— E nem todos são verídicos.

— Imagino que não. Você disse que você e Vern estavam aqui colhendo informações sobre nós. Que tipos de informações?

Vince sentou-se mais confortável no sofá, encarando-a. Ele sabia que, caso ela aparecesse, algumas de suas perguntas seriam sobre as pesquisas que vinham fazendo há vários anos. Como Vern havia pontuado, tais informações poderiam ser dadas à sua companheira, e apesar de

Cecelia ainda não ser sua companheira de fato, ele esperava que ela o fosse, e logo. Ele lhe diria apenas o que poderia lhe aplacar a cuiosidade. Outras, ele não poderia por não estarem na hora certa de serem reveladas; e tantas outras, nem ele mesmo sabia. Apenas a alta cúpula e os antigos tinham conhecimento.

— Somos de áreas de atuação diferentes, mas basicamente, estávamos colhendo informações sobre as tecnologias de vocês, o uso que fazem delas – para o bem e para o mal. No caso de uma intervenção, quais deverão ser eliminadas e quais poderão continuar.

— Haverá mesmo uma intervenção?

— Eu lhe expliquei que seu planeta está doente. A poluição emitida por vocês não se encontra apenas no planeta, mas já pode ser vista do espaço. Seu planeta já não é mais azul. Sua água está comprometida, o solo está doente. A moral do

ser humano está tão contaminada que o certo virou errado e vice-versa. Quem comanda tudo e tem acesso ao que seria de melhor é aquele que tem dinheiro; os privilegiados podem tudo, os menos privilegiados ficam à margem vivendo de sobras. O planeta é rico e ainda há muito a ser descoberto, ainda assim, espécies de plantas e animais estão entrando em extinção.

— Temos os políticos para tomarem conta desses quesitos.

— Sim, e novos governos começam com as melhores das intenções, mas logo caem na malha da corrupção. A intenção é boa, mas é falha.

— E quando ocorrerá essa intervenção?

— Eu não sei a data.

Ela arregalou os olhos. — Está mentindo.

— Não, não estou. Faço parte de um dos grupos de pesquisa. Não sou do alto escalão; não faço parte do grupo que toma as decisões.

— Mas na certa sua opinião é levada em consideração?

— Sim, mas a última palavra não é minha.

— Mas você não poderia agir como uma espécie de advogado nosso? Pedir mais tempo?

— Mais tempo para o quê, *mui liev*?

— Não sei! — ela se levantou exasperada, e começou a andar pela sala — Você não pode dizer na minha cara que espécies alienígenas...

— Não-humanos.

— Que seja! Que outras espécies vão tomar uma decisão que não lhes diz respeito e espera que eu fique calma com isso.

— Posso imaginar o choque que será para vocês. Mas há um ponto que você não sabe que pode acalmá-la.

— O que é? — ela parou de andar mas não se sentou.

— Nós, a sua espécie e a minha, tivemos o

mesmo começo.

— Ahn? — ela se sentou na ponta do outro sofá, o mesmo que o dele. Isso o deixou tremendamente feliz, ainda que não estivessem muito perto um do outro.

— O seu planeta e o meu foram colonizados na mesma ocasião. De fato, estávamos no mesmo grau evolutivo, o que você poderia chamar de ‘homens das cavernas’. Fomos implantados com a mesma genética, as mesmas condições, deixados e observados para desenvolvermos a partir do nosso meio. Por alguma razão, a evolução de sua espécie atrasou em milhões de anos. Vocês se tornaram mais hostis, selvagens, tomando o que o planeta dava sem aprender com aquilo, sem dar em troca. Isso só fez piorar conforme desenvolviam sua tecnologia. Esta passou a ser dividida por classes sociais, uns com muito e outros sem nada. A ‘doença’, então, só

ficou pior.

— O seu planeta desenvolveu-se da forma correta?

— Não posso dizer que havia uma forma correta. Os dois poderiam se desenvolver de formas diferentes e eficazes, mas a questão é que a diferença tornou-se grande demais. Ao mesmo tempo que vocês avançavam tecnologicamente, em outras áreas iam para trás.

— Por isso vocês passaram a nos visitar?

— Foi. Os embaixadores entraram em contato com seus líderes há muitos anos e fizeram um acordo. Não existe essa de destruição de planeta, existe sim, a vontade de ajudá-los. Entendemos que vocês são teimosos — ela deu um sorriso — e não querem que ninguém interfira, mas, Cecelia, o planeta está pedindo socorro e os seus ‘gritos’ estão sendo ouvidos por nós, lá fora.

— Você disse que não sabe a data que seus

Embaixadores vão voltar? — ele assentiu concordando — E, então, eles mandaram vocês, as equipes de pesquisa, para colher todas as informações sobre nós ao longo de vários anos para uma espécie de dossiê sobre a raça humana? — mais uma vez, ele assentiu. — Daí, vocês terão mais argumentos a apresentar novamente aos nossos líderes para justificar a intervenção de vocês.

— Você conseguiu entender muito bem — ele sorriu. — E não esqueça que por termos tido o mesmo começo, somos o que você pode chamar de espelho de como serão com um guia para o bom desenvolvimento.

— E no caso dos líderes humanos não aceitarem?

— Como eu disse, não faço parte do grupo líder. Sei que eles têm maneiras de convencer seu povo a aceitar a ajuda — ela ia falar algo, mas ele

continuou, impedindo-a — Não acredito que seja através de uma guerra. — ela fechou a boca — Se quiséssemos abrir uma guerra contra vocês, já teríamos feito.

— Não vamos aceitar pacificamente, Vince. — ela falou desanimada.

— Já sabemos, querida.

— Vai haver resistência.

— Também sabemos disso.

Ela suspirou alto e abaixou o olhar para as mãos.

— Isso é tão frustrante...

Vince se levantou de seu lugar e sentou-se ao lado dela, bem pertinho, e notou que ela não se esquivou. Mais um ponto para ele.

— Você está me contando isso tudo e eu não tenho com quem dividir... Nem com Daphne eu falei. Sei que vou parecer uma maluca se sair por aí falando essas coisas. Ou então, a CIA vai me

trancafiar em algum porão por eu estar espalhando um segredo de Estado. — ela levantou o olhar para ele — Por quê, Vince? Por que está me contando tudo isso?

Ele tirou uma mecha do cabelo dela da testa.

— Eu falei para você quando voltei a vê-la, não sei como chamar isso, mas sei que fomos feitos para ficar juntos.

— Mas somos de mundos diferentes!

— Você não me ouviu? Nossa raiz é a mesma.

— E você ficou com os milhões de anos de vantagem.

Ele sorriu pela birra dela.

— E de que adianta meus milhões de anos de vantagem se quem eu quero está aqui?

Ela o encarou novamente com um novo brilho nos olhos. O carinho dele em seu rosto, com

a mão espalmada, deixou-a derretida, inclinando o rosto para sentir-lhe melhor o gesto.

— É tão estranho imaginar essas diferenças porque quando olho para você, vejo um homem normal como qualquer outro. Você não tem chifres, rabo ou uma cor de pele diferente, azul, por exemplo.

Ele gargalhou.

— Mas tenho umas diferenças muito interessantes... — ele falou encostando seus lábios nos dela.

— Mesmo? — ela abriu bem os olhos. — E você poderia me mostrar?

Vince estava distraído dando leves beijos no rosto dela, descendo para o pescoço, se embriagando com seu perfume. Estava com tanta saudade do gosto dela, queria ser capaz de se segurar mais, mas seu autodomínio estava por um triz.

— Posso pensar em alguma coisa... — os beijos chegaram nos ombros.

— Isso pode ser amanhã? — ela colocou os braços ao redor do pescoço dele.

— Por favor — ele quase sufocou as palavras devorando-lhe os lábios.

E como se houvesse aberto as comportas de uma represa, os dois se entregaram à paixão contida dos últimos dias de distância. As mãos estavam por todos os lugares, e logo os dois estavam de pé para melhor se tocarem. CeeCee sentiu-se ser erguida do chão, e Vince afastou os lábios apenas o suficiente para perguntar:

— Diga que vai passar a noite comigo.

— Onde mais eu deveria estar?

E sorrindo, ele a carregou para a sua cama.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18

Venha à minha casa às 7 da noite. Vista algo confortável.

Esta era a mensagem que Vince havia enviado para ela. CeeCee tinha passado o dia todo tentando imaginar o que ele estaria planejando para fazerem aquela noite.

Desde a noite anterior, quando tinham voltado a se amar, CeeCee não parara de pensar se aquele relacionamento poderia dar certo. Ainda que fossem espécies diferentes, o sentimento não parecia diferir do de qualquer casal humano. Na certa, o amor era um sentimento universal, interplanetário, e eles poderiam sim, ficar juntos.

Mas como seria no dia a dia? Ele mencionou que deveria estar viajando na mesma

nave que Vern estava. Isso queria dizer que ele não poderia morar na Terra. E como se daria no caso dela? Mudando-se com ele, como ela terminaria seus estudos? E mais, e quanto a sua família e Daphne? A distância entre os planetas não permitiria uma viagem rápida quando a saudade apertasse. E será que ela sequer poderia contar aos seus pais que estaria se mudando de planeta?

Ela fechou os olhos, deitada no sofá de sua casa.

Isso sem contar os aspectos práticos da coisa. O planeta dele seria bom para que ela lá vivesse? Atmosfera, alimentação, vizinhança? Os outros V'Kos aceitariam-na como companheira de Vince? E se eles fossem xenófobos?

Ela sacudiu a cabeça, tentando tirar esse pensamento negativo. Vamos acreditar que uma raça superior não teria esse tipo de pensamento mesquinho.

Ela e Vince se davam bem. Conversavam sobre muitas coisas, e na cama, então, tudo ocorria às mil maravilhas. O que a fez se lembrar sobre procriação. Conseguiria ela engravidar dele? Ou eles usavam outro método para terem filhos?

As perguntas eram muitas, sua cabeça dava voltas, e ela precisava decidir o que queria da vida.

Era certo que não gostaria de ter de se despedir de seus pais e de sua melhor – e única – amiga para viver num local que sequer sabia se ia se adaptar. Por outro lado, quantas pessoas tinham a sorte de encontrar sua alma gêmea? Ela tinha noção de que Vince era um em um milhão e que, provavelmente, se eles não ficassem juntos, ela não conseguiria encontrar um outro cara que a compreendesse, até mesmo garantindo que o que ela sempre considerou suas esquisitices, eram dons que poderiam ser potencializados e usados da

forma correta, inclusive para ajudar outras pessoas.

Ela precisava de mais respostas, mas tinha a leve impressão de que a decisão pendia para o lado de Vince...

Às sete horas em ponto, ela bateu à porta dele.

Como pedido, ela vestiu-se de forma casual e confortável, lembrando-se daquele dia que passaram passeando por Vegas. Ela colocou um vestido, justo até a cintura, com manga curta, cuja saia era rodada até os joelhos. Por cima, um cardigan, apenas para aplacar o vento frio que às vezes mostrava-se presente. Nos pés, sapatilhas sem salto. Pelo menos eram de um modelo diferente do usado em Vegas.

Ele abriu a porta e ela quase perdeu o ar ao vê-lo tão informal e sorridente. Vestia uma calça jeans despojada e uma camisa de malha branca,

descalço. O sorriso no rosto, amplo e sincero, era o melhor cartão de boas-vindas.

Ele a puxou pela mão para dentro e a envolveu num abraço, dando-lhe um beijo que, esse sim, lhe tirou o fôlego.

— Obrigado por ter vindo.

— Obrigada por ter me chamado.

Ela saiu do abraço dele e olhou em volta, e não viu nada diferente. Sem uma mesa de jantar arrumada ou qualquer outra dica do que fariam.

— Passei o dia curiosa sobre esse seu convite. Vamos a algum lugar? Ou prefere ficar aqui, agarradinhos? — ela terminou a frase voltando a abraçá-lo e beijando-lhe o queixo.

Ele retribuiu o abraço.

— Estive pensando no que conversamos ontem — ela franziu a testa, o que o fez passar o polegar na linha de expressão na testa dela — Eu sei que você ainda tem várias perguntas a fazer, e

está no seu direito em querer saber, mas eu pensei que, ao invés de simplesmente respondê-las, eu poderia... mostrar.

CeeCee afastou-se um pouco dele, mas não saiu de seus braços. No rosto, a surpresa pelo que ele dizia.

— Como assim mostrar?

Ele respirou fundo e a levou até o sofá, fazendo-a se sentar, e sentando-se na mesa em frente a ela.

— Talvez eu esteja me adiantando... Não sei qual será sua decisão, Cecelia, mas... gostaria de lhe mostrar parte de meu mundo.

— Você vai me levar lá? — ela se levantou assustada. Ele sorriu e a fez sentar-se novamente.

— Sim, mas não da maneira que está pensando. — começou a acariciar-lhe as mãos num gesto para acalmá-la — Lembra-se do que viu no

seu quarto? Quando Vern e Vantuir estavam lá conversando comigo? — ela assentiu devagar — Posso fazer com que a gente vá até lá desse jeito.

Ela mordeu o lábio inferior, pensando se isso seria uma boa.

— Vai doer?

— Nada. Você terá as mesmas sensações como se estivesse realmente lá.

Ao olhar bem fundo nos olhos dele, CeeCee pôde ver a ansiedade dele, mas, também, um certo medo de ser rejeitado. Ela levou a mão ao rosto dele e o acariciou.

— Eu vou adorar conhecer o seu lar.

O sorriso dele foi além de felicidade. Ele se levantou e a levantou junto, abraçando-a forte.

— Venha.

Ele posicionou os dois mais no meio da sala, num local com mais espaço, e manteve-a abraçada a ele.

— Eu sei que vai parecer estranho para você, mas preciso que confie em mim. — ela apenas assentiu — Quero que feche os olhos. Não vai sentir nada de mais. Está vendo esse aparelho aqui? — ele mostrava o ‘relógio’ que ela sempre o viu usando, e sabia que Vern tinha um igual.

— O seu relógio?

Ele riu. — É mais do que um relógio. Através dele, podemos fazer bastante do nosso trabalho, entre eles, nos reunirmos holograficamente com os antigos para passar-lhes os relatórios, ou, no caso de Vern, aparecer de vez em quando para me encher a paciência.

Ela riu abertamente.

— Feche os olhos. — Ela o fez. — Preparada para um pouco de aventura? — ela sorriu, lembrando-se da vez que ela mesma lhe fizera essa pergunta, e assentiu.

Sem deixar de abraçá-la, ele levantou o

braço para alcançar um dos botões que havia, e feliz, Vince viu quando o cenário mudou, e como eles apareceram na casa dele, em V'Kian.

— Pode abrir.

Devagar, CeeCee abriu os olhos, e estes se arregalaram em espanto.

Eles não estavam mais no meio da sala dele, na Terra, mas no que parecia ser um terraço, em V'Kian.

CeeCee afastou-se de Vince e passou a olhar em volta.

O terraço em que estavam era todo enfeitado com um jardim, bem maior que o dela. A fragrância que exalava era maravilhosa, e boa parte daquelas plantas e flores era desconhecida a ela, mesmo que ela não fosse muito entendida no assunto de plantas terrestres.

Num lugar estratégico, havia duas espreguiçadeiras claras. CeeCee se aproximou

delas e o mais espantoso não era por estarem ali, mas por não terem pernas. Elas estavam flutuando.

Espantada, ela apontou para os ‘móveis’ e olhou para Vince.

Ele deu de ombros. — Tecnologia avançada, o que posso dizer?

Ela caminhou até a mureta de proteção e olhou para a paisagem. Havia mais vegetação em torno da casa.

— Não há vizinhos?

— Sim — ele se aproximou dela — Mas gostamos de ter bastante área verde em volta, por isso, mantemos construções afastadas umas das outras.

— Então, vocês não têm um centro de cidade?

— Sim, mas não é como o de vocês. Há uma área em que temos os prédios principais dos dirigentes do planeta, além de outros locais de

necessidade à população, mas no que tange as casas, cada família tem sua casa afastada, com sua área verde.

— Vocês têm animais domésticos?

— Não é muito comum tê-los. Damos valor a que cada espécie viva em seu habitat natural, mas não é proibido.

— E vocês valorizam a vida deles o suficiente para não serem carnívoros? — era mais uma afirmação do que uma pergunta. Vince apenas assentiu.

CeeCee voltou sua atenção à paisagem, e logo estava olhando o céu.

— Meu Deus, parece que o céu está caindo em nós...

As estrelas e o que pareciam ser duas luas brilhavam tanto, e pareciam tão perto, como se com um simples gesto de levantar as mãos, ela pudesse tocá-las.

— Aqui não há poluição, e as luzes das casas são programadas para brilharem o suficiente sem agredir e sem apagar o brilho das luzes naturais do céu.

Ela deu um risinho e ficou com as bochechas coradas.

— No que está pensando, danadinha? — Vince a abraçou por trás.

— Em como seria fazer amor debaixo desse céu.

— Podemos experimentar — ele sussurrou em seu ouvido.

Ela se virou e o abraçou. Sentia-se feliz. — Pode me mostrar a casa primeiro?

Ele deu um beijo na ponta do nariz dela e pegou-a pela mão, levando-a para dentro da casa, abrindo uma porta de correr, de vidro.

— Não estava trancada?

— Não temos costume de trancar as

portas. Não pelo motivo que você está pensando.

— Que sonho! — ela murmurou.

Estavam dentro de um quarto. CeeCee reconheceu a enorme cama no centro. Apenas isso. E da mesma forma que as espreguiçadeiras, a cama não tinha pés, mas flutuava.

— É só isso? Sem criado-mudo ou guarda-roupa?

Ele sorriu e largou a mão dela. Sentou-se na cama e fez menção de tirar o aparelho do pulso. Imediatamente, uma espécie de tábua apareceu ao lado da cama, vinda da parede. CeeCee abriu a boca em espanto.

— É uma casa inteligente. Muitas das ações necessárias, ela prevê o que você precisa e oferece. — como ele não colocou nada sobre o 'criado-mudo', ele desapareceu dentro da parede. — O *closet* se abre numa das paredes.

— Mas a cama... ela não tem travesseiro

ou colcha. Deve ser desconfortável.

— Experimente. — ele deu uns tapinhas onde estava sentado.

Com o olhar meio cerrado, em desconfiança, CeeCee tirou os sapatos e subiu na cama, ficando de joelhos.

— Deite-se como se fosse se preparar para dormir. — ele sugeriu, e ela o fez.

Na mesma hora, CeeCee sentiu a cama se mexendo, como que se moldando a ela para dar-lhe o melhor conforto.

— Não terá necessidade de travesseiro ou colcha porque a cama lhe oferecerá o conforto necessário. Você não sentirá frio ou calor. A atmosfera da casa é mantida para ficar agradável.

— Nossa! Você deve gastar uma grana com conta de luz.

Vince riu alto.

— Não é à base de eletricidade, Cecelia. É

outra tecnologia, e não nos é cobrada, já que todos no planeta precisam dela para viver melhor.

Ela estava sentindo-se tão confortável que tinha a impressão que poderia dormir a qualquer instante, por isso, logo tratou de levantar.

— Foi bom você falar nisso, porque queria saber como funciona o sistema financeiro de vocês. Qual é a sua moeda? Quanto você ganha pelo trabalho que faz como pesquisador?

Ele se levantou e segurando a mão dela, guiou-a pela porta, onde ela viu estarem num pequeno corredor, no qual tinha mais outra porta, provavelmente um segundo quarto. Desceram a escada e ela se viu em meio a uma sala de estar, de tamanho grande, com vários sofás e cadeiras flutuantes, com encosto e braços. Havia algumas plantas nos cantos dando um pouco de vida ao local. Numa das paredes, uma passagem em arco, onde ela viu tratar-se de uma cozinha, com uma

mesa e cadeiras – também flutuantes – e bancadas em volta. Mas não havia qualquer eletrodoméstico à vista. No geral, a casa era clara, sem cores fortes, a não ser pelas plantas. Havia janelões espalhados, o que ela imaginou que daria uma belíssima vista durante o dia, além de deixar o ambiente alegre.

— Não temos o dinheiro como é conhecido no seu mundo. — ele respirou fundo, pensando em como melhor explicar a ela — A melhor forma de dizer como seria aqui... o que vocês chamam de dinheiro, nós consideramos como crédito. Todo V'Kos adulto deve ser produtivo de alguma forma. Não há uma exigência do que ele deve fazer, qual sua área de estudo e atuação, mas ao se tornar adulto, ele deve poder passar adiante.

— Então, enquanto vocês são crianças e jovens, os professores não recebem pagamento em dinheiro...

— Há uma troca em tudo, Cecelia. Você

se torna útil à sociedade fazendo o que ama, e recebe o trabalho de outras pessoas quando precisa.

— Não há ricos e pobres?

— Não há diferenças de classes.

— E com isso, não há roubos e, por isso, vocês não precisam trancar as portas. Entendi.

Ele sorriu.

— Está com fome?

Ela torceu os lábios e deu de ombros, e ele já sabia o que ela pensava. Comida era uma forma de conforto para os humanos. Mais uma vez, ele a pegou pela mão e a levou até a cozinha.

Sobre a bancada havia um *tablet*, no qual Vince segurou e pôs-se a digitar uma série de coisas com símbolos e letras que CeeCee não conhecia.

— Esse é o seu idioma? O que me leva à próxima pergunta: como consegue falar meu idioma tão bem, sem sotaque?

Ele terminou de digitar e colocou o *tablet* de volta na bancada. Encostou-se ali, cruzando os braços sobre o peito.

— As equipes de pesquisas interplanetárias recebem um implante tradutor antes da primeira viagem. É necessário para que possamos entender o idioma local e nos misturar, quando dá.

— Quando dá? — ela franziu o cenho em dúvida.

— Bom, há várias civilizações bem diferentes fisicamente de nós. Seres mais altos...

— Mais altos?!

— Com a cor da pele diferente, membros do corpo mais grossos ou finos... Isso faz com que não possamos nos misturar. Com vocês foi mais fácil porque...

— Temos a mesma raiz. — ela completou, lembrando-se do que ele já havia explicado. Ele riu.

Nesse instante, uma portinhola na parede se abriu e uma espécie de bandeja apareceu, com vários recipientes com comida.

Havia dois recipientes do que parecia ser uma sopa, e estava quente, com a fumaça saindo, e outros dois com o que parecia ser uma salada bem sortida.

CeeCee só apontou para aquilo tudo.

— Você não cozinha? A casa faz tudo?

Ele pegou a bandeja e a levou à mesa, separando os recipientes em frente aos lugares.

— Posso cozinhar, se eu quiser, mas como passo pouco tempo aqui, assim é mais cômodo.

CeeCee olhou em volta e viu tudo imaculadamente limpo.

— A casa também se autolimpa?

Vince sentou e fez um gesto para que ela também se sentasse, sorrindo pela curiosidade dela.

— Sabe o quão rico você seria na Terra

com uma tecnologia dessa?

Ele apenas levantou uma sobrancelha.

— Ah é... não existe isso aqui. — ela olhou os talheres ao lado dos pratos – graças a Deus eram iguais aos da Terra – pegou a colher e passou a comer a sopa.

Quando a primeira colherada alcançou sua língua e desceu pela garganta, CeeCee fechou os olhos em contentamento, fazendo um som de apreciação.

— A comida foi aprovada? — ele perguntou com um sorriso na voz.

— Eu não sei que tempero é esse, mas é uma delícia!

Nos minutos seguintes, a refeição foi feita com mais minutos em silêncio, às vezes era quebrado com alguma explicação que Vince lhe dava sobre a forma totalmente orgânica de como os alimentos eram plantados e preparados. Não havia

necessidade de acrescentar sal aos alimentos. O sabor natural de cada verdura e legume se potencializava com o cultivo correto. A salada também havia sido aprovada. Vince havia oferecido a ela colocar um molho totalmente natural sobre ela, o que fez CeeCee comer com ainda mais satisfação.

A comida era leve. A ausência de produto animal sequer foi percebida, e, no final, CeeCee sentiu-se satisfeita e sem vontade de comer doce.

Ao terminarem, Vince colocou os recipientes de volta na bandeja e sobre a bancada, e logo a mesma portinhola abriu, fazendo com que a louça suja desaparecesse atrás da parede.

CeeCee riu negando com a cabeça.

— Que tal voltarmos ao terraço e descansarmos olhando as estrelas? — ele sugeriu estendendo a mão para ela, que aceitou indo com ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19

As duas espreguiçadeiras estavam juntas no meio do terraço. CeeCee estava com a cabeça apoiada no ombro de Vince, cujo braço a envolvia. Os dois olhavam para cima, para o céu. Suas respirações estavam sincronizadas e não havia qualquer necessidade de palavras. Estar ali, existir, já era o suficiente.

CeeCee sentia a mão dele acariciá-la no braço, para cima e para baixo, um movimento quase hipnótico e ela sabia que se assim continuasse, poderia acabar dormindo a qualquer minuto.

No entanto, se o ambiente era de calmaria, a mente dela encontrava-se num verdadeiro caos.

Ali estava ela, no planeta dele, tendo todas

as sensações como se lá estivesse realmente, conhecendo o cantinho dele, o mundo do qual ele muito se orgulhava. E pelo pouco que ela havia visto, era para ter orgulho mesmo. Como negar que a sociedade deles era perfeita – talvez perfeita demais – quando viviam num mundo sem violência, sem disputas de classes, sem poluição, sem doença? Era bom demais para ser real, mas era.

Ela sentiu que poderia se adaptar totalmente àquele estilo de vida; dedicar-se a seu trabalho – será que o tipo de trabalho dela, artes, era valorizado ali? Mas o que dizer de ter de abrir mão de sua família, da vida que estava acostumada?

A bem da verdade, havia casais na Terra que quando se casavam, se mudavam para bem longe de seus familiares. Por que, então, ela não poderia tentar? Mas será que havia ‘tentativa’ em

V’Kian? E se um casal não se desse bem? Será que havia divórcio?

Piscando os olhos várias vezes, CeeCee tentou mudar o trilho de seus pensamentos. Já estava pensando em divórcio quando sequer sabia como era o antes disso. Ela sabia que eles se davam maravilhosamente bem na cama, mas, e em relação a filhos?

— Vince.

— Sim?

— Você mencionou sobre a impossibilidade de eu engravidar de você, ainda que tenhamos a mesma raiz... Isso é só por que somos de planetas distintos ou tem alguma pegadinha a mais?

Vince ajeitou-a melhor sobre ele, e colocou o outro braço debaixo da nuca.

— Os V’Kos não têm uma gestação como a humana há milhares de anos. Há muitos e muitos

anos, os nascimentos eram como os de vocês na Terra. Mas com o passar do tempo, e o advento das tecnologias, as mulheres eram tão produtivas quanto os homens. Muitas delas, ao engravidarem, não passavam bem. Uma gestação requer cuidados especiais; e foi decidido que elas não precisariam passar por isso quando o casal decidisse ter um filho.

CeeCee levantou o olhar para ele, mas deixou que ele continuasse.

— Então, nós temos um local onde o casal pode ir e ter seus filhos por inseminação artifical.

— Você quer dizer através de uma mãe de aluguel?

— Não exatamente. O casal cede o seu material genético e tudo se dá em laboratório. Seis meses depois, eles têm o filho nos braços.

— Seis meses? Não são nove, como nós?

— Com um material genético sem doenças

e todo o aparato laboratorial, em seis meses a criança é gerada a termo.

— Mas, e o carinho que se passa da mãe para o filho ao longo da gravidez?

Vince abaixou o olhar para ela.

— Deixe as emoções de lado, CeeCee, e raciocine logicamente. A gestação ocorre por nove meses para que a criança seja preparada para viver respirando por si só, e podendo atuar normalmente em outras atividades. O período também ajuda a mulher a se preparar para ser mãe, a se acostumar com o fato de que a partir dali, ela é responsável por um outro ser.

— Ok.

— Entretanto, se você já tem essa percepção de que é necessário às outras pessoas a partir de seu trabalho, uma criança a mais não mudaria isso. Então, os seis meses são mais do que suficientes para que a criança esteja pronta.

Ela abaixou o olhar dele, e voltou a admirar o céu.

— Parece tão... frio.

Ele a apertou mais para si.

— Só se lembre de que seu filho não sofrerá de qualquer doença porque todo o seu material genético foi mapeado. Depois de seis meses, você terá em seus braços uma criança saudável e inteligente, pronta para ser feliz.

— Alguém já... devolveu uma criança?

— Claro que não! Ter um filho aqui é algo sério. Não há pessoas abandonadas na rua. Como não envelhecemos como vocês, não temos casos de idosos abandonados e improdutivos, doentes; e as crianças só nascem quando o casal tem certeza absoluta de que está preparado para se doar ao longo daquele tempo, até que aquele ser seja um adulto...

— Produtivo. — ela completou para ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele notou que esse assunto mexeu com ela. Os humanos eram criaturas ainda apegadas às questões emocionais, e pelos estudos sociológicos de Vince, ele viu que a maternidade ainda era considerada algo sublime. Havia casos de mulheres sem qualquer traquejo materno; tantas outras que faziam maldade com sua própria prole, chegando ao ponto de matá-la. Mas na maioria dos casos, as mulheres eram endeusadas pelo fato de poderem gerar uma vida.

Será que Cecelia tinha planos de ter uma família numerosa? Em V'Kian não existia uma regra quanto ao número de filhos; desde que o casal quisesse ter muitos – e isso não atrapalhasse em seu trabalho – era permitido ter quantos fosse. Mas será que ela faria tanta questão de ela própria engravidar? E no caso das mães que, por razão de saúde, não podiam fazê-lo? Elas não recorriam, de qualquer maneira, a outras alternativas?

PERIGOSAS ACHERON

Vince sabia que se assim fosse o caso, seria um empecilho grande entre eles. Ele ia adorar ter filhos com ela; sabia que seriam perfeitos fisicamente e mais do que certo herdariam um ou ambos os dons dela. Era um privilégio em V'Kian ter filhos com dons assim, e que seriam orientados desde a tenra idade, quando estes começassem a se manifestar, da forma correta.

Ela estava quieta demais ao lado dele, e diferentemente do silêncio anterior, em que se mostrara prazeroso, este parecia que um muro havia se erguido entre eles. Vince não podia deixar que esse assunto a afastasse dele. Ela era importante demais para ele para perdê-la assim.

Beijando o alto da cabeça dela e a acariciando agora com as duas mãos, ele a fez voltar a olhá-lo.

— Em compensação, os V'Kos simplesmente adoram ter contato íntimo com seus

parceiros.

— É mesmo? — ela sorriu. Isso era um bom sinal.

— Oh sim. O ato de fazer amor pode durar horas. Além disso... — ele parou. Será que ele poderia compartilhar com ela aquela informação? Seria algo íntimo demais. Não era um segredo entre os V'Kos, mas ela não o era, e não tinha como saber desse detalhe da anatomia deles que só aparecia quando o casal estava devidamente junto; quando tinham certeza de que um era o companheiro do outro. Vince não tinha dúvidas de que Cecelia era a companheira de uma vida inteira dele, mas será que ela pensava o mesmo?

— Além disso...? — ela o incentivou a continuar.

Ele deu um sorriso sacana, aproximando os lábios dos dela.

— De novo, prefiro mostrar. — o beijo

veio devastador.

CeeCee não sabia como ele conseguia deixá-la daquela maneira, tonta, ansiosa por mais, como se sempre fosse a primeira vez deles. Braços e pernas se cruzaram querendo – não, necessitando – com que um entrasse no outro. Não havia espaço entre eles.

Os beijos de Vince eram viciantes; ora leves como uma pluma, ora profundos. Não importava como fossem, CeeCee precisava dele como se fosse o último sopro de ar para se manter viva.

A mão dele foi até a perna dela, a panturrilha e começou a subir devagar acarinhando sua pele. Cada nervo, que ela sequer sabia que existia, estava em estado de alerta. Atrás do joelho, na coxa, até que ele chegou em suas nádegas e as apertou. Oh, Senhor! Como era bom. E ele ainda nem tinha chegado no centro de seu prazer, o que

era uma questão de tempo.

As mãos dela acariciavam as costas dele. Ela queria sentir-lhe a pele, então, começou a puxar a camisa para cima. Vince parou de beijá-la apenas tempo suficiente para tirar a camisa pela cabeça e jogá-la de qualquer jeito no chão, e voltou a atacar-lhe a boca.

Ao voltar, ele segurou o rosto dela com as duas mãos e se encararam, e o que CeeCee viu naquele mar prata era totalmente novo.

Ela sabia que ele a amava, ainda que ele não tivesse dito as palavras, mas naquele momento, o olhar de Vince dizia algo muito mais profundo. Eles eram um abismo no qual ela queria se jogar e se perder pela eternidade; ela queria ser dele, pertencer a ele, aqui, agora e sempre.

Colocando as duas mãos nos ombros dele e empurrando-lhe de leve, ela o fez se afastar, e levantou seu próprio torso. Ajeitando seu vestido,

que também era colocado pela cabeça, CeeCee tirou a roupa que atrapalhava. Conforme ela tirava cada peça – o vestido e o sutiã – os olhos dele brilhavam ainda mais. Ao recostar-se novamente na espreguiçadeira, só então ela percebeu que ambas haviam se fundido numa só, e pareciam com a cama que ele tinha no quarto, um pouco mais estreita.

Vince alcançou o botão da calça e a tirou, sem desviar o olhar do dela. Logo, toda a sua extensão estava exposta a ela. Grande, inchada, com a cabeça já mostrando o líquido pré-ejaculatório.

CeeCee lambeu os lábios diante daquela visão. Ela levou a mão até o membro dele, mas antes que pudesse pegá-lo, Vince segurou sua mão.

— Cecelia — sua voz estava mais baixa e grave, como alguém que sentia dor e lutava para não demonstrar —, estar perto, dentro de você é a

melhor parte do meu dia... Eu não penso em nossas diferenças, mas em como somos perfeitos quando estamos juntos.

O sorriso dela o acertou como um soco.

— Também acho que somos perfeitos juntos, Vince.

Ele balançou a cabeça devagar, com olhos fechados, sua respiração errádica.

— Eu me segurei até agora. — ela abriu os olhos assustada — Não! Eu não vou machucá-la; jamais o faria, mas há uma coisa sobre os V'Kos que você precisa saber.

Ela acenou com a cabeça para que ele continuasse.

— Isso só se dá quando o macho encontra a sua verdadeira companheira. Ele 'sente' que isso vai acontecer, então, ele sabe que aquela fêmea é a mulher para a eternidade.

— E você 'sente' isso comigo? — ela

perguntou num fiapo de voz.

Ele assentiu lentamente.

— Uma vez que isso aconteça, nenhuma outra mulher irá me satisfazer. Será como se eu ficasse... impotente para qualquer outra.

Ela abriu mais os olhos e mordeu o lábio.

— Se você não tem certeza quanto a nós, eu...

Ela levou o indicador até os lábios dele, silenciando-o.

— Quando você não apareceu para o nosso último café da manhã em Vegas, eu achei que o tivesse perdido. Nos meses que ficamos separados, inconscientemente eu comparava todo cara que se aproximava de mim com você. E, então, você foi o meu primeiro. Vince, eu quero ser a sua última. Eu digo sim para nós.

Ele abaixou a cabeça encostando as testas deles, soltando o ar que estivera preso. CeeCee

puxou a cabeça dele com as mãos, e voltaram a se beijar selvagemente. Com uma única mão, ele puxou a calcinha dela até que esta se rompesse, e se ajeitou entre as pernas dela. Ela sabia que estava mais do que molhada, pronta para recebê-lo, pronta para consumar o que já sabia: ela pertencia a ele. Para sempre.

Vince colocou a cabeça de seu pau na entrada dela. Ela ainda era apertada. Encharcada, com um perfume que subia às narinas dele e o fazia sentir-se embriagado. Pouco a pouco, começou a entrar nela; fazendo com que as paredes se ajustassem à sua invasão. As pernas dela envolveram-no e a posição dela ficou ainda melhor, mais aberta para recebê-lo fundo. Vince escorou-se nos cotovelos, querendo observá-la enquanto a preenchia, enquanto a proclamava como sua.

Quando seu membro já estava na metade do caminho, ele parou. Assim como o tempo. Os

olhos de ambos conectados. Não havia som, não havia ar, não havia distração. Apenas um no outro. Num repente, ele movimentou os quadris fazendo com que seu pau entrasse totalmente nela, e causando nela um pulo, e quando lá no fundo chegou, o movimento dos quadris dele passou a ser circular e lento.

CeeCee fechou os olhos entregando-se àquele prazer. Sempre como a primeira vez, com a vantagem de já não ter mais o desconforto de virgindade recém perdida. Vince movimentava os quadris como um torturador, levando-a à loucura, lentamente. Ela passou a mover-se com ele no afã de fazê-lo aumentar a velocidade, mas ele se mantinha naquele ritmo. O prazer era dilacerante e só fazia aumentar. Os únicos barulhos existentes eram de seus corpos suados e os gemidos dela. Sentindo seu gozo de aproximar, CeeCee enfiou as unhas na carne das costas dele, sem se importar se

deixariam marcas, buscando o alívio que seu corpo precisava e exigia. Aquele homem seria o único a conhecer os segredos de seu corpo. E de sua alma. Aumentando um pouco mais o ritmo, Vince oferecia o que ela necessitava, e quando sabia que o orgasmo dela estava para estourar, assim como o dele, ele sabia que era chegada a hora.

Pela anatomia V'Kos, o membro do macho se dividia em dois e sua segunda parte encaminhava-se para preencher completamente a companheira. Sem qualquer aviso ou preparação, mas sem a dor que ela sabia ser característica, CeeCee sentiu quando foi preenchida em seu cu. Totalmente tomada por Vince, ela notou o membro – ou membros – se avolumando dentro dela e ficando totalmente presos. Vince não precisava mais se movimentar, seu pau fazia todo o trabalho e o prazer era simplesmente incrível. Macho e fêmea num encontro sem precedente, sem chance de

separação, não até que o orgasmo atingisse a ambos, e CeeCee sabia que seria em união.

Vince e ela gemiam, se beijavam, se acariciavam, se completavam. E quando já não dava mais para segurar, os dois gozaram como num ápice de uma sinfonia, as mentes embotadas, o ar fugindo-lhe dos pulmões e os corações transbordando.

— Vinceeeeeee — ela gritou, gozando.

— *Mui liev!* — ele respondeu. E deixou seu corpo cair sobre ela.

Algum tempo depois, que poderiam ter sido minutos ou horas, Vince saiu de cima dela, deitando ao lado, e puxando-a para junto dele, ainda dentro dela, e assim ficaram, com as pernas entrelaçadas, deixando que suas respirações voltassem ao normal.

Ela riu alto e beijou o peito dele. Ele deu

um tapinha na bunda dela.

— Isso é bom demais! — ela falou rindo.

— Concordo. — falou suspirando, ainda de olhos fechados.

— E sabe o que é melhor?

— Hum?

— Se vocês só fazem isso com a companheira e mais ninguém, isso quer dizer que você nunca vai me trair.

Carinhosamente, ele puxou o cabelo dela para que o olhasse. Ele estava com a testa franzida.

— Por que eu a trairia?

Ela deu de ombro.

— Não é que você esteja planejando me trair, mas...

Com a outra mão, ele segurou o queixo dela para ter certeza de que ela estaria encarando-o quando falasse.

— Cecelia, a partir de agora, não há

qualquer outra fêmea para mim. O que acabamos de fazer significa no seu mundo que estamos casados. Se eu te perder será melhor que eu procure uma forma de findar a minha vida, porque não haverá razão, motivação ou desejo de continuar respirando sem você ao meu lado.

Ela teve vontade de chorar com aquela declaração. Era perfeito. Então, ela o beijou.

— Isso foi muito bonito.

— Não era para ser bonito, era para ser a verdade.

Ela voltou a deitar a cabeça no peito dele e ambos olhavam para o céu.

— Aqui é tão lindo, e calmo... Eu poderia pintar este cenário para nunca mais esquecê-lo.

— O oásis dos amantes.

— Sim, nome perfeito. — ela o abraçou mais e ele beijou o alto da cabeça dela. E assim ficaram por mais um longo tempo.

— Aquilo que você me chama – *mui liev* – na sua língua, o que quer dizer?

— É a forma carinhosa com que um macho V'Kos se refere à sua amada. No seu idioma poderia significar *minha adorada, meu amor, meu tudo*.

E ao som desse significado e com as batidas do coração dele em seu ouvido, CeeCee deixou-se levar pelo sono reparador.

Capítulo 20

O Dia de Ação de Graças era um dos poucos feriados – ou talvez o único – em que as amigas não passavam juntas, mas cada uma passava com seus pais.

Para CeeCee era um feriado querido. Reunir-se com seus pais, ouvir as histórias que eles sempre contavam e agradecer por tudo, além de poder comer a comida deliciosa da sua mãe, dando a ela um senso de conforto como não sentido ao longo do ano. Com o passar dos anos, e pelo fato de não morar com seus pais, ela passou a valorizar mais os momentos em que podiam ficar juntos. Aquele seria o segundo feriado desse em que ela estava fora de casa.

Ela queria levar Vince com ela e

apresentá-lo à família, mas apesar de ter achado o gesto dela comovente, Vince convenceu-a de que seria melhor que somente a família se reunisse, eles teriam outras chances de se encontrarem.

Havia uma tradição na família de comprar o pinheiro para a árvore de natal na semana de Ação de Graças, mas eles só começavam a enfeitá-lo depois desta data. Então, depois de ter estacionado o carro e cumprimentado seus pais ao entrar em casa, CeeCee sentiu-se bem ao avistar o pinheiro nu em seu canto característico da casa.

Sua mãe, Lillian, caprichava nos pratos típicos da data, e a quantidade que fazia era sempre tão grande que CeeCee acabava levando varias embalagens para casa, as quais ela e Daphne faziam a limpa ao longo da semana. CeeCee e o pai, Geoffrey, ajudavam a terminar de pôr a mesa.

Ao sentarem-se, as graças da família eram feitas por todos, cada um citando seus

agradecimentos na oração. E a família conversava durante a refeição.

— Como vai seu curso, CeeCee? — o pai perguntou enquanto colocava mais purê de batata no prato.

— Vai bem. Acho que a faculdade vai promover uma exposição na Primavera, então, assim que passarem as festas, vamos começar a elaborar os materiais que queremos expor.

— Que maravilha, querida. Já sabe o que vai fazer? — a mãe falou tomando um pouco de seu vinho.

Ela negou com a cabeça. — Ainda não, mas tenho umas ideias povoando minha mente.

— E quanto ao namoradinho?

CeeCee se engasgou com a caçarola de milho, e teve de tomar um pouco de vinho para ajudar a descer a comida.

— Oh, Geoffrey, não deixe a menina sem

graça!

— O que foi que eu fiz? Só fiz uma pergunta inocente. Ela já tem dezenove anos, não vou achar que ela vai morrer virgem.

— Oh meu Deus! — CeeCee enfiou o guardanapo de pano no rosto, querendo que o chão se abrisse e a consumisse.

— Não seja apressado. O fato de ela ter um namorado não quer dizer que esteja pronta para dormir com ele.

— Garanto que 'dormir' será a última coisa que farão, Lillian. — o pai sacaneava a esposa.

Sentindo a pele afogueada, CeeCee bebeu mais vinho.

— Não acredito que vão conversar sobre minha vida sexual à mesa.

— Não estamos falando de sua vida sexual, e sim sobre a possibilidade de você ter um

namorado. A não ser que você já tenha uma vida sexual e queira partilhar a informação conosco. — o pai falou olhando-a por sobre a lente dos óculos.

CeeCee só negou com a cabeça.

— Bom.

— Mas se tiver um namorado e quiser trazê-lo aqui para o natal, querida, vamos adorar.

— Mãe, não passamos o natal juntos. E não sei por que já não me entrega o presente que tenho certeza que está comprado e embalado desde julho.

— Ora, querida, porque o presente precisa ir para a árvore que só montamos depois do Ação de Graças. Toda árvore precisa ter presentes, senão, qual o objetivo dela?

CeeCee rolou os olhos já conhecendo aquela cantilena.

Agora, ela dava graças a Deus por Vince ter se recusado a vir, ou então, os pais teriam uma

nova tradição no feriado: inquisição ao namorado.

Após o jantar, enquanto o pai assistia a algum programa na TV, CeeCee e a mãe arrumavam tudo, guardavam as sobras em potes. Na despedida, seus pais iam com ela até o carro, abraçavam-se com ardor e prometiam se ver dali alguns dias para o natal.

Eram tradições como essa que mostravam que ainda que a vida fosse difícil e nem sempre se encontrasse pelo caminho pessoas de bem, sempre haveria um porto seguro para se voltar. CeeCee sabia que seus pais não ficaram exultantes com sua escolha de curso, mas a apoiaram e ficavam felizes com as conquistas dela. Isso valia a pena.

Sabia que passaria o resto da noite, e provavelmente do dia, sozinha. As idas de Daphne à casa da família sempre eram mais demoradas, com mais parentes presentes e, algumas vezes, algumas confusões que sempre rendiam histórias

hilárias.

CeeCee guardava seus potes na geladeira quando ouviu alguém bater à porta. Estranhou pelo tardar da hora, mas pensou que poderia ser algum vizinho pedindo alguma coisa, como um abridor de garrafa, como aconteceu no ano anterior. Ao abrir, deu de cara com Vince.

Ele estava lindo, com as mãos nos bolsos da calça, mas também parecia perturbado.

— Sei que está muito tarde, mas precisava vê-la.

Ela fez um sinal para que ele entrasse, fechou a porta atrás dele, e logo estava abraçada a ele, esfregando o rosto em seu peito e sentindo o seu cheiro másculo.

Vince retribuiu o abraço e colocou o queixo sobre a cabeça dela, sentindo-se completo depois de quase um dia inteiro longe dela. Essa necessidade que ele sentia dela parecia ter piorado

desde o retorno deles da ‘viagem’ dela a V’Kian. Isso era um sintoma do acasalamento consumado e ele sabia que a próxima conversa deles seria decisiva.

Ela levantou a cabeça olhando para o belo rosto dele, que ainda se mostrava sério.

— Não esperava vê-lo hoje à noite. Estava pensando em ir vê-lo durante o dia.

— Por que esperar até de dia se pode-se estar junto agora? — ele a beijou suavemente.

Ela o levou até o sofá, fazendo-o se sentar de lado e se aconchegou a ele, ainda encarando-o.

— Mas... eu acho que essa sua vinda não foi só porque estava com saudade.

— Sempre tenho saudades suas.

— A recíproca é verdadeira, mas seu cenho está preocupado... aqui. — ela apontou para a linha de expressão na testa dele. — O que houve?

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

— Não posso ficar mais tempo. — ele sentiu o corpo dela tensionar — Consegui postergar minha ida quando Vern partiu, mas as outras equipes de pesquisa partem pela manhã, e eu preciso ir com eles.

— Entendo... — ela murmurou.

— Eu sei que seu mundo é aqui; você tem seus pais, e eu adoraria lhe dar mais tempo com eles, mas...

— O quê? — ela se levantou do sofá num pulo. — Eu sei que havíamos falado sobre a possibilidade de eu ficar com você, mas não imaginei que quisesse me arrancar de minha família, de minha *casa*, assim, de repente.

Ele também se levantou e levou as mãos aos quadris.

— Você sabia que meu tempo aqui não era longo, Cecelia.

— Você está aqui há menos de um mês!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu nem devia estar aqui! — ele explodiu.

O silêncio tomou conta do ambiente.

Vince levou a mão aos cabelos, despenteando-os. Aproximou-se dela segurando suas mãos.

— Quando estivemos juntos em V'Kian, eu disse a você o que significava aquela forma de estarmos juntos. Eu sou seu e você é minha, Cecelia.

— Não estou negando meus sentimentos por você...

— Eu tenho um trabalho a fazer...

— Pois eu também! — ela quase gritou — Pode ser que para você, a minha escolha, o meu mundo, seja primitivo, mas é o que eu tenho. — ela segurou o rosto dele com as duas mãos — Vince, eu te amo e quero ficar com você... mas eu quero terminar meus estudos... e ainda tem meus pais.

PERIGOSAS ACHERON

Acabei de vir da casa deles. Não posso voltar lá e me despedir deles assim, do nada, sem poder contar a eles para onde vou e por quê.

— As informações que te dei não podem ser reveladas antes do prazo.

— Eu sei e não pretendo quebrar a sua confiança em mim. Mas não posso deixá-los. Ainda não. Não moramos juntos, mas só temos uns aos outros. Escuta... — ela o abraçou e notou que ele não a abraçou de volta —, essa revelação que será feita, já vai ser para agora? Quer dizer, se fosse algo tão urgente, você saberia a data mesmo que não pudesse me dizer, não é?

Vince fechou os olhos. Seu maior medo ao se unir a ela estava prestes a se realizar.

— A data ainda não foi revelada a nós.

— Então, podemos ganhar tempo. Você voltaria agora para seu planeta e faria o trabalho que tem de fazer, enquanto isso, termino meu curso

e vou preparando meus pais e Daphne para a minha partida. Você vem de novo quando for o momento ou sei lá como vocês, V'Kos, pretendem fazer.

Ela afastou-se um pouco e pegou as mãos dele, levando-as aos lábios.

— Por favor, Vince, eu só preciso de um pouco mais de tempo — ela sussurrou implorando.

Ele fechou os olhos e abaixou a cabeça, sabendo que não conseguiria negar-lhe mais esse pedido.

— Acho que... posso fazer isso.

Ela deu um sorriso vacilante, mas esperançoso.

— Não sei quanto tempo levará para que a revelação seja feita, mas há alguns indícios que o seu planeta dará mostrando que o tempo se aproxima.

— Ok. Posso prestar atenção nesses sinais.

Ele respirou fundo e começou a falar,

olhando bem para o rosto dela, tentando memorizar cada traço dele, de seus lábios, de seu olhar.

— As atitudes dos homens serão ainda mais violentas e amorais. Mas esses atos podem ser camuflados por personalidades falsas, mas a Terra não conseguirá abafar seu grito. O clima de vocês ficará mais intenso. O verão será com mais calor, e os invernos, mais intensos. Haverá neve em locais que nunca nevaram antes; enchentes derrubando casas e estradas; tsunames surpresas; terremotos e furacões; vulcões adormecidos entrarão em erupção. Com tanta mudança climática, doenças desconhecidas começarão a acontecer...

— Céus! Você está praticamente descrevendo o Armagedom.

— Essas coisas acontecerão em escala mundial não porque os não-humanos causaram, mas porque a cada ano que os humanos dão as costas ao planeta, mais rápido o planeta se

direciona à morte, e antes que isso aconteça, vamos aparecer.

Ela respirou fundo. Podia ver pelo olhar e a linguagem corporal dele que falava a sério. O futuro na Terra não era nada promissor e ela rezava que seus compatriotas não abrissem guerra quando o encontro voltasse a acontecer. Ela podia não ter visto do que os V'Kos – e outros seres junto com eles nesse plano de revelação – eram capazes, mas só pela grande tecnologia que eles dispunham, ela sabia que poderiam esmagar os humanos como se fossem insetos.

— O quadro não é nada bonito, mas eu vou me manter alerta. Quando tudo isso estiver acontecendo, saberei que você está para voltar para mim.

Vince levou o dorso da mão ao rosto dela e a acariciou como se fosse algo frágil e precioso.

— Não.

— Não? — ela franziu o cenho não entendendo a resposta dele.

— Não.

Ele a abraçou com ardor e beijou-a como um marinheiro que sabia que iria ficar meses, anos longe no mar. Ela correspondeu com a mesma paixão. Estavam nos braços um do outro, o lugar certo de ficar, mas as circunstâncias não estavam a favor.

Afastando-se um pouco dela, ele mexeu no dispositivo em seu pulso e apareceu na mão dele um pequeno aparelho redondo, com uma luz intermitente em volta dele.

— O que é isso? — ela perguntou maravilhada com a tecnologia que ele trazia junto a si, com o uso daquele ‘relógio’.

— Não se esqueça que você é *mui liev*.

— Eu também te amo, Vince.

Ele levou o pequeno aparelho à têmpora

dela. De repente, um barulho agudo inundou o ouvido, assim como uma pontada em sua cabeça. CeeCee sentiu-se tonta e tudo ficou escuro.

Vince segurou-a impedindo-a de cair ao chão. Levou-a com cuidado até o sofá e a deitou ali.

Ele tinha pouco tempo para sair dali, antes que ela acordasse. Sem memória dele. Sem lembrar-se o que haviam vivido. Por medida de segurança, ele colocou a amnésia a partir da ida dela a Las Vegas. Ela se lembraria de ter ido lá com a amiga, mas não de que tinham se encontrado.

Isso dilacerava o coração dele. Ela era sua vida, seu amor, seu tudo, mas ele não podia se arriscar de que ela não comentaria com ninguém sobre ele, seu mundo e seu trabalho. Ela não diria de propósito, mas a mente humana era facilmente manipulável. Ela poderia falar numa noite de bebedeira com a amiga, ou numa demonstração de

sessão de hipnose.

Vince tinha de ser prevenido.

Ele já havia burlado as regras ao contar a ela informações só permitidas a uma companheira de fato.

Ele se justificava de que ela *era* sua companheira. Eles só precisariam se afastar por um pouco. Ele daria a ela o tempo que pedia para terminar seu curso e conviver com seus pais e amiga. Mas quando chegasse a hora certa, Vince voltaria para buscá-la. Ele a queria ao lado dele por ocasião da revelação. Havia outros não-humanos que haviam se acasalado com humanos ao longo dos séculos, e isso seria de ajuda para convencer os humanos de que eles só vinham para ajudá-los.

Pela última vez, Vince acariciou o rosto de Cecelia e beijou-lhe os lábios, e partiu sem saber a data de voltar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Cecelia abriu os olhos e se espreguiçou. Levou a mão ao pescoço, tinha dormido de mau jeito. Lembrava-se de ter ido jantar com os pais e ter guardado as marmitas enviadas pela mãe, na geladeira. Não imaginou que estivesse tão cansada a ponto de deitar no sofá e cochilar. Levantou-se e se espreguiçou mais. Olhou em volta tendo a sensação de que havia mais alguém ali, mas o silêncio indicava que estava sozinha. Daphne só voltaria bem mais tarde naquele dia.

Dirigindo-se ao quarto, ia se preparar para dormir. Quem sabe ela conseguiria sonhar com algum príncipe encantado alto, forte e com profundos olhos cinzas?

Ela parou no meio do caminho e negou com a cabeça. Não havia isso de príncipe encantado, e para ela em si, isso era uma coisa impossível.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21

Tempo atual

Bem-vinda de volta.

As palavras dele fizeram-na despertar mais ainda e, num pulo, ela levantou-se do sofá e se afastou do invasor.

— Meu Deus, Vince, quanto tempo faz? Quase dez anos... E você volta depois de todo esse tempo, com essa cara lavada, invade minha casa e acha que está tudo bem?

Vince levantou-se, ainda sorrindo, e levou as mãos aos bolsos da frente da calça.

— Também senti sua falta, *mui liev*. Parabéns pela exposição. Não precisei estar lá para saber que deve ter sido um sucesso. Seu talento já

vem de muito tempo.

Ela cruzou os braços, dando aquela quebradinha no quadril, olhando o recém chegado de cima a baixo.

— Você também parece bem — ela tentava dar um ar de pouco caso, mas para falar a verdade, ele estava ainda mais maravilhoso do que ela se lembrava – levando em consideração de que nos últimos quase dez anos ela sequer se lembrava dele. Mas olhando-o com mais cuidado, ele realmente parecia ainda melhor. Não havia envelhecido um milímetro sequer, mas, ao mesmo tempo, sua postura parecia mais madura, mais régia. Talvez o físico dele tivesse até aumentado um pouco — para alguém da sua idade.

Ele deu uma gargalhada alta. Depois, fez uma mesura em agradecimento.

— O ancião agradece. Se me permite dizer, você está maravilhosa.

Isso não deveria ter mexido com ela, mas mexeu. Sentiu-se aquecida por dentro. O olhar dele continuava predatório; aquele mar prateado que ela tanto amou... Amou? Tempo passado? Ela não sabia. O que ela sabia era que estava zangada com ele pelo que lhe havia feito.

— Acho muito engraçado você aparecer aqui depois de todo esse tempo, depois de me ter feito esquecer tudo.

Ele abaixou o olhar, mas ao voltar a encará-la, ela não via nenhum arrependimento.

— Cecelia — ai, aquele jeito dele falar o nome dela... —, não podia arriscar que você contasse aos outros sobre os planos.

— Eu tinha dado minha palavra!

— E eu acredito nela, mas vocês, humanos, tendem a soltar um pouco a língua quando bebem demais, e você sempre foi chegada a beber vinho...

— Está me chamando de alcoólatra? — ela apertou ainda mais os braços cruzados junto ao corpo. Ela não sabia por que estava tão agressiva com ele. Conhecendo o que sentia por ele, ela deveria estar pendurada em seu pescoço, enchendo-lhe de beijos para matar a saudade e implorando que ele a levasse ao quarto.

— Estou dizendo que era um risco que eu não poderia correr. Sei como as coisas funcionam quando se sente saudade de alguém de forma desesperadora. O que a gente mais quer é falar na pessoa para tentar aplacar a saudade. E você não poderia simplesmente sair por aí falando sobre mim ou sobre o que fizemos.

Droga! Ela detestava quando ele tinha razão. Não fazia nem cinco minutos que ele havia restaurado a memória dela e a saudade já a consumia por dentro. Imagina se tivesse esperado todo esse tempo consciente. E será que todo aquele

argumento dele era por ter conhecimento de causa? Por ter pensado e falado nela o tempo todo?

Descruzando os braços, ela voltou a sentar no sofá.

— Tudo bem.

Ela viu-o sentar no outro sofá e olhá-la como quem esperava qual seria o próximo passo que deveria dar.

O telefone dela começou a tocar, e só então ela se lembrou de que Daphne havia ficado de ligar. O aparelho tocou várias vezes até que foi para a caixa postal, e ela sabia que Daphne não deixaria qualquer recado por lá, mas tentaria mais algumas vezes.

Como previsto, o celular voltou a tocar. E CeeCee e Vince continuavam a se encarar em silêncio.

— Não vai atender?

Ela vasculhou a bolsa em busca do

telefone e o atendeu.

— Alô!

— *Até que enfim! Se não me atendesse em minha próxima tentativa, eu ia ligar para Adam.*

— O que só ia deixá-lo preocupado — CeeCee comentou e percebeu que o semblante de Vince ficou tenso. Com certeza ele conseguia ouvir muito bem a conversa pelo lado de Daphne — Como você está?

— *Entediada. Já estou no aeroporto e vou ficar amargando uma espera de um dia inteiro para conseguir pegar o próximo voo para casa. Mas me fala de você. Como foi sua noite? Queria tanto estar aí...*

— Foi um sucesso. Casa cheia, muitas vendas. E conseguimos um preço astronômico em uma das peças.

— *Que maravilha! Eu sabia que esse dia chegaria!* — Vince ouviu Daphne falar e sorriu. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas onde você está? Eu espero que tenha saído da galeria muito bem acompanhada e que agora esteja se preparando para uma noite de muitas fodas e gemidos.

— Ai meu Deus... — CeeCee sussurrou. Por que as pessoas adoravam deixá-la embaraçada?

Enquanto isso, Vince não sabia se ria ou se ficava puto com a possibilidade de Cecelia estar, neste momento, comemorando o sucesso de sua noite nos braços de outro macho. E foi exatamente para que isso não acontecesse que ele decidiu aparecer uns dias antes do planejado.

— Foi um dia cheio, Daph. Eu estou exausta e preocupada com a minha amiga que deveria estar aqui comigo.

— *Ahhh que fofo... Mas deixa de ser boba! Não vai me dizer que Adam não tentou nenhuma gracinha? Se não, vou achá-lo mais boiola do que deveria.*

PERIGOSAS ACHERON

CeeCee notou que definitivamente a expressão de Vince não estava nada amigável com aquele assunto. Ela precisava dar um fim àquilo e rápido.

— Nós conversamos melhor quando você voltar, ok? Mantenha-se segura.

— *Fácil falar. Avise, então, ao planeta para parar de fazer gracinha e ficar criando essas catástrofes do nada, sem avisar. Vá descansar. E parabéns. Beijo.*

— Beijo. — desligou o aparelho, colocando-o sobre a mesa de centro.

Ainda sentado, Vince cruzou os braços, fazendo com que a camisa se esticasse sobre todo aquele músculo, desviando a atenção dela, e levantou uma das sobrancelhas.

— Adam?

Ótimo. Tudo o que ela precisava no meio da sua sala era de um alien com ciúmes. Ou

melhor, um não-humano.

— Meu empresário... e um amigo.

— Amigo? Não me lembro de você ter muitos amigos, a não ser Daphne.

Ela se levantou, recolheu as sandálias caídas e as levou para o quarto.

— Em dez anos muita coisa pode acontecer. Você não me conhece. — ela guardou a sandália no armário e ao se voltar, deu de cara com o peitoral dele, de pé, no quarto dela.

Como ele havia se movimentado em total silêncio era algo que sempre a assustava.

Vince segurou os dois braços dela, não com força, mas apenas com a pressão suficiente para mostrar o quão ciente ele estava de que conseguia perturbá-la. E sim, ele a perturbava demais.

Sentir o perfume másculo dele a fez ter uma nostalgia das muitas vezes em que se perdeu

naquele abraço, naquele corpo; em como ele sabia a maneira correta de deixá-la derretida e totalmente à mercê dele.

Contudo, agora era diferente. Da outra vez que ela havia pensado que nunca mais o veria, havia se passado um pouco mais de um ano. Desta vez foram dez anos. E pior, ela não tinha se lembrado dele durante todo esse tempo, enquanto ele estava absolutamente normal, e ainda mais lindo. E ela sabia o efeito que ele tinha sobre o sexo oposto.

— Será que não? — a voz dele, próxima demais, fazia-a sentir cambalhotas no estômago, e o coração, errar uma batida. Porém, corajosamente, ela levantou a vista, encarando-o.

— Não.

O sorriso confiante que ele lhe deu deveria fazê-la querer dar um murro na cara dele, mas, ao invés disso, ela queria se deixar derreter em seus

braços.

Com o dorso dos dedos da mão, ele acariciava o braço dela, causando um formigamento crescente incrível. O que havia de errado com ela que bastava esse homem tocá-la para ela querer abrir as pernas?

— Você ficou ainda mais bonita ao longo desse tempo, se é que isso era possível. Terminou seu curso de Belas Artes e hoje provou à cidade que seu trabalho tem valor. — a voz dele saía baixa e macia — Teve tempo de curtir sua amiga, fazer viagens e tudo o mais que sonhou. Agora, está na hora de cumprir sua parte no nosso acordo. Eu vim buscá-la, Cecelia.

As palavras dele, ditas numa voz tão hipnótica, faziam sentido para ela. Mesmo que tivesse se passado tanto tempo, mesmo que ela tivesse sido forçada a esquecer do relacionamento deles, havia algo ali. Eles entraram em comunhão

anos antes, ela tinha verdadeiramente se apaixonado por ele... Por que, então, ela se sentia tão na defensiva?

Ela deu um passo atrás, soltando-se do toque dele.

— Eu lembro... de suas últimas palavras, quando me explicou os sinais que o planeta daria quando chegasse a hora de vocês voltarem e se revelarem... — ele assentiu, incentivando-a a continuar — E você me garantiu de que não haveria guerra...

— Eu disse que *nós* não viríamos para guerrear contra vocês. Sobre os de sua espécie, eu não posso garantir nada.

— Preservamos nossa liberdade...

— Às custas de fazerem a maioria da população escrava.

Ela deu outro passo para trás, como se tivesse levado uma bofetada. Vince franziu a testa

num olhar desafiador que ela o contradissesse.

Não poderia. Era mais do que lógico isso o que ele disse. O ser humano gostava de ter vantagem um sobre o outro, e havia sim, muita injustiça, e talvez eles estivessem muito aquém para corrigirem a si próprios, mas ela não era obrigada a aceitar o que os V'Kos, ou qualquer outro povo não-humano, tinham a oferecer.

— Você disse que vocês não viriam para uma guerra. Ainda que haja resistência, também haverá aqueles que os receberão de braços abertos. Posso estar entre eles.

Foi a vez de Vince dar um passo atrás.

— Está dizendo que não vai cumprir sua parte no acordo?

— Estou dizendo que tenho meu livre-arbítrio para decidir quando e a quem vou apoiar. E não gostei do fato de você não ter confiado em mim e apagado minha memória.

— Eu já te expliquei...

Ela levantou a palma da mão interrompendo-o.

— E eu não aceito sua explicação. Se temos... tínhamos um relacionamento, deveria ser em pé de igualdade. Você se lembrou de mim durante todo esse tempo, eu não tive essa chance. Quem te garante que eu não arrumei um outro noivo?

Vince fechou as mãos em punho, controlando-se diante do simples pensamento em saber que ela esteve nos braços de outro homem.

— Você arrumou? — ele perguntou baixo, sua voz num tom letal, e se fosse numa outra situação, CeeCee sabia que deveria sair correndo. Mas ele não faria mal a ela, isso, pelo menos, ela tinha certeza.

Ela já ia lhe responder, quando uma voz se fez ser ouvida na sala.

— Olá. CeeCee, está aí? A porta estava destrancada.

Ela levou as mãos ao rosto. Que maravilha! Adam havia resolvido aparecer.

O casal estava virado para a porta do quarto dela, quando Adam apareceu trazendo uma garrafa de champanhe.

— Eu sei que você disse estar cansada, mas... Oh... — Adam, só então, reparou que ela não estava sozinha — Parece que não fui o único a ter a ideia em não deixá-la sozinha esta noite.

Vince e Adam olhavam-se numa disputa de vontades e quereres em relação a CeeCee. Ela olhou de um para o outro e logo viu que havia testosterona demais no ambiente, e isso poderia dar problema. Aproximou-se do recém chegado com um sorriso, alcançando a garrafa.

— Que gentil de sua parte, Adam, obrigada. — passou por ele, com a garrafa na mão

e foi até a cozinha, deixando a garrafa sobre a bancada que separava os ambientes.

Os dois homens a seguiram até a sala, ainda naquele duelo no olhar.

Adam sabia que era um homem de boa aparência, e tinha uma altura que normalmente intimidava os outros homens, mas, em relação àquele visitante de CeeCee, ele estava sentindo-se incomodado.

O olhar do desconhecido era duro como pedra, e a cor de seus olhos era de um cinza que ele nunca tinha visto. A altura do homem também impressionava, muito maior que a dele, e o físico mostrava que ele era um homem dado a exercícios físicos. Mas ele nunca o tinha visto antes, especialmente junto de CeeCee.

— Não vai me apresentar seu amigo, CeeCee?

Adam teve a impressão de ter ouvido o

estranho fazer um som de desaprovação, como um grunhido animal, o que não tinha escutado errado.

Vince estava por um fio de alcançar aquele macho e arrancar-lhe a cabeça. O odor que ele exalava assim que chegara à casa de Cecelia era típico de um macho querendo acasalar. Além disso, a intimidade que ele tinha em já ir entrando na casa dela, sem se anunciar devidamente, mostrava que ele estava acostumado a fazer aquilo, o que não lhe agradou em nada. Vern estava certo, aquele macho poderia não ser uma ameaça física para Vince, mas se ele ganhasse a simpatia de CeeCee, Vince teria sérios problemas para conseguir convencê-la a ir com ele.

— Ah... Vince, este é Adam Kallil, meu empresário e um grande amigo. Adam, este é Vince...

— Sou o noivo dela — Vince se adiantou, estendendo a mão para Adam.

— Noivo? — Adam perguntou, sendo recíproco ao aperto de mão, que foi um pouco mais forte do que o necessário.

CeeCee estava se segurando para não revirar os olhos frente àquela demonstração territorial.

— Engraçado, CeeCee nunca disse que era noiva.

— Isso porque... — ela começou a explicar, mas mais uma vez Vince se adiantou.

— Porque eu estive viajando por um longo tempo a trabalho e achamos melhor deixar o relacionamento em *stand by*.

CeeCee olhou para ele com os olhos cerrados, cheia de raiva, mas Adam estava encarando o suposto noivo e não reparou nela.

— *Stand by*? — Adam repetiu.

— Mas ela também nunca me falou nada sobre você — Vince mudou sua postura para algo

mais relaxado. Olhou para CeeCee e foi até ela, pegando a garrafa — Por que não tomamos o champanhe que você trouxe, em homenagem ao grande sucesso dela? — começou a tirar a rolha da garrafa. — CeeCee, pegue as taças para nós.

Resignada, ela deu a volta no balcão e pegou três taças no armário, colocando-as ruidosamente na bancada.

— Se é o noivo dela, por que não estava na exposição? Sabia que era uma noite especial para ela — Adam se aproximou, sentando em um dos bancos altos à bancada, mais próximo a Vince.

— Estava me desculpando com ela justamente quando você chegou. Meu voo atrasou.

— É mesmo? Pois, para mim parecia que estavam discutindo.

Vince gargalhou jogando a cabeça para trás. E se aproximou de Adam, falando baixinho de forma conspiratória:

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sabe como são as mulheres quando contrariadas.

— Na verdade, não sei, não. — Adam cruzou os braços, assim como CeeCee, que observava aquela interação entre eles, acompanhando o diálogo como se fosse uma partida de tênis.

— Ora, elas sempre gostam de ter razão, e muitas vezes não entendem que nossas obrigações nos impedem de fazer determinadas coisas, mas isso não quer dizer que seja algo pessoal contra elas. Veja bem, Adam, trabalho numa grande corporação e tenho que prestar contas aos chefes. Isso exige viagens, pesquisas, relatórios. Decisões são tomadas aquém da minha vontade e em alguns momentos preciso estar disponível 24/7.

— Uau! Parece um trabalho importante.

— E é, principalmente quando estão prestes a fazer um grande anúncio.

PERIGOSAS ACHERON

— É uma multinacional? Que produtos vocês pesquisam?

— Desculpe, é confidencial, é algo ligado ao Governo — a rolha estourou e um pouco de líquido escapou, caindo em cima da calça de Adam, que CeeCee tinha certeza ter sido proposital.

Vince sequer se desculpou, e pôs-se a encher as taças no balcão.

CeeCee pegou um pano e molhou com a água morna da torneira e passou-o sobre a calça dele.

— Não se preocupe, Adam, vai sair a mancha. Qualquer coisa, envie para a lavanderia e me mande a conta.

Ele segurou a mão dela e beijou-lhe o dorso.

— Não se preocupe, querida... — mas foi interrompido por Vince que entregou uma das taças na mão dele, derrubando um pouco do champanhe

novamente.

— Parece que estamos desastrados hoje, não? — CeeCee direcionou a Vince, com adagas nos olhos.

— É noite de celebração. — Vince entregou a taça dela também e pegou a própria, levantando-a para o brinde — Um brinde ao nascimento da nova diva, jamais vista desde Michelangelo, Da Vinci e Degas.

CeeCee se surpreendeu com as palavras dele, as mesmas anunciadas no jornal.

— Você leu o jornal — emocionou-se.

Ele se aproximou dela, e com o dorso da mão, acariciou seu rosto. E os dois ficaram assim, com o olhar preso um no outro, o que fez com que Adam pigarreasse para lembrá-los de que ele estava no recinto. CeeCee se afastou e bebeu o conteúdo da taça todo de uma vez.

— Bem, Vince, o noivo misterioso que

retornou, quanto tempo pretende ficar dessa vez, antes de desaparecer novamente? — Adam perguntou, num tom desafiador do qual CeeCee não gostou nada. Se Adam por um momento sequer soubesse com quem estava lidando...

— Quem disse que vou desaparecer? — Vince se sentou no outro banco alto.

— Você há de convir que é muito estranho esse noivado...

— Estranho? — ele levantou uma das sobrancelhas, mas não tinha qualquer sorriso – nem que fosse do tipo debochado – acompanhando, o que para CeeCee era um claro sinal de perigo.

— CeeCee...

— O nome dela é Cecelia.

— CeeCee — continuou — é uma mulher talentosa, na verdade, multitalentosa — deu um sorriso torto, o que fez parecer algo mais do que relacionado ao trabalho dela — e se um homem não

sabe apreciar todo o talento que ela tem, desaparecendo por tanto tempo, não a merece.

— Está insinuando...

O terreno estava perigosíssimo. Será que os V'Kos tinham algum tipo de varinha de condão que pudesse transformar Adam num sapo ou em algo mais repulsivo?

— Muito bem, rapazes, adorei a visita de vocês, mas o dia foi realmente excitante... quero dizer, exaustivo — ela se pôs no meio dos dois, sentindo a animosidade palpável, e colocando cada palma no peito de cada um. Não estavam indo às vias de fato, mas isso poderia acontecer a qualquer momento.

Imediatamente, Vince segurou a mão dela que estava em seu peito e a puxou, aproximando-a mais dele, não dando qualquer chance a Adam de uma atitude reivindicatória.

Adam colocou sua taça meio cheia sobre a

bancada e levantou-se do banco. Num gesto de muita coragem, deu um beijo no rosto dela. CeeCee fechou os olhos e rezou baixinho para que Vince não tomasse nenhuma atitude.

— Entro em contato para falarmos sobre a venda das outras peças e um evento próximo.

— Eu confio em você, Adam. Obrigada por tudo.

Ele piscou para ela e deu mais uma olhada séria para Vince, dando um leve aceno de cabeça, o que foi correspondido pelo outro. Adam saiu, fechando a porta atrás de si.

CeeCee virou-se para Vince e tentou empurrar-lhe pelo peito, para que se afastasse, mas não conseguiu movê-lo nem um centímetro.

— Qual é o seu problema?

— Meu? — ele segurava a mão dela ainda.

— Eu e ele trabalhamos juntos.

— Correção, ele trabalha para você. Aqui,

você é a artista. Ele ganha em cima do seu trabalho.

— Não importa! Ele me colocou no meio artístico, me apresentou às pessoas certas, fez com que meu nome fosse conhecido — ela se afastou dele, soltando a mão num puxão.

— Cecelia, em V'Kian você não precisaria de qualquer pessoa para "representá-la" — ele fez as aspas com os dedos — Poderia você mesma negociar o dia e hora de sua exposição, e seria admirada pelo fruto de seu trabalho. Por que vocês, humanos, têm essa necessidade de arranjar atravessadores para tudo? Representantes, agentes, distribuidores, quando os próprios artistas, escritores poderiam fazer tudo por si só.

— Eu não moro em V'Kian, eu moro na Terra, e aqui, as coisas funcionam assim. Adam é um bom amigo e não vai ser por sua causa que vou cortar relações com ele.

Num segundo, Vince estava parado diante

dela, encarando-a com uma fúria visível em seus olhos de prata derretida.

— Desde que essa amizade não se torne algo mais... Não gostei da insinuação dele de que vocês tiveram algo... Vocês tiveram, Cecelia?

Por um momento, ela teve vontade de dizer a ele que sim, mentir-lhe sobre o relacionamento deles, mas ao sentir emanando dele como ondas um sentimento de insegurança, ela se viu desarmada. Não seria justo mentir nesse assunto.

Com o retorno da memória do período em que passaram juntos, ela também lembrou-se da informação que ele tinha lhe dado sobre o grau de comprometimento que teria entre eles. Ele não conseguiria se sentir atraído por nenhuma outra mulher; apenas ela colocaria aquele fogo nos olhos dele e acenderia o ardor em seu corpo. E se ela fosse sincera com ele – e consigo mesma – foram

quase dez anos longe dele e, nesse período, ela não se deitou com nenhum homem. Não porque se sentisse proibida, simplesmente porque nenhum a atraía. Ela não tinha lembrança de Vince ou do compromisso entre eles, mas em seu subconsciente algo a impedia de ir além com qualquer outro cara.

— Não, não tivemos. Nem com ele, nem com ninguém.

De forma muito discreta, Vince exalou o ar que segurava.

— Mas não gosto desse seu jeito macho alfa para cima de mim.

— Reclamação devidamente anotada.

— Agora que resolvemos tudo — ela voltou-se até a porta e abriu-a para ele sair —, preciso descansar, Vince.

Ele chegou perto dela, muito perto, com um sorriso perigoso.

— Não resolvemos tudo ainda, querida,

mas vou deixar que descanse. Estou hospedado no mesmo apartamento, caso se interesse em ir me ver. — dito isso, ele a pegou pela cintura com apenas um braço e a suspendeu, prendendo seus lábios nos dela, possessivamente.

Língua avassaladora, a pressão certa na abertura e uma leve mordida no lábio inferior ao soltá-la. Ao invés de empurrá-lo – o que não faria muita diferença – ela deixou-se levar por aquele beijo. Mágico, como sempre.

Ele saiu deixando a porta aberta. Com raiva de si mesma, ela bateu a porta e respirou fundo. Aquela caçada de gato e rato não ia terminar nada bem.

Capítulo 22

Vince entrou no apartamento que havia alugado ainda sentindo-se de cabeça quente. Nem mesmo a caminhada dada desde a casa dela havia ajudado.

Ele não imaginava que ela seria tão difícil de convencer para partir com ele. Afinal de contas, eles tinham um acordo. Ele tinha cumprido com a sua parte, deixando-a ficar por mais um tempo; o que foi até bom porque isso deu a ela tempo de usufruir da companhia dos pais. Agora que eles estavam mortos, Vince acreditava que não haveria desculpa para ela querer ficar.

A amizade com Daphne seria usada apenas como pretexto.

Ele tinha notado, ao longo de suas pesquisas observatórias dos seres humanos, que estes eram apegados demais a tudo que dizia respeito ao seu mundo. Havia um senso de autoproteção e defesa mesmo quando eles se confrontavam com a verdade e viam que estavam errados. Na desgraça eles eram mais unidos, mas isso apenas por um período. Quando a situação ruim se extinguia, eles tornavam-se hostis de novo uns com os outros. E por mais que ela tivesse o dom da empatia, este ainda estava muito cru dentro dela; precisava de treinamento para desenvolver-se da forma correta. A lógica e a razão deveriam falar mais alto.

Vince não se enganava, o lado sentimental dos humanos era forte e extremamente contagiante. Há dez anos, quando ele se envolveu com ela, começara a duvidar da maneira com que seus conterrâneos lidavam em seus relacionamentos. E

apesar de ter se recuperado do que ele chamaria de período de loucura temporária, ele ainda achava que uma fêmea como Cecelia merecia ser tratada de maneira mais calorosa, passional e romântica.

Hoje, ao se deparar com aquele macho rodeando-a, Vince sentiu um ciúme que nunca havia experimentado. Ali, ela era o mais importante e ele faria o que fosse preciso para mantê-la feliz, satisfeita e que, de preferência, o escolhesse.

Ao fechar a porta, encontrou Vern sentado confortavelmente no sofá, os pés sobre a mesa de centro, o paletó jogado na cadeira e um copo de suco na mão.

— Achei que ficaria hospedado num hotel.

— E estou, mas passei por aqui para saber como foi sua interação com ela.

Vince foi à geladeira e se serviu de um suco também. Bebeu todo o conteúdo do copo antes de voltar a falar.

— Nada bom. Ela parecia uma gata arisca. Ficou danada da vida quando teve a memória restaurada e me acusou por conta disso.

Vern riu alto.

— Imaginei que seria assim.

— Para piorar, o idiota do empresário dela apareceu por lá.

Vern assobiou em surpresa.

— Ele está mesmo interessado nela, então. Deu para perceber na exposição pela forma como ele a observava de longe, e de perto, vivia criando pretexto para tocá-la.

Vince sentou no outro sofá.

— Apresentei-me como noivo dela, mas isso não o intimidou.

— Uma disputa? Uau! Acho que nunca vi isso entre casais V'Kos. Seria interessante observar isso de camarote, mas receio que não teremos muito tempo.

Vince levantou o olhar preocupado.

— O que quer dizer?

— Enquanto esteve fora, recebi um comunicado. Você tem menos de duas semanas para convencê-la a ficar com você. Depois disso, a revelação será feita.

Passando a mão pelo cabelo, Vince respirou fundo. Ele sabia que a data estava próxima, mas imaginou que teria tempo de prepará-la para o que estava por vir.

— Não era para ser assim. Se ela tivesse ido comigo naquela época, teria se preparado melhor. Terminaria os estudos e a orientação dos dons dela. Estaríamos aqui agora como um casal V'Kos mais útil... — falou exasperado.

— Ei, calma aí — Vern se ajeitou no sofá, preocupado com o amigo — Ela pode não estar preparada como deveria, mas Cecelia não é nenhuma boba. Ela escolheu você, por agora, ela só

precisa que você a relembre o quanto vocês dão certo juntos. Por um infortúnio do destino, mas que serve aos seus propósitos, os pais dela já partiram; não há nada que a prenda neste planeta. E as vantagens acadêmico-artísticas para ela em V'Kian são infinitas.

— Tente *você* convencê-la disso. No momento, ela se posicionou a favor dos humanos, pelo menos do lado daqueles que devem aceitar nossa intervenção.

Vern sorriu.

— Não importa o planeta, as fêmeas são todas iguais. Pelo que você me contou ao longo desses dez anos – e acredite, estou de saco cheio de ouvi-lo falando nessa fêmea –, vocês se comprometeram de fato, chegando ao ponto de ocorrer o V'Shuin. Isso só pode significar que ela é sua parceira.

— Sim, houve o V'Shuin e eu sei que ela

me ama, mas ela é humana. Aqui, eles se divorciam pelos motivos mais torpes.

— Irmão, posso nunca ter experimentado o V'Shuin, mas pelo que já ouvi de outros que o tiveram, não dá para uma fêmea esquecer e partir para um outro cara, especialmente de uma raça que não tem essa característica. Vai por mim, seja carinhoso, não dê espaço a ela e àquele empresário; lembre a ela o quão bom é vocês dois juntos. Mas não tarda. Nossas equipes serão o carro-chefe da intervenção. Você vai precisar estar 100% focado.

***

Sentadas no terraço, no chão, comendo de *hashis* e direto das caixas de comida chinesa, CeeCee e Daphne conversavam sobre os últimos acontecimentos.

— Então, depois de quase dez anos, Vince decidiu voltar como se tivesse saído para comprar

cigarros na esquina e voltado, e está todo territorialista para cima de Adam? — Daphne falava com a boca cheia.

— Por aí.

— Ele, pelo menos, disse onde esteve esse tempo todo?

— Não exatamente. Disse que esteve aqui e acolá, a trabalho.

— Quanto mistério... — Daphne colocou os palitos dentro da caixa, pondo-a no chão ao lado das outras e bateu uma mão na outra, limpando de qualquer farelo. — Pelo menos Adam se comportou direito, e não se deixou intimidar.

— Na verdade, fiquei até com medo de que saíssem no tapa.

— O que seria maravilhoso — Daphne gargalhou — Imagina, dois caras bonitões brigando por você.

— Não acho a menor graça — CeeCee

falou, mas não conseguiu conter o sorriso — Só queria saber como você consegue se lembrar dele quando eu tinha apagado-o completamente da minha mente.

— Isso foi mesmo muuuuuuuito estranho. Lembro que você estava apaixonada pelo cara e da noite para o dia, bum!, você parou de falar nele. E quando por umas duas vezes eu citei o nome dele, você agiu como se *eu* estivesse louca. Daí, eu imaginei que era o *seu* jeito de lidar com a situação da partida dele, e entrei no seu jogo da amnésia. — Daphne deu de ombro.

— Não sei até que ponto foi um jogo ou uma amnésia de fato — CeeCee preferiu deixar o assunto por assim. Como ela poderia explicar à amiga sem contar detalhes de quem Vince era? — O fato é que tomei um baita susto quando ele reapareceu. E se eu tivesse casada, com filhos?

— Sei não, mas não acho que Vince

apareceria na sua vida se soubesse que sua fila tinha andado. Acho que ele é bem calculista e deve ter mantido você sob vigilância, para ter certeza de que o terreno estava livre. Mas quero saber sobre a exposição... e que história é essa de ter vendido o *Oásis dos Amantes*? Achei que não quisesse vender essa obra.

— Eu não queria! Adam me convenceu a colocá-la na exposição, mas não estaria à venda. Mas um outro *marchand* enlouqueceu ao ver a obra. A exposição começou com já quatro obras vendidas, e *Oásis* foi vendida assim que o evento começou. Foi um comprador anônimo.

— Nossa, que chique! Já imaginou para onde será que sua obra vai? Pode estar a caminho da mansão de um magnata em Hong Kong. — Daphne estava feliz e orgulhosa pelo sucesso da amiga.

CeeCee sorriu satisfeita.

— Confesso que o valor pedido me surpreendeu. Fiquei feliz por saber que minha primeira exposição solo foi um sucesso, mas, ainda assim, não queria ter vendido *Oásis*.

— Outros Oásis virão, amiga. Por agora, você tem um assunto mais urgente a decidir: Vince merece uma segunda chance?

— Se essa questão fosse apenas sobre isso... — CeeCee levantou-se e recolheu algumas caixas, seguida por Daphne, descendo a escada de madeira e colocando as caixas nos recipientes descartáveis.

— O que quer dizer? É por ele ter quase vinte anos a mais que você? — CeeCee fez um barulho de escárnio com os lábios. — Ainda não o revi, mas imagino que ainda esteja bonitão.

— Está.

— O cara é rico e tá afim de você. Cee, apenas viva o momento. Dê as cartas, faça com que

ele siga as suas regras. Se achar que vale a pena, invista em Adam também. Só Deus sabe há quanto tempo ele vem tentando ciscar em seu terreiro.

— Daph! Não posso jogar com dois caras ao mesmo tempo, não é certo!

Daphne colocou as mãos nos ombros dela, chamando sua atenção.

— Vamos colocar desse jeito, se o mundo fosse acabar amanhã, qual dos dois você gostaria que estivesse com os braços em volta de você? Pense nisso e faça a escolha sábia.

Daphne saiu indo para o próprio quarto, deixando CeeCee pensando no quanto a amiga praticamente acertou em que pé estava a situação.

Capítulo 23

O celular tocava insistentemente no criado-mudo, o que fez com que CeeCee acordasse já praguejando, mas ao ver o nome de Adam, achou que pudesse se tratar de algo importante.

— Alô — ela tentou disfarçar a voz de sono, mas tinha certeza ter falhado.

— *Bom dia. Acho que acordei alguém* — ele sorriu — *Mas é que tenho um convite importante para te fazer.*

Ela se ajeitou na cama e viu que não eram nem oito horas da manhã ainda.

— Não, tudo bem. É que tive umas ideias de esboço e fiquei na pranja até um pouco tarde. Que convite é esse?

— *Um dos compradores de sua exposição*

está oferecendo uma festa neste fim de semana, e ele ficou tão encantado com suas obras que pediu que eu a convidasse para ir.

— Mesmo? Que gentil. Mas eu não sei se seria uma boa ideia eu ir. Daphne acabou de chegar de viagem e...

— *CeeCee, você não está entendendo. Ele é muito rico, e naquela noite, ele comprou quatro peças suas.*

Ao ouvir isso, ela congelou.

— Quatro?

— *Quatro. Todas com preços altíssimos, porque não sou bobo nem nada. Ele não estava lá, enviou o representante, por isso ele faz questão em conhecê-la.*

Mandou representante? CeeCee se lembrou de que Adam comentara sobre o cara representando um comprador anônimo que havia comprado *Oásis*. Talvez se ela o encontrasse

pessoalmente poderia convencê-lo a devolver-lhe a peça.

— Acho que posso remarcar com Daph o que tínhamos combinado...

— *Ótimo. Faça uma mala, passo aí em uma hora.*

— Mala?

— *É uma festa de fim de semana todo em Los Angeles. Estarão presentes vários figurões. Isso será ótimo para você. Até breve.*

Adam desligou deixando-a com o fone na mão, sem saber exatamente o que fazer.

Ela havia melhorado bastante sua interação num grupo maior de pessoas, mas geralmente ao saber que tinha algum compromisso, ela tinha tempo para se preparar, e, dessa vez, seria tudo rápido demais.

No susto, ela puxou de lado a coberta e começou a correr para preparar uma mala de mão.

Adam colocava a mala de CeeCee no bagageiro do carro, enquanto ela se despedia de Daphne na calçada.

— Não sei se deveria ir... Você ficou um tempão no Japão e agora que voltou, eu que saio...

— Não seja maluca! Essa festa será ótima para o seu trabalho. Vai conhecer gente bonita, alegre, e o melhor, cheia da grana para comprar mais obras suas. Vá e divirta-se. Eu não ficarei de todo sozinha. Tem um bofe novo que pintou e acho que vou dar uma chance a ele — ela piscou um dos olhos para CeeCee de forma safada.

— Daph, cuidado com esses caras com quem você se relaciona. O último que conheci tinha tanto *piercing* que mal podia ver a pele dele.

Daphne gargalhou. — O Ronan é um excêntrico. Está na Índia fazendo algum retiro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda estou conhecendo o Simon. Vamos ver no que vai dar. Mas antes que vá embora — Daph aproveitou quando Adam entrou no carro para sussurrar algo para a amiga —, o que eu digo a Vince se ele aparecer por aqui?

CeeCee abriu os olhos assustada.

— Não pensei sobre isso. Não consigo pensar de manhã, pior ainda quando sou acordada pelo telefone ou a porta. Diga que fui a Los Angeles para uma reunião de trabalho.

— Boa. Farei isso. Ele vai ficar mordido quando souber que foi sozinha com Adam — ela bateu palmas se deliciando com a situação.

— Se você soubesse do que ele é capaz não estaria tão feliz assim. Cuide-se. — beijou o rosto da amiga e entrou no carro.

— E você, divirta-se!

***

PERIGOSAS ACHERON

Vince bateu à porta do quarto de hotel de Vern e esperou ser atendido. O amigo abriu a porta com uma toalha enrolada na cintura e o cabelo molhado. Sem pedir licença, Vince entrou mostrando-se extremamente contrariado. Vern fechou a porta e esperou que o amigo falasse.

— Aquele humano desgraçado pensa que pode me dar uma rasteira!

— Pode ser mais específico?

— O empresário dela. Conseguiu convencê-la a viajar com ele, os dois sozinhos.

— Conseguiu descobrir para onde?

— Foi difícil arrancar a informação da amiga dela, que parecia especialmente deliciada em me ver puto. Foram para a festa de algum empresário graudão em Los Angeles. Você tem contato com Drake, pode ver com ele e descobrir quem é esse figurão?

Vern pegou o seu aparelho sobre a mesa e

digitou alguma coisa.

Vince andava de um lado ao outro irritado, com as mãos fechadas em punho, e Vern tinha certeza de que nunca havia visto o amigo naquele estado, mesmo nas situações mais adversas de que já tinham passado juntos.

Pouco tempo depois, uma mensagem retornou, e ao lê-la, Vern deu um sorriso.

— Sorte sua, irmão. O figurão que está dando essa festa e vai conhecer sua companheira é o próprio Drake.

— Ele está mesmo tirando vantagem da situação.

— Eles são colecionadores, adoram estar rodeados por tudo que é bonito e brilhante.

— Envie para mim o endereço dele, e o avise de que estarei chegando em pouco tempo. Preciso de um lugar calmo para aterrissar. — ele falou já se dirigindo à porta.

— Vá atrás de sua fêmea! — Vern gritou fazendo festa, e enviou a mensagem a Drake.

Depois do voo de 1h30 e de terem pego um carro alugado no aeroporto, Adam e CeeCee finalmente chegaram à enorme mansão do anfitrião. Ela foi levada a um dos quartos, e depois de ter se instalado, decidiu descer para dar uma olhada em volta.

A festa estava acontecendo na área externa. Havia centenas de pessoas conversando, rindo e bebendo algo, enquanto empregados uniformizados e sorridentes andavam entre eles oferecendo algo para beber e comer. Um DJ cuidava da trilha sonora e o clima alegre parecia contagiante.

Em lugares assim, CeeCee sempre teve o cuidado em manter a si mesma fechada para não

captar as contradições emocionais dos presentes. Não era raro ver entre aqueles que mais pareciam animados ser justamente os que em pouco tempo tentariam suicídio. Emoções e ações nem sempre andavam em comunhão.

Seu esconderijo logo foi descoberto por alguém, um homem, que se aproximou.

— Olá. Acho que ainda não fomos apresentados. Sou Drake, o dono da festa, e você é... — o homem estendeu a mão para um cumprimento.

— CeeCee Armentrout — ela apertou a mão dele — Obrigada pelo convite.

O anfitrião abriu os olhos em surpresa e a olhou de cima a baixo, analisando-a, com um sorriso nos lábios.

— Aahhh! Agora entendi por quê.

— Por que o quê? — ela perguntou sentindo-se constrangida.

Ele sorriu mais aberto.

— É uma prazer conhecê-la, Srtª Armentrout. Finalmente. Sua obra é maravilhosa. Já viu onde estão expostas dentro da casa? — ela negou com a cabeça — Depois dê uma olhada e veja se estão da forma correta. Confesso que sou um apreciador da arte mas não entendo muito quando elas vêm em formatos que você não sabe se estão ou não de cabeça para baixo.

— Tenho certeza que nenhuma de minhas esculturas é assim.

— Que ótimo então — ele bateu as palmas alto uma vez.

— Sr. Drake...

— Apenas Drake, por favor.

Ela sorriu sem graça. — Parece que houve um mal-entendido sobre uma de minhas obras e ela foi vendida por engano. Ela estava exposta apenas para exibição, mas não à venda.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas que infelicidade...

— Se o senhor tiver a gentileza, poderíamos desfazer o negócio e, para compensá-lo, eu poderia fazer alguma outra coisa exclusiva.

— Que ideia interessante... — ele falava sempre de um jeito animado e meio que atropelando a fala de CeeCee, o que a estava deixando irritada. Mas o mais estranho era que apesar de ela ter baixado sua guarda para sentir se o anfitrião era sincero em suas colocações – e suas emoções – CeeCee não conseguia sentir absolutamente nada vindo dele. Era como se ele mesmo tivesse um escudo invisível impedindo-a de analisá-lo daquela forma. — E de que obra estamos falando?

— É de um óleo sobre tela bem grande, chamado *Oásis dos Amantes*.

Ele levou o indicador aos lábios, dando batidinhas enquanto pensava.

PERIGOSAS ACHERON

— Teria que ver isso com o meu secretário. Recebi as peças mas não lembro dos nomes delas. Acho isso tão aborrecido. Prefiro me fixar no que as peças me fazem sentir a cada vez que olho para elas. Mas fique à vontade para ver qual delas é a sua preferida.

— Obrigada — ela se animou ao pensar na possibilidade de reaver seu quadro, ainda que isso exigisse uma mudança hercúlea para transportá-la para San Francisco.

— Aí estão vocês — Adam se aproximou e passou o braço sobre o ombro dela — Vejo que conheceu nosso anfitrião.

CeeCee acenou com a cabeça, sorrindo.

— Srtª Armentrout...

— CeeCee — ela retornou a gentileza.

— CeeCee, temos a presença de vários famosos. Artistas, empresários e até alguns políticos. Tenho certeza que ao verem suas obras,

ficarão com vontade de conhecer mais de seu trabalho.

— Obrigada.

E virando-se ao empresário, Drake deu um sorriso que CeeCee acharia, no mínimo, estranho.

— Adam, eu espero que você realmente aproveite esse fim de semana — deu uma piscada ao homem e saiu, deixando CeeCee encucada.

— Por que isso?

— Coisa de milionário excêntrico. Vamos dar um giro por aí. Oh não! — Adam ia levá-la de volta ao agito da festa, mas estancou. Ela acompanhou o olhar dele e quase não pôde acreditar.

Vince estava lá, e conversava de pé, todo relaxado com duas mulheres que podiam ser confundidas como as *playmates* de tão lindas.

CeeCee cerrou os olhos observando aquela cena e queria ir até lá tomar satisfação com aquelas

mulheres que não conseguiam conversar com ele sem parar de tocá-lo no braço, além de perguntá-lo como ele poderia estar naquele lugar. Isso não poderia ser coincidência.

— Você o chamou para vir? — Adam perguntou carrancudo.

— Como eu poderia? Eu não sabia nem de quem era a festa. Esqueceu que você praticamente me raptou para vir?

— É verdade — ele praguejou, sem ter se dado ao trabalho de negar o que ela acabara de dizer; o que só confirmou a CeeCee que o plano de Adam era tirá-la de perto de Vince. — Espero que ele não atrapalhe de fazermos contatos com futuros clientes.

Ela tirou o braço dele sobre seu ombro e virou-se para ele.

— Adam, eu já disse que não pego encomendas. Minha obra é inspiracional; eu pinto o

que quero.

— É claro, querida. Falo ‘clientes’ porque ainda ficaram poucas obras na galeria para serem vendidas. E aqui há algumas pessoas ligadas a Hollywood; já imaginou você receber uma encomenda para fazer a decoração de um ambiente de set de filmagem? Isso abriria mil outras portas para você — ele tentava animá-la.

CeeCee não estava gostando do rumo que aquela conversa estava tomando. Achou melhor ir cuidar do que lhe interessava e deixar Adam cuidando do trabalho dele.

— Faça o que tiver de fazer. Vou dar uma olhada nas obras de arte de Drake.

— Faça isso.

Separaram-se, ele indo para onde estava a multidão e ela, para dentro de casa.

Depois de perguntar a um dos empregados onde era a galeria, e ter a direção mostrada, CeeCee

entrou num grande salão onde a maior parte das obras adquiridas estava em exibição.

Pela casa havia um ou outro quadro ou escultura ornamentando o ambiente, e ela tinha certeza que todas as obras eram originais, mas ela estava mais interessada em localizar *Oásis* e, se possível, se mandar dali.

Encontrou obras belíssimas, algumas que ela admitiria até serem tão belas quanto as suas; sem falsa modéstia, sabia que sua obra era muito boa.

Conseguiu achar dois de seus quadros e a escultura, mas o último quadro adquirido ela não achava em lugar algum. Provavelmente estava na área privativa de Drake.

— Mal chegou e já está fugindo da multidão? — ela escutou a voz baixa de Vince vindo por trás dela. E imediatamente sua pele se arrepiou, mas tentou manter a compostura.

— Preferi vir olhar com calma as obras do anfitrião. Não sabia que você o conhecia.

— Conheço muitas pessoas que você não sabe, Cecelia — ele sorriu.

— E como sabia que eu estaria aqui?

— Quem disse que vim por sua causa?

Ela recuou meio passo com aquela verdade jogada em sua cara. Se ele não estava ali por ela, significava que veio para se divertir com qualquer uma das outras beldades exibidas em seus micro-biquinis. Aquilo deixou-a ainda mais arisca.

— Que bom. Divirta-se então — já ia sair, mas ele a segurou pelo braço.

— Você não me disse que viria.

— Não lhe devo satisfações.

— Mas ficou incomodada por saber que vim me divertir com outras fêmeas.

— Claro que não! — ele sorriu e levantou uma sobrancelha como que avisando que sabia que

ela mentia — Como você pode saber disso?

— Esqueceu de nossa conexão? O V'Shuin nos uniu — a lembrança do que isso significava fez o rosto dela corar — e quanto mais cedo você aceitar essa situação, mais rápido teremos a conexão total.

— Não quero ter conexão total com você, seja lá o que isso quer dizer — ela puxou o braço da mão dele. — Diferente de você, estou aqui a trabalho. Vou fazer contato com futuros clientes e, assim que der, volto para a minha casa.

— Você fica uma graça com ciúme.

— Vá para o inferno, Vince! — ela praguejou e deixou-o lá parado, rindo alto.

Ela não havia conseguido encontrar a obra que queria. Teria de perguntar a Drake onde ela estava para encerrar essa negociação e partir. Mas enquanto isso, mostraria a Vince que não estava nem um pouco perturbada por revê-lo rodeado de

mulheres muito mais bonitas do que ela.

O evento mostrava-se bem animado, com todos os tipos de pessoas em suas profissões, mas todas tendo em comum a quantidade de dinheiro e/ou fama que exibiam com orgulho. A fartura exibida era mesmo para ostentar, e Drake não tinha qualquer constrangimento em se mostrar daquela forma.

Além da piscina de tamanho imenso e formato original, com uma cachoeira sobre pedras num dos cantos, havia salão de jogos com todo tipo de jogos eletrônicos, como *Wii, X-box*, assim como um aparelho *Just Dance*, onde dava para se ouvir as risadas de quem participava e assistia.

Do lado externo, havia as quadras de esportes, e também, num outro ponto do jardim, uma área dedicada à arqueria.

CeeCee evitou Vince o máximo que pôde ao longo do dia.

Numa hora em que estava andando pelo jardim e seguiu por um caminho que dava até a arqueria, surpreendeu-se ao ver entre os participantes, Vince e Adam, que pareciam estar em algum tipo de competição.

Ela nem sabia que Adam era praticante daquele esporte, e mantendo-se um pouco mais afastada do que os outros, observava a disputa, na qual Adam ia muito bem, mas Vince estava tendo vantagem.

— É interessante ver dois homens competindo pela atenção de uma mulher, não? — CeeCee assustou-se quando seu anfitrião apareceu silenciosamente falando por trás.

— Eu... eu não sei do que está falando — colocou as mãos nos bolsos da bermuda, sem tirar os olhos da cena à frente.

— Ora, vamos, CeeCee! Você sabe que aqueles dois lá estão se comportando como homens da caverna o dia todo tentando chamar a sua atenção.

— Que providencial então que eu nem soubesse disso — ela sorriu, sem realmente achar graça.

Drake acenou em negativa. — É sempre assim. Vocês, mulheres, deixam um rastro de destruição em nossos corações quando passam, e nem se dão conta de como nós, pobres homens, ficamos à mercê de sua magia.

Ela achou graça na dramaticidade de Drake.

Observando-o melhor, reparou que ele não era um homem bonito, mas tinha um magnetismo animal que, com certeza, fazia sucesso com as mulheres. Óbvio que pelo fato de ser muito rico também tornava-o um chamariz, mas CeeCee sabia

que mesmo sem todo aquele dinheiro, ele era do tipo do qual as mulheres não passavam indiferentes.

No caso dela, nem havia como ele afetá-la porque ela estava totalmente tomada por um certo V'Kos arrogante, que naquele momento ganhava aplausos da plateia por ter acertado mais uma flecha no centro do alvo. Isso sem contar que o fato de Drake conseguir bloqueá-la de sentir suas emoções a deixava desconfiada. Seria ele algum tipo de empata, assim como ela?

— Eu consegui encontrar três das quatro obras minhas que você adquiriu — ela preferiu retomar o assunto de mais cedo.

— Peço perdão. Deve ter procurado pelo quadro que pendurei em meu aposento privado. Fiquei tão encantado por aquela tela que simplesmente tinha de tê-la por companhia.

— Agradeço. Esse é o melhor elogio que

um artista pode receber. Mas, teria como eu vê-lo?

— Naturalmente. Mais tarde posso levá-la para averiguar a obra, que parece ser tão importante para você.

Ela ficou sem graça.

— É sim.

Drake a analisou por alguns segundos. Os olhos dele deram a impressão de mudar de tonalidade conforme a luz do dia refletia neles, o que a deixou mais uma vez desconfortável.

— Acho que a competição acabou. — ele disse quebrando o encanto, e CeeCee olhou para o local que os dois competiam e viu que eles se dirigiam a outro lugar.

— Aonde estão indo? — reparou que os observadores também os seguiam.

— Para a quadra de esportes. Creio que se desafiaram para um jogo de basquete.

Drake retirou-se e deixou-a ali, sem

entender como ele poderia saber daquilo se estava conversando com ela.

Dirigindo-se também à quadra, as arquibancadas já estavam com uma plateia considerável, enquanto que dois times improvisados jogavam. Vince e Adam logicamente estavam em times adversários. CeeCee sentou na ponta da arquibancada e começou a ver o jogo.

Mesmo sem ser fã de esportes, CeeCee entendia o básico das regras e sabia sobre a pontuação. Incentivados pelos torcedores, os jogadores riam e brincavam repassando a bola e fazendo cestas. Mas entre Vince e Adam a competição estava um pouquinho mais acirrada. As provocações orais não paravam, assim como os pontos. Até que chegou um momento em que o tempo estipulado ao jogo acabaria, e apesar do time de Vince estar na frente, a vantagem não era tão

grande assim, CeeCee – e todos os expectadores – viram quando Vince jogou a bola do outro "garrafão", acertando a cesta do time adversário. Um feito que ela tinha certeza, não foi somente pelas habilidades desportivas dele.

Enquanto os outros gritavam em comemoração, CeeCee ouviu não muito distante dela, atrás, uma gargalhada, e ao olhar, viu Drake divertindo-se com a situação. Por alguma razão, ela sabia que aquela gargalhada guardava mais segredos do que todos poderiam entender. Ele aproximou-se dela.

— Estou dizendo, CeeCee, é bom que faça sua escolha, e logo. Essa diversão pode tornar-se perigosa. — fez um carinho no queixo dela e afastou-se, voltando à festa.

Capítulo 24

À noite a festa seria *black tie*. Depois de passarem todo o dia divertindo-se, bebendo e se bronzeando ao sol, os convidados começavam a desce para o salão de baile.

Propositalmente, CeeCee subiu ao quarto assim que terminou o basquete e preferiu ficar longe das duas crianças que achavam que ela era algum brinquedo a ser disputado.

Enquanto andava de um lado ao outro no quarto, ela pensava em qual seria sua estratégia para fugir daquela situação. Depois de já ter conversado com várias pessoas interessadas em suas obras, ela não poderia simplesmente esconder-se no quarto, não querendo comparecer à festa. Ela poderia descer, ficar por uma hora e sair de fininho,

e, na manhã seguinte, partir antes dos outros. Mas antes, ela precisava resolver a situação do *Oásis*. Precisava ter certeza que era mesmo o quadro que estava no quarto de Drake, mas não queria dar oportunidade ao anfitrião de ficar sozinho com ela. Ela ainda estava cismada com o comportamento dele. Ele fora muito educado com ela, mas ela teve a impressão de que ele estava sempre ocupado demais para dar oportunidade a ela de uma conversa mais pessoal, e ela poder saber como ele havia conhecido Vince.

Talvez se ela conseguisse ir ao quarto dele sozinha...

A festa lá embaixo já havia começado, ela podia ouvir, do corredor, a música que animava, além das vozes dos convidados. Talvez agora fosse o melhor momento.

Saindo disfarçadamente, e nem precisava andar pé ante pé por causa do carpete alto sob seus

pés, ela se dirigiu ao corredor que levava aos aposentos principais. Por sorte, não encontrou qualquer empregado da casa. Alcançou a porta e devagarzinho girou a maçaneta. Não estava trancada, graças a Deus. Enfiou a cabeça e aprumou o ouvido para ver se não havia ninguém dentro do quarto. Não houve barulho; entrou e fechou a porta atrás de si.

O aposento era enorme. Na verdade, ele consistia numa sala de estar particular, muito bem decorada, com sofás, um bar, abajures, uma mesa com seis lugares e algumas obras de arte. Nenhuma era dela. Havia duas portas. Escolhendo uma, deparou-se com outro escritório. Também muito sóbrio e elegante, havia apenas um quadro atrás da mesa, grande, e que ela apostava esconder um cofre. Mas também não era o quadro dela. A outra porta só podia dar para o quarto de Drake.

A cama enorme feita sob medida era o

destaque do ambiente, mas os outros móveis e a decoração como um todo era de altíssima qualidade. Na parede ao lado, portas deslizantes de vidro. Havia duas portas de madeira, na certa uma era o banheiro e a outra, o *closet*. E exatamente entre essas duas portas, em frente à cama, estava o quadro de CeeCee.

Infelizmente não era *Oásis*, mas sim, *O Entardecer de Zeus*.

Respirou decepcionada. Isso queria dizer que *Oásis* fora vendido para outra pessoa e estava fora de alcance.

Deu um salto quando sentiu uma mão tapando-lhe a boca.

— O que pensa que está fazendo no quarto de Drake? — Vince perguntou encarando-a, com fogo no olhar.

Ela revirou os olhos e apontou para a própria boca, para que ele a soltasse.

— Estava procurando minha obra.

— Por quê?

— Adam vendeu uma obra minha sem meu consentimento; era para estar lá só para compor o tema. Achei que Drake a tivesse comprado e ia propor a ele me devolver.

— Que obra é essa? — ele perguntou cerrando os olhos, desconfiado.

Ela ia abrir a boca para dizer, mas lembrou-se a tempo que o título da obra havia sido dado por ele, na vez em que a levou a V'Kian.

— Deixa para lá. Pelo visto eu a perdi.

— Não deveria estar aqui. Se se encontrasse sozinha com Drake, até eu teria dificuldade de livrá-la dele. — ele segurou o braço dela e a encaminhou para fora do quarto, voltando ao corredor que se dirigia ao andar de baixo.

— Qual o problema de eu estar com ele? Até o momento ele foi muito cavalheiro, bem

diferente de você, que passou o dia em demonstração de macheza sem fim.

Vince parou de andar e voltou-se a ela, sorrindo.

— Quer dizer que reparou na minha competição com o seu amiguinho?

Mortificada por ter sido pega, ela tentou disfarçar rolando os olhos para parecer que o ocorrido não teve importância.

— Puff! Faça-me o favor.

— Se prestou atenção, viu que fui muito melhor que o seu amiguinho. — ele aproximou-se dela fazendo-a recuar para a parede.

— O que vi foi você usar sua superioridade de raça para vencê-lo no basquete — ela sussurrou de volta, apontando o dedo no peito dele.

— Detalhe técnico.

— Foi desonestidade.

— Nunca ouviu falar que no amor e na guerra vale tudo? — ele aproximou-se ainda mais, colocando os dois braços na parede ao lado dela, prendendo-a. O rosto dele estava a milímetros do dela. Fechando os olhos, ele inspirou o cheiro dela, aquele cheiro que ele sentiu falta por tanto tempo e o fazia cada vez mais duro dentro da calça. — Por que não pulamos essa festa chata e barulhenta e vamos para um dos quartos nos divertir?

— Trab... trabalho, Vince. Estou aqui a trabalho.

— *Eu* posso te dar muito trabalho. — roçou os lábios nos dela.

— Suas fãs lá embaixo não vão sentir sua falta? — ela falava com dificuldade. A aproximação dele fazia com que não conseguisse pensar direito. A altura sobrepujando-a e o perfume dele a intoxicava. Ela queria mandar tudo para o inferno, pendurar-se no pescoço dele e passar dias

aninhada ali.

Mas havia tanta coisa em jogo. Seu trabalho, suas escolhas, seu planeta.

Encolhendo-se e passando por baixo do braço dele, ela caminhou para a escada, tentando regularizar a respiração, enquanto ajeitava a saia do vestido longo.

Vince viu-a adiantar-se ajeitando o cabelo e a roupa.

O perfume dela sempre o atordoou e ter ficado tanto tempo longe estava deixando-o maluco. O vestido rosa justo e tomara-que-caia, franzido no corpete, cuja saia se abria a partir da cintura, era ridiculamente simples e elegante. Ela não usava joias, a não ser um cordão com camafeu. O cabelo estava preso num coque banana e a maquiagem só estava um pouco mais forte nos olhos. Sua humana havia ficado ainda mais linda com o passar dos anos, e apesar de ela ainda não

saber dessa informação, a beleza e juventude dela se manteriam intactas enquanto ela vivesse.

Desde que haviam se conectado através do V'Shuin, a ligação deles era indestrutível. Como os V'Kos só envelheciam até que chegassem à idade adulta, a partir daí o pouco que desenvolviam fisicamente era apenas para alcançarem a perfeição, Cecelia não iria mais envelhecer nos padrões humanos. Ela era sua companheira. Tinham uma vida pela frente para trabalhar ou estudar o que quisessem. As oportunidads oferecidas a ela eram ilimitadas. No entanto, ainda não era o momento de ele contar-lhe isso. Ele precisava que ela tomasse a decisão por si, sem ter qualquer vantagem brilhando à sua frente como uma linguiça na frente de um cão de corrida.

Sorrindo, com as mãos nos bolsos da calça, ele a seguiu escada abaixo.

A festa já estava a pleno vapor. CeeCee

viu de longe Adam numa roda conversando com mais cinco pessoas. Fez um sinal com a cabeça cumprimentando-o e foi para o outro lado ver e ser vista por um tempo. Ainda estava disposta a ficar por pouco tempo, retirar-se com a desculpa de uma dor de cabeça e, na manhã seguinte, ir embora mais cedo. Agora que sabia que a outra obra não era *Oásis*, não havia razão para permanecer naquele ambiente.

Andando de um salão ao outro – a festa também pegava a área externa, cuja decoração de minilâmpadas enfeitava o local como se estivessem em época de natal – CeeCee se serviu de champanhe e escolheu um canto calmo para ficar, mas não conseguiu sossego por muito tempo. Logo Drake se juntou a ela.

— Como está minha hóspede preferida?

— Muito bem, obrigada. Sua festa está um encanto.

— Espero que sim. Estou gastando uma fortuna para isso — ele falou de uma maneira que poderia parecer ostentação, mas soou engraçada, e ambos riram. — Alguns convidados que viram suas obras ficaram encantados e mostraram interesse em conhecer mais sobre.

— Obrigada pela oportunidade. Conversei com alguns deles. Vamos manter contato.

CeeCee percebeu que Drake aproximou-se mais dela, desnecessariamente. Isso a incomodou um pouco, mas não queria parecer grosseira com seu anfitrião já que ele estava sendo tão atencioso.

— Em relação ao quadro que você buscava, o que acha de irmos agora aos meus aposentos para você ver se é o que procura?

Ela engoliu seco sem saber que desculpa dar. Não poderia dizer a ele que já havia invadido seu quarto e visto que não era o *Oásis*, e, também, não queria estar sozinha com ele, lembrando-se do

que Vince havia dito sobre nem ele ser capaz de resgatá-la se aquela situação ocorresse. Quando ia tentar inventar algum pretexto, foi salva por Vince.

— Ora, Drake, você não se cansa de dar em cima da mulher dos outros? — ele se aproximou, colocando CeeCee entre os braços dele, como se fossem um casal apaixonado. E ela resolveu que era melhor entrar no jogo dele.

Drake deu uma gargalhada.

— O que posso fazer? Sou um conquistador, mas sei que sua fêmea é diferente das outras e não se deixaria cair na minha lábia.

— Ela é esperta — Vince deu um beijo no alto da cabeça dela.

— Bom, vou deixar os pombinhos em paz. Obrigado pela companhia, CeeCee — Drake pegou a mão dela e beijou-lhe o dorso.

CeeCee apenas sorriu agradecida e viu seu anfitrião afastar-se.

— Não posso deixá-la um minute a sós que já aparece um cara interessado — ele resmungou, mas manteve-a presa em seus braços.

Ela segurou o braços dele com a mão livre o encarou, fazendo-o abaixar o olhar para encontrar o dela.

Por um instante eles nada disseram. A noite estrelada, as luzinhas decorativas, a música que vinha ao fundo, o cheiro dele tão próximo a ela e toda a sua estatura protegendo-a, deixaram CeeCee sem saber exatamente o que fazer ou dizer. A única coisa que ela tinha certeza era de que não queria se mexer.

Vince olhava para os lábios dela e lembrava-se de todas as vezes que se afogou ali. Seu desejo por ela era tamanho que ia muito além de apenas uma necessidade física. Ele queria possuí-la em todos os sentidos; saber que ela estava tão ligada nessa conexão quanto ele. Os humanos

podiam não ser tão estáveis num relacionamento amoroso quanto os V'Kos, mas era aquela mulher que o universo havia escolhido para ser sua companheira, e ele lutaria com quem quer que fosse para mantê-la, mesmo que a luta não fosse muito justa.

— Obrigada — ela sussurrou — Estava pensando que desculpa daria a ele para não dizer que já tinha visto que o quadro que quero de volta não está com ele.

— Saber que você está sozinha com outro macho já me deixaria muito zangado, mais ainda se eu tivesse que lutar com um *dragueriano*.

— Um o quê? — ela perguntou sentindo-se zonza com a proximidade dele. Ela tinha escutado direito? Um dragueriano?

— Drake é um dragueriano — ainda vendo a confusão no olhar dela, acrescentou: — Ele é um não-humano.

— O quê? — ela teve a impressão de ter gritado e se afastou dele, respirando com dificuldade — Está me dizendo que ele não é humano?!

— Achei que tivesse entendido quando te disse mais cedo que seria difícil até para mim lidar com ele — ele deu um meio sorriso.

— Não, não entendi nada. Mas o que é isso? Uma invasão? Quantas outras raças têm andando por aí?

— Há muitos mais não-humanos convivendo entre vocês do que você imagina.

Ela levou a mão à barriga.

— Vocês podiam tentar deixar a gente em paz. — ela resmungou.

— Então, parem de erguer pirâmides e obeliscos que funcionam como canais de comunicação e portais.

— Eu sempre achei que os videos que

falavam sobre isso eram *fake news*...

Ele deu de ombro. — Alguns são, mas outros são verdadeiros, mas os draguerianos gostam de publicidade e não rebatem para não confirmarem nada.

Ela estancou levando as duas mãos ao rosto.

— Meu Deus! Vou dormir na casa de um deles.

Vince resolveu se utilizar dessa informação para tirar vantagem.

— Há tantos convidados que você seria só mais uma na lista dele — e ia saindo de perto dela, quando CeeCee o segurou pelo cotovelo.

— Como assim mais uma? Eles comem pessoas? — ela olhava para os lados para ter certeza de que ninguém os escutava.

— Não exatamente, mas eles gostam de colecionar coisas bonitas. Por que você acha que

Drake coleciona artes? Gostam de tudo que brilha, e você, *mui liev*, é uma tentação para ele, mais ainda por ele saber do meu interesse. — Vince pegou a mão dela que segurava seu braço e a colocou entrelaçada ao braço dele, levando-a de volta à festa e falando baixinho.

— Então, se estou com você, estou segura, certo?

— Só se ele tiver certeza de que estamos juntos. Se ele sentir cheiro de incerteza e de que ainda estou competindo por sua atenção, ele vai gostar do desafio e querer entrar no páreo.

CeeCee caminhava com ele, mas não tirava os olhos do anfitrião, que ao longe conversava animadamente com outros convidados. Fez Vince parar de caminhar e encará-la.

— Está me dizendo isso apenas para que eu fique com medo e grude em você.

— Pode ser. Mas também posso estar

dizendo a verdade. E para sua informação, aquela forma humanoide não é a forma dele; eles conseguem se metamorfosear.

CeeCee deu mais uma olhada em Drake, e, no mesmo momento, ele olhou em direção a ela e deu uma piscada. Ela teve certeza de que os olhos dele mudaram de alguma forma. Ou seria por conta da iluminação?

— Me daria o prazer desta dança, senhorita? — Vince perguntou estendendo a outra mão, e chamando a atenção dela para ele.

Ele sabia que estava usando de uma oportunidade para mantê-la junto a ele. Adam não teria qualquer chance numa luta corpo a corpo com Drake, e mesmo que a raça de Vince tivesse uma certa dificuldade numa luta contra um *dragueriano*, teria muito mais chances de sair vencedor do que o humano. Seu objetivo era mantê-la junto a ele tempo suficiente para fazê-la ver que eles

pertenciam um ao outro.

De fato, Drake era um dragueriano; e sim, sua raça podia se metamorfosear e a pele dura deles era como uma armadura, difícil de ser atingida, além da cauda com pontas como espinhos; mas Drake era amigo de Vern há muito tempo e convivia com humanos há outros tantos. Ele tinha entrado no jogo que Vince precisava para chamar atenção de Cecelia e tê-la de volta. Mas esse detalhe, ele não contaria a ela.

Os dois se dirigiram à pista de dança e começaram a dançar alguma canção romântica da moda.

Vince fez questão de colocá-la o mais próximo possível dele, ao mesmo tempo que mantinha seus olhares presos. Ali era o mundo dele, naqueles olhos castanhos. A possibilidade de viver uma eternidade sem tê-la por perto deixava o seu coração apertado. Cecelia era dele, e

conseguiria se adaptar às mil maravilhas à toda modernidade V'Kos, e tiraria muito proveito.

O tempo dele estava correndo. Precisava se apresentar aos antigos para que se desse início à revelação. Pela natureza dos humanos, eles já previam que haveria algum tipo de resistência, talvez até algumas batalhas menores, mas seria só até que os humanos tomassem ciência dos benefícios que a tecnologia não-humano traria para eles, e, a longo prazo, a Terra estaria livre de doenças e poluição, e o planeta estaria a salvo.

CeeCee se sentia mais uma vez protegida. Por que ela estava sendo tão resistente ao óbvio? Ela era apaixonada por Vince!

Ah, sim, havia a incoveniência de ele não ser humano, mas seria isso tão ruim assim? Ela não queria se sentir pressionada a escolher. Há dez

anos, antes de saber o que ele era, ela não teria pensado duas vezes em ficar com ele, formar uma família com ele, mas com a revelação, veio a descoberta de que ela teria de partir e deixar para trás aqueles que amava. Estaria ela agora preparada para essa partida? Seus pais não estavam mais ali, e ela os levaria com ela a qualquer lugar do universo pela memória e no camafeu. Sobre Daphne, ela amava a amiga, mas sabia que era só uma questão de tempo até que Daph se mudasse para um outro continente de vez em busca da foto perfeita, ou porque foi atrás de algum cara interessante. O futuro era incerto. Para CeeCee não era uma questão de escolher um lado vencedor ou perdedor, mas o de escolher o lado que a faria mais feliz.

Ela ainda estava chateada por ele ter apagado sua memória. Até havia uma razão lógica; quem poderia culpá-la se, ao sentir saudade dele, ela falasse sobre ele com qualquer pessoa? Só que

ele não lhe deu essa chance, e, só por isso, ela o faria suar mais um pouquinho.

— Eu... não me sentiria segura dormindo sozinha em meu quarto. E o meu quarto fica num corredor bem próximo às dependências particulares de Drake... — ela murmurou, e mordeu o lábio inferior, jogando a isca.

— Infelizmente, como fui um dos últimos a ser chamado, fui colocado num quarto com um outro convidado, em camas de solteiro. — ele respondeu no mesmo tom.

Ela deu um sorriso singelo. — Que sorte a minha estar num quarto sozinha com uma enooooorme cama de casal.

Ele sorriu de volta. — Está me convidando para dormir com você?

Ela assentiu de leve. Imediatamente, ele interrompeu a dança e saiu puxando-a pela mão para fora dali, e subiram as escadas.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 25

Depois de terem pego uma pequena valise com roupas dele no quarto em que estava, eles se dirigiram ao quarto dela.

Assim que entraram, Vince trancou a porta, e CeeCee se afastou um pouco, abaixando o zíper na lateral do vestido bem devagar. Quando estava tudo aberto, ela deixou que o vestido caísse no chão, revelando um *corset* e calcinha da mesma cor do vestido. Ela pulou o emaranhado do vestido no chão, e se abaixou, fazendo com que seu bumbum ficasse bem arrebitado, enquanto Vince assistia a tudo, engolindo em seco, ainda parado junto à porta. Ela levantou-se, colocando o vestido com cuidado na cadeira ao lado, e deu uma olhada coquete para Vince.

— Eu já volto. — ela se dirigiu ao banheiro, e fechou a porta.

Na mesma hora, Vince largou a valise num canto no chão, e passou a tirar o *smoking* que vestia. Tudo saiu de qualquer maneira. O sapato e as meias foram jogados de qualquer jeito no chão, assim como a calça e o paletó que caíram sobre uma poltrona. A gravata borboleta e a camisa foram os próximos, jogados na poltrona, mas erraram o alvo do braço do móvel e caíram no chão. E lá ficaram. A cueca foi a última coisa a sair, abaixada com a mão mas retirada com a ajuda dos pés. Esfregando uma mão na outra, ele se dirigiu à cama, puxando a coberta e se colocando sobre um par de travesseiros. Finalmente, depois de dez anos de seca, ele estaria dentro dela. Tentou se ajeitar numa posição confortável, colocando os braços despretenciosamente atrás da cabeça, e foi quando deu uma cheirada para ver se o suvaco não estava

fedido. Tudo bem até agora. Respirou fundo, sempre com um sorriso nos lábios, e esperou por ela.

E a porta do banheiro se abriu.

E quando Vince olhou para ela, não acreditou no que viu.

CeeCee estava com um pijama de calça comprida cheia de desenho de joaninhas, com uma camisa larga de mangas curtas escrita “Eu odeio manhãs”, os cabelos presos numa trança de lado, e, para piorar, tinha no rosto algum tipo de creme máscara da cor azul. Ela deu a volta na cama, indo para o outro lado vago, levantou a colcha, deitou daquele lado virada para fora e apagou a luz do seu lado.

Vince ainda estava com a cara espantada sem entender o que tinha acabado de acontecer.

— Cecelia...

— Obrigada por ficar para tomar conta de

minha segurança, Vince. Se importa de apagar a luz do seu lado? Eu prefiro dormir no escuro total, obrigada.

E segurando o riso, ela fechou os olhos, fingindo-se muito cansada, e tentou relaxar.

Vince jogou a cabeça nos travesseiros, após apagar a maldita luz e mentalmente se xingou por desejá-la mais do que a própria vida.

***

A luz da claridade entrava pela cortina de cor clara, e o barulho da casa já começava a alcançar o quarto. Os empregados já deviam estar na toda preparando o café da manhã para o segundo dia de festa.

CeeCee sentia-se confortável. Na verdade, muito mais do que confortável. O colchão era bem macio – ela precisava perguntar a Drake onde havia o adquirido. Será que isso seria muito rude da parte

dela? Talvez se ela levantasse o lençol, conseguisse encontrar a marca do colchão.

Mas a bem da verdade, não era só o colchão que era macio. A temperatura do quarto também estava muito agradável. Ela poderia até dizer que era a combinação perfeita dos dois, e se ela não estivesse na casa de outra pessoa, provavelmente dormiria até bem mais tarde. Por que as pessoas levantavam cedo num fim de semana ainda era um mistério para ela. Fins de semanas foram feitos para se dormir até muito tarde; tarde o suficiente para se começar a sentir dor nas costas ou o estômago roncar, aí sim, era hora de se levantar. O que ainda não era o caso dela. Então, talvez, fosse o caso dela dar uma checada nas horas só para ter certeza de que poderia ficar mais algum tempo ali.

Devagar, ela foi abrindo os olhos, deixando que eles se acostumassem à claridade, e

foi quando ela percebeu que estava deitada de lado. E que seus braços e pernas estavam enroscados não no edredom, mas em outro corpo. E que apesar de esse corpo parecer humano, não o era.

A cabela dela estava encaixada no ombro de Vince; seu braço estava sobre o peito dele, e sua perna, enroscada na dele. Ele estava deitado de costas, com um braço sob ela, e a outra mão segurava a mão que ela tinha em seu peito.

Estavam deitados relaxados, como um casal apaixonado. Como dormiram tantas outras vezes há quase dez anos. Ela ajeitou a cabeça de maneira que pudesse olhá-lo melhor. Sua fisionomia tranquila enquanto dormia ainda mostrava uma imagem de uma homem forte, perigoso, letal. Seus lábios eram grossos e ela sabia serem macios, perfeitos para um beijo. Tinha as maçãs do rosto proeminentes e o nariz de um tamanho que combinava, reto. As sobrancelhas

eram grossas e não unidas nem arrepiadas. Mas ela sabia que de todo esse quadro, o que sempre a prendia eram os olhos. Aqueles olhos prateados que ela aprendeu a sentir falta e a amar. Ela queria tanto vê-los nesse momento, saber que a primeira coisa que eles veriam seria ela.

— Por que não pede com jeito? De repente, atendo ao seu pedido. — ele disse baixinho, com um meio sorriso.

CeeCee arregalou os olhos e se afastou, pulando da cama. Vince abriu os olhos e se escorou no cotovelo, observando-a olhá-lo assustada, e apontando para ele.

— Como você fez isso?

— Fiz o quê?

— Você... você me respondeu.

— Claro que sim. Você estava falando sobre meus olhos, como queria que a primeira coisa que eu visse fosse você; eu só respondi.

— Não! — ela bateu o pé no chão — Eu não disse isso!

Ele levantou a colcha e colocou as pernas para baixo, e só então ela percebeu que ele dormiu pelado ao lado dela. Levou as mãos aos olhos.

— Cecelia, você já me viu pelado.

— Há dez anos.

— Nem me lembre... — ele resmungou, olhando a baita ereção que carregava. Levantou-se e foi para o banheiro. Ela só destapou os olhos quando ouviu o barulho da porta. Teve o barulho no vaso sanitário, da descarga e da pia.

Pelo menos ele é um homem higiênico, ela pensou.

— Eu ouvi isso! — ele falou lá de dentro.

E ela deu um pulo e ficou de pé na cama. E foi como ele a encontrou após terminar um banho rápido, e sair com a toalha na cintura. Acenou com a mão como quem deixava para lá e foi até a valise

pegar novas roupas.

— Você fez de novo!

— Posso saber do que está falando? — ele vestia a cueca, sem achar a menor graça do comportamento dela. *Será que seria sempre essa maluquice pela manhã?*

— Eu não sou maluca pela manhã. É você quem está me deixando louca!

E foi, então, que Vince parou o que fazia.

— O que foi que você disse?

— Eu disse que não sou...

— Eu ouvi o que você disse. Quero saber como você conseguiu ouvir meu pensamento.

— Você ouviu o meu primeiro.

Vince aproximou-se da beira da cama, onde ela permanecia em pé.

— Quando você falou sobre eu abrir os olhos...

— Estava *pensando* sobre isso, não disse

em voz alta.

Ainda encarando-a, Vince deu primeiro um sorriso, e, depois, caiu na gargalhada.

— Por que você está rindo? Isso é assustador!

Como ele continuava a rir, ela desceu da cama, foi até o banheiro, pegou um copo que havia sobre a pia, encheu de água e voltou ao quarto, jogando o conteúdo no rosto dele.

— Ei! Por que fez isso? — ele secou o rosto com a toalha.

— Você estava tendo um riso histérico. Era isso ou um tapa na sua cara.

Ele tirou o copo da mão dela, colocando-o sobre o criado-mudo e segurou as duas mãos dela, tentando ficar sério.

— Cecelia, pense em algo. Me faça uma pergunta mas em seu pensamento.

Ela pendeu a cabeça de lado, tentando

entender o que ele queria com tudo aquilo. Será que ele havia enlouquecido porque ela não deu para ele ontem à noite?

— Não enlouqueci, mas confesso que fiquei muito puto com sua provocação de ontem. — ele respondeu, e ela levou as mãos à boca. Ele sorriu abertamente — Podemos ler a mente um do outro.

— Mas... como... por quê?

— Isso é efeito do V'Shuin.

Ela lembrou-se daquela noite idílica que haviam passado em V'Kian. O ato sexual havia sido inesquecível por conta da anatomia dos V'Kos quando encontravam sua companheira de vida.

Espere! Isso, então, era uma garantia de que eles pertenciam um ao outro?

Vince assentiu, sem palavras. E a abraçou suspendendo-a do chão.

CeeCee se segurou com as mãos nos

ombros dele, mas era mais para evitar que a vertigem a derrubasse do que numa comemoração romântica.

Eles eram companheiros! Estava certo e consumado.

Isso era maravilhoso!

Ela estava apavorada!

Ao perceber que ela não estava na mesma *vibe* que ele, Vince afastou-se um pouco para encará-la.

— CeeCee?

Ela fechou os olhos. Ele quase não a chamava assim, mas quando o fazia, parecia tão mais íntimo. Todo aquele processo significava, no mundo V'Kian – pelo que ela conseguia se lembrar das explicações dele antes – que eles estavam casados. Meu Deus, casados!

— Eu... eu preciso de um banho e... depois... café da manhã.

Ele sorriu.

— Eu sei. Nada de perguntas difíceis pela manhã.

Ela se afastou mais, e foi para o banheiro.

Quando ela saiu do banheiro, depois de um bom banho e uma maquiagem leve para disfarçar a cara ainda pálida pelo susto, encontrou-o sentado na poltrona, já pronto, sério, olhando algo em seu “relógio”.

— Aconteceu alguma coisa? — ela se aproximou.

Ele se levantou dando um sorriso de lado, e beijou-lhe os lábios.

— Nada de mais. Notícias de Vern. Vamos alimentar essa mocinha?

Ele abriu a porta, deixando que ela saísse na frente.

Seguiram para a área externa da casa, onde outros convidados já tomavam café, servindo-se de uma farta mesa em separado, enquanto alguns empregados atendiam a pedidos especiais.

CeeCee se serviu de um prato cheio de frutas, queijos e uma omelete de claras. Para beber, preferiu um chá. Vince se serviu de algo parecido, preferindo um suco, e ao chegar à mesa deles e reparar no prato dela, sorriu. Não havia qualquer carne ou embutidos ou pães.

— Não vai pegar nenhum pão doce?

Ela deu de ombro. — Já faz um tempo que mudei minha dieta. Não sei por quê. Um dia acordei e estava enjoada de comer tudo aquilo.

— Quero crer que também parou de comer carne vermelha? — ele perguntou olhando-a sobre a borda do copo.

O garfo dela parou a caminho da boca.

— Como sabe?

Ele franziu a boca. — Palpite.

Mas sorriu por dentro. Aquela era mais uma indicação da conexão deles. V'Kos não comiam carnes. Ela estava mais adaptada ao jeito V'Kos de ser do que poderia supor.

Para Vince fora uma grande surpresa eles terem alcançado o estágio de leitura de mentes. Em muitos casais em seu planeta, esse estágio chegava depois de muitos meses de casados, às vezes anos. Ele acreditava que os dons dela, ainda que não plenamente treinados, ajudavam-na a desenvolver o elo deles. Ficaram quase dez anos afastados, mas tão logo se reencontraram, e quando ela estava bem relaxada ao lado dele na cama, a conexão se abriu. E depois disso, não tinha volta. Agora, eles precisariam treinar para bloquearem os pensamentos quando quisessem. Era muito bom ter essa comunhão com a pessoa escolhida, mas todas as pessoas tinham direito à privacidade.

Nesse primeiro momento, Vince queria jogar a privacidade no lixo. Saber que poderia estar na mente dela – e mais ainda, ela na dele! – dava-lhe uma sensação de pertencimento, de completude, mas ele notou que o entusiasmo dele não era compartilhado por ela.

Talvez tudo estivesse acontecendo rápido demais para os padrões dela. Um noivo que reapareceu depois de anos; uma promessa que ele veio cobrar; uma mudança de modo de vida; uma conexão mais do que invasiva. Provavelmente, *ele* estaria se comportando muito pior do que ela se a situação fosse inversa.

Ela estava quieta, tomando seu café da manhã com o olhar baixo, quando normalmente ela era bem falante quando estava sendo alimentada. Teria ela chegado a conclusão que mesmo com toda conexão, ele não era com quem ela queria estar? Ele poderia estar subestimando o poder do

V’Shuin. Este era valorizado e ansiado pelos V’Kos, mas os humanos... Os humanos eram... diferentes. Ela era diferente de todas as fêmeas com quem ele já tinha se relacionado. E, por isso, ele acreditou que eram perfeitos um para o outro.

Com ou sem conexão, ele jamais a obrigaria a estar com ele. Ela teria de dar o sinal, e, se ela não quisesse mesmo tê-lo a seu lado, por mais que doesse – mais ainda porque ele não poderia deixar de vê-la se despedindo do Planeta por fazer parte de uma das equipes que participaria da revelação – ele daria a liberdade que ela parecia ansiar.

CeeCee não conseguia encará-lo. Sabia que o semblante dela transmitia a pior mensagem possível. Mas, qual é? Era muita coisa para assimilar. Um noivo vindo do espaço? Viajar numa

nave espacial? Um ler a mente do outro?

Mas, por outro lado, com a memória restaurada, ela podia comparar como foi o período deles juntos, há nove anos, no tempo que ela sequer se lembrava dele. Ela não quis ficar com outros caras. Ela focou nos estudos, na carreira, em algumas poucas viagens que fez com Daphne e até com os pais...

Seus pais...

Estava feliz pela oportunidade de ter convivido com eles. Eles torceram por ela, mesmo quando ela lhes deu a notícia de que não teria estômago para ser uma médica. Eles vibraram em sua formatura. Eles tinham orgulho dela e a apoiaram da melhor forma possível. Ela guardaria sempre na memória os aniversários, e natais e Ações de Graças. A rotina, as piadas sem graça, as vezes que seu pai comentava algo que a constrangia. Eram lembranças precisosas, e ainda

que Vince tivesse querido que ela fosse com ele naquela época, deu oportunidade que ela as vivesse.

Tinha se formado e conseguiu entrar para o seleto mundo das Artes. CeeCee nunca teve pretensão de ficar rica com sua obra. Claro que como qualquer ser humano, ela queria o reconhecimento, e isso ela podia dizer que tinha conseguido, certo?

Adam ficaria magoado com o sumiço dela, mas tinha certeza que logo ele a substituiria por outra pessoa talentosa.

Ela tinha um futuro pela frente e muito a aprender. Viver ao lado de Vince significaria ter acesso a informações superiores. A vida seria um eterno aprendizado, pelo menos, enquanto ela tivesse saúde para ficar ao lado dele. Sabia que iria envelhecer e morrer antes dele, mas pensando bem, ele quem tinha que se preocupar com isso, não ela. E se ele estava disposto a ficar com uma humana

com uma média de vida de oitenta anos, ela não seria idiota em recusar tudo que vinha no pacote que significava ficar com ele.

Ela levantou o olhar e encontrou o dele, e sentiu-o... triste. Levou a mão até a dele, que estava sobre a mesa, segurando o garfo.

— Vince...

O seu celular começou a tocar em seu bolso.

Sentindo-se irritada pela interrupção, pegou o aparelho pronta a desligá-lo de vez, mas viu que se tratava do telefone da mãe de Daphne. Olhou assustada para Vince e o atendeu.

— Alô.

— *CeeCee querida. Algo horrível aconteceu com Daph. Precisamos de você aqui.*

Vince viu o rosto de Cecelia ficar pálido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela ouvia a pessoa do outro lado da linha e nada dizia. Os lábios estavam apertados.

— Vou pegar o primeiro voo de volta. — desligou o telefone e se levantou indo para dentro da casa. Subiu as escadas correndo em direção ao quarto, com ele em seu encalço.

Ao entrar no quarto, mal conseguia enxergar o que fazia. Lágrimas abundantes desciam de seu rosto. Pôs os produtos de higiene e maquiagem dentro da *necessaire* de qualquer maneira. Até que, agoniado, Vince a segurou pelo ombros, fazendo-a parar.

— O que houve?

— Daph... — ela falava tentando tomar fôlego com o choro — Um encontro dela... deu errado. O cara... machucou ela... deixou-a inconsciente em casa... e roubou coisas de nossa casa... Eu não me importo com as coisas... mas ela... — e o choro aumentou, e Vince a abraçou.

PERIGOSAS ACHERON

Depois de chorar sobre ele por alguns minutos, ao se sentir um pouco melhor, se afastou para terminar a arrumação.

— Preciso pegar um voo para San Francisco o mais rápido possível.

— Eu vou com você.

— Obrigada — ela balbuciou, e foi terminar de fechar a mala.

Vince se escorou na bancada da pia, olhando-se pelo espelho. Precisava tomar uma decisão que talvez não agradasse os antigos, mas ela era sua companheira. Tinha direito a informações privilegiadas.

Quando voltou ao quarto, viu-a pronta, olhando em volta, como se certificando não ter esquecido nada.

— Céus, já ia esquecendo de Adam. Eu vim com ele.

— Podemos deixar recado com um dos

empregados de Drake.

— Certo.

Ela suspendeu a alça da mala de rodinhas e já ia puxá-la para fora do quarto quando Vince a segurou.

— Cecelia... há uma forma de chegarmos mais rápido em San Francisco que o voo comercial.

Ela voltou-se para ele.

— Vai me dizer que você tem um teletransporte? Porque se tiver, na atual situação, eu topo.

Ele não quis, mas acabou sorrindo.

— Não chega a tanto, mas *é* um transporte. Você confia em mim?

Ela apenas assentiu. Ele acarinhou o rosto dela e pegou a bolsa de viagem dele e a mala dela. Desceram as escadas e seguiram para o jardim dos fundos, ao invés de a porta da frente. Andaram por algum tempo, afastando-se da casa, o que fez

CeeCee pensar que talvez ele não soubesse o que estava fazendo. Ele olhou para trás para ela e riu, e ela ficou vermelha. Na certa, ele tinha ouvido o pensamento dela.

Ao chegarem quase no limite da propriedade, ele parou, com ela ao seu lado, e largando as bagagens, mexeu nuns botões em seu relógio, e foi quando CeeCee viu aparecer diante dela uma espécie de cápsula. Era no formato retangular, definitivamente não muito grande. Uma porta deslizou abrindo e Vince pegou as malas, indo na frente. Ao entrar, ele olhou para trás e estendeu a mão, chamando-a. CeeCee olhou mais uma vez para o veículo sem rodas e a mão do homem que amava, e decidiu aceitar.

Segurou a mão dele e entrou na pequena nave.

Dentro havia seis cadeiras, como as de avião, duas delas em frente ao que parecia um

painel de comando. Ele se sentou em uma e apontou para ela se sentar ao seu lado, o que ela fez quase que de forma automática. Ele passou a mexer nos comandos, alguns brilharam e num deles apareceram o que ela julgou ser palavras escritas no idioma dele. Não sentiu solavanco, não tinha cinto de segurança, mas ela viu que estavam se afastando do solo.

— Não seremos vistos?

— Não. Acionei novamente a camuflagem.

— Mas os radares humanos não vão nos detectar?

— Voaremos abaixo deles. Fique tranquila. Chegaremos lá em vinte minutos.

— Vinte?

O voo comercial levava 1h30 e ele dizia que aquela nave os deixaria lá em vinte minutos? Obrigada, tecnologia alien!

Depois de alguns minutos voando, logo CeeCee começou a reconhecer a paisagem, e sabia que haviam chegado em San Francisco. Vince olhou para ela.

— CeeCee, não posso simplesmente estacionar no meio da rua ou no estacionamento do hospital e nós dois sairmos do nada, da nave. Ainda que ela esteja camuflada para ficar invisível, nós não estaremos. Preciso deixá-la num lugar amplo e fora do acesso das pessoas.

— Tudo bem. Já estamos bem mais perto do que antes. Onde pretende descer?

— No Golden Gate Park. — ele começou a se direcionar para lá, e a vê levar as mãos ao peito, emocionada.

— Oh, meu Deus! Você vai fazer como no filme? Vou fazer parte do meu próprio filme de ficção cinetífica? Daph iria morrer para participar de um desse! — e foi quando se lembrou do motivo

de sua viagem, e que sua amiga que era viciada na série *sci-fi*, e que foi por causa dela que CeeCee encontrou Vince pela primeira vez, estava numa cama de hospital, lágrimas voltaram a brotar nos olhos.

Vince desceu a nave da mesma forma que subiu, sem qualquer solavanco. Antes de saírem, ele sondou a área para ver se tinha alguém próximo. Com a área livre, ele abriu a porta e os dois saíram andando. Pegaram um taxi que os levaria até o hospital geral.

Assim que chegaram, CeeCee perguntou na recepção por Daphne, e foi informada que a família dela, para quem o hospital podia dar as notícias, estava na sala de espera. Ao chegarem lá, a mãe de Daphne viu-a se aproximando e logo abriu os braços e choraram juntas por um tempo. O pai de Daph se juntou a elas.

— Como ela está? — CeeCee perguntou.

— Está na cirurgia. Está com traumatismo craniano. Foi horrível a forma que a encontramos, numa poça de sangue no chão. Ele parece ter brincado com ela como se fosse uma boneca. Seus membros estavam tortos, os dentes quebrados, um corte na barriga... Como alguém pode ser tão mostruoso para fazer isso? — a Sra. Price falou entre lágrimas.

— Vamos ter fé que os médicos vão ajudá-la. E assim que ela acordar, mostraremos que estamos aqui para apoiá-la.

O Sr. Price deu uma tossidinha, olhando para Vince.

CeeCee olhou para os dois e só então lembrou-se que não o tinha apresentado.

— Oh, desculpe. Sr. Price, este é Vince...

— Sou um amigo de longa data — a apresentação de Vince sobre si mesmo a pegou de surpresa. Mas ela não estava com cabeça para

corrigi-lo numa hora dessa.

Foi sentar-se com a Sra. Price e esperar por qualquer notícia do médico.

Capítulo 26

Depois de muitas horas de espera, finalmente o médico cirurgião veio comunicar à família.

Daphne estava em coma induzido. Tinha sofrido suas paradas cardíacas ao longo da cirurgia; todo o seu corpo havia sido remendado; braços e pernas, que foram quebrados, estavam cheios de parafusos. O rosto havia sido reconstruído por um cirurgião plástico, mas provavelmente precisaria passar por novas intervenções. O buraco feito em seu estômago parecia ter sido feito com uma chave de fenda e comprometeu o seu baço. Agora, era esperar que seu corpo começasse a responder e se curasse. Seria um processo doloroso e lento.

Os pais foram autorizados a vê-la através

do vidro da sala de recuperação em que ela estava. O médico queria deixá-la lá pelas próximas 48h para ter certeza de que ela não sucumbiria qualquer infecção, e se houvesse uma complicação, estaria mais perto do centro cirúrgico.

Ao longo daquela espera, os pais de Daphne foram procurados pela polícia, que avisaram que o culpado havia sido pego e estava preso. Tendo roubado os cartões de crédito dela, ele foi pego quando tentava sacar num caixa eletrônico.

As 48h se passaram e Daphne foi transferida para um quarto na UTI.

CeeCee, assim como a mãe da amiga, não queriam arredar o pé do hospital, mas depois de muita insistência dos homens que argumentaram de que nada adiantava as duas ficarem cansadas, decidiram alternar quem ficaria de acompanhante. Como a Sra. Price era mais velha e mais suscetível

ao cansaço, CeeCee convenceu-a a ir para casa descansar. Ela ficaria no primeiro turno.

Ficar ao lado da amiga era um peso que dilacerava o coração dela. Daphne sempre foi tão ativa, sorridente, até meio maluquinha, e vê-la naquele estado, tão machucada, em coma, respirando através de aparelhos, era demais. CeeCee pedia aos céus que a amiga se recuperasse. Algumas vezes, ela chorava no colo de Vince inconformada com aquela situação. O bandido estava preso, mas isso não mudava o fato de que a amiga nunca mais seria a mesma.

Num desses momentos de choro, CeeCee levantou a cabeça do ombro de Vince e lembrou-se do que ele disse sobre a medicina em V'Kian. Eles eram muito adiantados. Ele havia dito algo sobre ferimentos que eram plenamente curados... Será que não poderia pedir a ele para curar Daphne? Uma centelha de alegria encheu seu coração, mas

imediatamente ela lembrou que não havia dado a ele a resposta que ele esperava quando estavam em Los Angeles. E se agora ela lhe pedisse a cura para a sua amiga, Vince pensaria sempre que CeeCee só tinha aceitado ficar com ele por uma dívida de gratidão. Mas será que a saúde de Daphne e felicidade do Sr. e Sra. Price não valiam o preço?

Ela chegou a olhá-lo e abriu a boca para pedir, mas nada saiu.

Se não existisse Vince, eles teriam de lidar com aquela situação da maneira humana, um dia de cada vez. E, então, preferiu se calar.

Vince saiu por algumas horas. CeeCee percebeu que ele voltou de banho tomado e roupa trocada. Às vezes, quando ficava com ela no hospital, ela notava que ele desaparecia por alguns minutos, e quando retornava, tinha uma semblante

preocupado, mas por mais que ela perguntasse qual era o problema, ele sorria e lhe dava um beijo, dizendo não ser nada. Algo dizia a ela que o tempo para ele partir estava próximo, mas ele não queria colocar mais essa carga sobre ela.

Uma semana desde o retorno deles de Los Angeles já havia se passado.

Mais de uma vez Vince notou que Cecelia estava pronta para lhe pedir que curasse sua amiga. Ele estava na espera de que ela pediria isso, mas o pedido não veio. Com o estado dela tão triste pelo acontecimento, de alguma forma ela conseguiu bloquear em vários momentos os pensamentos dela, e quando ele captava algo, parecia mensagem entrecortada.

Será que ela não queria ficar devendo nada a ele? A conversa deles havia sido interrompida

com o fatídico telefonema, e desde então, eles só conversaram sobre o problema de Daphne. Quando Cecelia ia para casa, depois de muito esforço dele em convencê-la a aceitar o arranjo da alternância no hospital, ela estava tão cansada que mal comia algo, tomava um banho e caía na cama. Algumas vezes era Vince quem recolhia a roupa suja no chão, lavava a louça e ficava ao lado dela velando-lhe o sono. Os V'Kos precisavam de poucas horas de sono.

Os comunicados vindos dos antigos, através de Vern, estavam aumentando de frequência. Vern disse que fora obrigado a comunicar aos anciãos sobre a nova companheira de Vince para justificar as ausências dele. E embora não tivessem ficado satisfeitos por esse episódio ter acontecido perto de um acontecimento tão importante, entendiam que não havia sido planejado para prejudicar ninguém, e que ele

estivesse a postos em dez dias.

Sete já haviam se passado. Ele não tinha muito mais tempo.

Como já estava convencido de que Cecelia iria dispensá-lo, ele ia ficar com ela enquanto tivesse tempo e, depois, se despediriam para sempre.

Cecelia estava descansando em casa e o cansaço era tão grande que ela sequer acordou com o celular tremendo na cabeceira. Vince atendeu, levando o celular à sala, encostando a porta para não incomodá-la. Era o pai de Daphne.

A filha tinha tido outra parada cardíaca e os médicos não davam mais esperança de ela acordar. Estavam chamando CeeCee para ir ao hospital se despedir da amiga.

Vince desligou o telefone e foi até a porta do quarto. Observou a mulher que amava dormindo em posição fetal. Ela sofria a perda da amiga. E

para Vince era muito claro. Ela não iria ficar com ele, mas também, não teria mais a amiga, e ficaria solitária naquele planeta. E se houvesse algo que ele pudesse fazer para, pelo menos, deixá-la feliz, ele o faria.

CeeCee acordou e se espreguiçou na cama. De repente deu um pulo e olhou relógio no celular. Tinha perdido a hora para voltar ao hospital e render os pais de Daphne. Havia dormido por quase 24h direto. Estava exausta, e mal se lembrava de ter chegado à cama.

Santo Vince. Ele estava apoiando-a num momento tão delicado, e em nenhum momento ele exigiu que voltassem ao assunto que foram interrompidos em Los Angeles.

Ela precisava encontrar um momento propício para dar a ele a resposta que esperava.

Estranhou não encontrá-lo em casa com ela. Arrumou-se e deixou um bilhete, caso ele passasse por la, avisando que tinha ido ao hospital. E que outro lugar ela iria? Desde o acidente de Daphne, CeeCee não tinha cabeça para mais nada. Nem em sua arte ela conseguia pensar.

Ao chegar no hospital, cumprimentou algumas enfermeiras que se tornaram conhecidas e se encaminhou ao quarto de Daphne. E o encontrou vazio. Lembrou que ao passar pela sala de espera, não tinha visto os pais de Daph. Será que os dois tinham ido à cafeteria? Mas isso não explicava da amiga não estar naquele quarto. Teria ela piorado e sido levada ao centro cirúrgico de novo? Foi ao balcão das enfermeiras.

— Eu queria informações sobre a paciente Daphne Price. — sua voz estava nervosa.

As duas enfermeiras mais jovens olharam-na com olhos piedosos e, depois, para a chefe delas,

uma senhora de mais de sessenta anos. A enfermeira saiu de trás do balcão aproximando-se.

— Normalmente eu não poderia lhe dar essa notícia porque você não é família direta, mas como esteve aqui todo o tempo... Sua amiga teve outra parada cardíaca e o Dr. Arnold disse não haver mais nada a fazer. Foi quando a família assinou um termo de responsabilidade e a levou para morrer em casa. Eu sinto muito.

Lágrimas escorriam pelo rosto de CeeCee. Ela agradeceu quase sem voz e saiu, sentindo-se letárgica, indo para a casa dos pais de Daphne.

Ao chegar à porta, CeeCee tocou a campainha mais de uma vez. Houve demora em atendê-la, e ela até conseguia entender o motivo. Os pais na certa não queriam abandonar a filha nem por um instante, com medo de que ela desse seu último sopro longe deles.

Finalmente a porta foi aberta e o Sr. Price

a recepcionou com um forte abraço. Mas ele parecia... aliviado?

Sem dizer nada, ele puxou CeeCee pela casa, subindo as escadas e indo ao antigo quarto de Daphne.

CeeCee sentiu vertigem com a cena à sua frente.

Daphne estava sentada na cama e em seu colo, uma bandeja enorme cheia de comida.

— Meu Deus, Cee, como você demorou a aparecer! E que cara é essa? Parece que viu um fantasma. — e abriu o seu sorriso.

CeeCee correu para os braços da amiga e juntas riram e choraram, derrubando o resto da comida.

— Meninas, comportem-se — a Sra. Price veio dizendo, recolhendo a bandeja bagunçada — Daph, nada de exagero. Você precisa descansar. Vou deixar vocês duas conversarem — ela deu

uma piscadinha para CeeCee, levando a bandeja e fechando a porta.

— Mas o que... como... Meu Deus! Nem sei por onde começar... — CeeCee secava as lágrimas.

— Também não sei explicar muito bem. Só sei que quando acordei, estava em meu quarto, com seu namorado acima de mim segurando algum aparelho estranho. Estávamos só nós dois no quarto. Ele abriu o maior sorriso, me disse "bem-vinda, Daphne", e abriu a porta para os meus pais entrarem. E o resto é essa paparicação toda.

CeeCee gargalhou.

— Você nos deu um baita susto.

— Eu sei. Mamãe me contou. Me lembro de pouca coisa. Estávamos conversando lá em casa e, de repente, ele me deu uma 'gravata' e acho que perdi os sentidos. Lembro de sentir alguns golpes, mas devo ter apagado de novo. Ele roubou muita

coisa?

CeeCee fez uma careta para deixar para lá.

— Isso não é importante. Podemos comprar tudo novo, afinal, vou receber uma bolada com a venda das obras.

— Ah, é verdade. Eu moro com a nova diva das artes.

As duas ficaram em silêncio, apenas sorrindo por uns instantes.

— E quanto a Vince? — Daphne perguntou.

— O que tem ele?

— Você nunca me disse o que ele era. — a afirmação não tinha um tom acusatório.

— Eu não podia. Ele tirou minha memória, por isso agi daquela maneira, achando que você era a maluca em falar de um cara que eu não conhecia. Depois, foi tudo tão louco...

— Ele não me falou muita coisa, apenas

algo sobre uma coisa importante que está para acontecer nos próximos dias. Mas sei que ele conversou com meus pais. Ele se despediu. Disse que não tinha mais como ficar, e que tinha sido um prazer me ajudar. Ele fez isso por você, Cee.

CeeCee fechou os olhos. Ela sabia disso.

— Eu o amo, Daph... — ela sussurrou.

— Mas isso tá escrito na sua cara!

— Mas eu terei de partir. Ele vai fazer esse tal trabalho que não pôde te falar, mas depois... O planeta dele fica a não sei quantos meses de distância.

— Olha só como a vida é engraçada! Eu que sou fã de *sci-fi* e você quem vai se casar com um alien gostosão.

— É não-humano. — lembrou-se das vezes sem fim que ele a corrigiu.

— Ele disse, mas vou chamá-lo de alien sempre só para sacanear. — disse rindo. — Cee, eu

sei que vamos ficar separadas, mas essa é sua grande chance. Ele é o amor da sua vida, quantas pessoas têm a chance de encontrar um? Se a tecnologia deles é tão boa a ponto de ele praticamente ter me trazido da morte — CeeCee estremeceu ante a memória —, na certa, ele pode dar um jeito de fazer a gente se reencontrar por aí. Deve existir algum tipo de video conferência interestelar.

CeeCee sorriu e abraçou forte a amiga.

— Vá atrás do seu romance de outro mundo.

Sorrindo, CeeCee saiu correndo do quarto. Ao passar pela sala e encontrar os pais de Daphne, os abraçou chorando e rindo.

— Dê nosso muito obrigado a aquele anjo.

— Eu dou.

Ela saiu correndo procurando por um taxi, pedindo que a levasse ao apartamento dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 27

O taxi parou em frente ao apartamento de Vince, e sem esperar o troco, ela correu subindo as escadas e experimentou a maçaneta, que se abriu.

— Vince! — ela o chamou, procurando-o pelo apartamento, mas só encontrou o seu eco.

Os móveis se tornaram testemunha do atraso dela.

Durante os últimos oito dias, Vince havia ficado ao lado dela, velado seu sono, ajudado-a a se alimentar, tomar banho e se vestir, além de fazer-lhe companhia no hospital e permitir que ela usasse seu ombro para chorar, e em nenhum momento ele pediu que ela escolhesse. E agora, CeeCee sabia o porquê: ele tinha certeza que ela escolheria ficar.

Mas havia sido culpa dela. Ela dera essa

impressão a ele o tempo todo.

No afã de querer lhe dar uma lição por ter tirado a memória dela, ela desperdiçara a última noite deles juntos na casa de Drake. E dizer que haviam dormido agarrados com ele completamente nu.

E no dia seguinte, bum! O mundo virou do avesso. Pelo menos, o mundo dela. Sua melhor amiga num hospital esperando para morrer.

Então, Vince burlando suas próprias regras, de alguma forma ela tinha certeza disso, havia curado Daphne por ela.

Só que o tempo dele acabara. Os antigos deviam tê-lo chamado, e ele tinha um trabalho importante a fazer. Trabalho esse que ele queria que ela estivesse ao lado dele, mas que ela postergou a decisão e, agora, teria de aprender a viver sem ele. Talvez, com sorte, conseguisse vê-lo em alguma reportagem na TV quando a revelação

se desse.

Saindo do apartamento e fechando a porta atrás de si, ela foi caminhando até a própria casa. Sem pressa. Não havia ninguém para lhe fazer companhia. Talvez fosse o caso de ela fazer uma pequena mala e ir passar uns dias na casa dos pais de Daphne.

CeeCee abriu a porta do apartamento com a chave e assim que entrou na sala se deparou com o *Oásis dos Amantes*. O seu quadro estava de volta, ali, encostado na parede. Ela se aproximou da tela e tocou a moldura. Parecia um sonho. Ela pensou que nunca mais a veria.

Mas se a pintura estava ali, quem...

Olhou para o lado, e viu a escada de madeira que dava para o terraço abaixada. Correu e subiu, com a esperança renovada. Assim que alcançou o pequeno jardim montado no terraço, viu Vince de pé, perto da mureta, com as mãos nos

bolsos da calça, olhando a paisagem. Devagar ela se aproximou e parou do lado dele.

O semblante dele era calmo. Havia um que de resignação nele; estava pronto para se despedir dela. Ele virou-se e a encarou, ainda sem tocá-la.

— Então, você só me procurou por causa de meu terraço? — ela repetiu as palavras dele, tentando quebrar o gelo.

Ele sorriu, mas o sorriso não alcançou os olhos.

— Você a curou...

— Era o mínimo que eu podia fazer.

— Mas a revelação ainda não se deu. Isso deve ter sido contra as regras.

— O que os antigos não veem, os antigos não sabem.

Ela riu.

— Eu nem sei como lhe agradecer...

Ele levou uma das mãos ao rosto dela e

acariciou de leve.

— Eu sabia que você sabia que eu podia ajudá-la a se curar, e que você jamais me pediria porque me levaria a pensar que, por sua amiga, você até mesmo se submeteria a viver comigo em outro planeta. E isso não seria algo que nenhum de nós dois iria querer. Eu posso perdê-la, CeeCee, mas eu não me perdoaria por saber que nada fiz para deixá-la melhor aqui. — ele respirou fundo antes de continuar — O meu prazo aqui acabou. A revelação se dará dentro dos próximos dias. Estarei na Terra a princípio, mas quando os antigos decidirem que outras equipes devem tomar a dianteira, meu tempo aqui estará terminado por um bom tempo. E, de qualquer maneira, não haverá nenhuma razão para que eu queira voltar. Sei que posso contar com você para ficar do lado daqueles que vão nos aceitar, e quando tudo estiver se encaminhando bem e não houver tanta resistência,

vou solicitar que um dos antigos aceite uma visita sua para ajudá-la a desenvolver e controlar os seus dons. É um desperdício deixá-los eclipsados. — o polegar dele enxugava as lágrimas que caíam no rosto dela.

CeeCee se atirou nele e o abraçou, sendo retribuída.

— Eu te amo, *mui liev*.

E lá estavam as três palavras que ele nunca havia dito. Não tão claramente, mas ela sabia que ele as pronunciava em cada beijo; cada carinho; cada sorriso, e mais ainda, ao se expor aos pais de Daphne. Por ela.

Vince beijou o alto da cabeça dela. Segurando o rosto dela, ele beijou a testa, os olhos molhados, a ponta do nariz e, depois, a boca, em sofreguidão.

CeeCee correspondeu com a mesma paixão.

Mas com a mesma gana que ele começou o beijo, ele se afastou dela e se encaminhou à porta de descida.

— Você era o comprador anônimo que comprou *Oásis* por dez milhões.

Ele parou à porta, mas não se virou para olhá-la.

— Não podia permitir que outro ficasse com o símbolo de nossa união. Foi naquela noite que se deu o V'Shuin. Aquele é exatamente o céu que vimos de meu terraço.

Ela foi se aproximando dele.

— Como você mesmo acabou de dizer, *Oásis* é a prova de que aquela noite aconteceu. E, se não me engano, um certo alien me disse que em V'Kian não há divórcio, e quando aquele... determinado ponto da anatomia masculina dá o ar da graça, é porque o casal está junto para sempre — ela parou ao lado dele, mas ele ainda se

recusava a se virar para ela, mantendo os braços abaixados, e as mãos fechadas em punho — Então, como é que você tem o topete de me pedir divórcio assim? Eu sou ou não a Sra. Vince? Eu curti meus pais, eu terminei meus estudos, eu fui aclamada como a próximo Da Vinci. Parece que eu tenho a agenda liberada para dar uns chutes na bunda de uns humanos teimosos.

Lentamente, Vince se virou para ela. Enquanto ela tinha um sorriso sapeca nos lábios, ele se mostrava sério, e resmungou algo muito baixo.

— O que foi que disse? — ela colocou a mão em concha na orelha.

— Não-humano. Não é alien, não é ET, é não-humano. Quantas vezes eu vou ter que te dizer isso?

Ela deu de ombro, entortando a boca.

— Não sei... Por quantos anos eu vou

viver? Uns oitenta? Mesmo velhinha parece que vou aborrecê-lo com isso.

Ele se aproximou bem dela, e encostou a boca na orelha dela, mas sem encostar o resto do corpo.

— Tenho uma notícia para lhe dar. — ele sussurrava — Desde que nos conectamos, você parou de envelhecer. Isso significa que está presa comigo por um longo, longo tempo.

Ele afastou-se e esperou pela reação dela. Ela piscou forte algumas vezes tentando absorver o que tinha acabado de ouvir.

— Você tem noção do quão legal vai ser te sacanear com isso pelo resto da vida?

Sorrindo, ele a segurou pela cintura, aproximando-a mais dele.

— A única coisa que tenho certeza é como será maravilhoso abrir os olhos e ser você a primeira coisa que verei no meu dia, *mui liev*.

— Você é um romântico incorrigível, Vince — ela o enlaçou pelo pescoço.

— Desde que eu seja o *seu* romântico.

— Vou ter uma vida inteira para lembrá-lo disso.

E beijaram-se com o som de San Francisco ao redor deles.

Epílogo

Naves espaciais sobrevoavam vários pontos do planeta.

Pela TV, a maioria dos humanos assistia estarrecido a chegada de não uma, mas várias raças de não-humanos fazendo contato com eles através de seus governantes. E ficaram sabendo que esse contato não era o primeiro.

Porém, o mais surpreendente era descobrirem que outros terráqueos já viviam com esses seres, e por suas aparências constatarem que não pareciam ter sofrido qualquer tipo de transformação do mal, coação ou velhice, cansaço ou doença. E muitos tinham partido em séculos anteriores.

Era uma nova era em que as culturas iriam

se miscigenar e longe de quererem governar ou escravizar os humanos, esses seres queriam salvar o planeta e trazer-lhes paz.

No meio dos humanos que se apresentaram como favoráveis à ideia, estava uma artista promissora que há não muito tempo havia encantado a cidade de San Francisco.

Cecelia estava parada ao lado de seu companheiro, enquanto os embaixadores V'Kos e de outros planetas se apresentavam mais à frente.

Ela olhou para ele, parado ao seu lado, todo imponente e lindo vestido naquele macacão igual ao dela, e recebeu um olhar carinhoso e apaixonado, apesar de disfarçado por causa do momento que viviam.

— Pronta para um pouco de aventura, *mui liev*? — ele perguntou dando-lhe uma piscadinha.

Discretamente, ela se aproximou mais dele e pegou-lhe a mão, apertando-a, e dando a ele a

única resposta que importava.

Esse era o início do resto de suas vidas.

E teriam o seu romance de outro mundo.

Para todo o sempre.

Nota da Autora

Depois de meses escrevendo esta história, finalmente chego ao seu final, mas, ao mesmo tempo, sinto tristeza em me despedir dos personagens.

Quando começamos a escrever uma história, por mais que uma ideia surja em nossa mente, não somos nós, os autores, a decidir pelo seu futuro. Cada personagem vai se apresentando e se mostrando mais ou menos importante à trama.

Foi isso que aconteceu com *Daphne Price* e, confesso, a princípio, eu pensava que ela deveria morrer porque, assim, não haveria nada que impedisse CeeCee de seguir o seu grande amor.

Mas com o passar da escrita, ficou claro

que ao contrário, Daphne viver seria o empurrão que CeeCee precisava para se dar conta de que o amor de Vince por ela era maior que tudo. Então, Daphne sobreviveu.

Não sei sei isso fará com que ela queira contar sua história no futuro. Só ela pode me dizer, mas deixa aqui a possibilidade de haver uma nova história envolvendo este ou um povo de outro planeta.

Quero agradecer à minha beta e minha revisora por me apoiarem nessa estrada. Estou apenas começando e ainda tenho muito a aprender, mas saber que posso dividir alguns fardos com elas, me sinto mais forte.

À L.A. Design pela capa linda que expressou tão bem a paixão do casal. Vince e CeeCee agradecem.

E a você, leitor, que me prestigia nessa jornada; me dá seu apoio através de mensagens por

email ou resenhas na Amazon. A gente ainda vai se cruzar muito por aí, com novos mundos, novas cores, novos amores.

Carinhosamente,

Vida Nichols.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sobre *trademark* ™, a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-las pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.

PERIGOSAS ACHERON

Conheça também da autora

PARAÍSO NEGADO

Fundação Wright Para o Amanhã. A noite era de gala.

Na cobertura do Lincoln Center, a festa da Fundação já estava a pleno vapor quando a Presidente de Honra chega sob os aplausos dos convidados.

Há nove anos, Stela Alexandra Wrigth havia assumido o cargo de Presidente de Honra. A Fundação era a menina dos olhos de Valerie Wright, além de seu marido e filha, por isso, Stela quis assumir o legado de sua mãe.

A empresa aérea, a StelAir, continuava a cargo de uma diretoria forte, cujo presidente Peter

Aniston, amigo do pai por anos e padrinho de casamento de Stewart e Valerie, mantinha a empresa como uma das maiores e melhores do país.

Fazia pouco mais de um ano que Stela decidira voltar à América.

Logo depois da tragédia, ela tirou um ano sabático antes de entrar para a Universidade de Oxford e graduar-se em Literatura. Um pouco antes de formar-se, ela conseguiu entrar para uma das maiores Editoras existentes como estagiária. Há dois anos, ela alçou o cargo de uma das editoras. Ainda não era chefe, mas não se incomodava com isso. Ela poderia ter aberto sua própria editora, mas preferiu começar de baixo como qualquer pessoa e aprender todos os passos da publicação. Um pouco depois de sua promoção, surgiu a oportunidade de trabalhar na filial em Nova Iorque, e depois de anos, ela decidiu que era a hora de enfrentar seus

fantasmas e voltar à Big Apple. Parte de seu coração havia ficado naquela cidade, e outra parte ficaria em Londres, depois de tudo que havia vivido lá nos últimos anos.

Tão logo adentra o grande salão, Stela é recebida por Peter e sua esposa, Carol.

— Stela, minha querida, você está linda!

— Obrigada, tio Peter. Oops! Será que pega mal eu chamá-lo de tio aqui? — ela sussurra brincando.

— Muito melhor tio do que avô. — Ele entra na brincadeira.

— Como está, Carol?

— Muitíssimo bem, e permita-me dizer que você está radiante.

— Venha, querida, quero lhe apresentar a

alguns dos principais doadores deste ano. Acho que batemos o recorde.

— Que maravilha!

O jantar e baile da Fundação, existente há quinze anos, consistia numa noite beneficente cujo convite, que custava alguns milhares de dólares, reunia a nata da sociedade e políticos, em prol de um trabalho educacional de qualidade, visando o futuro do país.

A cada ano, a Fundação escolhia uma escola pública que apresentava sérios problemas como evasão ou baixo rendimento escolar e, ao longo daquele ano, todo um trabalho de melhoria estrutural e educacional era feito. Stela acompanhava através dos relatórios todas as mudanças feitas e os índices alcançados após isso. Desde seu retorno ao país, ela gostava de participar *in loco* nas mudanças, apesar de seu trabalho

tomar-lhe um tempo considerável.

Acompanhada por Peter, Stela rodou o salão cumprimentando vários convidados que pagaram uma pequena fortuna para estar lá e também outros doadores mais generosos.

Vestida num Valentino longo tomara-que-caia roxo, usando o mesmo colar dado por seu pai na época de sua graduação do Ensino Médio, e com os cabelos agora totalmente negros, presos num coque banana, ela estava se sentindo segura o suficiente para andar em meio a pessoas que na sua maioria só estavam ali para aparecer como benfeitores. Mas e daí? Se eles queriam aparecer bem na foto, tirada ao lado dela, para brilharem nas colunas de fofoca do dia seguinte, as crianças da escola agradeciam. Por elas, e pela memória de sua mãe, Stela aguentaria aquilo com seu maior sorriso no rosto.

Ou pelo menos, ela achava que poderia aguentar.

Ainda de braço dado com Peter, Stela se dirige ao último grupo de convidados de honra da noite.

— Espero não ter dito nenhuma bobagem a um dos convidados. — ela pousa a outra mão na barriga — Devia ter deixado esse negócio de festa de gala para Carol. Ela fez isso durante anos e se saía muito bem.

— Bobagem, querida! Além disso, a Carol estava tapando o buraco que era seu por direito. Sua mãe ficaria orgulhosíssima de você esta noite.

— Mesmo? Sinto tanta falta deles. Quase tive um troço quando vi a foto deles logo na entrada.

— Eles sempre estiveram presentes, Stela. Sua mãe adorava essa Fundação. E você vem fazendo um trabalho espetacular, mesmo que à distância.

— Você sabe por que não pude vir antes para cá.

— Claro que sei, querida. — ele afaga a mão dela com carinho. — Esse é o último convidado que estará em nossa mesa que você precisa conhecer. Ele doou uma grande quantia e acho que o motivo foi você aqui.

— Não seja bobo. — ela sorri, falando baixinho — O que sabe sobre o nosso convidado?

— Ele é relativamente jovem. Fez fortuna na área de telecomunicações. Se deu bem na Bolsa, digamos assim, mas pelo que dizem, é um administrador de mão cheia. Sangue novo ao setor,

é o que dizem. Seu nome é John Cameron.

Stela estaca no meio do salão.

— O que foi que disse?

— Já ouviu falar nele?

Ela olha do amigo para as costas do homem de quem falavam.

John Cameron? É claro que ela ouvira falar nesse nome, mas fora há dez anos. Depois daquele dia, ela fizera de tudo para nunca mais ouvir falar nele. Não, não poderia ser o mesmo John. O *seu* John. Esse era um nome comum. E Cameron?... Bom, quantos Cameron deveria existir se você abrisse a lista telefônica de Nova Iorque? Isso, se ainda existisse lista telefônica em pleno século vinte e um.

Ela sorri e volta a caminhar.

— Não que eu me lembre.

— Qual era mesmo o nome do...

Mas ela o interrompe chegando logo perto do grupo.

— Com licença — Peter fala ao grupo. — Gostaria de apresentá-los à Stela Wright, a Presidente de Honra da Fundação. Stela, estes são O Sr. e Sra. Osaka — ele fala apontando para um casal oriental. E Stela os cumprimenta apertando-lhes a mão e falando rápidas palavras — O Sr. e Sra. Thompson. — ela faz o mesmo — E este é o Sr. Cameron. Não conheço sua adorável acompanhante. — Peter completa olhando para a deslumbrante loura que estava pendurada no braço de Cameron, com um vestido mais justo e o decote mais profundo que Stela já vira ao vivo.

Após cumprimentar o casal Thompson, ela

se vira para o homem homônimo ao rapaz que amara por anos. E se não tivesse ouvido o nome dele antes, teria de fato caído dura no chão. Aqueles olhos verdes claros eram inconfundíveis. John poderia ser um nome comum, mas aquele era o *seu* John.

John olha Stela nos olhos depois de longos dez anos. Finalmente, ele estava cara a cara com ela. Manteve o sorriso nos lábios, esperando para ver qual seria a reação dela. Teria ela coragem de agir como se não se conhecessem? Sentiu Kaliah apertar-lhe um pouco o braço que o segurava como que para reafirmar a sua presença ali.

— Como vai, Srtª Wright?

— Sr. Cameron. — ela replica sorrindo e olha para a acompanhante dele.

— Esta é Kaliah Donovan, minha

deliciosa acompanhante da noite.

Stela levanta uma das sobrancelhas quanto ao “deliciosa”, mas se absteve de comentar sobre a palavra.

— Como vai, Srtª Donovan? — cumprimenta apertando-lhe a mão. — Sr. Cameron, parece que o senhor é um dos convidados de honra. Gostaria de agradecer sua generosa doação à Fundação. Saiba que seu dinheiro será muito bem aplicado na escola deste ano.

— Não tenho a menor dúvida quanto a isso, Senhorita. Pesquisei bem sobre a Fundação e sei que vocês são idôneos em seu trabalho.

Ela acena elegantemente com a cabeça.

— Stela, querida, acho que está na hora do discurso. Se nos derem licença... — Peter a resgata e se afastam do grupo. — Foi impressão minha ou

senti um certo clima ali, como vocês mais jovens dizem?

— Clima? — ela fala disfarçando — Só se foi o da loura aguada agarrando o Sr. Cameron pelo braço. Mais um pouco e eu esperava vê-la levantar a saia para mijar nele e dermarcar território.

Peter dá uma gargalhada e leva-a até o palco onde a apresentaria para o discurso de boas-vindas.

Ele faz um sinal para que a osquestra pare de tocar e pega o microfone.

— Senhoras e Senhores, peço sua atenção, por favor. — Os convidados se posicionam em suas mesas — Gostaria de agradecer a presença de cada um de vocês. Como sabem, esta é uma noite especial para a Fundação. Não só por causa de seu

trabalho, mas porque temos de volta alguém diretamente ligada à criadora desta instituição. Por favor, deem as boas-vindas à nossa Presidente de Honra, Stela Alexandra Wright.

Os convidados batem palmas entusiasmados, enquanto Stela sobe ao palco sem graça, recebe um beijo carinhoso no rosto, de Peter, e pega o microfone.

— Obrigada pela gentileza. Vivemos num mundo onde esta palavra, gentileza, acaba recebendo um significado deturpado. Para muitos isso é sinal de fraqueza. Para outros, o estender a mão significa traição. Mas para mim, significa doação. Quando minha mãe, Valerie Wright, decidiu há quinze anos criar esta Fundação, acredito eu que nem ela tinha noção das proporções que isso levaria. Hoje, temos orgulho de dizer que já trabalhamos em conjunto com mais de 20 escolas

e outras tantas instituições que nos foram permitidas conhecer. Sim, porque nosso trabalho não é de caridade, mas de desenvolvimento. Se queremos um país forte, unido, precisamos capacitar nossas crianças e jovens para serem o orgulho que queremos ter no futuro. Para não perdermos o legado que a duras penas conquistamos até aqui. Comemoramos hoje os frutos obtidos com os trabalhos anteriores, mas sabemos que o próximo ano nos traz uma nova escola, um novo desafio. E esse desafio será vencido com a ajuda generosa de vocês nesta noite. Obrigada. Tenham uma ótima noite.

Ela desce do palco sob aplausos, cumprimenta alguns pelo caminho e se direciona para o seu desafio pessoal: estar à mesma mesa que John Cameron. E como a vida sempre prega peças, a cadeira dela, na enorme mesa redonda para vinte

convidados, era exatamente ao lado da dele.

O jantar estava transcorrendo sem problemas, apesar da companhia a seu lado esquerdo, quando finalmente John lhe dirigiu a palavra.

— Devo lhe parabenizar por suas palavras no discurso? Você falou lindamente sobre fraqueza e traição. — Ele fala com um sorriso cínico nos lábios.

— Se você escutou bem minha palavras, percebeu que o tema era generosidade e doação.

— É verdade. Uma pena que às vezes a doação é escolhida para o lado errado.

Stela pega sua taça de vinho e toma um gole, preferindo “engolir” qualquer resposta mais malcriada. Aquela era uma noite de festa, não de revolver mágoas passadas.

— Mesmo não aprovando minha palavras, agradeço por ter doado seu tempo e seu dinheiro a essa nobre causa.

— Ah! Não pense que foi pelos seus belos olhos castanhos. Resolvi doar quando soube que a escola escolhida para este ano foi a que estudei toda minha vida, no Bronx.

Ela se vira olhando-o espantada.

— Vejo que você não sabia. — Ele se diverte com a reação dela.

— Não fazia ideia. Não sou eu quem faz a escolha, mas um comitê.

— Sim, imagino que você fique atrás de sua mesa de honra enfeitando e só aparece quando é para cortar a fita inaugural.

— Não sou só para figuração, Sr.

Cameron.

— Ainda que fosse — ele a olha de cima a baixo —, seria um belo material de ornamentação.

— Não imagino como. Pelo que vejo, o senhor tem predileção por louras.

Ele dá um sorriso que ela considera enigmático, mas torna sua atenção ao prato à sua frente.

— Louras, morenas, ruivas, negras. O que importa o exterior? Se o interior for podre e a pessoa te trair, de nada vale a beleza externa.

Lentamente ela leva o guardanapo aos lábios e o coloca sobre a mesa.

— O senhor quis dizer alguma coisa com isso, Sr. Cameron?

— Quem, eu? Não, só atestando um fato.

— Stela, querida, já terminou? Acho que é nossa deixa para abrirmos a pista de dança. – Peter se aproxima e com delicadeza segura a cadeira dela para que se afaste.

— Com prazer. — ela lhe segura a mão estendida e saem à pista.

A orquestra que tocava antigos sucessos de Ray Conniff, Henry Mancini e Glenn Miller, passa a tocar *Smoke Gets in Your Eyes*.

— Você dança divinamente, minha cara.

— Cuidado, Peter, ou Carol vai achar que você está me cantando.

— E quem se interessaria pela carcaça desse avião velho?

— Alguém está buscando por elogios?

Ele ri alto — Nem tanto. Imagino como

está sendo difícil para você esta noite.

— No começo sim, mas sei que meus pais estão aqui abençoando tudo. — *ou quase tudo*, ela pensa.

— Estão sim. — ele a beija na testa — A parte chata é que você precisa ser cordial com todos esses dinossauros com os bolsos cheios.

— Nem tão dinossauros assim...

— Você se refere a John Cameron? Acho que nunca tivemos um doador tão jovem quanto ele. Me pergunto por que ele apareceu de última hora e doou uma quantia tão grande.

— Ele mencionou algo sobre a escola ser a mesma que ele estudou.

— Que interessante. Ainda acho estranho o fato de ele só ter procurado a Fundação depois

que saiu a reportagem que falava que você estaria presente ao jantar. Eu mencionei que ele fez questão de sentar ao seu lado no jantar? Até pagou a mais por isso.

Stela olha para Peter confusa.

— Achei que não. – ele sorri.

— Isso não quer dizer nada. Eu seria educada com qualquer dinossauro que se sentasse ao meu lado.

— Não tenho dúvida disso, querida. Mas sentar ao lado de alguém de idade aproximada é muito melhor.

— Quando a pessoa sabe ser agradável... — ela murmura.

— Ele lhe faltou com o respeito? — ele se sobressalta.

— Oh não, não se preocupe. Acredito que ele pense que sirvo mais como ornamentação para todo esse trabalho filantropo. E nem precisei bajulá-lo, a acompanhante dele o faz tão bem.

— Mas creio que ele não está tão preocupado com a opinião da acompanhante. — ele menciona baixinho.

— Por que diz isso?

Tão logo ela pergunta, senta que alguém toca o ombro de Peter.

— Se me der a honra... — John fala. Peter sorri e se afasta de Stela, passando a vez para John dançar com ela.

Parada no meio da pista entre outros casais, Stela vê John colocar uma mão em sua cintura e a outra, segurar-lhe a mão.

— Espero que ainda saiba dançar. — ele fala num meio sorriso.

Ela coloca a mão no ombro dele e passam a dançar *La Vie en Rose*. Apesar de dançar graciosamente, Stela evita olhar para ele, preferindo olhar em qualquer outra direção. Ela sente quando ele a puxa mais perto e cheira o seu cabelo.

— Você continua a cheirar bem, Stela. — ele sussurra.

— Acho que sua acompanhante não está gostando de nossa proximidade, Sr. Cameron.

— Sr. Cameron? — ele se diverte — Vamos continuar mantendo essa fachada? Estamos só nós dois aqui, Stela.

— Senhor... — ele a olha interrogativamente, ela muda — John, você sabe

que esta noite é importante para mim.

— Não pensei que fosse vê-la de novo. — ele ignora o último comentário dela. — Você partiu...

— Não havia mais nada a fazer em Nova Iorque naquela ocasião.

— Entendo...

— Será que entende mesmo, John? — ela o encara.

— Você não está mais loura.

— Há louras demais no mundo.

— Mas você ficou bem com os cabelos negros. Por que decidiu trocar para essa cor?

Nesse momento, começa a tocar o tango *Por Una Cabeza*. Alguns casais mais ousados permanecem na pista, outros não se arriscam.

Parados na pista, John a olha interrogativamente com um quê de desafio.

— A Stela que eu conheci jamais fugiria de um desafio meu. — ele fala estendendo-lhe a mão para que ela aceite a dança tida como muito sensual.

Ela segura a mão dele e começam a dançar. Ela não sabia como; sequer sabia se conseguiria dançar um tango alguma vez na vida, mas, por alguma razão, dançá-lo com John era como uma extensão de si mesma. Os passos fluíam fáceis, e ele sabia dançar, ah, como sabia! Seus corpos pareciam conectados, extasiados, viciados um no outro. E ao término da música, quando ela ouve os convidados aplaudirem, ela se afasta um pouco e o encara.

— E o John que eu conheci jamais me abandonaria num momento como aquele.

Ela sai caminhando até outro grupo de convidados, enquanto ele fica ali parado, como se tivesse levado um tapa na cara.

Mais tarde, Stela entra no apartamento de frente ao Central Park, que herdara de seus pais, e fecha os olhos enquanto tira os sapatos ainda na sala. Havia dado ordens aos empregados de não a esperarem acordados.

Sua noite não poderia ter terminado de forma mais estranha. Ter encontrado John depois de tanto tempo era como levar um soco no estômago; ela não estava preparada para isso. Ao sair dos Estados Unidos, ela deixou para trás tudo que a magoara. Passara até mesmo todos esses anos sem visitar o túmulo dos seus pais, coisa que fez tão logo retornou. Ela não acompanhara a vida dele, mas também, como ela poderia adivinhar que ele se tornaria um empresário brilhante e tão rico a

ponto de poder transitar no círculo de amizades que ela estava acostumada desde que nascera?

Peter dera a entender que John só resolvera ajudar a Fundação após saber que ela havia retornado, mas isso era impossível. A não ser que ele tivesse algum plano de vingança. Se fosse esse o caso, ela precisaria tomar cuidado para não se denunciar. Sua volta ao país era para cicatrizar velhas feridas, para testar sua capacidade de resiliência, não para abri-las e voltar a sangrar. Agora, ela tinha muito mais em jogo.

Mesmo se fosse o caso de Peter estar certo, ela não precisaria conviver com John. A área de trabalho dos dois era totalmente distinta, e quanto ao colégio em que a Fundação trabalharia, não haveria por que ele interferir. A Fundação tinha total autonomia em como e onde aplicar o dinheiro. Eles só se encontrariam novamente dali um ano,

quando a escola estivesse pronta para sua reinauguração; para “cortar a fita”, como ele dissera. Como principal doador, ele seria convidado à cerimônia.

Olhando o relógio de pulso e sabendo da diferença de fuso horário, ela leva sua clutch e sapatos na mão para o quarto para se preparar para a video conferência da sua vida, e deixa que os outros problemas sejam resolvidos conforme apareçam.

John pega o copo de whiskey que acabara de encher no bar de casa e olha pela janela da cobertura onde morava. Central Park. Ele havia chegado lá. Comprara um apartamento num prédio mais luxuoso do que aquele em que Stela morara.

Tirara a gravata borboleta e a jogara de qualquer maneira no sofá, assim como o casaco do smoking. Um smoking Armani feito sob medida e não mais um alugado numa loja qualquer. Na verdade, ele tinha mais de um em seu enorme closet. A vista era bonita mas entediante. Não havia com quem compartilhá-la. Ele tivera a chatice de se livrar de Kaliah, ao levá-la para casa, e ela insistir para que ele subisse ao seu apartamento. Após encontrar Stela, ele não tinha cabeça para passar a noite com mulher alguma.

Stela. A garota que virou uma bela mulher. A mulher que povoou seus sonhos eróticos durante anos. Aquela que lhe partiu o coração ao preferir ficar com o riquinho filho da puta naquela noite desastrosa que ficou marcada a ferro em sua memória. Ela continuava linda. Linda e cheirosa. Linda, cheirosa e charmosa. E com uma língua

venenosa.

Quando ele soubera através de um comentário de Malcolm (comentário esse recebido com seu silêncio sepulcral já que ele havia proibido o amigo de mencionar o nome dela), na empresa, de que ela estava de volta à cidade, ele não quis saber de mais nada. Para ele, ela estava morta e enterrada, assim como os pais dela. Mas tão logo o amigo saiu da sala da presidência de sua empresa, ele entrou na internet para saber o que pudesse dela e descobriu sobre ela ser a Presidente de Honra da Fundação. E por coincidência, àquele ano, a escola que ele havia estudado tinha sido escolhida para receber a doação. Seria a desculpa perfeita para reencontrá-la.

Ele só queria estar cara a cara com ela; fazê-la ver que ele era alguém agora; jogar na cara dela o que ela tinha perdido. E de quebra, ele

levaria uma acompanhante extremamente atraente para mostrar que ele havia virado a página.

Kaliah não tinha muita cabeça, mas com um corpo daquele, quem se preocuparia em ouvir o que ela tinha a dizer? Fez questão de escolher o modelo que ela usaria no baile; um vestido ousado.

Mas ao estar tão perto de Stela, ao sentar ao seu lado, sentir-lhe o perfume, o roçar de seu braço à mesa, uma sucessão de emoções o invadiu. Ele queria beijá-la e sacudi-la com a mesma intensidade. Ela havia chegado sozinha à festa, e isso era bom. Aos vinte e sete anos, ele esperava que ela tivesse alguém em sua vida, mas pelo visto, não.

Tê-la nos braços na hora da dança foi como reviver os momentos em que a teve tão entregue no passado. Como na noite em que fizeram amor. As juras silenciosas eram de uma

vida inteira juntos. Como ele fora idiota ao dizer a ela que ficariam juntos vendo os netos brincar!

Mas acabou. Ele a viu e mostrou que vencera na vida. Ele era rico, muito rico. Ele teve sorte e cabeça para os negócios. Deveria ter saído do baile sentindo-se vencedor, mas acabou saindo com um gosto amargo na boca. Seria culpa?

Ele se afastaria dela, mas antes um último ato para perturbá-la, assim como ela o assombrara durante tantos anos, e depois disso, ele poderia descansar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Biografia

Vida Nichols escreve histórias que gostaria de ter vivido. Vive cercada por seus cachorros e prefere tomar café a chá. E apesar de não adoçar a bebida, não consegue resistir a uma enorme barra de chocolate.

Nos últimos anos, a autora se redescobriu em terras sulamericanas, mas no fundo, se considera uma cidadã do mundo.

Um Romance de Outro Mundo *é o seu segundo livro autopublicado.*

Para entrar em contato com a autora: vidanicholsauthor@gmail.com

PERIGOSAS ACHERON